This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Digitized by Google

R45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Printing . . . . . .

Bookbinding . . . . . .

AND Blank Book Manufacturing

DONE
UNDER ONE ROOF

THE LARGEST ESTABLISHMENT
WEST OF CHICAGO.

THE HICKS-JUDD CO.

..FIRST.. 23 STREET
SAN FRANCISCO

This Publication Printed at Our Office.

Digitized by Google

REVISTA

BRAZILEIRA

Digitized by Google

Digitized by Google

REVISTA

BRAZILEIRA

TERCEIRO ANNO

TOMO NONO

STANFORD LIBRARY

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
31, TRAVESSA DO OUVIDOR, 31

1897

Digitized by Google

325040

STANFORD LIBRARY

Digitized by Google

CANTORAS DOUTRO TEMPO

JULIANA DEJEAN

O principe de Ligne, em frases celebres, exprimiu a satisfação de ver-se bem tratado em varios paizes, o gozo da hospitalidade não raro compartida por um dia, por horas apenas. Deve a qualquer ser accessivel esse gozo, embora se não pretenda ser um Carlos José de Ligne, feld-marechal russo e austriaco, intimo de Catharina II, e o unico homem de letras estrangeiro que no genero francez foi modelo e não imitador, segundo a Stael. Correr muitas terras, coração coberto de melancolia ao apartar-se das mais bellas, viajar contemplando sempre coisas novas, e mais lições que uma cabem nesse extase, crear amizades ephemeras e brilhantes quaes irisadas bolhas de sabão, suscitar admirações ardentes, saudades duma só noite, acordar amores e lagrimas, tão passageiros uns como outras, não é acaso um pouco a vida de todo o artista?

Il a toujours été à la mode de me bien traiter partout et j'ai éprouvé des choses agréables de plusieurs pays, poderia dizer Juliana Dejean ao desembarcar no Rio de Janeiro, vinda com o marido de bordo do *Tay* fundeado em nossa bahia a 2 de junho de 1856. Cantora illustre, tendo pisado os melhores palcos europeus, senhora de honrosa e conhecidissima fé de officio artistica, a Dejean chegou ao Brazil com Tamberlick, seu companheiro de viagem. Por escarninha

Vide *Revista* de 15 de dezembro de 1896.

Digitized by Google

aproximação, algum malicioso julgaria talvez licito lembrar, á vista dos nomes da Dejean e de Tamberlick, a fabula das duas panellas, a de ferro e a de barro. Mas o *Provisorio* era grande e nelle cabiam dois prophetas ; não houve azo a queixas. Tamberlick foi Tamberlick e a Dejean colheu larga mésse de applausos. Tão pouca razão teve um de se julgar lesado como o outro de se desconsolar. Apezar disso existiram talvez intrigas de bastidores. Larga como é a materia da justiça, maior é a da inveja.

Prosigamos porém. Pelas clausulas de seu contracto era facultado a Dejean estréar em qualquer das duas operas: *Os Martyres* ou *L'Ebreo*. Preferiu a primeira. Houve o ensaio geral della, mas a Dejean não ensaiou de modo que o publico não foi préviamente informado pelas indiscrições dos *ratos* de ensaio, tão merecedores do epitheto quanto os *ratos* de laboratorio. São os *ratos* de ensaio verdadeiros espias, detestados pelos emprezarios, que os vêm com máos olhos quando se esgueiram na penumbra da platéa silenciosa.

Estreou a Dejean a 4 de julho de 1856, um mez e dois dias depois de chegada, obtendo nos *Martyres* grande triumpho ao lado de Tamberlick, inimitavel no papel de Poliuto. Houve bravos, bis, applausos estrepitosos, lenços fluctuantes, chamados á scena, *toute la lyre*, associando-se á ovação as senhoras dos camarotes de modo que a Dejean, a principio esquiva e assustada, concluiu a opera patenteando os recursos de estensissima voz.

Formaram-se logo partidos. As proprias rosas batalharam trinta annos na Inglaterra ; não foi muito que os *dejeanistas* e os *lagruistas*, estes proselytos de Emmy La Grua, combatessem uma noite sem os famosos colletes vermelhos das pelejas literarias do romantismo. Cada qual pretendeu exaltar a sua deusa e os gritos de viva Dejean ! viva La Grua ! partiram de arraiaes oppostos á beira dos tangões e gambiarras. Como na egloga camoneana, aos pés de Juliana e de Emmy não são de uma só côr as flores bellas. Anarchistas theatraes — assim eram irreverentemente cognominados os trefegos cavalleiros do lustre pela imprensa pacata, por essa mesma imprensa que se não recusava a officiosas transcripções das noticias das ultimas victorias artisticas da Dejean em Barcelona.

A instancias da Dejean, a directoria do *Provisorio* levou a scena a opera *L'Ebreo* de José Appoloni. O publico, sem appello nem

Digitized by Google

aggravo, condemnou-a em duas audições. Natural e perverso regozijo dos *lagruistas*... Essas reticencias inspirariam a um pessimista como o de Ryons do *l'Ami des Femmes*, agri-doces reflexões acerca da astucia feminea e da tolice masculina. Cada cantora si não conhece Panurgio sabe servir-se com intelligencia do infallivel rebanho delle. Nem de proposito. Antes e logo depois do *L'Ebreo*, a La Grua obteve dois clamorosos triumphos no *Trovador* e no *Ernani*. Respondeu-lhe a Dejean cantando muito bem a *Luiza Miller*. Nota por nota, trinado por trinado. A La Grua retrucou causando ao publico profunda impressão na *Nórma* e em seguida a Dejean voltou á carga interpretando entre geraes applausos o papel de protogonista de *Maria Padilha*. Cantou ainda a *Rainha de Chypre* de Paccini, fechando-se com esta opera o *Provisorio*, reaberto a 19 de outubro de 1856 com os *Martyres* e a *Lucrecia Borgia* sendo a Dejean uma Paulina e uma Lucrecia admiravel. 29 de outubro foi a data do beneficio da Dejean com a *Rainha de Chypre*, cantando a beneficiada a *Casta Diva*, cavatina de bulir com os nervos dos *lagruistas* e *candianistas*. Madame Dejean recebeu nessa noite um collar com quarenta e seis brilhantes, trabalho do Sr. Henry Habbema! Quarenta e seis brilhantes! ó terra dos contos de fadas e dos contos de réis.

Depois de repetir a *Lucrecia Borgia* e a *Rainha de Chypre*, a Dejean cantou o *Trovador*, lutando com as saudades da La Grua e da Charton com as quaes hombreou si não conseguiu ultrapassal-as. Que diriam *lagruistas* e *candianistas* colligados? Outro e immediato regalo artistico para a platéa do *Provisorio*, a *Favorita* em francez cantada pela Dejean entre suspiros dos *stoltistas* que não admittiam houvesse Leonor como Rosina Stoltz. [1] O *Giuramento* de Mercadante foi a ultima opera cantada pela Dejean com Tamberlick. Adoeceu a cantora — pretexto ou realidade? — e não a viu mais o palco do *Provisorio*.

Fechou-se o theatro a 16 de dezembro de 1856. A Dejean conservou-se no Rio de Janeiro emquanto Tamberlick partia para o Prata. Aqui ficou com o marido, personagem secundario.

Em geral os consortes das artistas, ou vivem á sombra da gloria da mulher, como Casa Miranda que deu a corôa condal a Christina Nilsson, ou são ciumentos e fiscaes dos contractos

---

[1] O libretto em francez é de A. Royer e Gustavo Waéz.

Digitized by Google

rendosos, haja vista o marquez de Caux. E todos conhecem o heróe do delicioso *Un Ménage de Chanteurs* de Daudet, [1] o cantor que por inveja de official do mesmo officio promove uma pateada á mulher.

Fechado o *Provisorio*, tratou-se logo de organizar nova companhia. O Rio de Janeiro de 1857 não podia dispensar a boa musica; ouvil-a pelos melhores cantores do mundo era então prazer nobre, puro, indispensavel. Surgiu em breve uma empreza lyrica, de iniciativa particular, com 360:000$ de capital, tendo entre outros accionistas da influencia do barão de Lages, da viscondessa do Minho, do visconde da Estrella, de Jequetinhonha, Itaborahy, Eusebio de Queiroz, Mesquita, brigadeiro Prates, Abrantes, Bom Retiro. A empreza elegeu uma commissão directora assim composta: gentil-homem Manoel Hygino, presidente, Barão do Pilar, A. J. D. Ferreira Junior, Dr. Luiz da Cunha Feijó e Mathias José Pimenta, membros. A commissão celebrou contracto (4 de fevereiro de 1857) com o governo, estipulando-se o emprestimo gratuito, puro e simples do *Provisorio* á empreza, incluidas nas despezas do poder publico as obras de segurança do theatro. Obrigava-se a empreza a dar seis récitas mensaes e aos gastos de uso e asseio do predio, ficando livre ao governo dispôr do salão da segunda ordem e do theatro duas vezes por mez para as operas lyricas nacionaes. A 25 de fevereiro reuniam-se os accionistas da empreza lyrica anterior e deliberavam dissolver a sociedade e eleger uma commissão para verificar as contas do triennio [2] vendendo as alfaias á nova empreza, applicado o producto da venda ao pagamento de credores. Aceitou e ratificou a nova empreza o contracto remettido pelo presidente da Bahia filiando o theatro S. João ao *Provisorio* e a 28 de fevereiro entrou na posse desse theatro, reabrindo-o a 14 de março de 1857, anniversario da Imperatriz, com um espectaculo variado no qual tomaram parte Suzini, Lelmi, tenor novo na carreira e que sem pretensões se recommendava á indulgencia do publico, segundo os annuncios do espectaculo, e a Dejean, após quasi tres mezes de silencio.

Um dos melhores auxiliares da empreza fallecia a 18 de março, já se sabe de que febre. Era Giovanni Scaramella, napolitano, distincto alumno de Mercadante, professor no nosso Conservatorio,

---

1 Alphonse Daudet, *Les Femmes d'Artistes*, pags. 69—80.

2 José Florindo, Dias da Motta e Cunha Barbosa.

Digitized by Google

musico da imperial camara e primeiro flautista da orchestra do *Provisorio*. Mau grado o lutuoso contratempo, a empreza cumpria fielmente as suas obrigações. Exibia successivamente em março, abril e maio a *Rainha de Chypre*, dava uma récita extraordinaria em beneficio da companhia, depois da qual a Dejean cedeu 2,000 francos de sua quóta em favor da orchestra e dos córos, fazia representar varias vezes os *Martyres*, dando o papel de Poliuto ao tenor Biaggio Bolcioni. Em compensação durante quinze dias não houve um só espectaculo por molestia da Dejean, de Lelmi e Suzini. Os emprezarios conhecem o valor das molestias dos artistas, doentes por dá cá aquella palha.

A 12 de junho estreou o barytono Reina nos *Martyres*; a 16 cantou a Dejean a *Fiorina* [1], seguindo-se a *Traviata* [2] a 3 de julho

---

[1] *Fiorina*, ou *La Fanciulla di Glaris*, opera italiana em 3 actos, musica de Carlos Pedrotti, representada no Theatro Italiano de Pariz a 8 de dezembro de 1855 por Zucchini, Everardi, Carrion e Mme. Penco.

[2] *Traviata*, a 19ª opera de Verdi, produzida entre o *Trovador* e as *Vesperas Sicilianas* e cantada a 6 de março de 1853 na Fenice de Veneza pela Salvini-Donatelli, por Graziani e Varesi. O libretto em 3 actos é devido a Piave. A *Traviata* é calcada sobre a *Dama das Camelias*, a odysséa da pobre Maria du Plessis. A opera foi representada mez e meio depois do *Trovador*. Caiu redondamente na *première*, e tanto que Verdi, no dia seguinte, escrevia ao maestro Emmanuel Muzio um bilhete (*Gazeta Musical* de Milão, de 15 de março de 1853) concebido nestes termos:

Caro Emanuele.

La Traviata *ieri sera, fiasco. La colpa è mia o dei cantanti? Il tempo giudicherà.*

Sempre vostro

G. Verdi.

O fiasco da *Traviata* dependeu de varias causas. A Donatelli tinha muito talento, mas era uma Violeta monstruosa, duma gordura hilariante. Quando a platéa da Fenice ouviu no ultimo acto o medico dizer áquella Violeta que « la tisi non acordava che poche ore », a gargalhada explodiu unanime, intensa e prolongada. Graziani, o tenor, estava rouquissimo na noite da representação, e o barytono Varesi amuado por lhe terem distribuido um papel na apparencia secundario como o de pai de Alfredo. Os artistas não comprehenderam de subito os novos moldes da *Traviata*, tão diversa do *Trovador*, de modo que, a não ser no 1º acto, cantaram a opera desconfiados della e de si proprios. Um anno depois a *Traviata* voltou á scena em Veneza mesmo no theatro S. Benedicto, cantada pela Spezzia, mais tarde Mme. Aldighieri, pelo tenor Landi e pelo barytono Coletti. Dessa vez o exito foi colossal. A *Traviata*, traducção franceza de Eduardo Duprey, sob o titulo de *Violette*, serviu a 27 de outubro de 1861 de memorabilissima estréa a Nilsson em Pariz.

Digitized by Google

e *Nabuchodonosor*[1] a 23. Com a chegada da soprano Laborde, a Dejean pôde descançar, obtendo, talvez devido a isso, um grande triumpho na *Traviata* em beneficio do tenor Lelmi. *Os Martyres* era a opera de resistencia. Voltou a Dejean a cantal-a, accrescido o interesse do espectaculo pela graça agil das piruetas e rodopios duma hespanhola, Marianna Roméro, que pôz a platéa em alvoroço a poder de castanhólas no bailado *A Perola da Andaluzia*.[2]

I Due Foscari[3] foi outra opera cantada pela Dejean em beneficio do tenor Bolcioni a 2 de setembro de 1857, beneficiando-se a cantora a 9 de outubro com o *Trovador*. Depois de varios espectaculos chegou a vez da récita de 2 de dezembro, a qual constou duma parte variada e duma cantata em que á Dejean coube o papel de Liberdade. No *Provisorio*, a 15 de dezembro de 1857, recebeu Madame Dejean as despedidas do povo fluminense, cantando o ultimo acto dos *Martyres*, sua opera predilecta, e partiu para a Europa no dia seguinte a bordo do paquete inglez *Medway*, commandante Hammack.

---

[1] *Nabuchodonosor*, a 3ª opera de Verdi, libretto em 4 actos de Solera, representada no Scala de Milão a 9 de março de 1842 pela Strepponi, pela Bellinzalli, por Miraglia, Ronconi e Dérivis. Monsenhor Mermillod, bispo de Angers, abençoou, annos depois, um casamento na modesta igreja de Collange, pobre aldeiola de Saboia. Os noivos eram Giuseppe Verdi e Giuseppina Strepponi.

[2] Marcial, o hespanhol (nasceu Marcos Valerio Marcial na cidade de Bilbilis, que se julga ter existido perto da actual de Catalayud, no Aragão, no reinado do imperador Claudio, cerca do anno 43 da éra christã) celebra em muitos e famosos epigrammas (Liv. V ep, 78, v. 26; Liv. VI, ep. 71, vers. 2; Liv. XIV, ep. 203) as dansas lascivas de sua terra que faziam tremer de luxuria os debochados romanos.

A's gaditanas de Gades, hoje Cadiz cabe talvez a primazia da dansa do ventre. Diante do saracoteio de seus quadris voluptuosos, o proprio Hypolito teria peccado. Dil-o Marcial em versos duma crueza a excluir qualquer citação.

« Nec de Gadibus improbis puellæ
Vibrabunt sine fine prurientes
Lascivos docili tremore lumbos »

são ainda versos de Marcial.

[3] *I Due Foscari*, a 6ª opera de Verdi, 3 actos, de Piave, executantes a Barbieri-Nini, Roppa e De Bassini. Primeira representação a 3 de novembro de 1844 no theatro Argentina de Roma.

Digitized by Google

Lá se foi a Dejean. Um ultimo olhar aos morros e deixou «o setim azul da languida bahia.» Não teria saudades, o meigo sentimento que, nota unica de *stradivarius* divino, só nossa lingua sabe exprimir? Para quem se escreveram as palavras da *Tentation de Saint Antoine* — lugares ha na terra tão bellos que a gente tem impetos de apertal-os de encontro ao coração? Para o Brazil.

ESCRAGNOLLE DORIA

Creações da Dejean no Rio de Janeiro:

1. *Martyres* — Paulina — 4 de julho de 1856.
2. *L'Ebreu* — Leila — 23 de julho.
3. *Luiza Miller* — Luiza — 21 de agosto.
4. *Maria Padilha* — Maria Padilha — 7 de setembro.
5. *Rainha de Chypre* — Rainha de Chypre — 2 de outubro.
6. *Lucrecia Borgia* — Lucrecia — 23 de outubro.
7. *Trovador* — Leonor — 10 de novembro.
8. *Favorita* — Leonor — 20 de novembro.
9. *Il Giuramento* — Elisa — 2 de dezembro.
10. *Fiorina* — Fiorina — 16 de junho de 1857.
11. *Traviata* — Violeta — 3 de julho.
12. *Nabuchodonosor* — Abigail — 23 de julho.
13. *Ernani* — Elvira — 26 de agosto.
14. *I Due Foscari* — Elisa — 2 de setembro.
15. *Norma* — Norma — 14 de novembro.

Digitized by Google

O POSITIVISMO E O ENSINO OFFICIAL

E isto que estabelece Augusto Comte para a escola positiva e seus annexos, já não é na primeira phase da transição organica, é para a segunda e terceira. Escolas de ensino theorico, com hospitaes e outros estabelecimentos de ensino pratico annexo, para aprendizagem profissional, custeadas e dirigidas pelo poder executivo, que aceita e remunera o serviço de poder espiritual, tal é a concepção que se traduz nos excerptos transcriptos. Além disso, o Estado mantém as escolas veterinarias transformadas em estabelecimentos de instrucção technica e descriptiva. E mais ; o estudo das linguas é tambem superintendido e subvencionado pelo Estado.

Não se vê pois, que manda Augusto Comte, e póde-se ler as suas obras da primeira a ultima linha, em paiz nenhum e em tempo algum, confiar a direcção do ensino publico a emprezas industriaes. A medida que vai-se tornando menos intensa a influencia directora do poder executivo, vai ganhando terreno a acção do espiritual, mas nunca a absurda comprehensão de uma empreza mercantil, superintendendo o desenvolvimento da mentalidade social. E note-se bem : todas essas medidas que decorrem da suppressão do orçamento theorico, de parelha com outras, são para a França onde suppoz Augusto Comte ter começado já então a transição organica.

Ora, por um lado, é certo que a França retrogradou do ponto em que a deixara Augusto Comte, estando ainda hoje, ao que parece, longe da primeira phase da transição organica, e por outro, as medidas que lhe são applicaveis, não convêm ao mesmo tempo

---

Veja a *Revista* de 1 de dezembro de 1896.

Digitized by Google

para todo o occidente, porque aquelle «povo central» é, chegado ao estado normal, quem ha de, na opinião de Augusto Comte, dirigir a evolução dos outros. Ainda, portanto, que conviesse no presente a suppressão de todo o ensino official em França, coisa que aliás nunca foi indicada por Augusto Comte, restaria provar a conveniencia tambem para nós de similhante medida, a qual não deveria, na concepção do philosopho, partir já então da iniciativa de quem quer que seja, alheio ou não á systematização espiritual, mas apparecer indicada pelo proprio centro francez.

« A capital unica, cujos habitantes tenham pela maior parte nascido alhures, merecerá a presidencia universal dirigindo a transição final com a generosidade de sentimentos e a generalidade de pensamentos que exige um tal destino.» [1]

« Em volta do povo central ao qual o conjunto do passado confere a iniciação da regeneração humana uma civilização mais antiga e melhor desenvolvida tinha sempre collocado o par meridional (Italia e Hespanha) antes do par septentrional (Inglaterra e Allemanha).» [2]

Aquella suppressão do orçamento theorico, no que concerne á instrucção, tem por fim, pois, dar por um lado independencia ás corporações de ensino, e por outro regulamentar o systema de educação, desenvolvendo-a melhor sob a direcção official, condições para o ascendente do poder espiritual systematico. E ninguem, que tenha meditado sobre a sociedade, guiado pelos ensinamentos de Augusto Comte, deixará de reconhecer a importancia transcendente da completa systematização e independencia dos dois poderes sociaes, o espiritual e o temporal, resultado para o qual convergem todas as medidas propostas para as phases da transição organica.

Esta transição, porém, cujo inicio é caracterizado pelo advento da dictadura e consequente extincção do parlamentarismo, combinado com o ascendente do sacerdocio regenerador, ainda não começou em França (o povo director) nem em parte alguma. Parecendo irrevogavelmente instituida em França, sob a influencia temporal de Napoleão III e a direcção espiritual de Augusto Comte, não o foi sinão apparentemente: não persistiu a dictadura e

---

[1] *Polit. Posit.* IV, 373.
[2] *Appel aux Conservateurs*, 125.

Digitized by Google

diminuiu o prestigio do sacerdocio regenerador, cuja influencia é hoje muito menor do que o era a de Augusto Comte. A politica franceza mal inspirada, em vez de levar o occidente, como previra o notavel pensador, a inaugurar no fim do « seculo excepcional » sobre a supremacia espiritual de Pariz, o estado normal, impelliu-o pelo contrario, á retrogradação. Sob o aspecto politico está hoje a França mais atrazada do que achava-se em 1854.

Enganou-se o pensador francez em suas previsões? E nada ha que admirar em tratando-se de phenomenos tão complicados como os sociaes: innumeros coefficientes que escapam fatalmente á apreciação de cada momento, podem modificar a marcha dos acontecimentos. Não ha, nem póde haver neste dominio superior a previsão recta do dominio cosmologico; pensal-o é infantil.

Dir-se-á: mas si o caracter da sciencia é a previsão e si falham as da Sociologia, conclue-se que ou não ha ahi ainda uma sciencia capaz de prever, ou havendo esteve abaixo della o vidente.

Nem uma nem outra coisa: existe fundada a sciencia dos phenomenos sociaes e bem a altura destes esteve o seu coordenador. A questão, porém, é que taes phenomenos realizam-se sob o influxo de forças diversas, representadas finalmente por orgãos individuaes: são estes os grandes homens, os quaes, em um momento dado, personificam todas ás energias resultantes da acção collectiva.

Esteja um qualquer nucleo social, em dada phase da sua evolução, a reclamar o advento de certas soluções, para as quaes se achem elaborados todos os elementos do concurso, e podem ser ellas mais ou menos demoradas, consoante o apparecimento mais ou menos tardio dos orgãos necessarios. Os exemplos na historia humana são a flux. E' este exactamente o phenomeno que explica a falha daquella previsão: faltou o orgão necessario.

Napoleão III não teve a capacidade sufficiente para applicar e dirigir as forças sociaes, conforme o destino grandioso que lhe traçara o momento historico em que surgiu. Só na apreciação generosa das qualidades pessoaes deste chefe politico esteve, pois, o engano de Augusto Comte. Falharam os phenomenos politicos esperados, mas absolutamente não quer isso dizer que deixem de estar sujeitos ás leis invariaveis os phenomenos sociaes.

Digitized by Google

Retrogradou a França dissemos. Alguns dos traços mais salientes do seu movimento nesta segunda metade do seculo mostram-no bem. A este respeito nada mais precisamos acrescentar aos assertos já em outra occasião formulados. Quanto a politica externa escreveramos: [1]

« A calma relativa que havia succedido em toda a Europa ás violentas agitações de 1848, e a terminação da guerra do Oriente, consagrada no tratado de Pariz de 1856, resultado da sympathica intervenção da França e da Inglaterra em favor da Turquia, faziam prever extincto o regimen das guerras e estabelecido definitivamente o da paz.

A politica, porém, empirica do Occidente teve de desviar-se do rumo traçado por Augusto Comte; o segundo Bonaparte teve de continuar as tradições do primeiro, justificando as apprehensões com que a Europa o recebera no throno da França.

Napoleão III inspirado nos melhores desejos, influenciado pelas idéas vagas da nacionalidade, desenvolvidas nas theorias metaphysicas, e surdo aos conselhos do positivismo, emprehendeu, como seu tio, uma politica exterior, retrograda e prejudicial, politica, que em vista da conquista levava em nome do progresso, a oppressão das populações que se proclamavam civilizadas ás quaes eram consideradas em atrazo.

A unificação da Italia contêm o germen dos revezes da politica franceza: as victorias de Magenta e de Solferino são preludio dos desastres de Metz e Sedan.

A paz de Zurich (1859) pela qual ficou terminada essa guerra que tinha de um lado a Sardenha auxiliada pela França e do outro a Austria, é um acontecimento importante. Si o reino da Italia fica constituido, a annexação de Nice e da Saboia ao imperio francez mostra o espirito da politica bonapartista, e desenvolve o rancor secreto dos Italianos contra a França.

Esse rancor latente aguardava uma occasião para irromper; encontrou-a pouco depois, quando em 1860, foram a França e a Inglaterra ao Oriente dominar o Celeste Imperio.

Tomando então grande incremento no imperio francez o partido catholico, que, contra os interesses da Italia, batia-se pelo

---

[1] *Democracia*, 13 de junho de 1891.

Digitized by Google

poder temporal do papa, foi accusado de connivencia o governo de Napoleão III, o qual não quiz ou não pôde justificar-se.

De resto, achava-se a França preoccupada com mais grave assumpto.

Era em nome do progresso, que, ligada á Inglaterra, invadia a China. Iam pela força das baionetas levar-lhes a sua *protecção*. Fôra sob a *logica* do fogo dos canhões que as potencias européas haviam imposto ao povo chinez o tratado de 1858, e era pela força da mesma *logica* que exigiam então a sua religiosa observancia.

Era em nome do progresso que lhe haviam impostos tratados leoninos de commercio, que lhe haviam imposto missões theologicas, que lhe haviam imposto a *exterritorialidade*, e era em nome desse progresso que, firmando essas imposições, iam os occidentaes ao Oriente obrigar os Chinezes, a receberem o opio, e acobertados com a *exterritorialidade* desrespeitavam a sua religião e collocavam-se acima da lei do seu paiz.

A expedição ao Mexico mostra bem que a politica do segundo Bonaparte, não seria outra si tivesse sido inspirada pela ambição retrograda do primeiro.

A politica interna do Mexico motivou os protestos das potencias estrangeiras, resumidos no tratado de Londres (31 de outubro de 1861).

Si a Hespanha e a Inglaterra só tinham por fim, agindo de accôrdo com as estipulações desse tratado, protestar em favor dos interesses commerciaes, não acontecia o mesmo á França que *realizava*, segundo a expressão de Rouher a maior empreza do reino.

Suas vistas politicas levaram-na a desrespeitar a convenção da Soledad donde resultam a reprovação explicita da Hespanha e da Inglaterra ao seu proceder.

Emprehendeu então a guerra antipathica do Mexico que, tirando o poder ao presidente Juarez, e dando-o, com a corôa de imperador, ao archiduque Maximiliano da Austria, lançou o paiz em guerra civil, donde resultou, por um lado, o protesto dos Estados Unidos da America do Norte, e por outro o restabelecimento de Juarez e o fim tragico do infeliz imperador.

Foi ainda a retrograda ambição de conquista que levou, em nome do progresso, a protecção da França á Austria contra a Prussia

Digitized by Google

resultando da victoria de Sadowa e da consequente paz de Praga (22 de agosto de 1866) um profundo abalo da constituição européa, não menor que o resultante da guerra da Italia.

Com a unidade do imperio allemão, reviveram as grandes potencias militares, e renasceu o ardor bellicoso que parecia extincto, tendendo a fazer da guerra o estado normal da Europa.

A tradicional ambição dos Bonaparte de encontro a dos Hohenzollern deu a guerra franco-prussiana. A guerra do Oriente em 1877 e as consequencias do congresso de Pariz e do tratado de Berlim em 1878; a attitude da Europa, cada vez mais accentuada depois do tratado de Francfort em 1871, attitude que conservará constantemente preoccupada com a manutenção dos grandes exercitos, com as possibilidades de guerra, de conquista e de allianças, nada têm de parecido com as indicações da «Politica Positiva».

E no emtanto, suppunha Augusto Comte inaugurada a éra da paz occidental: affirma-o assim. «Pelo advento da paz occidental a retrogradação que deveria seguir a explosão final perdeu a sua principal intensidade.[1] Uma paz sem exemplo revelou inteiramente a extincção expontanea da guerra e a tendencia decisiva das populações modernas para constituir finalmente uma immensa familia cuja actividade pratica consiste em explorar o dominio terrestre ao serviço continuo da Humanidade.»[2]

Quanto á politica interna, não foi mais bem inspirado o «povo central». No mesmo escripto, que vimos transcrevendo lê-se: «As utopicas theorias de associação donde resultou o prurido da producção da riqueza, mas tambem a despreoccupação quanto ao seu emprego, aggravaram a precaria situação do proletariado. A associação, substituindo um patrão collectivo, ao patrão individual, e permittindo o advento de rapidas fortunas sem trabalho, fez desapparecer o respeito á economia e ao labor honesto, e foi como tal energico elemento de perturbação moral e social. O restabelecimento do parlamentarismo foi a annullação da dictadura. A consagração dos prejuizos revolucionarios como dogmas constitucionaes, depois de 4 de setembro, foi um desastroso regresso.»

Sem outras considerações além do transcripto fica provado o que avançamos: regresso e não progresso tem caracterizado a politica

[1] *Polit. Posit.* IV, 393.
[2] *Polit. Posit.* II, 133.

Digitized by Google

da França, e mesmo a do Occidente de 1855 para cá. Si não bastam as affirmações categoricas contidas nos excerptos transcriptos da obra de Augusto Comte, para, de combinação com as nossa proprias reflexões, evidenciarem a incongruencia dessas fantasias mais proprias a conduzirem esta sociedade ao reino da ignorancia do que ao imperio da liberdade, encontramos ainda nas palavras mesmo do philosopho a condemnação explicita ás *descobertas* de seus prophetas.

Continuando a referir-se á suppressão do orçamento theorico, medida cuja significação não tem sido comprehendida pelos *reformadores* que a tem tomado como elemento basico das suas cogitações, diz elle:

« Basta augmentar esta apreciação para sentir quanto a transição organica se achará facilitada no meio resultante da expansão americana ou até oceanianea do duplo elemento iberico. As disposições especialmente favoraveis ao ascendente politico e religioso do positivismo são ahi tanto temporaes como espirituaes. Preservados espontaneamente do regimen parlamentar mesmo antes que a França se visse livre delle essas republicas tenderão directamente para a sociocracia, logo que as dictaduras monocraticas se transformaram ahi em triumviratos systematicos. O exercito se mudará ahi facilmente em gendarmeria quando toda a inquietação de invasão achar-se definitivamente dissipada. Embora a abolição do orçamento theorico apresente ahi graves difficuldades, esta medida transitoria cessa de convir em um meio preservado das universidades e das academias, si a regeneração do sacerdocio garante normalmente ahi a liberdade especulativa. »

E todo o mundo sabe que o Brazil está comprehendido na *expansão americana do duplo elemento iberico.*

Chegado a este ponto temos produzido a demonstração a que nos propuzemos. Para tornal-a mais facilmente apreciavel resumamol-a em algumas proposições.

1.º Augusto Comte, suppondo estabeleeido no Occidente o regimen pacifico, vendo no golpe de estado de Napoleão III o advento da dictadura, e tendo terminado a sua monumental elaboração, considerou instituida em sua patria a primeira phase da transição organica, que devia levar no fim do seculo a geração actual a inaugurar o estado normal.

Digitized by Google

2.º Neste presupposto, indicou uma serie de medidas, proprias a accelerarem a evolução politico-philosophica desse povo, que devia constituir-se então o director de todo o movimento occidental e mesmo planetario.

3.º Entre estas medidas, estão as que se traduzem em reformas a introduzir no systema de ensino, assumpto nunca desviado da attenção do poder publico.

4.º Tendo-se realizado de um modo imprevisto os acontecimentos politicos na Europa, retrogradando a França do ponto em que se achava em 1875, acontece que, daquelles caracteres correspondentes ao advento da transição organica, não definitiva, como acreditara o philosopho, mas apenas apparente, desappareceram uns totalmente (dictadura, suppressão do parlamentarismo), outros em parte (influencia do sacerdocio regenerador).

5.º Modificada a situação politica, é preciso um novo e moderno exame afim de poder-se decidir quaes das reformas indicadas para a França as que lhe convêm actualmente; não se devendo dar como opportuno sem esse exame, por competencia equivalente a de Augusto Comte, o conjunto das medidas por elle aconselhadas na crença de uma evolução pacifica, dictatorial, anti-parlamentar, philosophico-religiosa, que não se realizou.

6.º Sendo a França, segundo a opinião de Augusto Comte, o povo que, por sua evolução mais adiantada, deve dirigir o movimento da sociedade, não só no Occidente, como em toda a terra, não se póde concluir que houvesse elle aconselhado a applicação simultanea por toda a parte das medidas adequadas em um dado momento á capital do povo director.

Concluil-o é não ter a noção de que os phenomenos sociaes regem-se por leis tão immutaveis como as que governam os phenomenos cosmologicos; é não saber que a theoria abstracta destas leis é a Sociologia, a qual não póde ser applicada em cada lugar e em cada época sem os coefficientes de correcção proprios aos seres concretos á considerar.

Acreditar que as formulas sociaes adequadas a Pariz em um dado momento, podem ser impunemente applicadas ao mesmo tempo no Rio de Janeiro, no Amazonas, em Mato-Grosso, etc., é absurdo maior do que suppôr que as regras da mecanica geral para o equilibrio e movimento dos systemas ideaes ahi considerados,

Digitized by Google

possam ser applicados aos materiaes de diversas ordens, pedras, madeiras, metaes, etc., sem um conhecimento especial a elles relativo, donde resultem os coefficientes caracteristicos de cada corpo; acreditar isso é, em summa, não saber que as theorias da sciencia abstracta não se applicam aos casos concretos sem ponderação conveniente.

7.º Os projectos, propostas ou indicações, finalmente, para o abandono do ensino pelo Estado, os quaes se tem apontado como oriundos do positivismo, correspondem a idéas que nunca passaram pelo cerebro de Augusto Comte, e que consequentemente nunca foram por elle propostas nem para a França, nem para povo algum.

Demonstrado, portanto, que taes tentativas absolutamente não se filiam ás idéas do grande pensador francez, resta agora analysal-as pelo que valem.

LICINIO CARDOSO

Digitized by Google

AS ESTRADAS DE FERRO FEDERAES

Ao incompleto conhecimento da situação financeira real das estradas de ferro federaes é devida a corrente de opinião que as aponta como fontes de grandes disperdicios dos dinheiros publicos. Longe de confirmar esse modo de ver, os factos provam que no Brazil os resultados pecuniarios do trafego das vias ferreas federaes têm sido animadores. As estradas federaes em 31 de dezembro de 1895 mediam 2950k,079, e valiam 288.118:193$324 assim distribuidos:

E. F. Central do Brazil.....	1217k,095	161.751:643$320
E. F. de Sobral.....	216k,280	4.971:340$255
E. F. Baturité.....	244k,820	11.454:416$440
Prolongamento da E. F. da Bahia...	383k,140	21.469:050$015
E. F. Central de Pernambuco.....	161k,000	26.248:070$885
E. F. Sul de Pernambuco.....	146k,420	29.426:312$764
E. F. Paulo Affonso.....	116k,000	6.819:851$831
E. F. Porto Alegre a Uruguayana...	378k,410	24.380:050$611
E. F. Rio do Ouro.....	86k,914	1.597:457$200
	2950k,079	288.118:193$324

Na informação sobre o arrendamento das estradas de ferro federaes, prestada ao ministro da industria pelo Dr. Teive e Argollo, organizou este distincto profissional o quadro do excesso da renda dessas estradas sobre a despeza desde a abertura ao trafego das diversas linhas até 31 de dezembro de 1894; neste quadro não figura a E. F. Baturité; incluindo-a nos resultados finaes temos:

Saldo até 31 de dezembro de 1894 (Dr. Teive e Argollo)....	98.971:830$553
Saldo da E. F. Baturité até a mesma data.....	208:186$470
Saldo total.....	99.180:017$023
Deficit liquido em 1895.....	2.558:407$982
Saldo liquido em 31 de dezembro de 1895.....	96.621:613$041

Veja a *Revista* de 1 de novembro.

Digitized by Google

Essa é a renda total produzida pelas estradas de ferro federaes desde o começo de sua explotação pelo Estado até 31 de dezembro de 1895.

Aceitando como exactos os algarismos fornecidos pelo Dr. Argollo para o periodo que terminou em 31 de dezembro de 1894, teremos para o anno de 1895 o seguinte quadro:

NOMES DAS ESTRADAS	Saldos	Deficits
Sobral	.....	835:969$260
Paulo Affonso	.....	983:651$048
Central de Pernambuco	.....	1.073:784$767
Sul de Pernambuco	.....	4.339:867$239
Prolongamento da E. F. da Bahia	.....	1.066:352$809
Central do Brazil	108.990:854$043	.....
Rio do Ouro	.....	1.582:712$615
Porto Alegre a Uruguayana	396:448$251	
Baturité	116:628$185	
Totaes	109.503:930$779	12:882:317$738
Saldo em 31 de Dezembro de 1895	.....	96:621:613$041

Portanto de 1858 até fins do anno passado a União retirou 96.621 contos de réis liquidos das estradas por ella trafegadas. Podemos levar mais longe esta analyse estudando os dados financeiros do exercicio de 1895. Nesse anno, os resultados da explotação foram os seguintes:

NOMES DAS ESTRADAS	Saldos	Deficits
Sobral	.....	49:458$694
Paulo Affonso	.....	80:919$231
Central de Pernambuco	27:657$282	.....
Sul de Pernambuco	.....	1.666:561$434
Prolongamento da E. F. da Bahia	.....	499:628$252
Rio do Ouro	.....	608:65[illegible]$062
Central do Brazil	.....	66:700$736
Porto Alegre a Uruguayana	477:116$133	.....
Baturité	.....	91:557$985
	505:073$415	3.063:477$397
Deficit final	2.558.403$982	
Deficit por kilometro	867$232	

Convém notar que estas diversas estradas não são todas igualmente bem administradas. Não falemos na Central que é um modelo de anarchia e que nenhum dado numerico fornece para estudos comparativos a não ser o terrivel coefficiente de custeio

Digitized by Google

de 100,24 % da receita, em 1895. A mesma censura merecem a E. F. Central de Pernambuco, a Baturité e a Rio do Ouro. Nas outras, porém, deduzimos dos elementos publicados em documentos officiaes, os seguintes resultados aproximados:

NOMES DAS ESTRADAS	Estensão em trafego	Unidades kilometricas de trafego	Custo da unidade kilometrica do trafego
Sobral	216,280 kilom.	4.102.347	63 réis
Prolongamento da E. F. da Bahia	383,140 »	6.663.944	174 »
Sul de Pernambuco	146,420 »	14.896.365	155 »
Paulo Affonso	110,000 »	1.396.225	123 »
Porto Alegre a Uruguayana	378,410 »	28.084.044	53 »

Sabido, como é, que as estradas de ferro são machinismos destinados a elaborar um producto especial, cuja medida é o transporte a um kilometro da unidade de trafego, o ultimo quadro mostra aproximadamente o modo por que são administradas as nossas vias ferreas. Emquanto na Porto Alegre a Uruguayana e na Sobral vemos algarismos aceitaveis, são realmente dignos de reparo os elevadissimos resultados a que se chegou nas outras tres estradas. E' exacto que para o prolongamento da E. F. da Bahia milita a attenuante da pequena frequentação por kilometro; mas na Sul de Pernambuco não se dá o mesmo facto, e é sómente á fraqueza da administração da estrada que parece imputavel o custo de 155 réis por unidade de trafego transportada a um kilometro, motivo do horroroso deficit de 1666 contos, havido em 1895. Ahi está o segredo de toda administração: escolher o pessoal dirigente. Sempre que á escolha do pessoal presidir o criterio superior de toda administração digna desse nome — a competencia e a honestidade — teremos os brilhantes resultados notados na E. F. Porto Alegre a Uruguayana sob a direcção do Dr. Azevedo Sodré. Muitas vezes, entretanto, é similhante norma de proceder sacrificada ou por incompetencia technica, ou por malfadado espirito de politicagem e subserviencia a exigencias locaes, ou (caso mais frequente) por desidioso e incompleto conhecimento dos negocios publicos por parte dos proprios ministros. Está claro que exceptuamos as crises em que, o dever do governo sendo manter-se a todo custo, quaesquer outras considerações são sacrificadas á necessidade primordial da estabilidade do poder.

Sem attribuir a esta ou aquella causa as desordens notadas na maioria das nossas vias ferreas federaes, o exame dos dados colhidos

Digitized by Google

em fontes officiaes permitte affirmar que a séde do mal de que ellas soffrem não está no systema, mas sim nas administrações.

Na Central, por exemplo, não ha engenheiro que não esteja convencido de que normalmente póde ser obtido um coefficente de custeio igual a de 60 ou 65 °/₀ da receita bruta. O problema a solver neste caso especial é achar o homem capaz de fazer a transição de 100,24, coefficiente de 1895, ao que normalmente póde ser obtido. A hesitação em encaminhar por ahi a solução da crise da Central tem causado extranheza a quantos entendem desse assumpto, pois temos alguns homens realmente habilitados para assumir a responsabilidade da reorganização dessa via ferrea, na qual tempo houve em que o coefficienie de custeio chegou a 40,53. Alguns engenheiros poderiamos citar capazes de disciplinar aquelle exercito de empregados, tão perniciosamente contaminados pela anarchia directora que naquella estrada tem imperado de 1889 a esta parte. Escolha o governo um administrador capaz quer entre os profissionaes brazileiros, quer entre os estrangeiros, si por aqui não encontrar pessoa que lhe mereça confiança, dê a este homem carta branca e forneça-lhe todos os meios necessarios para introduzir a disciplina nessa multidão irrequieta de que hoje se compõe o pessoal da E. F. Central; não recue diante de certa arbitrariedade para permittir o saneamento dessa via ferrea, pois se trata de applicar remedios extremos a males gravissimos. Em menos de seis mezes a Central apresentará differença sensivel do que hoje estamos vendo.

Os deficits extraordinarios da E. F. Sul de Pernambuco merecem estudo acurado; não basta affirmar-se que providencias foram tomadas para diminuir os gastos dessa estrada; os factos estão ahi a bradar que de 227 contos em 1889 o deficit annual se elevou a 1666 contos em 1895, sem que houvesse acrescimo de um metro siquer na estensão construida e trafegada.

A estrada de ferro Rio do Ouro, que em 1895 produziu um deficit de 608 contos, pesará muito menos sobre os cofres publicos desde que sejam sériamente examinadas as condições em que é trafegada. Sem entrar em mais detalhes, que no proprio ministerio da industria devem constar, basta dizer que ha uma secção inteira de pessoal vencendo ordenados elevados á espera que o Congresso dê verba sufficiente para as obras do novo abastecimento d'agua da

Digitized by Google

Capital Federal, orçado em 10.000 contos e para o qual ha uma consignação de algumas centenas de contos apenas. Está o pessoal ganhando para esperar que as obras se façam!...

Seria realmente interessante e proveitoso um estudo feito por pessoas competentes nos documentos relativos a vias ferreas federaes existentes no ministerio da industria; d'ahi adviria seguramente se poder provar á luz meridiana de que modo é comprehendida a administração em muitas dellas. Pois não estamos vendo, na Baturité, mandar-se responsabilisara dois ex-directores da estrada por compras avultadas feitas sem autorização do governo, sendo este responsavel, entretanto, por ter utilizado o mesmo material, de cuja compra indevida elle hoje culpa aquelles funccionarios?

Esses poucos dados sobre proprios nacionaes ministrados ao publico nos relatorios dos ministros da viação, si por um lado mostram a fraqueza das administrações dessas vias ferreas, provam exuberantemente a possibilidade da transformação dos actuaes deficits em avultados saldos.

O exame da situação das estradas federaes despertou-nos a idéa de conhecer tambem o custo do transporte a um kilometro da unidade de trafego nas linhas particulares. Apezar de todos os esforços, só conseguimos no volumoso relatorio de 1896 apurar os seguintes algarismos aproximados:

NOMES DAS ESTRADAS	Estensão em trafego	Unidades kilometricas de trafego	Custo da unidade kilometrica de trafego
Central de Alagoas.....	88,000 k	7.916.413	59,3 réis
Ramal da Assembléa.....	62,000 k	2.522.963	73,3 réis
Santa Maria ao Uruguay.....	161,175 k	2.335.855	132 réis

Essa inopia de dados, que é o desanimo de quantos trabalham e procuram estudar as coisas do Brazil, obriga-nos a recorrer a outros elementos de comparação que só accessoriamente poderiam ser invocados em um estudo systematico sobre a explotação commercial das vias ferreas: referimo-nos aos coefficientes de custeio.

Infelizmente não nos é possivel dar, como elemento de apreciação, a frequentação das diversas linhas referida ao kilometro, de modo a permittir melhor o estudo dessa questão. Dos algarismos

Digitized by Google

publicados no ultimo relatorio do Dr. Antonio Olyntho, tirámos o seguinte quadro:

	NOMES DAS ESTRADAS	ESTENSÃO EM TRAFEGO	COEFFICIENTE DE CUSTEIO	DESPEZA KILOMETRICA	DESPEZA POR TREM-KILOMETRO
		km.			
ESTS. DE FERRO FEDERAES	Baturité	244,820	105,24	3:853$000	4$500
	Sobral	216,280	123,80	1:202$000	3$118
	Central de Pernambuco	161,000	96,81	4:541$000	?
	Sul de Pernambuco	193,908	357,65	11:933$000	7$601
	Paulo Affonso	116,000	193,10	1:450$000	3$977
	Prolong. da E. F. da Bahia	383,140	175,75	3:028$000	3$919
	Rio do Ouro	93.350	429,20	8:505$000	4$866
	Central	1.179,744	100,24	23:743$000	?
	Porto-Alegre a Uruguayana	378,410	77,38	4:312$000	2$834
	Caxias a S. José de Cajazeiras	77,300	162,22	916$000	3$778
	Conde d'Eu	141,000	130,40	3:991$000	3$557
	Recife ao Limoeiro	141,055	73,95	7:733$000	3$237
	Recife a Palmares	124,739	87,76	13:574$000	3$344
	Central de Alagoas	88,000	92,00	5:355$000	2$920
	Ramal da Assembléa	62,000	87,55	2:941$000	2$542
	Bahia a Alagoinhas	123,310	167,55	11:266$000	5$510
	Ramal do Timbó	83,000	186,09	2:581$000	2$898
	Central da Bahia	312,600	85,25	3:030$000	4$412
	Tram-road de Nazareth (trecho federal)	65,000	59,95	3:524$000	2$651
	Santo Eduardo a Cachoeiro do Itapemirim	38,722	241,70	3:918$000	?
	Carangola	223,000	110,66	6:099$000	4$814
	Barão de Araruama	27,000	289,23	6:972$000	5$772
	Central de Macahé	44,000	260,37	3:153$000	5$772
	Corcovado	3,760	126,19	14:104$000	3$701
	Minas e Rio	170,000	86,95	8:941$000	3$567
	Muzambinho (ram. da Campanha)	86,000	153,12	1:144$000	3$481
	Bananal	29,000	107,40	2:023$000	?
	Rezende a Arêas	38,810	110,97	2:347$000	?
	Santos a Jundiahy (1° semestre)	139,000	45,90	26:320$000	3$929
	Mogyana (Jaguára a Catalão)	237,933	141,01	3:151$000	2$738
	Mogyana Ribeirão Preto a Jaguára, ramal de Caldas)	270,504	83,31	5:684$000	2$546
	Sorocabana	66,866	114,04	1:225$000	?
	Rio-Claro	270,218	40,50	7:750$000	3$345
	Paraná (tronco)	111,000	53,51	8:244$000	4$551
	Paraná (prolongamento)	305,995	58,35	2:468$000	3$178
	D. Thereza Christina	116,340	233,01	3:038$000	5$228
	Santa Maria ao Uruguay	161,475	100,70	1:878$000	4$230
	Rio Grande a Bagé	283,000	113,20	3:910$000	3$385
	Quarahim a Itaqui	175,500	200,65	1:738$000	4$291

Este quadro permitte chegar a algumas conclusões que por não serem rigorosamente baseadas em algarismos dignos de inteira fé não deixam de apresentar interesse real. Si não fôra a duvida que

Digitized by Google

sempre paira no espirito dos que estudam estas questões ao citarem algarismos extraidos dos diversos relatorios (pois é certo que diversos foram por nós corrigidos ao organizarmos o presente trabalho), e si não fôra tambem a falta de elementos para se iniciar qualquer inquerito mais profundo sobre o estado real de nossas vias ferreas, certamente mais exactas e mais impressionadoras seriam as nossas conclusões. Impõe-nos, portanto, certa reserva ao formulal-as o proprio mysterio em que a administração federal parece querer deixar o grave problema dos transportes no Brazil.

Das estradas de ferro federaes devemos excluir neste estudo comparativo a Rio do Ouro e a Sul de Pernambuco, a primeira, por não ser propriamente uma estrada destinada a grande trafego, não póde apresentar resultados financeiros brilhantes, si bem que, no dia em que ella fôr convenientemente dirigida, nenhuma duvida existe quanto ás differenças que no seu estado financeiro serão notadas. A E. F. Sul de Pernambuco é um escandalo administrativo de ordem tal, que a unica coisa capaz de dispertar ainda a nossa surpreza é saber que de 1889 a esta parte se tenha consentido na permanencia dessa situação.

Nas outras sete vias ferreas federaes, os coefficientes de custeio variam de 77,38 (Porto-Alegre a Uruguayana) a 175,75 (Prolongamento da E. F. da Bahia). Em relação a esta ultima existe a attenuante fortissima da pequena frequentação kilometrica.

Nas outras linhas, auxiliadas pelo governo federal que lhes garante juros, devemos excluir a E. F. D. Thereza Christina que em 1895 foi pela primeira vez trafegada. As outras são todas linhas construidas sob o aguilhão do interesse commercial e que ha longos annos estão entregues ao publico. Pois bem, nestas vias ferreas oscilla o coefficiente de custeio de 40,50 (E. F. Rio Claro) a 289,23 (E. F. Barão de Araruama), notando-se que das 30 estradas particulares inscriptas no quadro, 18 têm coefficiente superior a 100 e 12, apenas, o tem inferior.

D'ahi e do relatorio do Dr. Antonio Olyntho deduzem-se os encargos que sobre os cofres federaes fazem pesar os dois systemas de viação: o federal e o particular subvencionado pela União. Emquanto que nas linhas pertencentes á União o onus kilometrico era de 867$232, a responsabilidade do governo com o serviço da garantia de juros foi de 12.895:254$785, sendo no

Digitized by Google

Brazil 3.570:515$908 e na Europa 9.324:738$879. Ora essas quantias correspondem a 2874^{k},558 de linhas cuja garantia é paga em ouro e a 957^{k},458 de linhas que recebem os juros em papel. Cada kilometro de linha com a garantia em ouro custou-nos, pois, em 1895— 3:250$000, e o kilometro de linha com a garantia em papel custou-nos 3:731$000. Nesse computo não entraram as sommas devidas, mas não pagas, ás estradas Mogyana (prolongamento), Sorocabana e Central Alagoana, cujas contas relativas ao segundo semestre de 1895 ainda não estavam processadas em maio ultimo.

Dada a enorme depressão cambial reinante em 1895, ajuize-se do que custaram ao Thesouro Federal esses 9.324:738$879 *ouro* devidos por garantia de juros.

Resumindo, temos os seguintes onus referidos ao kilometro:

Linhas federaes.....	867$232
Linhas com garantia em papel.....	3:731$000
Linhas com garantia em ouro.....	3:250$000

O que custou mais ao Thesouro, em 1895; as linhas federaes apezar de palmares erros de direcção commettidos em muitas dellas, ou as linhas garantidas, sob o chamado estimulo benefico do lucro commercial?

Responder-nos-ão que a garantia é um emprestimo feito pelo Estado ás emprezas particulares, que estas reembolsam mais tarde, e citar-nos-ão o exemplo da estrada de Santos a Jundiahy. Infelizmente, não temos á mão meios de verificar o custo total das linhas garantidas, sob o ponto de vista das quantias pagas até hoje pelo Thesouro Federal para attender ao serviço de juros, e isso impede-nos de determinar qual o custo para o erario publico do kilometro de linha construida sob o regimen da garantia, afim de comparal-o com a mesma unidade relativa ás linhas federaes.

No mesmo quadro procuramos determinar dois outros elementos que, si não permittem estabelecer uma base de comparação inatacavel, servem entretanto para dar uma idéa aproximada do modo por que são explotadas as vias ferreas: referimo-nos á despeza por kilometro e ao custo do trem kilometro. Para que o estudo da despeza por kilometro pudesse ser mais proveitoso, seria necessario ter-se a renda e a despeza referidas ao kilometro em cada secção das linhas; esses dados não são fornecidos pelos relatorios que temos podido consultar. Na Central, por exemplo,

Digitized by Google

temos a renda por kilometro em cada secção da linha; nada podemos saber quanto á despeza correspondente.

Menos esteril é o estudo do custo do trem kilometro, si bem que nos faltem dados para tornar inteiramente comparaveis os resultados obtidos, levando em conta a composição média de cada trem e a utilização do material. Ahi ainda é a Central a estrada do governo que menos permitte conhecer o modo por que é administrada. Nenhum dado pudemos colher que nos habilitasse a, mesmo indirectamente, calcular essa despeza.

Do conjunto dos elementos estudados parece resultar, entretanto, que ha inteira similhança entre as vias ferreas administradas pelas emprezas particulares e as vias ferreas federaes, exceptuando sempre a Sul de Pernambuco, onde encontramos o espantoso algarismo de 7$601 por trem kilometro, e a Rio do Ouro onde temos 4$866 para a mesma unidade. Em compensação temos na Bahia a Alagoinhas 5$510, na Carangola 4$814, na Barão de Araruama 5$772, na Paraná 4$554 e na D. Thereza Christina 5$228.

Estes resultados dão grande valor á observação do Dr. Teive e Argollo, em sua informação de 9 de maio ultimo, relativamente ás differenças que se notam nos resultados economicos do trafego da E. Ferro Bahia a Alagoinhas, empreza particular, e o prolongamento ao Joazeiro que pertence ao Governo Federal. A primeira dessas linhas com estensão muito menor, percurso médio das unidades de trafego relativamente maior, trafego muitissimo mais intenso, explota suas linhas em condições incomparavelmente mais dispendiosas do que o prolongamento custeiado pelo Governo Federal. Isso prova o modo por que se exerce sobre as emprezas particulares a fiscalização do governo, apezar da espectaculosa organização dada a esse serviço, no qual se dispendem improficuamente grandes sommas. O serviço de fiscalização das estradas de ferro não consiste unicamente em velar pela leal execução dos contractos: tem um escopo muito mais elevado, que é permittir o estudo systematico da influencia dos transportes sobre a organização productora do paiz. Para isso é que são indispensaveis as estatisticas completas sobre vias ferreas, afim de serem conhecidos os custos da operação mecanica do transporte, concertos e reconstituição do material rodante, etc.; sobre essa base e sobre

Digitized by Google

a remuneração do capital empregado é que se estabelecem as tarifas; fóra disso, tudo quanto se tem feito entre nós não passa de grosseirissima tentativa em que, ao bel prazer do tarifador, se tem anarchizado inteiramente a producção nacional, impedindo em absoluto o transporte dos generos pelos quaes somos hoje tributarios do estrangeiro e que, entretanto, são perfeitamente produzidos no sólo brazileiro.

Pois bem! essa missão incumbia á Inspectoria Geral das Estradas de Ferro, que até hoje quasi nada tem feito nesse sentido. Com a reforma projectada, passando para a Directoria de Viação do Ministerio da Industria os serviços dessa inspectoria, talvez se consiga diminuir despezas; porém nada se conseguirá para o fim real a que se destina esse ramo administrativo, sem reformas mais profundas, mais radicaes; pois nisso, como em tudo quanto se refere a questões administrativas, o principal problema a solver é a competencia do pessoal e não a belleza dos regulamentos a que este, aliás, raras vezes obedece.

Desde que a méta de todos os esforços deva ser a diminuição imprescindivel das despezas publicas, muito maior é a margem para reducções que se encontra nas vias ferreas garantidas do que nas de propriedade federal. Não só o custeio das primeiras é por vezes exageradissimo, como tambem se nota, nos casos em que elle está proporcionado ao movimento dos trens, mui pequena frequentação das linhas; neste caso o governo, senhor como é de modificar horarios e superintender o trafego, póde perfeitamente reduzir o numero de trens, augmentar *quam maxime* a porcentagem da carga para a capacidade dos wagons carregados, concorrer, emfim, para que as facilidades de transporte offerecidas não excedam muito as necessidades da zona servida. Para isso servem as estatisticas de trafego e a fiscalização real do governo. Actualmente este ultimo serviço é feito por tal fórma, que existe a crença geral de que os cargos de engenheiros fiscaes são verdadeiras sinecuras, e assim é effectivamente em muitos lugares. Ponha-se porém, á frente desse serviço um administrador digno deste nome, e verão que as sinecuras se transformam em postos de de extrema responsabilidade e susceptiveis de prestarem todos os serviços que delles se exigirem. Para provar a realidade dessa asserção, basta apontar para o serviço modelo que em Minas foi

Digitized by Google

organizado, e cujos resultados brilhantes auguram igual exito a quem souber seguir o exemplo dado pela administração desse Estado.

Chamando a attenção dos poderes publicos para as vias-ferreas particulares, não queremos dizer que estejam isentas de censura as linhas federaes; a não serem a Sobral e a Porto-Alegre a Uruguayana, as mais podem ser citadas umas como modelos de anarchia administrativa e outras como estradas mal dirigidas. E' evidente, portanto, que um ministro da industria tem, tão sómente na normalização dos transportes ferro-viarios, um programma administrativo excepcionalmente pesado.

Não sendo, entretanto, o Estado incapaz de gerir vias-ferreas, verificando-se que no Brazil muito mais custam as estradas particulares do que as linhas federaes, sendo certo que em favor da explotação pelo Estado militam razões de ordem superior — onde o motivo technico ou economico que aconselhe o arrendamento das vias-ferreas nacionaes?

Tem-se alludido ás difficuldades financeiras da União, grandemente devidas ao nosso meio circulante, e á impossibilidade de remediar a esses apertos com o allivio momentaneo dos emprestimos externos, o que nos obriga a ir vendendo ou alugando em más condições partes importantissimas do nosso *outillage* industrial. Essa face, puramente financeira, do influxo do arrendamento sobre as nossas finanças não cabe no plano do estudo que procurámos fazer; ella suggere, entretanto, uma serie de interrogações. Haverá quem acredite que o ouro, assim importado solva, isto é, faça desapparecer o problema do nosso meio circulante? Haverá quem pense que este ouro nos trará a circulação metallica fixa, estavel, que deve ser o objectivo de toda a nossa politica financeira? E, dado que assim fosse, quem se abalançaria a assumir a responsabilidade tremenda da elevação do nosso cambio, em tres ou quatro annos, da actual taxa de 8 ao par? Si porém ainda mais fraccionadas as prestações do preço do arrendamento, não poderão ser desviadas essas quantias para fim diverso do resgate do nosso papel-moeda, quando vimos assim proceder-se em relação ao nosso ultimo emprestimo interno?

O arrendamento das estradas de ferro federaes, méro expediente de financeiros em apuros, poderá desafogar a situação do

Digitized by Google

Thesouro, com grave prejuizo permanente para a Nação, do mesmo modo por que o perdulario, para solver grandes difficuldades de momento, realiza os seus haveres, esquecendo-se de que uma reforma em seus habitos é o sufficiente para salval-o.

Para aquelles que procuram pautar a sua acção publica pelas necessidades do Brazil, não só as presentes, mas principalmente aquellas que, superiores a difficuldades transitorias, dominam na nossa historia, o arrendamento banal á força de simples e intuitivamente indicado para desafogar o Thesouro de sua situação afflictiva, nada mais é do que o prenuncio da tristissima politica financeira que vamos encetar. Em vez de recorrer a um plano systematico, seguido, energicamente applicado de reducção de despezas publicas, pela eliminação das superfluidades orçamentarias e pela fiscalização exacta por parte do Executivo do modo por que se fazem as despezas (coisa que até hoje rarissimas vezes se tem feito), prefere o governo desapertar-se agora vendendo ou arrendando por largo prazo as nossas vias-ferreas. Amanhan, não se tendo modificado as nossas desastradas praticas administrativas, aggravadas antes pela desapparição de algumas despezas dando margem á creação de novos desperdicios, nova anemia financeira se produzirá ; e então contrairemos um vasto emprestimo externo, garantido pelas rendas de nossas alfandegas.

E quando nada mais nos restar para vender ou hypothecar, um passo apenas nos separará da situação que permittiu á Inglaterra estabelecer-se no Egypto. Para esse magnifico ideal é que parecem inconscientemente levar-nos os que aconselham o arrendamento das vias-ferreas federaes.

J. P. Calogeras

Digitized by Google

O PITHECANTHROPUS

Não deixem os leitores desalentar-se pelo aspecto pouco convidativo do titulo que encima a presente noticia. E' uma palavra composta do grego e significa: *macaco-homem*. O segundo termo da palavra dá-nos o direito de lembrar o pensamento de Terencio: «Homo sum, et nihil humani a me alienum puto.» O todo prende-se a uma das questões mais emocionantes, qual é: a origem do homem e a sua posição natural no reino organico, questão que se impoz com crescente força á sciencia natural, desde as primeiras tentativas da classificação dos seres organicos.

Actualmente na Europa, principalmente na Allemanha, onde a instrucção é mais diffundida, aquella palavra está na ordem do dia das discussões, e transpoz os limites estreitos dos circulos puramente scientificos, despertando o mais vivo interesse. Tornou-se o assumpto predilecto, não sómente da imprensa especial e das discussões das numerosas associações e gremios scientificos, mas penetrou tambem nos periodicos e revistas geraes. Entre estas, a mais autorizada, a *Deutsche Rundschau*, traz no seu numero de setembro do anno passado um estenso artigo sobre o assumpto, escripto pelo afamado anthropologista W. Dames, que parece-nos ser digno da attenção dos leitores brazileiros, e do qual vamos tentar uma analyse.

Antes de encetal-a convém pôr o leitor resolutamente em face do problema agitado: Donde vem o homem? E. Haeckel, na sua «Anthropogenia», responde do seguinte modo: «Si todos os seres organicos são de origem sobrenatural, portanto creados e

Digitized by Google

não desenvolvidos, neste caso o homem tambem será o producto de um acto da creação sobrenatural, como relatam e descrevem todas as crenças religiosas. Si, porém, as diversas especies e classes dos reinos vegetal e animal se desenvolveram de poucas fórmas simples e communs, então o homem tambem é o ultimo resultado evolutivo da arvore genealogica dos animaes.»

A sciencia é o conjunto dos conhecimentos coordenados e relativos aos objectos e aos phenomenos. A revelação, e portanto a primeira proposição do dilemma de Haeckel, não é da sua alçada. A segunda é do seu dominio exclusivo porque funda-se em factos observados e coordenados que determinam rigorosamente a collocação do homem, pela sua organização physica, na classe dos mamiferos, o que não exclue as diversas hypotheses sobre a sua posição intellectual.

Mas como mamifero incontestado elle se acha sujeito ás leis que regem a materia, e entre essas, a da evolução, a mais importante de todas. E como a lei da evolução no mundo organico tem por essencia proceder do simples para o composto, devemos reconhecer na especie humana o ultimo élo da grande cadeia dos seres. Como tal, é natural que a sciencia procure investigar os seus predecessores immediatos, e é neste sentido que o trabalho, que vamos analysar, pretende augmentar o cabedal já avultado da moderna anthropologia.

Principia o Sr. Dames por demonstrar que a mais importante consequencia da theoria de Lamark e da selecção natural de Darwin, que permitte explicar sufficientemente a apparição do homem sobre a terra, não ficou deduzida positivamente por estes dois naturalistas, mas posteriormente pelos seus continuadores, Th. Huxley, Carl Vogt, Ernest Haeckel e outros. Estes não recuaram pronunciar-se pela filiação do homem de animaes inferiores, especialmente do macaco, e conseguiram conquistar para a sua these posição inexpugnavel na sciencia. Não se limitaram ao circulo relativamente estreito do mundo scientifico para pregar a nova theoria. Em 1860 Carl Vogt percorreu as principaes cidades da Allemanha com o unico fim de divulgal-a e vulgarizal-a em conferencias publicas muito concorridas. A impressão no publico foi profunda, e a imprensa diaria apoderou-se do assumpto com verdadeira paixão, falando pró ou contra, conforme a sua côr politica

Digitized by Google

ou religiosa, porque todos convenceram-se do grande alcance da questão para as idéas philosophico-religiosas estabelecidas.

Naquelle tempo Vogt sustentava a hypothese de um tronco commum, do qual seriam descendentes lateraes o homem e o macaco. Não obstante dessa fórma attenuada do nosso parentesco, que nos reduzia a primos irmãos, a excitação dos animos foi grande contra o ousado orador, forçando-o a interromper as suas preleções. O orgulho do homem não pôde supportar a admissão do hospede mais procurado do jardim zoologico na sua arvore genealogica.

A maior objecção que os adversarios da nova escola apresentavam era a ausencia de documentos comprobativos, como restos fosseis, que effectivamente não existiam na época e continuaram a faltar até ha pouco tempo. Era portanto impossivel satisfazer-se o postulado. Na verdade, de vez em quando surgiam noticias de achados paleontologicos, que pareciam dever encher o abysmo aberto entre o homem e o macaco. Mas não tardava a prova que eram restos de macacos genuinos, que não se prestavam a constituir o traço de união procurado.

Uma descoberta feliz, e da maior significação veiu, porém, ha dois annos, modificar essa situação e permittir uma solução inesperada. Ao redor della levantou-se, como era de prever, importantissimo movimento scientifico, cuja intensidade é provada pelo facto de ter a Sociedade de Anthropologia de Berlim, dedicado quatro de suas sessões mensaes (janeiro, junho, outubro e dezembro do anno de 1895), quasi exclusivamente ao assumpto.

Resumimos em seguida a narração que o Sr. Dames dá daquella descoberta.

Nos annos de 1890 a 1895 o Sr. Eug. Dubois, joven medico militar hollandez, explorava, como paleontologo, as jazidas da ilha de Java por conta do museu de Leyden. A escolha daquella ilha foi-lhe suggerida por uma preleção do professor Virchow de Berlim, onde este externou a idéa que a India, com suas ilhas, offerecia as maiores probabilidades para o descobrimento do antecessor do homem.

E' realmente curioso o facto que Dubois, depois de realizada a descoberta sob a indicação de Virchow, encontrasse justamente neste um dos seus maiores antagonistas. Seja, porém,

Digitized by Google

como fôr, Dubois desempenhou-se com grande brilho da sua missão, remettendo para o mencionado museu perto de 400 caixas repletas de fosseis, pertencentes á fauna antidiluviana de Java, e extraidos dos sedimentos de tufos duros vulcanicos, (argilas, arêas, rapillos) que constituem a cadeia central das collinas de Kendungo.

Foi, envolta nessa sociedade de animaes extinctos, que Dubois descobriu a parte superior de um craneo, dois dentes molares e um femur superior esquerdo de uma creatura que reunia as qualidades de um macaco antropoide ás do homem em tal grau, que viu-se forçado a reconhecer nesses ossos os restos de uma forma intermediaria entre os dois, e os classificou como pertencentes a um animal que chamou de: *Pithecantropus erectus*.

Estes quatro objectos foram achados numa camada de tufo agglomerado, num barranco vertical do rio Bengawan, perto de Trinil. Comquanto separados uns dos outros, achavam-se todavia exactamente no mesmo nivel. A sua separação, que serviu de argumento contra o pertencerem elles a um mesmo individuo, é uma consequencia inevitavel do modo do seu deposito no leito dum rio, no qual, com a maceração progressiva, foram necessariamente separados e transportados a differentes lugares. Assim achou-se o primeiro molar distante de um metro do craneo; mais tarde descobriu-se o femur a 15^{m}. dos primeiros, e entre elles o 2º molar á 3^{m}. distante do craneo.

Quando, em 1894, appareceu a primeira relação de Dubois, tornou-se assumpto das mais calorosas controversias. Sem querer entrar aqui nos detalhes osteologicos relativos ao craneo e femur expostos pelo Sr. Dames, é todavia indispensavel assignalar a configuração geral dos dois objectos.

Insiste o Sr. Dames em primeiro lugar sobre o facto que o craneo, em seu conjunto, concorda inteiramente com o do gibbon, macaco anthropoide que ainda hoje habita a ilha de Java, differenciando-se porém deste pela sua dimensão consideravelmente maior. Assim, como ao gibbon, faltam-lhe as fortes listras osseas que distinguem o craneo dos demais anthropoides, e apresenta as cavidades das fontes de profundidade pouco commum. Foi justamente este signal que serviu a Virchow, no seu exame, para

Digitized by Google

accentuar o caracter simio do craneo em questão, até que o professor Ihering demonstrou que elle existe no mesmo grau num craneo humano, achado num sambaqui em Santos (Brazil).

Assignalando a concordancia do craneo do pithecanthropus com o do gibbon, o Sr. Dames faz sobresair a unica discordancia, que é a maior dimensão. A capacidade do craneo fossil foi reconhecida ser de 900 a 950 centimetros cubicos, quando a dos maiores anthropoides não passa de 500. Portanto a capacidade encephalica do pithecanthropus é pequena de mais para ser a de um homem, [1] e grande de mais para ser a de um anthropoide.

Isso evidencia-se ainda mais superpondo-se as respectivas linhas dos perfis dos craneos. A linha do perfil do pithecanthropus tanto cai abaixo da de um negro Papua, ou mesmo de um microcephalo, quanto eleva-se sobre a de qualquer macaco anthropoide. Ella conserva aproximadamente a média entre as duas fórmas, constituindo pois uma transição.

Com o femur dá-se o mesmo. O seu comprimento de 455 millimetros, (o que permitte calcular-se a altura do individuo em $1^{m}.70$), está perfeitamente proporcional com as dimensões do craneo. Na sua fórma occupa um lugar intermediario entre homem e anthropoide, afastando-se, porém, deste para aproximar-se do primeiro. Esta circumstancia tem um valor fortissimo para a argumentação do Sr. Dames, porque lhe servirá de base para demonstrar a verosimilhança da evolução de um anthropoide para o homem. Effectivamente, de um lado o caracter ainda simio do craneo, e do outro lado o caracter já quasi humano das extremidades inferiores, eis a base das suas deducções ulteriores, que, como veremos, divergem da opinião geralmente adoptada sobre a evolução precedida pelo desenvolvimento do cerebro.

Em seguida o Sr. Dames apresenta numa tabella o resultado dos pareceres de 22 autoridades scientificas competentes na materia, como zoologistas, anatomistas, anthropologistas e paleontologistas, aos quaes foram submettidos os quatro objectos. Os pareceres referem-se a cada objecto isoladamente.

---

[1] S. Ranke dá como capacidade encephalica média da raça negra 1278 cm. cubicos. *Der Mensch*, vol. II, pag. 221.

Digitized by Google

Eis o resumo daquella tabella: 5 dão todos os quatro objectos como sendo do homem;

3 como de um macaco anthropoide;

6 como sendo de uma fórma intermediaria;

6 como parte do homem, parte do macaco, e dois como parte do homem e parte de uma fórma intermediaria.

Reunindo os partidarios do macaco aos da fórma intermediaria, e grupando as opiniões relativas a cada um dos objectos, o resultado é que: para o craneo, 6 dizem macaco, e 7, homem; para o femur, 3, dos quaes 2 com duvidas, dão-lhe o caracter de macaco, e 14, dos quaes igualmente 2 com restricções, o do homem.

Portanto relativamente ao craneo as opiniões acham-se repartidas quasi igualmente entre homem e macaco; o femur, porém, é considerado por todos, com uma unica excepção, como sendo caracter humano.

Para o Sr. Dames deduz-se d'ahi com constrangidora força a demonstração que o craneo permaneceu no caracter simio, emquanto o femur superior já se tinha adaptado ao caracter humano. *A mais forte disposição evolutiva para o typo humano não tem a sua séde no craneo, respectivamente no cerebro, mas sim nas extremidades inferiores.*

Haverá poucos naturalistas, exclama o Sr. Dames, que tenham sondado este resultado com maior prazer e satisfação do que elle, porque durante decenios sustentou em conferencias e discussões com collegas que a evolução do homem de um ser inferior, especialmente simio, deve ter começado pela transformação das extremidades inferiores, e, não, como tão frequentemente se opina, pelo augmento do encephalo até á chamada actividade intellectual.

Aqui convém citar por inteiro o pensamento do Sr. Dames:

« Comprehendo esse processo do seguinte modo:—Um macaco anthropoide, habituando-se a permanecer e mover-se no terreno, deixou pouco a pouco de subir nas arvores por tempos successivamente mais espaçados, e tentou servir-se exclusivamente dos seus pés trazeiros para andar. Com isso desenvolveu a faculdade de andar erecto em tal grau, que affectou os musculos e a configuração das extremidades, sobretudo os do metatarso, que se adaptaram ao novo modo de andar. A mão transformou-se em pé, perdendo o pollegar a sua posição opposta e alargando-se a planta, permittindo

Digitized by Google

a marcha. Convém notar que nos povos de cultura inferior, assim como nas crianças recem-nascidas, a differença entre a mão e o pé é muito menor do que nos povos civilizados, esta observação prova que a mão precedeu o pé, devendo este ter-se desenvolvido daquella. Assim, pois, transformou-se um genuino quadrumano em um sêr com extremidades differenciadas, e é nisso, e não no desenvolvimento do encephalo que eu enxergo o primeiro passo para o Senhor da creação.

Em primeiro lugar este sêr, assim dotado, era apto a abandonar a floresta e o circulo da sua acção alargou-se consideravelmente. Haeckel tem sem duvida razão quando diz que, com o andar erecto, abriu-se para o orgão da vida um horizonte mais vasto, o que, conjuntamente com a influencia das novas funcções dos braços, accelerou o rapido desenvolvimento do cerebro.

Si eu attribuo uma importancia capital á differenciação das extremidades, é por ter ella elevado o ente, com ella dotado, subitamente acima de todos os outros animaes.

Entre estes ha indubitavelmente muitos que vivem exclusivamente sobre as extremidades trazeiras, como sejam todos os passaros, os kangurús, etc.; mas nenhum delles é capaz de servir-se para qualquer coisa simultaneamente das quatro extremidades. O passaro anda *ou* vôa, elle serve-se de um *ou* outro par das suas extremidades, e quando mesmo alguns quadrupedes, como gatos, roedores e outros, se servem das suas extremidades dianteiras para agarrar a preza, isto não obsta a que elles necessitam das mesmas para a sua trasladação. Em uma palavra, a funcção das suas extremidades não é reciprocamente independente, e este é o ponto capital.

O homem adquiriu esta independencia, e com ella o dominio do mundo. Apparelhado com o pé, igualmente apto para o andar e para a posição erecta, elle deixou a patria primitiva da floresta virgem, e territorio algum de terra lhe ficou inaccessivel. Pôde viajar em planicies, montes e valles, pegando sem difficuldade, com as extremidades anteriores, aptas a empunhar, agarrar, o seu alimento. Perigos lhe terão ensinado a servir-se de pedras para a sua defeza. Arremessando pedras terá feita a experiencia em si proprio, que as lascas das mesmas apresentam esquinas vivas e cortantes, capazes de ferir a carne. Terá utilizado essa observação para produzir

Digitized by Google

propositalmente taes lascas, e assim nasceu a primeira arma e o primeiro instrumento. Com ellas terá, no correr do tempo, procurado transformar a primitiva defensiva em offensiva contra os outros animaes para assegurar a sua subsistencia, tornando-se caçador. Basta acompanhar a evolução conjectural do homem até esta phase para nos convencermos como, com a crescente habilidade e actividade das suas mãos, o dom da reflexão e da combinação avolumou-se, e como pouco a pouco as funcções do cerebro e dos orgãos dos sentidos deviam ter-se influenciado mutuamente e progressivamente, e como, em resultado deste processo, as mãos aperfeiçoaram-se cada vez mais até tornarem-se o admiravel instrumento universal da humanidade que hoje são. Assim a habilidade *mecanica* da mão, dispensada pela marcha erecta da funcção de trepar, pelo seu emprego progressivo, influiu sobre o desenvolvimento do cerebro, obrigando-o a recolher novas impressões, a formar novas combinações, que crearam a base para idéas geraes, com as quaes o homem iniciou a sua carreira na terra.

E de que modo perfeito adaptam-se agora as qualidades do pithecanthropus, verificadas nos seus restos fosseis, ao precedente quadro! As dimensões de um homem adulto, de estatura média, acham-se attingidas; o femur superior tomou uma feição tal de fórma humana, que não existem mais divergencias de opiniões a este respeito. Tal femur não póde ter pertencido sinão a um ente com andar erecto, e isso, por sua vez implica um pé normalmente desenvolvido, que temos o dever de attribuir ao pithecanthropus, em virtude da lei da correlação de Cuvier, que no caso presente acha a sua plena applicação. Esta creatura de andar erecto teve um encephalo, cuja capacidade colloca-a muito abaixo da das raças humanas mais inferiores, mas que tambem excede na mesma proporção á dos anthropoides superiores. Exactamente assim deve se conceber a cabeça de uma fórma intermediaria entre homem e macaco, si a evolução descripta corresponde á realidade dos factos.»

Uma vez firmada assim a posição genealogica do pithecanthropus o Sr. Dames procura formular a sua filiação, estabelecendo a devida comparação entre os seus restos e os do outros existentes de macacos anthropoides. Infelizmente o archivo que contém os documentos indispensaveis é pouco provido. Restos fosseis de simios anthropoides são de maior raridade, o que não se deve extranhar,

Digitized by Google

considerando a vida exclusivamente silvicola daquellas especies, que, como os actuaes, viviam isolados em pares, e não em manadas.

Não obstante essa difficuldade, o Sr. Dames, no seu estudo comparativo, chega ás seguintes valiosas conclusões:

1.ª que os restos fosseis de anthropoides conhecidos apresentam com rarissimas excepções, decidida analogia com o esqueleto do actual gibbon (Hylobates), do qual o nosso pithecanthropus é proximo parente, como já vimos;

2.ª que o gibbon é a fórma mais antiga dos actuaes anthropoides;

3.ª que o ramo genealogico, que conseguiu differenciar o homem do macaco, tem a sua raiz na especie gibbon.

Segue-se que convém prestar especial attenção ao gibbon. Elle é a fórma mais baixa dos actuaes anthropoides em relação a sua aproximação ao homem, é o que mais conservou as qualidades dos simios não anthropoides, (por exemplo os callos do assento, que faltam aos outros). E' portanto uma fórma generalizada donde facilmente poderão especializar-se fórmas novas, e que conserva ainda hoje qualidades iniciadoras de especialização. Assim apezar da sua organização relativamente inferior, apezar do comprimento excessivo dos seus braços, que lhe difficultam os seus movimentos na horizontal, é justamente elle que, de motu-proprio, conserva-se por mais tempo sobre as extremidades inferiores em comparação com os outros anthropoides.

Além disso elle pisa em cheio com as plantas dos pés, emquanto o chimpanzé, orangutango e gorilla o fazem sómente com a borda exterior em posição obliqua com o terreno, quando se resolvem a dar raros passos em posição erecta.

Estas qualidades combinadas com a capacidade encephalica quasi dupla da dos outros anthropoides estabelecem perfeitamente a connexão existente entre o gibbon e o pithecantropus. Este desenvolveu a tendencia para a posição erecta existente no gibbon e alcançou o alvo.

A patria do pithecanthropus e do gibbon, o sul da Asia, é commum, e o Sr. Dames insiste sobre este ponto.

Darwin e Wagner querem collocar o berço do homem ao norte do antigo continente; Haeckel e outros opinam para o sul da Asia ou o centro da Africa, como sendo ainda hoje habitados

Digitized by Google

pelos anthropoides. Esquecem-se porém que o chimpanzé, orangutango e gorilla são animaes cuja especialização, em opposição com o gibbon, já é muito adiantada e forte para prestar-se a creação de typos novos. E' pois a patria do gibbon que deve prevalecer e o descobrimento de Dubois vem derramar nova luz sobre a questão. Em todo o caso o facto do apparecimento da fórma intermediaria entre homem e macaco numa das ilhas da Sonda, portanto na parte sudoeste da Asia, tem summa importancia. A Biblia e outras tradições antiquissimas dão o sul da Asia como berço da humanidade ou melhor de uma das humanidades. E agora estas tradições recebem uma confirmação positiva pela sciencia!

Conclue o Sr. Dames nos seguintes termos:

«Si o homem é monophyletico ou poliphyletico, é questão que ainda espera a sua solução, emquanto esta unica descoberta do pithecanthropus não fôr seguida de alguma outra identica ou similhante. Ella removeu sómente uma pequena parte das difficuldades que acompanham a questão da relação do homem com o reino animal. Mas não ha negar que projectou viva e subita luz sobre pontos da phylogenia da familia humana que até então achavam-se inteiramente escurecidos. Qualquer interpretação que se queira dar áquelles fragmentos de Java, é impossivel negar que elles diminuiram a distancia entre o macaco e o homem, e nisso reside a sua eminente significação.»

CARLOS EULER

Digitized by Google

O PADRE JOSÉ MAURICIO

XI

No decennio que decorreu de 1798 a 1808, data esta, como bem se sabe, de importancia transcendental na historia e nos destinos de todo o Brazil pela chegada do principe regente D. João e de sua côrte ao Rio de Janeiro, achou-se o illustre compositor sacro nas melhores condições afim de bem assentar a sua posição na sociedade fluminense, para assim dizer incipiente, e imprimir o devido elasterio a todas as suas aspirações artisticas, transmittindo-as, alem disto, a numerosos e estimados discipulos.

Tinha, com effeito, sob as suas ordens e inspecção a melhor e mais completa orchestra, que então existia na capital da grande colonia portugueza; dirigia, na qualidade de respeitado mestre, o côro da cathedral que reforçou com instrumentistas e cantores cuidadosamente escolhidos; via frequentada com assiduidade a sua aula gratuita da rua das Marrecas, a que consagrou, conforme já dissemos, 38 annos de ininterrompida e zelosa actividade e contava com boa copia de lições particulares, ministradas a filhos e filhas das melhores familias, que o recebiam com toda a confiança e carinho em seu seio e intimidade.

Tão grande foi a influencia que exerceu naquella época pelo ensinamento e pelo exemplo, tão applaudido o seu talento de abalisado

---

Veja a *Revista* de 15 de novembro e 15 de dezembro de 1895; 15 de janeiro, 15 de fevereiro, 15 de março e 15 de outubro de 1896.

Digitized by Google

profissional e inimitavel improvizador no orgão, no cravo e no violão, acompanhando-se com voz suavissima e em extremo afinada, dotes cada vez mais aprimorados pela applicação e constante estudo, tal a brandura e paciencia com que leccionava, tanto o empenho que punha em proteger e fazer medrar as vocações nascentes, que Porto Alegre não duvidou attribuir, na maxima parte, ao padre José Mauricio o gosto pela musica que então avassalou o Rio de Janeiro e ainda hoje perdura. « De tal maneira, diz elle, [1] enraizou esse gosto, que esta cidade póde presentemente (1856) chamar-se a cidade dos pianos [2].

Emquanto no Velho Continente se desenrolavam os portentosos successos dos principios deste cadente seculo, que levaram Napoleão ao pinaculo de glorias e poderio offuscadores e excepcionalmente conquistados, emquanto as nações da Europa contemplavam, pasmas e apavoradas, a inconcebivel ascensão desse obumbrante astro, em que innumeros fanaticos e adoradores, milhões e milhões de entes, saudavam a ultima palavra da perfeição e impeccabilidade possiveis ao homem (quantos erros, comtudo, dentro em breve accumulados e a engendrarem desgraças sem fim!) fruia o nosso biographado, no modestissimo recanto de alem Atlantico, os mais bellos e socegados dias da sua existencia de laborioso e genial artista—elle tambem, o desamparado e triste mulato de 1767, com uma parcella de genio no cerebro!— passando a vida no meio dos seus queridos livros, no trato continuo dos classicos gregos e latinos e cercado daquella bibliotheca musical que, mais e mais, se ia avolumando com os reiterados pedidos de tudo quanto se publicasse notavel em França, Italia e sobretudo Allemanha.

Tambem á grandiosa, omnimoda e polyphonica escola dos Bach, Hændel, Haydn, Mozart e Beethoven, a não falar sinão nos mestres incontrastaveis, — e só nesses que estupenda fecundidade e opulencia!— dedicava, por abençoado pendor, ardente culto e exclusiva paixão e nella modelava todos os impulsos do seu estro nobre, alevantado e inimigo nato da trivialidade, seguindo-lhe os passos e

---

[1] *Revista do Instituto Historico*, tomo XIX, pag. 359.

[2] Queremos crêr que, após 40 annos já passados, ainda hoje é applicavel a observação de Porto Alegre. No Rio de Janeiro, a expansão do commercio de pianos ha sido enorme.

Digitized by Google

a orientação, sem jámais perder o cunho do bem assignalado individualismo.

Parece-nos que, por isso, dentro desse decennio de 1798 a 1808, prolongado, uns tres annos mais, até 1811, é que devamos encontrar, no largo espolio deixado pelo mestre, as suas obras mais notaveis, mais dignas de se tornarem conhecidas do mundo inteiro — periodo [3] em que foi absolutamente purista allemão no modo de ser e de

---

[3] No tomo XXII da *Revista do Instituto Historico*, acha-se ás pags. 504, 505 e 506 a *Cópia fiel do original em mão do Sr. Dr. J. M. Nunes Garcia* (filho reconhecido do padre José Mauricio) feita por Porto Alegre, *em que e vê, por notas do proprio punho do Padre que, até ao dia 6 de Setembro de 1811, tinha escripto as seguintes composições musicaes para a Capella Real:* Sete Dixit Dominus — 5 Confitebor — 5 Beatus vir — 7 Laudate pueri — 4 Laudate Dominum — 9 Magnifica—5 Lœtatus — 5 Nisi Dominus œdificaverit — 4 Lauda Jerusalem — 1 In exitu — Differentes psalmos avulsos — 1 Memento Domini — 1 Credidi — 1 Beati omnes — 1 Domini probasti — 1 In convertendo Domini—1 Exaltabo — 4 Confitebo quomniam audisti— 8 Psalmos alternados, jogos) — 3 Ladainhas — 1 Antifona — 1 Ave Regina — 1 Alma Redemptoris — 1 Regina cœli — 1 Si queris miracula — 1 Motteto da trezena de S. Antonio — 2 Stabat Mater — 2 Mottetos das Dôres — Semana Santa, Responsorio e lamentações da 4ª, 5ª e sexta-feiras— Toda a Semana Santa da Sé — Matinas da Resurreição — 2 Responsorios — 1 Officio de defuntos — 1 Ille dies — 1 Missa com grande orchestra — 11 Missas a vozes e orgão — 5 Solos avulsos — 3 Mottetos com grande orchestra — 1 dito com violoncellos e fagotes — 20 ditos a vozes e orgão — 1 Novena de S. José — 1 dita do Coração de Jesus — 1 dita do Carmo — 6 Sequencias — 3 Te-Deum laudamus — 2 ditos de violoncellos e fagotes — 1 a vozes e orgão — 3 Ecce sacerdos — 1 O' salutaris hostia — 2 Tantum ergo — 1 Sacrum convivimus — Missa do Advento e da Quaresma — Mottetos das 5 Domingas da Quaresma e das Quatro do Advento — 1 Benedictus — 1 dito de violoncellos e fagotes— 3 ditos a vozes e orgão —1 dito das procissões — 1 Matina—1 dita de violoncellos e fagotes — 3 ditas de vozes e orgão — Mottetos para a procissão do Corpo de Deus — 1 Pange, lingua — 22 Hymnos a vozes — 4 Missas de cantochão figurado— Ao todo, mais de 197 composições.

Na collecção Bento das Mercês, a que atraz nos referimos e pertencente hoje a D. Gabriella Neves—collecção formada, segundo nos asseverou o Sr. Dr. I. Goulart, testamenteiro do Dr. José Mauricio, de successivos emprestimos feitos ao archivo deste medico pelo mesmo Bento e nunca mais restituidos—ha valiosos *sparttitos* não incluidos na relação acima—por exemplo: Symphonia funebre (1790) executada nas exequias do padre, em 1830; Gradual de Sant'Anna (1796) Dito da Ascensão (1799)—Noite de Natal (1793) Offertorio de S. Miguel (1798 e muitos outros. Não é descabido calcular em mais de 400 o numero de composições de José Mauricio. Depois da chegada do rei, trabalhou tanto, por ordem do principe, que enfermou gravemente, tendo por isso autorização especial para dizer missa em casa.

Digitized by Google

compôr e pôde entregar-se, sem constrangimento de especie alguma, a todos os surtos do seu estro e das suas inclinações.

Com a vinda do regente D. João e da familia real ao Rio de Janeiro, tangidos de Lisboa pela acção violenta de Napoleão, que pretendia não deixar throno algum na Europa assente em seus alicerces tradicionaes, cresceu, por certo, o renome de José Mauricio, pois o principe, com admiravel intuição, comprehendeu logo o alto valor do musico, que inopinadamente encontrara na capital dos seus dominios coloniaes; e desse favor—que é poderosissimo argumento contra as levianas accusações de estulticia e imbecilidade moral desse monarcha, ainda tão mal apreciado—emanaram alguns annos mais de fertil e formosa elaboração no sentido da grande arte; mas, quando appareceu em 1811, na côrte, como mestre preponderante, Marcos Antonio Portugal representante genuino da escola decadente italiana [4], todo elle só orgulho e infatuação pelos louros colhidos em todos os palcos europeus, soffreu o talento do nosso compositor possantes embates, a que resistiu não pouco tempo e contra os quaes soube, por vezes, reagir, mas que afinal, acabaram por lhe impressionar o espirito, modificando-lhe sensivelmente a primitiva e bella feição.

Muito embora o sentimento de verdadeiro pasmo, quasi assombro, que ao proprio Marcos Portugal causou, nos primeiros dias de estada no Rio de Janeiro, José Mauricio—e deixámos contado o significativo episodio no capitulo inicial deste tentamen biographico—não tardou muito e um sem numero de razões de attrito e

---

[4] O Sr. conselheiro Pereira da Silva dá Marcos Portugal como discipulo de Haydn, confundindo-o com Sigismundo Neukomm! (*Historia da fundação do Imperio brazileiro*, tomo III, pag. 146). Curiosissima tambem e indesculpavel a confusão que este escriptor e, antes delle, Varnhagem, Visconde de Porto Seguro, fizeram entre José Mauricio Nunes Garcia (brazileiro) e José Mauricio de Assumpção, mestre de capella em Coimbra, o que deu lugar a que Innocencio da Silva lavrasse protesto, violento demais, no tomo II do *Archivo Pittoresco*, pags. 203, 212 e outras. O equivoco era, aliás, todo em favor do José Mauricio portuguez. Joaquim de Vasconcellos (*Musicos portuguezes*, tomo I, pag. 236) diz, com effeito, do *Miserere* deste, apregoado verdadeira obra prima: « A montanha gemeu e pariu um rato! » O nosso José Mauricio nasceu a 22 de setembro de 1767 e falleceu a 18 de abril de 1830. José Mauricio de Assumpção (portuguez) nasceu a 19 de março de 1752 e morreu a 12 de setembro de 1815.

Digitized by Google

radical separação entre os dois artistas actuou com irresistivel imposição, tornando o nosso compatriota victima de insistente guerra, a principio surda e um tanto velada, depois ás claras e rancorosa, que lhe moveu o maestro portuguez.

Os biographos de José Mauricio, aliás bem resumidos e ingenuos, na apreciação das causas historicas e psychologicas, levaram tudo á conta de inveja, o que é commodo, alem de grato ao amor proprio nacional. Nos choques, porém, continuos, de todos os momentos, entre essas duas eminentes personalidades artisticas, não se cifrava a luta só a questões individuaes ou de competencia perante as boas graças do principe, depois rei D. João VI; havia muito mais — o fundamental antagonismo de duas possantes escolas de tendencias e feitura absolutamente discordes, com objectivos diversos, buscando cada qual supplantar outra; a italiana toda ella melodica e flaccida de posse então do primeiro lugar, em que dominava senhora absoluta de quasi todos os paizes cultos, a alleman, firmada na harmonia e na severidade scientifica, disputando-lhe a supremacia e preeminencia, que afinal conseguiu, por ter do seu lado á verdade e a legitima elevação intellectual e esthetica.

De José Mauricio, a cada nova composição que exibia, diziam com ar compassivo os musicos portuguezes: « Falta-lhe gosto! » e, como attenuante, acrescentavam: « Aliás, nunca saiu do Rio de Janeiro; não viu, nem ouviu nada; não foi á Italia; não aprendeu; não teve mestre; não frequentou conservatorios! »

E no torvelinho dessas censuras, éco do que pensava e dizia Marcos Portugal, e de mil mexericos, a que a calumnia chegou a emprestar negras côres, era a imparcialidade de D. João VI, ou antes o gosto innato do rei, bem difficeis de manter no encontro de tantos interesses até politicos, o unico ponto de apoio para o pobre do padre, envolvido num mundo de intrigas que sabia debellar a poder de muita resignação e correctissimo proceder e num sem fim de desfeitas, que vencia e sobrepujava com segura e nobre altaneria. « O que tenho soffrido daquella gente, costumava dizer mal sopitando a indignação, só Deus sabe; si não tivera El-Rey por meu lado, mil vezes estalaria de dor! »

Tantos embates, comtudo, estragaram-lhe, até certo ponto, as qualidades nativas e não poucas composições produziu elle, obedecendo a pernicioso influxo de 1815 a 1830, quando veiu a fallecer,

Digitized by Google

que certamente não podem hombrear com os frutos do periodo que chamaremos *aureo*. Ainda ahi, porém, surgem, de vez em quando, manifestações do maximo valor; entre ellas a grande *Missa de Requiem* para os funeraes de D. Maria I, talvez até a sua obra prima, que Sigismundo Neukomm, discipulo dilecto de Haydn, não duvidava collocar a par do *Requiem* do divino Mozart. E este juizo, partido de entidade tão competente na materia, cuja educação se fizera entre os maiores inspiradores da arte moderna, póde ser considerado a pedra angular do glorioso pedestal, em que se ergue o nome do padre José Mauricio.

Tudo isto havemos de contar, com a possivel minudencia, na segunda parte deste estudo biographico, muito mais bem documentada e interessante do que a primeira, em que, a cada instante, esbarravam as nossas pesquizas em duvidas, lacunas e obscuridades, que não podem mais nunca ser explanadas e esclarecidas, por deficiencia absoluta de seguros dados e inconcussas fontes de informação.

Chegados ao limiar do fecundissimo anno de 1808, encontramos, como acima ficou dito, o padre José Mauricio gozando existencia tranquilla e prestigiada e todo entregue aos seus multiplos trabalhos e deveres de sacerdote e musico. Delle dependia, quasi exclusivamente, o brilho das festas religiosas mais importantes e pomposas que se celebravam no Rio de Janeiro, já honrando seguidamente o pulpito, já sobretudo dirigindo os canticos, empunhando a batuta, dando particular relevo á parte instrumental e regendo, com inexcedivel maestria, grandiosas producções, ou dos mestres da Europa, ou da lavra propria, e estas, sem duvida, não eram de somenos valia. Si a vida, nesse tempo lhe corria livre das agitações que depois a saltearam, não deixavam, entretanto, de incommodal-a serios embaraços pecuniarios. Com os seus habitos de modestia e desinteresse, só a custo de muita assiduidade e constantes canseiras, é que podia ir-se mantendo honesta e decentemente e dar á boa e extremosa mãi [5]

---

[5] Falleceu no mesmo dia que a rainha D. Maria I, a 20 de março de 1816. D'ahi, mui naturalmente, os sublimes accentos de dôr e angustia, que, partidos do coração de um filho, perpassam por toda aquella obra, destinada ás exequias de outrem, uma Rainha! Que bella contraposição! A humilde filha de uma negra da Costa da Africa servindo, pelos thesouros de affeição dispensados a flux, para infundir realce aos lamentos pela morte da mãi de omnipotente Rei!

Digitized by Google

condições de melhor subsistencia, condigna compensação aos innumeros sacrificios por ella feitos para tanto elevar o filho, tornando-o capaz de merecer o apreço dos contemporaneos e por fim de alcançar a admiração da posteridade!

FIM DA PRIMEIRA PARTE

VISCONDE DE TAUNAY

Digitized by Google

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Foi publicado o vol. I da *Revista do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, in-4º, XXI-223 pags., 2 estampas. Vem, segundo declaração expressa na folha do titulo, em seguimento aos *Archivos* do mesmo Museu, cujo ultimo volume, o VIII, saiu em 1892. Ha, pois, entre ambos o espaço de quatro annos, um pouco menos que o havido entre o VII, de 1887, e aquelle. Não logramos perceber quaes razões determinaram a mudança do titulo desta publicação official do mesmo Museu Nacional, e nem a dão os seus actuaes redactores. Nós achamol-a de todo o ponto desnecessaria sinão inconveniente. O nome de *Archivos* estava conhecido e consagrado por uma existencia de dezeseis annos e por oito volumes e dizia bem a sua natureza e funcção, e o tempo e a duração são tambem elementos de valor de uma publicação qualquer. Demais, todos os trabalhos neste volume publicados, com excepção talvez de um, pertenciam de facto ao archivo do museu, antes da nova administração. Parece-nos, pois, repetimos, infeliz a idéa da mudança do titulo.

O summario deste volume é o seguinte:

Membros correspondentes — Quadro do pessoal do Museu Nacional do Rio de Janeiro — Prefacio, pelo Dr. João Baptista de Lacerda — *Informações — Ao Dr. Von Ihering*, pelo Dr. João Baptista de Lacerda — *As trilobitas do grez do Eréré e Maecurú, Estado do Pará*, por John M. Clarck — *Nota sobre a geologia e paleontologia de Mato-Grosso* pelo Dr. Orville O. Derby — *O Bendegó*, pelo mesmo — *Relatorio de uma excursão botanica na serra do Itatiaya*, por Ernesto Ule.

Todos estes trabalhos são interessantes e valiosos, infelizmente são todos de estrangeiros, como já eram todos os seis que compunham o volume precedente. Não ha em nós, muito ao contrario, o minimo preconceito contra o estrangeiro, a quem, para não sair do campo scientifico, quasi que exclusivamente devemos tudo que sabemos do nosso paiz. Salientando o facto visamos, ao envez, combater o ridiculo preconceito dos que julgam dispensavel o seu concurso intellectual e patentear, como um incitamento e um estimulo, a escassez de scientistas nossos, ou pelo menos de scientistas que trabalhem e produzam.

— Entre alguns homens de letras brazileiros e membros do corpo diplomatico estrangeiro que o são tambem, appareceu o projecto de celebrar uma festa sul-americana, destinada a aproximar os homens de letras de todos os paizes da porção meridional do continente, devendo para isso ser solicitados os esforços e a boa vontade dos representantes de todos esses paizes.

Digitized by Google

A festa constará de um banquete de cem talheres, e da publicação de um numero unico da revista *America do Sul*, collaborada pelos homens de letras de todas as nações sul-americanas, e trazendo na 1ª pagina autographos dos presidentes das republicas Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Equador, Paraguay, Perú, Venezuela e Uruguay.

— A casa Isidoro Bevilaqua & C.ª vai editar a celebre *Missa de Requiem* do Padre José Mauricio, reduzida para piano, harmonium e orgão pelo maestro Alberto Nepomuceno, e prefaciada pelo nosso collaborador Sr. Visconde de Taunay, a cuja antiga propaganda a favor da publicação dos ineditos do genial compositor mulato, se deverá por muito esta louvavel tentativa daquella casa.

— O nosso collaborador Sr. Dr. Emilio Goeldi publicou no fasciculo de julho do *Ibis*, jornal zoologico inglez um artigo — *On the nesting of Nyctibius jamaicencis and Sclerurus umbretta*, de que nos remetteu a tiragem á parte O *Nyctibius jamaicencis* é o nosso « urutáu » e o *Sclerurus umbretta* o « vira folhas », que ambos tem a nidificação muito curiosa.

— Depois de interrompida por muito tempo, saiu agora de novo á luz a antiga e util publicação *O Auxiliador da Industria Nacional*, periodico da sociedade do mesmo titulo, e que conta já sessenta e um annos de existencia. Sai sob a direcção e redacção do Sr. Domingos Sergio de Carvalho, e contêm como sempre interessantes informações e artigos para os nossos industriaes e lavradores, a quem especialmente se dirige.

— Fundou-se na capital do Pará, uma *Sociedade Zeladora do Museu Paraense* cujos intuitos são claramente indicados pela sua denominação. Além desse, a sociedade instituiu conferencias scientificas, tendo na sua primeira sessão sido realizadas duas, uma pelo Sr. Dr. Emilio Goeldi, nosso collaborador e director daquelle museu, e outra pelo Sr. Dr. Huber, chefe de secção de botanica do mesmo estabelecimento. Discorreu o Sr. Dr. Goeldi sobre « A fabula do Cauré considerada á luz da sciencia ».

O Sr. Dr. Goeldi disse que é erronea a crença, tão profundamente enraizada no povo amazonico, de ser o que vulgarmente se conhece pelo nome de ninho de Cauré, obra de um pequeno gavião (*Falco albigularis*), que na nomenclatura vulgar figura com o nome de Cauré.

Pacientes investigações realizadas no Museu Paraense deram o resultado, já ha annos previsto e predito pelo director do museu, que taes ninhos, verdadeiros artefactos feitos de lan vegetal, são obra de um andorinhão (*Cypselidio*), descripto e figurado já no seculo passado (1773), com o nome de *martinet à collier* de Cayenna e conhecido hoje na sciencia com o nome de *Panyptila cayanensis* e nunca a de especie alguma de gavião diurno. Pela primeira vez demonstrou a bella serie ascendente do desenvolvimento que se operou na nidificação dos *Cypselidios* ou andorinhões, sendo o ninho das especies européas construcção primitiva, simples, aberta e de algumas especies asiaticas (*Salangana*) delicadas tigelinhas lateralmente fixadas a arvores e rochedos, culminando a perfeição architectonica na volumosa bolsa dos andorinhões sul-americanos, que ainda interiormente repete numa saliencia da parede externa a caracteristica tigellinha da salangana asiatica.

O Sr. Dr. Huber em seguida explicou as differenças entre as plantas parasitas e epiphyticas, confundidas na linguagem popular.

Depois de definir os dois grupos biologicos, fez a classificação das plantas epiphyticas segundo as investigações modernas, acompanhando a explicação com a demonstração de typos pertencentes á flora do Pará, que é muito rica em epiphytas. No numero destas plantas se acham

Digitized by Google

algumas que parecem verdadeiras parasitas, como as Clusiaceas (cebola brava ou cipó matador), que muitas vezes chegam a matar a arvore em que ellas crescem. Accentua-se nas epiphytas uma tendencia de transformar parte das folhas ou dos caules em reservatorios d'agua. As folhas são reduzidas nas *Cactaceas* (*Rhipsalis epiphyllum*) e em algumas orchideas epiphyticas (*Aeranthus, polyrhiza*). Nas primeiras é o caule que toma a funcção das folhas, emquanto que nas ultimas são as raizes verdes. Um contraste singular com estas orchideas, que quasi só consistem de raizes, oiferece a familia das Bromeliaceas, que tem representantes completamente destituidos de raizes (*Tillandsia usneoides*), do sul do Brazil. A exiguidade do systema radical nas Bromeliaceas se explica pelo facto de serem estas plantas capazes de absorver por meio de trichomas especiaes a agua recolhida nas bases alargadas de suas folhas.

As plantas mais conhecidas no numero das parasitas são aqui algumas Lauranthaceas, conhecidas sob nome collectivo de « herva de passarinho » (*Struthanthus nigricans, Phthirusa pyrifolia, Oryctanthus ruficantis*, tres especies principalmente do Pará).

Descripta a germinação e a formação dos haustorios, orgãos caracteristicos de todas as parasitas com os quaes entram em relação organica com o hospede, exemplifica com a Lauracea *Cassytha americana* (herva de chumbo) que fórma com as Cuscutas um grupo especial de parasitas lianoideas, que desenvolve os haustorios no proprio caule.

Grande numero de parasitas crescem no chão e se acham em contacto subterraneo com as raizes da planta hospedeira. A este grupo pertencem as curiosas Balanophoraceas, que tambem tem representantes (*Helosis guyanensis*) na flora do Pará. Emfim, nas Rafflisiaceas, todo o apparelho vegetativo da planta parasita se decompõe mais ou menos em filamentos cellulares, que penetram entre as cellulas do hospede quasi como os cogumelos parasiticos. Assim póde-se constatar nos grupos biologicos das epiphytas e parasitas duas tendencias contrarias: nas primeiras, a independencia, nas segundas, a dependencia, cada vez mais absoluta das plantas hospedeiras.

—Da Commissão geographica e geologica de S. Paulo recebemos um folheto de 64 pags. in-8º, numerosas tabellas, quadros e diagramas, contendo os dados climatologicos do anno de 1895 publicados pela secção meteorologica da mesma commissão.

E' chefe dessa secção o nosso collaborador, Sr. Alberto Löfgren.

—Entre as ultimas revistas nacionaes recebidas, merecem menção a *Revista Trimensal do Instituto geographico e historico da Bahia*, numero de setembro (9 do vol. III, anno III) e a *Revista da Academia Cearense*, fasciculo II do 1º anno.

E' este o summario daquella:

A zona austral da Bahia pelo Dr. Sá Oliveira; *Estudos sobre os limites entre os estados da Bahia e Espirito Santo* pelo Dr. Reis Magalhães; *Documentos sobre a fundação, nome e privilegios da Cidade de Salvador — Limites entre a Bahia e Pernambuco* — etc. — A da Academia Cearense traz, alem de outros, *Analyse dos differentes systemas de esgotos* por Thomaz Pompeu — *Duvidas historicas* por Antonio Bezerra — *Catalogo dos jornaes de grande e pequeno formato publicados no Ceará* pelo Dr. Guilherme Studart.

— O Sr. Antonio Parreiras abriu em outubro nesta capital, uma exposição de quadros, em maioria seus e outros de alguns discipulos seus. O catalogo desta exposição, tem 40 paginas in-8º, das quaes apenas quatro trazem uma enumeração, acaso demasiado summaria, dos trabalhos expostos, que são 59. As restantes paginas, importa notar como

Digitized by Google

uma novidade entre nós — são consagradas a uma piedosa dedicatoria do artista ao seu mestre e amigo, o pintor G. Grimm, um prefacio em que o artista expõe o que se póde chamar a sua esthetica, e finalmente trechos em prosa e verso de alguns escriptores e poetas, inspirados nas télas expostas, illustrando'as ou em louvor dellas e do seu autor.

O Sr. Parreiras intitula-se ao assignar o prefacio do seu catalogo « paizagista brazileiro », e, após havermos lido essas paginas, acreditamos que no seu pensamento esse appellido significa nascido no Brazil e pintando paizagens do Brazil. Devemos reconhecer que essa denominação não é presumpçosa, nem siquer ambiciosa. Entre outros, o Sr. Parreiras tem o merito de não querer fazer tudo, e limita-se á paizagem. Embora seja a paizagem de alguma sorte um genero inferior em pintura—ou talvez por isso mesmo—ha grande e raro merito em distinguir-se nella. O Sr. Parreiras, o seu prefacio o diz, é apologista de uma arte nacional. Entendida essa aspiração em termos, estamos com elle, sem ignorar que o tempo das artes puramente nacionaes — si jamais existiu em absoluto — passou. Tudo hoje se internacionaliza, se universaliza, se generaliza — sciencias, letras, artes — o que aliás não podia deixar de acontecer dada a generalização do pensamento humano.

E', porém, uma noticia, e não um artigo que estamos fazendo sobre a exposição Parreiras, que aliás o merecia sinão pelo valor real dos trabalhos nella exibidos, ao menos pelo espirito em que foram feitos e pelos intuitos que a animam. O Sr. Parreiras dividiu os seus trabalhos em « quadros », « estudos », « croquis », « manchas », « desenhos ».

Daquelles quadros o Sr. Parreiras destaca e distingue não só no catalogo, como na mesma exposição, como ainda no seu prefacio o intitulado *Sertanejas*. As *Sertanejas* são um quadro de dimensões desusadas em paizagem, representando um interior de mata virgem, triste, um pouco escura, pelo meio da qual voam em theoria grandes borboletas adonis. Nós preferimos outros quadros do Sr. Parreiras, dois ao menos *Campo* e *Derrubada* ás *Sertanejas*, com a sua côr de verde lodoso, o seu defeituoso primeiro plano, e as suas dimensões que por assim dizer tornam ainda mais monotona a paizagem.

A exposição do Sr. Parreiras revela certamente um artista que ao talento reune um raro amor ao trabalho e uma justa ambição de se distinguir. A sua paizagem é por via de regra boa, mas, apezar do seu protesto de sinceridade, com defeitos de observação e preoccupações de *chic*, como as enormes flores attribuidas ao ipê e aquella theoria de borboletas nas *Sertanejas*, borboletas que nunca voam em procissão e apenas aos pares. O Sr. Parreiras é um paizagista estimavel, mas com a melhor vontade não nos foi possivel achar nelle o « paizagista brazileiro », isto é, o artista que haja conseguido apanhar e reproduzir em toda a sua belleza e verdade, em todos os seus caracteristicos a paizagem brazileira.

— O Sr. Affonso Celso conclue neste momento um novo livro *Oito Annos de Parlamento*, no qual fará a narração da sua vida parlamentar, contando-nos os factos de que foi testemunha ou parte e anecdotas e episodios politicos dessa época. Desse livro interessante terá o primor a *Revista Brazileira*, que começará a publical-o no seu proximo numero. Do mesmo nosso collaborador acaba de sair a quarta edição dos *Vultos e Factos*, augmentada com os typos dos marechaes Deodoro e Floriano Peixoto.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

90. — **Organização Judiciaria**—Estudo de legislação comparada, pelo Juiz da 3ª Pretoria Enéas Galvão. Typ. do *Jornal do Brasil*—1890 — 381 pag. in-8º

Artigos, primeiramente destinados á publicação ephemera de um jornal diario e depois completados e methodizados para o apparecimento em livro, constituem a recente obra do Sr. E. G., em que todas as questões que se prendem á organização judiciaria deste districto, quer em sua parte propriamente institucional e quer em relação aos multiplos problemas referentes á independencia e superioridade da funcção judiciaria, são estudadas e desenvolvidas á luz da observação intelligente e imparcial em confronto com as instituições similares dos povos cultos.

A vigente organização judiciaria deste districto, estabelecendo instituições novas e até então não experimentadas entre nós, determinou em todos os serviços forenses natural perturbação, que foi aggravada por varias circumstancias, das quaes não foi menor a não adaptação das antigas normas e processos do novo systema.

D'ahi resultou todo esse clamor que se ergueu em torno dos nossos apparelhos judiciarios a conta de cuja imperfeição e imprestabilidade se levou todo o desequilibrio observado.

A nova lei era aproveitada como o producto desarrazoado da fantasia de uns tantos ignorantes pretenciosos que tinham querido fazer a nossa custa experiencia de instituição que haviam inventado.

Foi só depois que, com calma e reflexão, se estudou o novo decreto, que se foi verificando que tudo o que na organização por elle estabelecida se continha, já era conhecido e praticado na organização judiciaria das grandes cidades do mundo, produzindo beneficos resultados e salutares consequencias.

Carecia por certo, a organização adoptada entre nós de reformas e modificações. Mas ellas iriam sendo naturalmente indicadas pela pratica e não seriam de tal vulto que chegassem a desvirtuar o systema. O que era preciso sobretudo, era estudal-o, comprehendel-o para que as reformas que nelle se introduzissem, determinassem a perfeita adaptação ao nosso meio e costumes.

Esse estudo tem sido feito, com mais ou menos profundezas por varios profissionaes, juizes e advogados, que expontaneamente se têm occupado da questão.

Não tinhamos porém, nenhum trabalho systematico, completo, em que a materia fosse considerada em todas as suas partes e pelos diversos aspectos porque póde ser encarada.

Digitized by Google

O livro que o Sr. E. G. offereceu aos estudiosos, corresponde perfeitamente a essa necessidade que aqui assignalamos. Nelle se encontram exposta em linguagem clara e corrente, toda a estructura da organização judiciaria vigente na capital da Republica, quer no conjunto de suas linhas principaes, quer na particularidade de suas diversas instituições.

Ao contingente da observação pessoal adquirida como juiz desde a installação dos novos tribunaes, additou o A. o fruto de cuidadoso estudo das organizações judiciarias da Italia, da Allemanha, da França, da Inglaterra, da Russia, da Suissa e da Belgica, o que torna o seu livro util e abundante repositorio de informações interessantes.

Pelo carecter literario da *Revista Brazileira* não cabe aqui entrarmos em maiores desenvolvimentos nem apreciarmos certas opiniões do A. com as quaes não estamos inteiramente de accordo. Nossa funcção é apenas, noticiando o apparecimento do livro, accentuar seu merito por ser uma obra em que, despretenciosamente, se estudam em sua complexidade vastos problemas sociaes e no qual o A. ennuncia com franqueza a opinião que lhe parece melhor, o caminho que se lhe afigura mais acertado seguir.

Com a publicação do seu livro o Sr. E. G., e por isso o felicitamos, offereceu aos seus collegas da magistratura um bello exemplo muito digno de louvor e por cuja imitação fazemos instantes votos.—R. O.

TROVAS, poesias por Candido de Carvalho, S. Paulo, 1896, 50 pags.

Porque se apressam os nossos jovens poetas — cremos que o Sr. C. de C. é moço — em publicar os seus versos, em volumes que são folhetos, que não convidam a leitura e que ainda careciam de passar algum tempo na gaveta, lidos e relidos de vez em quando, e, segundo o excellente preceito de Boileau, «polidos e repolidos?» Ha no Sr. C. de C. um poeta, não sabemos si digno já de um desses adjectivos laudatorios com que entre nós se costuma sacrificar a justiça á camaradagem e atiçar vaidades estragando talentos que o estudo, o trabalho e a reflexão poderiam secundar, mas ha nelle um poeta ao qual aquellas tres coisas são entretanto ainda muito necessarias.

PRISMAS, poesias de Rodrigues de Carvalho, 1893-1896, Fortaleza Bibliotheca do Centro Literario, 1896, 135 pags.

Ao Sr. R. C. tomamos a liberdade de applicar as reflexões que acabamos de fazer a proposito das *Trovas* do Sr. Candido de Carvalho. Ha neste livro, com pouco vigor de pensamento e de idealização poetica, um crescido numero de versos errados ou frouxos («Conheci um velho mendigo» (5); «Vacilla e cai. Um nome, creio,» (7): «Sob o recurvo crystal de uma redoma» (25) e podia citar mais uma duzia e rimas que o não são (*azues* e *luz*).

CARLOS GOMES. O GUARANY, opera em 4 actos com um pequeno proemio por Francisco Pacheco, Pará, editores Alfredo Silva & C., 1896, XIX—40 pags.

Um bellissimo livrinho, com um prefacio que infelizmente destoa da excellencia material da elegante brochurasinha.

MYTHOLOGIA Cosmogonia, Identificação das divindades gregas e romanas, emblemas dos deuses, por Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Rio de Janeiro, 1896, in-8°, 32 pags.

Digitized by Google

O nosso erudito collaborador Sr. Homem de Mello, reuniu nesto folheto, quatro das suas lições como professor de mythologia na Escola Nacional de Bellas Artes, precedendo-as de uma bibliographia das fontes a consultar e seguindo as de um bem elaborado quadro das vinte divindades superiores da mythologia greco-romana com os seus nomes gregos, latinos, emblemas, o estylo dos seus templos e sua identificação physica.

Os Dictadores da America. A historia e a legenda, pelo conselheiro J. M. Pereira da Silva, Rio de Janeiro, Quaresma & C., editores, 1897, in-8°, 357 pags.

E' o quarto livro da série que com o titulo « A Historia e a Legenda » tem publicado o velho e laborioso escriptor.

O titulo dado a este na capa, mas que não corresponde exactamente ao conteúdo, deve ser atribuido a uma especulação de livraria. Dos quinze artigos que o compõem sómente seis se occupam da America.

A Capellinha. Costumes conjugaes, por Alphonse Daudet, Laemmert & C., editores. Rio de Janeiro e S. Paulo, 1896, in-16, 407 pags.

Como se deve viver, por Seb. Kneipp, avisos e conselhos dirigidos ás pessoas doentes e sans, etc., Lisboa, 1896, in-16, XI—440 pags.

Economia Rural, por Bernardino de Lima, Ouro Preto, 1896, III—101 pags.

Annuario, do Brazil Mission Conference, 1895-1896, 54 pags.

Compendio de Gymnastica e jogos escolares, por Arthur Higgins, Rio de Janeiro, 1896, IV—21 pags.

Do Recurso Extraordinario por Lucio de Mendonça, in-8°, 65 pags.

Os especialistas não esqueceram sem duvida o conciso e claro estudo que aqui publicou (fasc. de 1 de setembro) o nosso collaborador Dr. Lucio de Mendonça, ministro do Supremo Tribunal Federal, sobre a interessante e em o nosso direito nova questão do recurso extraordinario. Agora acharão em boa edição feita pelos Srs. Laemmert & C. e acrescentado de 12 accórdãos daquelle tribunal sobre a questão.

Folhas Esparsas, poesias por Braulio Prego, Morrinhos, Estado de Goyaz, 1895, in-16, 56 pags.

Almanak Literario e Estatistico do Rio Grande do Sul, por Alfredo Ferreira Rodrigues, para o anno de 1897, editores Carlos Pinto & C., Rio Grande, in-32, 326 pags.

Bem feito, contendo grande cópia de informações curiosas e noticias interessantes sobre o Rio Grande do Sul. Estes almanaks provinciaes, que se estão generalizando, tendo quasi que cada estado o seu, e alguns como o Rio Grande, mais de um, sob sua apparencia ligeira e futil, são alguns preciosas fontes de informações de particularidades dessas regiões, pouco menos que ignoradas.

Noticia historica e descriptiva do estado do Rio Grande do Sul, por Alfredo F. Rodrigues, Rio Grande, 1896, in-16, 46 pags.

Conde de Porto Alegre, tenente-general Manoel Marques de Souza, perfil historico por Alfredo F. Rodrigues, Carlos Pinto & C., Rio Grande, 1896, in-16, 58 pags.

Tiragem á parte do *Almanak do Rio Grande do Sul.*

*Criminologia e Direito por Clovis Bevilaqua, Bahia, José Luiz da Fonseca Magalhães, editor, 1896, in-8°, 245 pags.

Digitized by Google

LETRAS (Prospecto de um livro futuro) por Getulio dos Santos, Porto Alegre, 1896, in-64, 92 pags.

ALMANAK DE JUIZ DE FÓRA para 1897, Juiz de Fóra, Mattoso & Medeiros, editores, in-8°, 409 pags.

CATALOGO DA BIBLIOTHECA DA ESCOLA NORMAL do Districto Federal, Rio de Janeiro, 1896.

* CANÇÕES DO OUTOMNO por Lucio de Mendonça, Coimbra, Typographia de França Amado, 1896, in-16 XXXI — 133 pags.

LIÇÕES DE COISAS — Leituras praticas por C. Jost e V. Humbert, Rio de Janeiro, H. Garnier, editor.

O livrinho é bom e boa é tambem a edição; a traducção porém é muitas vezes incorrecta. O traductor desconhece as regras do emprego do infinito pessoal e usa termos que nós não empregamos no Brazil, onde, por exemplo, ninguem diz *mamã* e sim *mamãi* — o que é grande defeito para livro que se destina a nossas escolas.

Digitized by Google

A POLITICA

1 de janeiro de 1897.

Na vida das nações um anno é uma fracção minima de tempo, e a conquista que em tal periodo se realiza avulta de valor quando se trata de um paiz em periodo de reorganização, que, como o nosso, ha pouco tempo mudou de regimen. Em 1893 a grande conquista nacional foi a affirmação de principio de resistencia armada aos ataques à autoridade legalmente constituida, resistencia efficaz que aniquilou a facilidade com que se lançava pêas aos pronunciamentos militares.

Em 1894 as grandes conquistas foram a victoria sobre a revolta e a eleição do primeiro presidente civil; em 1895 a pacificação do Rio Grande do Sul, que seccou uma das fontes de depauperamento do Thesouro e restituiu a paz a toda a familia brazileira.

A conquista realizada em 1896 é talvez menos ruidosa, mas não é a menos importante. A passagem do governo das mãos do Sr. Dr. Prudente de Moraes ás do Sr. Dr. Manoel Victorino deu á nação o ensejo de verificar que todas as classes de que se compõe a nossa sociedade politica chegaram á convicção de que o bom funccionamento de todo o nosso mecanismo nacional depende, acima de tudo, do respeito á lei e do apoio ao governo legalmente constituido.

Tem inimigos rancorosos o primeiro presidente civil da Republica Brazileira. Accusam-no, uns de ter feito um governo de reacção contra o do marechal Floriano Peixoto, de ter, sinão abertamente perseguido os amigos deste, pelo menos de ter acolhido de preferencia os seus adversarios; accusam-no outros

Digitized by Google

de ter olhos mais amorosos para os seus co-estadoanos que para os demais brazileiros; ainda outros, de nimia tibieza no enfrentar os problemas, cuja solução se impõe, e de resistir demasiadamente aos reclamos da opinião, mantendo um ministro que se revelou excessivamente cauto.

Tambem tinha e tem adversarios o Sr. Dr. Manoel Victorino. Ganhou os primeiros na honrosa e activa parte na campanha em que se empenhou, contra a vontade do partido republicano federal, para acabar com a luta civil, que, ensanguentando o Rio Grande do Sul, estava compromettendo os nossos creditos e esgotando os nossos recursos; ganhou outros, porque este lugar de vice-presidente da Republica é muito difficil de occupar, porque nelle sempre se é suspeito de conspirar contra o presidente effectivo.

E no emtanto, si o boato chegou a espalhar-se de que o governo nunca iria ás mãos do segundo eleito da nação, deu-se a eventualidade provocada pela molestia do chefe do Estado, e a transição fez-se suavemente, sem o menor abalo, com o apoio geral, e não só S. Ex. poude occupar o seu alto posto, mas poude inaugurar politica nova, que, longe de provocar protestos, tem recebido applausos.

E já se encara tranquillamente, apezar da boa impressão que tem causado os primeiros actos, embora apenas esboçados, do Sr. vice-presidente, a possibilidade de voltar ao governo o chefe effectivo. Sómente faz-se mister que S. Ex., recuperando o vigor do corpo que importa de ter vigoroso o espirito, faça politica bem diversa da que tem feito até aqui. Não ha risco de que, si o não fizer, alguem conspire contra S. Ex., alguem tente perturbar a ordem; mas todas as classes sociaes lhe farão a vida dura e difficil, si o governo, cuja quietação foi toleravel, sinão necessaria, durante dois annos, os primeiros que se seguiam a grandes abalos, não passar a ser um governo de acção, cujas normas ficam traçadas pelo Sr. Dr. Manoel Victorino e seus auxiliares.

Feita esta conquista, aliás importantissima, pouco ha que respigar no balanço do anno que findou. O Congresso levou mais de um mez sem conseguir fazer numero para trabalhar, precisou de mais de uma prorogação, e acabou votando um orçamento contrario daquelle que tinha estudado, obedecendo assim duas vezes ás inspirações que recebia do alto, a principio do governo apathico

Digitized by Google

do Sr. Dr. Prudente de Moraes, e em seguida da orientação justamente avida de popularidade do seu substituto.

E nem só dessa vez o Congresso desfez em um dia obra de muito tempo. Caso identico se deu com os protocollos das reclamações italianas. Apezar de tenaz opposição da imprensa, e de bom numero de deputados, a camara em duas discussões approvou o que fizera o então ministro das relações exteriores, homem de competencia provada, muito trabalhador e com razão bem visto pelo partido que tem maioria no Congresso. Depois um incidente, talvez provocado, talvez pelo menos insuflado, por essa mesma opposição que na camara se batia, levou o Congresso a rejeitar unanimemente o que já duas vezes approvara por grande maioria, libertando-se assim e libertando o Governo de uma difficuldade de que nem um nem outro viram bem as consequencias.

Com essa rejeição, foi preciso negociar de novo, e hoje tudo está findo a contento geral. E' que da segunda vez, sem que se possa em absoluto dizer que a solução tenha sido menos vantajosa, não se procurou ver as coisas tão de perto, e o espirito de exame minucioso que com os primeiros protocollos tinha sido levado aos ultimos escrupulos, cedeu o passo a um proposito geral de não recomeçar uma campanha em que se tinha estado tão perto de graves acontecimentos, que não só perturbariam profundamente a ordem nacional no momento em que se déssem, mas poderiam prejudicar grandemente o nosso futuro.

Das outras questões diplomaticas que tinhamos pendentes, está ainda sem solução a da Guyanna Franceza, e o conflicto do Amapá, mas foi resolvida a da ilha da Trindade.

Tivemos para a solução desta os bons officios do governo portuguez, o nosso sincero amigo, que tanto teria avolumado a conta de gentilezas que lhe devemos, si não se sentisse que elle nos trata, e trata do que nos diz respeito, como se de si proprio tratasse. Dir-se-ia que o governo portuguez procura desculpar-se, como de uma falta, de nos ter poupado um grande desgosto em março de 1894. Mas, apezar disso, não é menos gloriosa para a nossa chancellaria a questão da ilha da Trindade. Fracos e desarmados ante a Inglaterra, rica e omnipotente, fomos tão longe quanto era possivel ir, recusando o arbitramento que, em these, é um recurso diplomatico considerado sempre honroso. Fortes na consciencia de

Digitized by Google

nosso direito, não cedemos uma linha, nem no presente, nem de futuro, e nem siquer interrompemos relações com a grande nação insular, cuja amizade todas as grandes nações desejam, e não raro intrigam para obtel-a.

Infelizmente, a parte menos favoravel do balanço do anno findo é a que se refere á nossa vida economica e financeira. Vimos descer o cambio até onde nunca descera, e isso em plena paz, com abundantes colheitas; e o que é mais, vimos descer com o cambio o preço do café, de modo que nem ao menos uma das classes da nação aproveitou daquillo que faz mal a todas as outras.

Mas, si puzermos tudo o que soffremos em um das conchas de uma balança, e na outra a certeza que adquirimos de que as classes e os partidos respeitarão sempre d'ora avante a ordem constitucional, pondo a lei acima de todas as paixões e interesses, verificaremos que nunca se caminhou tanto nestes sete annos de regimen novo, como neste anno de 1896, em que a grande convicção patriotica entrou triumphante em todos os espiritos.

FERREIRA DE ARAUJO

Digitized by Google

NOTAS E OBSERVAÇÕES

UM PRETENSO PLAGIO

A proposito do interessantissimo artigo do Visconde de Taunay publicado na «Revista» de 15 de dezembro corrente sobre o celebre soneto de Felix Arvers, cuja autoria foi attribuida em 1854 a Musset e a Victor Hugo, como hoje se attribue o soneto-resposta á esposa de Charles Nodier e ao Sr. Louis Aigoin que foi quem o communicou ao publico, occorre-me um caso tambem interessante, passado ha quinze annos no Rio de Janeiro com um soneto de Luiz Guimarães Junior — o segundo dos que vem publicados nos *Sonetos e Rimas.*

Como é sabido por todos os que se dedicam um pouco á labuta das letras, a primeira edição dos *Sonetos e Rimas* foi feita em Roma em 1880 e só appareceu exposta á venda no Rio de Janeiro quasi ao findar o anno de 1881.

A impressão que esse livro produziu no microcosmo literario de então foi intensa e agradabilissima e ainda mais augmentou com o juizo em extremo lisongeiro sobre elle externado pelo Sr. Ramalho Ortigão numa das suas magnificas *Cartas Portuguezas* que se publicavam na «Gazeta de Noticias».

Luiz Guimarães Junior tornou-se rapidamente o poeta da moda; os seus versos eram citados e recitados nas rodas literarias e como succedera com a *Morte de D. João* de Guerra Junqueiro e com as *Miniaturas* de Gonçalves Crespo, houve memoria que enthezourou por inteiro o aprimorado livro.

Talvez pela excessiva paixão que reçuma do segundo soneto desse livro, talvez pelo facto de ser um dos primeiros lidos, o facto é que foi essa uma das producções poeticas de Luiz Guimarães Junior que mais duradouro enthusiasmo despertou entre os seus admiradores.

Por toda a parte, nos cafés, nas sociedades literarias do tempo, nas Academias e nas salas, se ouvia a voz de um lyrico, voz doce, os olhos em alvo e mão espalmada na caixa thoraxica — a recitar:

O coração que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração, outr' ora independente
Hoje humilde, captivo e satisfeito;

Quando eu cair, emfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubremente
Do repouso final, — tranquillo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

Digitized by Google

E quando um dia fôres commovida,
Como visão que entre os sepulcros erra,
Visitar minha funebre guarida,

O coração, que todo em si te encerra,
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.

Não houve critico do tempo que ao referir-se ao livro de Luiz Guimarães não citasse com gabos esse soneto e muito embora não seja elle o melhor dos *Sonetos e Rimas* era todavia considerado uma das mais formosas joias do escrinio do poeta.

Pois, um dia, ali por meiados de 1882, eis que surge uma nova, que veiu cair como um balde de agua gelada no meio do ardente enthusiasmo dos admiradores do poeta : o soneto, o lindo soneto que tanta lagrima de enternecimento puzera entre os cilios das raparigas fluminenses e tanta admiração despertara aos criticos, não era original, era simplesmente traduzido do francez e o original era este :

Ce pauvre cœur qui dans mon sein palpite
Et qui pour toi palpite uniquement,
Ce pauvre cœur, jadis indépendant,
Humble en ce jour, esclave ensuite,

Quand je serai tombé aneanti,
Quand l'heure aura sonné lugubrement
De mon repos final, — calme et croyant,
Ira rever dans son dernier lit.

Si quelque jour tu vas tout éplorée,
Pour visiter ma pauvre tombe, helas !
— Comme dans les tombeaux ombre égarée —

Ce pauvre cœur, toujours si plein de toi,
En sentant ton approche, o bien aimée,
Sous terre encor d'amour palpitera.

O autor deste soneto era Malusil — um bardo francez, dizia-se, inteiramente desconhecido, mas de quem Luiz Guimarães traduzira á letra os quatorze versos apaixonados. E por uns dias a gloria e a probidade literaria do poeta brazileiro entraram em declinio.

Felizmente a ballela, porque não passou disso, que algo mareara a reputação do nosso poeta durou sómente uns dois ou tres dias. Em pouco soube-se que Malusil era o pseudonymo de um dos amigos e maiores admiradores de Luiz Guimarães Junior que, por um requinte de attenção e de enthusiasmo, traduzira o soneto para o francez.

E quem foi esse amigo ? Poucos o sabem, porque só a poucos deu elle a traducção do soneto, elegantemente impressa em uma pequena folha de papel cartão, com as suas iniciaes no topo e com esta dedicatoria — *A Luiz Guimarães Junior (Traduit)*, tendo abaixo e á direita do ultimo verso a assignatura *Malusil* e á esquerda a data — *Rio, 17 Juillet, 1882.*

Ora, Malusil era o Dr. Mariano Luiz da Silva, medico muito conhecido no Rio de Janeiro, fallecido já, amigo intimo de Ferreira de Araujo, um espirito folgazão, algo bohemio, que reunia á extrema bondade do seu coração de ouro um gosto extremado pelas letras e pelas artes, principalmente a musica. E foi devido á excessiva modestia deste amigo

Digitized by Google

enthusiasta, que, durante dois ou tres dias, o laureado autor dos *Sonetos* e *Rimas* passou por ter traduzido do francez, sem o declarar, o segundo soneto da sua *Lyrica*.

O que ha de extranhar, pois, que agora se attribua a Louis Aigoin o soneto feito em resposta ao de Arvers e tambem attribuido a Mme. Mennessier-Nodier, quando todas as probabilidades da autoria devem recair sobre Charles Nodier — o feliz esposo dessa mulher fiel e amada — o qual provavelmente, como Victor Hugo em relação a Sainte Beuve, levou a complacencia e o respeito por essa paixão platonica e desavisada do amigo pela esposa ao ponto de não só a tolerar como de mantel-a, dando-lhe a caricia de uma resposta attribuivel á esposa onde finge uma commoção que provavelmente ella nunca sentiu ?

Celle qui veut rester a son devoir fidèle
C'est emue en lisant vos vers tout remplis d'elle...
Elle avait bien compris, mais... ne le disait pas.

Charles Nodier era bem mais capaz de fazer esse soneto do que o Sr. Louis Aigoin, illustre poeta desconhecido, a quem a *Revue de la France Moderne* attribue a autoria.

S. Paulo — Dezembro — 96.

GARCIA REDONDO

NÃO CONSULTES MEDICO...

Do nosso collaborador Sr. Machado de Assis recebeu a seguinte carta o director da *Revista*:

« Sabe a que razão de urgencia devemos não ter saido appensa á minha comedia *Não consultes medico...*, publicada no ultimo numero da *Revista*, uma nota commemorativa. Vai agora o que devia ter ido então. A comedia foi representada no Cassino Fluminense, em uma das festas organizadas pela commissão do Sagrado Coração de Jesus, a que zelosamente preside a Exma. Sra. D. Maria Nabuco. Havendo eu refundido nessa occasião a primeira fórma da peça, ainda inedita, esta resente-se da brevidade do trabalho ; mas as distinctas senhoras e cavalheiros encarregados dos papeis suppriram na representação os defeitos do texto. Realmente, é difficil encontrar em pessoas de sociedade tanta habilidade e facilidade como revelaram as Exmas. senhoras D. Emilia Barros Barreto, D. Lucina de Andrade Pinto e D. Francisca de Saldanha da Gama, e os Srs. Carlos de Carvalho e José Barros Barreto. A primeira já me havia dado igual prova, ha annos, representando em um dos mais brilhantes salões daquelle tempo duas comedias minhas ; não me admirou que se saisse agora tão bem. A novidade esteve nas suas duas graciosas companheiras, D. Lucina de Andrade Pinto e D. Francisca Saldanha da Gama, incumbidas dos papeis de Carlota e Adelaide, que se houveram com igual brilho, assim como os Srs. Carlos de Carvalho (Cavalcante) e Barros Barreto (Magalhães). Não faço aqui distincções ; ellas se fizeram pela maior ou menor importancia dos personagens, aos quaes a graça e intelligencia daquellas senhoras e cavalheiros deram, na medida de cada um, o sabor adequado. Assim o reconheceu o numeroso e brilhante auditorio do Cassino. O que este não viu, e só pôde conhecer pelo resultado, foi a boa vontade, a dedicação e o gosto com que todos se houveram no estudo e nos ensaios, guiados nisso pela competencia do Sr. Dr. Luiz de Castro, ensaiador daquellas festas.

« 24 de dezembro, 1896. »

Digitized by Google

OITO ANNOS DE PARLAMENTO

Desde fins de 1881 até 15 de novembro de 1889, fui deputado ao parlamento, como representante do então 20.º districto eleitoral de Minas-Geraes, minha provincia natal.

Elegeram-me quatro vezes: a primeira a 31 de outubro do mencionado anno de 1881, por mais de 100 votos de maioria; a segunda, a 1 de dezembro de 1884, por nove votos; a terceira, a 15 de janeiro de 1886, por 11 votos; a quarta, a 31 de outubro de 1889, por muitas centenas de votos.

As assembléas de que fiz parte foram dissolvidas — a primeira pelo gabinete Dantas, a segunda pelo gabinete Cotegipe, a terceira pelo gabinete Ouro Preto, a quarta pela sedição militar constituidora da republica.

Exerci o cargo de 1.º secretario da Camara, durante sete mezes, de 13 de fevereiro a 26 de setembro de 1886. Entre outras commissões, entrei na especial de cinco membros, encarregada de examinar o projecto do Poder Executivo concernente á abolição immediata e incondicional do elemento servil.

Encetei a vida publica por occasião de ser executada pela primeira vez a lei de 9 de janeiro de 1881, conhecida sob o nome de lei Saraiva, isto é, numa das eleições mais livres havidas no Brazil. Saí em consequencia de injuncção do levante victorioso.

No correr dos oito annos da minha carreira parlamentar, conheci nove ministerios, oito presidentes do conselho, 54 ministros, 12 presidentes da Camara, tratando com os homens mais notaveis dos partidos existentes.

Digitized by Google

Assisti a debates sobre todos os assumptos de politica e administração. Elaboraram-se e apresentaram-se em meu tempo relevantes relatorios e preciosas monographias.

Dos projectos importantes que se discutiram e muitos dos quaes se converteram em lei, convem recordar os relativos ás seguintes materias: observação da passagem do planeta Venus; concessão de patentes aos autores de invenções e descobertas; sociedades anonymas; furto de gado; auxilios ás victimas da secca; medidas preventivas contra epidemias; reforma das faculdades de medicina e direito; augmento de deputações; aperfeiçoamento eleitoral; reforma do governo provincial e municipal; emissões bancarias e de bilhetes do Thesouro; execuções civeis e commerciaes; extincção da pena de açoite; crimes de destruição, damno e incendio; acções hypothecarias; penhor agricola; serviço sanitario; lavoura e industria; litigio de Missões; conversão do juro das apolices; registro de nascimentos, casamentos e obitos; marcas de fabrica e commercio; caixas economicas, monte-pio e de soccorro; casas de operarios e classes pobres; estradas de ferro; reforma judiciaria; arrecadação de impostos; reforma do ensino primario, secundario e superior; aposentação de magistrados; juramento parlamentar e de doutores e bachareis; emissão de bilhetes ao portador; repartições de meteorologia, correios e telegraphos; museus; engenhos centraes; policia; guarda nacional; theatro; imprensa; emprestimos internos e externos; conservatorio de musica; recolhimento do papel-moeda; propriedade literaria e artistica; bancos de capital metallico; assistencia publica; melhoramentos de portos; reorganização do exercito e da armada; alistamento, instrucção, educação, promoções, obras militares.

Isto, sem falar nas discussões das interpellações e requerimentos, na de resposta á fala do throno, na de fixação annual das forças de terra e mar, na do orçamento de cada ministerio, na da receita geral, — discussões a proposito das quaes se agitavam idéas e se propunham medidas,—não raro effectuadas, — acerca de todos os ramos da actividade social.

Nestas condições, creio que não serão destituidas de interesse algumas notas sobre as pessoas com quem privei e os acontecimentos em que intervim.

Não passam de rapidas e despretenciosas impressões pessoaes.

Digitized by Google

Publico-as na esperança de que talvez forneçam ao historiador futuro certos traços para a physionomia da época.

Antes, porém, direi algo sobre a maneira como alcancei o mandato, os meus eleitores e o meu competidor constante nos quatro pleitos.

I

COMO FUI ELEITO

Assacam-me constantemente a pécha de haver sido eleito sem elementos proprios, graças apenas ao prestigio de Meu Pai. Sou apontado como um dos *filhotes*, caracteristicos da corrupção monarchica.

E' verdadeira a primeira parte. O unico protector e chefe que me abriu as portas da carreira politica, foi o Visconde de Ouro Preto. As recommendações de que proveiu o meu ingresso no parlamento, devo-as a elle exclusivamente.

Por si só, independente de qualquer patrocinio e auxilio, ninguem jamais começou a vida publica. Candidatura séria é aquella que foi suggerida ou adoptada por alguma influencia, pelo menos local. Consistem nisso mesmo os chamados elementos: na estima ou confiança que o pretendente inspira a co-religionarios e amigos, os quaes tomam a iniciativa de apresentar ou resolvem suffragar o nome delle. Relativamente a mim, quem tomou essa iniciativa, dispensou-me aquella coadjuvação e patrocinio, quem me deu a mão, em summa, foi Meu Pai.

Onde o mal, si elle me reputava, sem razão, mas sinceramente, possuidor dos necessarios requisitos, si nenhum eleitor violentou, si empregou apenas meios licitos, si, indigitando-me, a ninguem prejudicou ou preteriu?

— Não fôra o amor paterno, sempre suspeito, — contravir-se-á, — e tão cedo não conseguirieis a cadeira.

E' exacto tambem. A posição de Meu Pai que, aliás, na occasião não exercia autoridade, tudo me facilitou.

Digitized by Google

Mas, numa organização essencialmente democratica, qual a do imperio, o facto de usar alguem um nome já illustre, a par de incontestaveis vantagens (e nenhumas superiores ás que me couberam e das quaes me ufano) acarretava embaraços positivos. Regalias e privilegios de nascença só os desfructava a familia do soberano. A todos era licita a concurrencia. Sómente por meio de luta e esforço se triumphava. Ora, contra o descendente de um homem notavel militavam: primeiro, a pesada responsabilidade da tradição, que cumpria zelar e desenvolver; depois, as attitudes de antemão traçadas para com individuos e acontecimentos; em terceiro lugar, os odios, as prevenções, as invejas, a má vontade que, não raro, assaltavam o estreiante, simplesmente porque era filho de seu pai.

Como quer que seja, si o Visconde de Ouro Preto errou indicando-me prematuramente, attenuam-lhe a falta varias circumstancias.

Tempos antes, ainda eu na Faculdade de Direito, offerecera-me espontaneamente o directorio liberal de Ouro Preto um assento na assembléa provincial.

Não tive a meu favor a menor assistencia do governo. Tratava-se, já o disse, do primeiro ensaio da lei Saraiva, ensaio em que o eleitorado gozou de plena liberdade, derrotando dois ministros e fazendo triumphar avultado numero de adversarios do gabinete. Meu Pai serviu-se em proveito meu, pura e simplesmente do seu prestigio individual, adquirido á custa de longos labores e sacrificios.

Como todo o imperio, Minas Geraes fôra dividida em circumscripções eleitoraes de um só deputado, acabando-se com o systema de chapa collectiva. Uma dessas circumscripções ficara composta de comarcas que Meu Pai outr'ora representara, durante o regimen de districtos com tres deputados. Possuia ahi verdadeiras dedicações. Antes de propor-me, offerecera elle a candidatura por aquella zona a diversos correligionarios, que preferiram outras, por desconhecerem as condições partidarias ali creadas pela nova organização e não se animarem a lá ir, attenta a enorme e difficil viagem.

Havia um chefe local com titulos para ser escolhido. Esse, porém, estava incompatibilisado.

Achava-se então no Rio um dos mais sinceros amigos de minha familia, o coronel Gentil José de Castro, valente chefe

Digitized by Google

eleitoral, relacionado em todo o districto, onde contava numerosos parentes. Meu Pai falou-lhe a meu respeito e elle assentiu do melhor grado em me coadjuvar. Como negocios o chamassem ao norte de Minas, convidou-me:

—Venha comigo. Percorreremos juntos o districto. Si encontrarmos disposições favoraveis, voçê se apresentará. No caso contrario, moço como é, prestará serviços, adquirirá amizades que lhe hão de ser uteis mais tarde, habilitando-se para outra vez. Aproveitará, quando menos, visitando immensa e curiosa região da nossa terra.

Seduziu-me a perspectiva da viagem. Partimos. Embarcamos para a capital da Bahia e d'ahi para Belmonte. Ia comnosco em missão profissional, o Dr. Chrockatt de Sá, ex-director da Estrada de Ferro Central. Quasi naufragámos, victimas de violenta tempestade, ao sair daquelle primeiro porto. Arribámos em Ilhéos, tocámos em Canavieiras, subimos o Jequitinhonha, a principio em vapor, depois em canoas. Tomámos animaes em S. Miguel e, após compridas jornadas, chegámos á cidade do Grão Mogol, cabeça do districto.

Perlustrei grande estensão delle, de parochia em parochia, procurando eleitor por eleitor. Nenhum contraira ainda compromissos quanto ao proximo pleito. Simples, chãos, accessiveis, acolheram-me com a affabilidade proverbial dos mineiros, sobretudo no sertão. Realizei em toda parte defezas no jury e conferencias publicas, que me valeram calorosas adhesões. Labutei activamente, angariando amigos decididos que nunca falharam e até hoje se me conservam fieis.

O facto de não me haver eu poupado a incommodos e perigos, viajando centenas de leguas para visitar o districto, coisa que nenhum outro candidato tinha ainda feito, as cartas de Meu Pai, a prestante collaboração do coronel Gentil, que não me deixou, empenhando-se por mim com ardor, produziram effeito decisivo. Posso dizer que conquistei o districto. Ganhei solido terreno a pouco e pouco. Afinal cabalava por mim toda a gente de valor.

Suave e pacifico, sem reclamações ou protestos, correu o escrutinio. Os proprios adversarios me trataram com a maxima deferencia.

Sabido o resultado, regressei ao Rio de Janeiro por terra, atravessando de extremo a extremo Minas Geraes. Não havia imprensa

Digitized by Google

nem telegrapho no districto, de penosas e demoradas communicações com Ouro Preto e a Côrte. Causou, pois, sorpreza a exibição do meu diploma numa das primeiras sessões preparatorias da nova legislatura. Eu tinha pouco mais de 21 annos. Era tão liquido o meu direito, que immediatamente o reconheceram.

Que intensa emoção,—mixto de contentamento, receio, ambição de gloria, desejo de trabalhar, desencantamento,—na hora em que me vi proclamado um dos legisladores do meu paiz!

AFFONSO CELSO

(*Continúa*)

Digitized by Google

AGARENO

III

No espirito que, uma vez, entrou a suspeita fica para o jamais, como um estygma, a duvida. Julião não podia ter socego obcecado por aquella idéa que elle sempre repellia como se repelle uma mosca importuna, ella, porém, tornava: quando elle lia, era nas letras das paginas que encontrava o nome detestado, quando repousava lá vinha ella esvoaçando e o leito parecia murmurar docemente, vozes de deliquio sussurravam tão leves como o leve fremito das azas dum insecto, na rua, eram encontros das pessoas que lhe lembravam o alambicado Mendes, sempre oloroso, diante dos enfermos, nos theatros onde quer que estivesse lá encontraria o mesmo par, satyricamente jungido, aos beijos, em contorsões do mais desenfreado e libidinoso connubio. Emtanto Corina nem sequer á janella apparecia, concentrando-se monasticamente, recebendo apenas, de longe em longe, Ignezinha, a gárrula Ignezinha cujas gargalhadas vibravam em toda a casa, num timbre juvenil, muito crystallino, despertando o silencio daquelles cantos, pondo uma nota jucunda na taciturnidade melancolica da casa.

O mesmo Paulo, como suggestionado, pouco rumor fazia; os creados ciciavam, se caía um objecto a casa estremecia como sobresaltada com o ruido; só os canarios indifferentes trinavam saltando quando o sol lhes dourava as estreitas prisões por entre as grades das quaes elles olhavam nostalgicamente as ramadas de

---

Veja a *Revista* de 1 junho, 1 e 15 de julho, 15 de outubro, 1 de novembro e 1 de dezembro de 1896.

Digitized by Google

madresilvas que forravam viçosamente os muros, os crotons dos canteiros, os tinhorões, as begonias e as palmeirinhas que viviam comprimidas nas tinas, dispostas em fila, ao longo da entrada, mas Ignezinha, sempre acalorada, escancarava as janellas para que o ar entrasse, sentava-se ao piano, corria escalas depois, convidando Corina repassavam musicas estacando ás vezes, num accesso de riso, por se haverem encontrado as mãos ou porque falhára uma nota no teclado endurecido pela humidade e pela falta de exercicio.

Si Julião ouvia as gargalhadas detinha-se e entrava a procurar uma explicação para aquella ruidosa alegria tão expansiva, pendendo sempre arrastado pela idéa que o avassalava, para a malicia e, quando Corina, tendo acompanhado a amiga até á porta subia ao gabinete conduzindo o Paulo pela mão, elle interrogava-a : — Porque estavas a rir ? — Não era eu, era Ignezinha. Elle fazia um mômo e, meneando com a cabeça tomava, ao accaso, um livro e sentava-se. — Já estás zangado...—Não, não estou zongado mas... essas gargalhadas com as janellas abertas... não acho decente. Não é por mim, mas tu bem sabes que, no Rio de Janeiro a maledicencia nada poupa. Eu ainda vinha longe e já ouvia as tuas gargalhadas.— Não era eu, Julião... — Ora ! não eras tu... Mas quem mora aqui ? — Queres, então, que eu me opponha ao riso das minhas amigas ? Hei-de agora dizer-lhes : ri mais baixo por isto ou por aquillo. Que tenho eu com os visinhos ? Que podem elles dizer de mim ?— Pois sim, pois sim mas essa amizade... — Ah ! já sei : não queres que Ignezinha venha cá, não é ? Mas eu hei de viver isolada, Julião ? queres que eu fique nesta casa como uma criminosa ? Afinal a solidão aborrece ; olha, eu estou emmagrecendo, nada me falta mas comprehendes que não se póde viver como eu vivo encerrada e calada. Não sei que mania é essa. Na roça, ao menos, eu tinha com quem conversar, aqui, si te procuro, vens sempre com o trabalho—que vais fazer isto ou aquillo ou então que estás cançado ; e eu que viva calada e feliz, ensurdecendo os passos para não interromper o teu somno ou os teus estudos. Não sei porque antipathisas com Ignezinha, tão boa menina. E' alegre, tem aquelle genio mas nada se allega contra a sua moral, pelo menos eu nunca ouvi e todavia, como dizes, a maledicencia nada poupa. E' a amiga que me procura porque as outras a pretexto de que as não visito, aqui não apparecem...—Pois sim... e arrependido, dando intimamente razão á mulher, fugia á discussão : — Que tocavam

Digitized by Google

vocês?—A symphonia do *Tannhauser*... O Paulo intromettia-se então, subia ao sofá, sentava-se junto do pai, affagava o, contava-lhe proezas e, por momentos, a alegria visitava a alma agitada do medico.

Um incidente veiu abalar a vida morna do casal. Estavam uma manhan á mesa do almoço quando a campainha retiniu violentamente. O porteiro correu ao portão e voltou com uma carta tarjada. Corina deixou o talher emquanto Julião rasgava o enveloppe e pela mudança repentina da physionomia do marido comprehendeu que se tratava de alguma coisa grave. — Pobre Amancio! suspirou Julião passando á carta a mulher — Que é? perguntou ella anciosa — Adelaide... — Morreu?! Elle accenou affirmativamente retomando o talher.—Tambem... coitadinha! Só então leu as poucas palavras do bilhete: « Meu caro Julião. Foi-se a minha pobre Adelaide; á meia-noite e 20. Enterra-se hoje á tarde, aqui mesmo. *Amancio.*» Coitada da Adelaide! Tambem de que lhe servia a vida naquelle estado? — Tu deves ir para lá, Corina... — Sim, vou. Vens commigo? — Não, tenho ainda algumas voltas a dar; vou depois. Manda vir um carro e vai com o Paulo; eu lá estarei a hora do enterro. Pobre Adelaide!

Terminaram o almoço ás pressas, era quasi meio-dia: Corina subiu para vestir-se e Julião mandou o copeiro á cocheira tomar um carro. Quando Corina desceu de preto, um veusinho no rosto, calçando as luvas, Julião mirou-a vagarosamente. — Estou bem? — Estás... Ella sorriu com os olhos nelle. — Que é? — Estou muito desconfiada de uma coisa... disse num tom mysterioso abotoando a luva. — Tu? — Ha quasi mez e meio, meu amigo... Elle fitou-a. Eu gosto bem, ao menos terei companhia... — Companhia... pois não está ahi o Paulo? Só depois de algum tempo ella disse: — Ah! sim... O Paulo acompanhado pela criada, já prompto, descia a escada chalrando, trazendo a bengala de Julião de rasto a bater de degrau em degrau. — Mas desconfias? perguntou Julião, voltando ao assumpto. — Não desconfio, tenho certeza. O carro parou á porta. — Vai! disse Julião. — Manda levar algumas flores e uma corôa, disse ella. — Sim... Beijou o Paulo, tomou-lhe a bengala e saiu ao jardim onde ficou de pé até que o carro partiu. Subiu, então, para o gabinete vendo, porém, a porta do quarto aberta, entrou.

Corina deixára tudo em desordem: havia roupas pelo chão: uma saia, a camisa, meias, sobre o respaldo da poltrona a *matinèe*; um

Digitized by Google

dos sapatinhos estava emborcado, virou-o com o pé. Sobre a cama caixas de chapéus abertas, lenços, uma velha luva gris-perle, manchada e secca, encruada, véus amarrotados. No pellêgo fulvo, diante do psyché, uma travessa de tartaruga e a cabeça dum arlequim; apanhou-os. Do guarda-vestidos aberto vinha um aroma antigo, um mixto de perfume de carne e de essencias emanando dos casacos de mangas fôfas, das saias muito escorridas; entre os vestidos lá estava ainda, muito alvo, com algumas flores de larangeira, o de noivado. Elle tocou-o, voltou-o no cabide de repente, porém, lembrando-se da frase de Corina caminhou até a janella, debruçou-se, alongando os olhos pela montanha talhada a pique, núa, escalavrada.

Hervas escorriam pela rampa, algumas salteadas de flores amarellas, depois era o planalto orlado do mato; avultando dentre as moitas palmeiras esguias pareciam querer agarrar, no espaço, as aves que passavam em vôos rapidos; mais longe, fugindo ao precipicio, o casario — aqui um telhado quasi sumido entre a vegetação, além um chalet desimpedido, muito alto, com uma agulha affrontando o céu — cercados com latadas verdes, um renque de casas em amphitheatro, muito brancas, offuscando a vista ao sol e as chaminés subindo, na mesma linha, como os tubos duma flauta de Pan.

Mais embaixo, na base da montanha, os fundos das casas vizinhas, os quintaes, alguns ajardinados, outros em mato, com touceiras de bananeiras em cujas raizes havia montes de lixo e gallinhas ciscavam cacarejando, tanques de lavagem, cordas brancas de linho que seccavam e, trepada na pedra, chamando a cria que ia aos saltos pelas chanfraduras da rocha, buscando pasto, uma cabra malhada berrava e, de todas as casas, acima dos telhados vermelhos as chaminés, negras e reluzentes, fumegavam. Um gato, deitado no pignon, duma casa lambia as patas e, no carvalho do quintal vizinho, velho carvalho emigrado que mirrava saudoso dos seus invernos uma camaxirra chilreava e abelhas zumbiam em torno dos ramos fataes da herva de passarinho que ia aos poucos sugando a seiva do gigante que vivia acabrunhado e triste fustigado pelo sol do paiz do exilio, elle acostumado ás neves, pobre carvalho de França que um emigrado trouxera, pequenino ainda, arrancando á floresta nativa para que elle tanto soffresse dos sóes e das hervas más do paiz ardente. Pobre carvalho de França! Pobre carvalho de França!

Digitized by Google

Julião olhava, mas sem attenção, vagamente, pensando: «Estou muito desconfiado de uma coisa... » Seria verdade? estaria ella gravida? Então era innocente... sim, era innocente porque se ella houvesse prevaricado por certo que não lhe daria a noticia com tanta antecedencia e procuraria esconder, tanto quanto lhe fosse possivel, a prova do seu crime. Sim, a prova, aquella criança apenas annunciada lhe havia de dizer a verdade. O Paulo, esse sim, era seu filho, tinha todos os seus traços, até signaes herdara, esse sim... mas o outro? Ao mesmo tempo a revolta sacudia-o: — Mas porque havia de infamar a esposa com aquella suspeita? porque? Foi até um dos angulos do quarto contemplar o retrato de Cerina, e olhou-o enternecido.

Era bem ella, já moça, com os cabellos soltos, os seus lindos cabellos dourados, sorrindo; o fundo era uma relva. Era bem ella, duma belleza casta mas tão seductora... com aquelles olhos quebrantados, com aquelles labios semi-abertos, com aquelle vigor de carne e de sangue, era bem ella a que elle via sorrir a Cassio Mendes. Suspirou, e ouvindo soar um relogio lembrou-se dos clientes e da infeliz Adelaide. Pobre Adelaide! Uma cigarra cantou escondida entre os ramos do carvalho. Pobre Adelaide!

Ah! aquella sim, passara pelo mundo purissimamente sem desejar, sem despertar um desejo. Quem poderia pensar naquelle rosto de cera, magro, cavado e livido? naquelles olhos amortecidos, naquella bocca descorada, naquelle corpo entrevado e sem carnes, callejado pelos duros leitos, mas a pobresinha, teria, na sua solidão, ignorado o amor? ah! não, por certo, algumas vezes o sol ia até ao seu travesseiro, dourava o seu leito casto e de soffrimento, aquecia-lhe os cabellos, reanimava-lhe o sangue, chegavam á sua prisão os cantos alegres dos passarinhos, o aroma das flores abertas, a vida entrava em bafagens pelo seu quarto melancolico e ella estremecia ignorante. Quantas vezes ouvia o lento rodar de carruagens e a voz da mãi annunciando: «E' um casamento!» e ella ficava inerte a ouvir o rumor da bôda que se perdia pouco a pouco, fugindo para onde? para a ventura ineffavel do amor, para a felicidade suprema. O' sonho nupcial! e o seu coraçãosinho orphão batia como uma avesita presa que ouve de fóra o reclamo da primavera, o canto dos outros passaros livres voando ao sol, aos pares, na maravilha da luz, na alegria do amor, para as florestas cheirosas

Digitized by Google

onde os ninhos macios, feitos com a lanugem dos algodoeiros, com as folhas das madresilvas, com os gravetos cheirosos, esperam o alado hyminêo abençoado pelo sol num ramo de velha arvore florida. Ah! ella bem sentia o coração, ella bem desejava mas... Pobre Adelaide!

O enterro devia sair á tarde, não tinha tempo a perder; mandou buscar um tilbury. Pobre Adelaide! Vais emfim deixar o leito, já te preparam outro, muito frio, á sombra triste de desolados cyprestes... Vais deixar o leito — abrem-te a prisão, soltam-te, pobresinha... Pobre Adelaide! Ainda assim foste feliz, ah! bem feliz porque nunca amaste.

Prompto, cofiou os bigodes, passou a escova nos hombros e, quando o copeiro appareceu annunciando que o tilbury estava á porta, desceu apressadamente recommendando — que arranjassem o quarto e o seu gabinete.

COELHO NETTO

(*Continúa*)

Digitized by Google

O POSITIVISMO E O ENSINO OFFICIAL

II

Demonstrado, como ficou, que não se apoiam de modo algum nas idéas de Augusto Comte os projectos de abandono do ensino por parte do Estado, vamos analysal-os agora em face das nossas condições e necessidades sociaes. E pela sua reprovação, affirmamos desde já, ha de ser o resultado desse exame.

Observação propria a endereçar-nos o entendimento no assumpto é esta: como um fim nenhuma importancia tem o cultivo da sciencia. Pelas suas applicações, já no concernente ás modificações do mundo, já no tocante ás modificações da sociedade e do homem, é que ella vale. E' pondo-se ao serviço da actividade na coordenação das leis, donde as formulas convenientes á industria; é servindo á technica exigida pelo desenvolvimento da linguagem (arte e lingua propriamente dita); é systematizando para a formulação das regras uteis no exercicio da acção politica; é finalmente fazendo a theoria matriz dos preceitos da moral pratica, que a sciencia justifica o seu cultivo.

Perguntar-se agora si o Estado póde um dia despreoccupar-se do desenvolvimento scientifico, é inquirir si lhe são indifferentes a energia, direcção e sentido do movimento industrial; si lhe não merece apreço a evolução esthetica; si não julga importante o conhecimento da constituição social, base da constituição politica; si lhe parece de somenos importancia o systema de educação moral.

Veja a *Revista* de 1 de dezembro de 95 e 1 de janeiro.

Digitized by Google

Encarada assim a questão, já se começa a presentir quanto erra o Estado que abre mão do ensino, para deixal-o á mercê de emprezas mercantis, guiadas unicamente pelo interesse pecuniario. Um paiz que precisa proteger a industria, que deve soccorrer a arte, não póde abandonar a direcção do movimento scientifico.

Como indispensavel meio indirecto de subsidiar a expansão da actividade e de acoroçoar a irradiação esthetica, factores de maxima importancia na evolução social, ha de necessariamente proteger a sciencia. Será possivel admittir-se um movimento scientifico espontaneo em um paiz que não tem industria para estimulal-o, pedindo-lhe as regras praticas? Em um paiz no qual os capitaes não procuram o trabalho mesmo em tratando-se das explorações mais conhecidas e rendosas, sem a promessa de gordos juros? Não, de certo.

O capital que não corre para a construcção de uma via ferrea sem juros garantidos, que não procura a lavoura por consideral-a incapaz de grande interesse em pouco tempo, ha de certamente ter altas diligencias para pôr-se ao serviço da instrucção scientifica. Dado que com o capital e juros convenientemente garantidos, porque não são palavras que fundam escolas technicas, se constituam as emprezas prra explorar a *industria do ensino*, ha de ficar este mais caro ao Estado e ao cidadão do que o é actualmente, ficando tambem peior. Si as actuaes taxas de matriculas e de exames representam uma pequena parcella que muito longe fica do total necessario a cobrir as despezas annuaes com o custeio dos estabelecimentos de instrucção, e si, portanto, nada valem no pagamento dos juros dos capitaes empregados, estabelecido o regimen industrial, claro se vê, de parceria hão de pagar, o cidadão e o Estado, esse custeio e esse juro. Ensino sómente para os abastados será esse então: só os argentarios poderão compral-o.

Bello regimen democratico! Bello ideal de Republica esse onde a instrucção é mercantilizada. *Ensino vendido, ensino fingido*, é a formula que a inducção permitte-nos construir desde já, para caracterizar os resultados que hão de provir de similhante pratica. O lucro da empreza ha de depender de varias circumstancias; funcção sómente do numero de freguezes não será de certo.

Em verdade: garantido o juro do capital pelo Estado, haverá conveniencia em augmental-o além das necessidades reaes (pensamos

Digitized by Google

que os emprezarios da venda do ensino não serão neste mister mais escrupulosos que os das estradas de ferro, etc.); assegurada a renda do capital fixado, chega o momento de economizar e por isso o menos possivel deve ser despendido na obtenção do material e na retribuição pecuniaria do professorado; não se podendo fazer abatimento no preço dos diplomas far-se-á no tempo do estudo, condição indispensavel para chamar a freguezia.

Nestas circumstancias estará a empreza constituida sobre solida base, e será promissoria de um gordo dividendo. Em compensação, será escasso o material do ensino; funccionará mal o apparelho; exigirá pouco o programma, ensinará menos o professor e o curso far-se-á rapido. Resultado: compra de um diploma, porventura pomposo, significando pouco. E neste commercio de diplomas por muito entrará a inexperiencia da juventude, e cada vez mais se corromperá o caracter nacional.

Fustigada por essa desigualdade, via da qual só o abastado poderá comprar o pergaminho de habilitações não adquiridas, perguntará a sociedade ao governo o que faz dos impostos que lhe cobra; os quaes não concorrem para que se lhe dê esse alimento indispensavel — o pão do espirito. Estará sufficientemente desmoralizado o ensino para irem procural-o fóra da Patria aquelles que tendo meios, quizerem-no effectivamente: poderão tel-o melhor e por menos.

Tal é, a rapidos traços, o quadro do futuro que nos aguarda, caso prevaleçam essas fantasias que admittem a educação intellectual, feita objecto de commercio, afastada della a intervenção do Estado.

A concepção de Augusto Comte a respeito do ensino é profundamente san: ensino primario no lar domestico, pela mãi de familia, e depois publico e gratuito, por uma classe de homens reunindo todas as condições da maior competencia intellectual e moral, é no que se resume. Esta classe constitue o sacerdocio positivo, emanado da mais solida sciencia e da mais conspicua philosophia, e inspirado por uma synthese que tira da humanidade a sua origem e que faz para esta tudo convergir no desenvolvimento da religião. Este sacerdocio não vende lições, nem livros, nem diplomas.

Similhante ideal, porém, está longe de poder ser attingido; só tornar-se-á realidade para o nucleo social que houver chegado

Digitized by Google

ao seu estado adulto. Emquanto não chega um tal estado normal, que parece ainda bem distante contra as previsões, que falharam, do proprio Augusto Comte, como já vimos, é preciso aproveitar do melhor modo as forças sociaes. E foi neste sentido que legislou o grande philosopho. Na época da transição organica por elle definida, como não está ainda preparada a sociedade, faltando-lhe, sobretudo, o sacerdocio definitivamente constituido, é a dictadura empirica, de combinação com o sacerdocio nascente quem dirige o ensino.

Já vimos como se enganou Augusto Comte quanto ao advento desta transição organica em França, povo director, e por mais que estendamos os olhos pelo circulo do horizonte, nada podemos lobrigar que se pareça com ella entre nós; afigura-se-nos, pelo contrario, reparando bem, que um estado metaphysico, nunciativo de que ainda vem bem longe essa transição, é o nosso caracteristico. Ora, antes dessa época, quando é nulla a influencia do sacerdocio positivo, e tanto que não póde elle auxiliar a dictadura no mister da instrucção, pueril é pensar que possa e deva o Estado largar a direcção do ensino. Augusto Comte que faz com profunda sabedoria a historia de toda a evolução humana, nunca censurou povo algum por ter durante as suas phases de infancia e adolescencia, deixado nas mãos do orgam director o problema do ensino.

Governar e administar são duas funcções distinctas; uma cabe permanentemente ao Estado, a outra só provisoriamente. E sem uma doutrina directora não se governa: teve-a sempre o Estado por toda a parte, o deve têl-a continuamente, vindo a ser consubstanciado, de futuro, só no poder espiritual, um dos orgãos fundamentaes do governo da sociedade. E a contradicção dos thuriferarios dos diplomas de *tibi-quoque*, vai a ponto de propôr que o Estado, abandonando o ensino superior, ao qual ha de achar-se sempre ligada a doutrina directora, continue a ser administrador mesmo nos serviços que mais eloquentemente estão pedindo uma gerencia particular. Muito podem obscurecer a razão as praxes oriundas de impulsos inconfessaveis!

A sciencia não vale como um fim, ella vale como um meio; tal é nitidamente formulada a concepção que nos está guiando, della dimanam as considerações expendidas, nella originam-se as que vão seguir-se. Desde a arte que se constitue industria até

Digitized by Google

aquella que modifica o homem, passando pela que traduz o bello, a tudo serve a sciencia; é esse o seu destino glorioso.

E não precisaremos nós desenvolver a industria? Demonstrar que está ella a pedir impulso, a reclamar auxilio, a exigir direcção, parece-nos ocioso neste momento em que as perturbações economicas estão a bradar-nos que não só a politicagem e falta de confiança na estabilidade das instituições e no criterio dos governantes são factores do nosso mal, mas tambem a falta de riqueza avaliada.

E não precisará o Estado proteger as bellas artes? Pensal-o é não observar que a verdadeira arte, aquella que tem ideal, não encontra ainda entre nós elementos de prosperidade, já devido á falta de publico para aprecial-a, já devido á falta de tradições e estabilidade dos costumes para inspirarem-n'a, é não saber que o desenvolvimento social e a cultura do sentimento para melhoria da alma estão dependendo da evolução esthetica.

E não precisará de esclarecimentos a arte politica? Como? Se neste dominio é tudo empirico! Mostram-nos os factos quotidianos: desde o cidadão que conspira nas trevas contra a autoridade constituida, até o parlamentar que se arregimenta no partido desertando da Patria, desde o ministro do governo que, não comprehendendo os phenomenos sociaes no meio dos quaes se agita, vai procurar as soluções dos problemas correspondentes lá onde ellas não existem, e que pedindo conselhos aos mesmos que lhe deviam parecer suspeitos, faz-lhes comprehender nada poderem esperar de sua administração, visto a carencia de concepções directoras donde resulte o traçado de uma segura norma de conducta, até os corpos collectivos, que suppondo a constituição politica producto da imaginação, sem nenhuma subordinação á constituição social da qual deve ser entretanto representação, mais ou menos aproximada, sacam a favor do individuo e contra a sociedade nas regras que estabelecem com o pomposo titulo de leis; desde o chefe politico que espera dos decretos aquillo que só os costumes podem dar, que sem criterio seguro institue hoje, para eliminar amanhan, até o chefe do Estado que vai buscar apoio nas maiorias parlamentares quando no culto da lei escripta deve enxergar as condições da sancção moral de que carece, tudo é empirico.

E não precisará a educação do individuo de sãos preceitos que o edifiquem no amor da Patria, na importancia do cumprimento do

Digitized by Google

dever e da submissão a lei ? Acredital-o é ignorar a importancia do cidadão, o qual representa, a cada instante, um certo numero de forças da collectividade; é não sabel-o investido sempre numa funcção social, cujo completo desempenho requer condições de independencia e de concurso.

E a sciencia é *substractum* onde vão a actividade, a intelligencia e o sentimento humanos haurir elementos para o seu desenvolvimento e cultivo.

Quer dizer que, recebendo toda a evolução humana o subsidio da sciencia, não póde deixar de achar-se adstricto á mesma condição o progresso de cada Patria.

Tratar, pois, com todo o criterio do desenvolvimento scientifico, é obrigação que se impõe ao Estado, seja elle qual fôr. Ao seu orgão director, portanto, o governo, e não a outro, deve competir a superintendencia do ensino.

Ora, o governo compõe-se de dois poderes fundamentaes e distinctos cujo concurso dá em resultado a direcção social. Naquelle estado normal concebido por Augusto Comte certamente ainda bem afastado da actualidade, residindo esses dois poderes em orgãos diversos e independentes, comprehende-se que o espiritual dirija a alma, que o temporal dirija a acção. Isso será, porém então, quando cada um desses poderes, encontrando já no organismo social as bases da sua existencia autonoma, tiver a clara comprehensão do seu destino.

Mas antes ? No presente ? Entre nós ? Quanto é diverso o caso ! Os dois poderes fundamentaes existem, não ha duvida, si derivam elles da propria natureza humana, claro é que seja qual fôr o povo considerado, seja qual fôr o seu desenvolvimento, a analyse das forças sociaes ha de encontral-os sempre.

Forçoso é porém, saber em que condições se realiza a sua existencia. São representados por orgãos distinctos e independentes comprehendendo nitidamente as suas funcções? Não; nunca foi assim, embora a tentativa empirica da idade média, embora o caracter espiritual pronunciado das theorias primitivas.

Tem existido e existem mais ou menos confundidas nos mesmos orgãos; tem governado e governam, mais ou menos cegamente, a sociedade. Entre nós, onde estão elles ? Será o executivo esse falado poder temporal ? Não ha duvida que representa elle o elemento

Digitized by Google

temporal do governo, mas reveste-se tambem do caracter espiritual na sua funcção legislativa, já pregando doutrinas por sua propria conta, já collaborando com o congresso na confecção das leis pela sancção e pelo veto.

Representará o Congresso esse tão decantado poder espiritual? Ha ahi alguma coisa delle, pois que essas corporações devem concretizar as forças intellectual e moral da sociedade; mas, por varios caracteres se manifesta tambem a sua natureza temporal. O modo da sua instituição pela força material, que outra coisa não representa o suffragio, sirva este a riqueza, como em geral acontece sob impulsos dos baixos instinctos ou seja inspirado nos mais alevantados ideaes; o processo para o estabelecimento das suas conclusões, o qual depende ainda da força material do numero, visto que o voto não vale pelas qualidades pessoaes dos seus representantes, mas unicamente como unidade, tendo na occasião da contagem das cabeças tanto valor a de um José Bonifacio, como a de um barão de Cayapó; o caracter imperativo que reveste os seus decretos: taes são as maneiras diversas pelas quaes se affirmam as qualidades temporaes do legislativo.

E o poder judiciario? Formulando sentenças cuja execução é obrigatoria, manifesta o seu caracter temporal; mas, interpretando os differentes casos incidentes no dominio da sua alçada, contempla, medita, julga, exprime e affirma assim o seu caracter tambem espiritual: mixto como os outros dois, é igualmente este poder.

O nosso governo, pois, representado pelo concurso dos poderes publicos, é constituido pela combinação daquellas duas forças espiritual e temporal, como são, como têm sido, como serão todos os governos em todos os tempos e em todos os lugares.

Si essas duas forças, portanto, entraram, entram e entrarão sempre na constituição de cada governo, e si o ideal é que residam em orgãos distinctos e independentes, a realidade é que nunca deixaram de estar mais ou menos confundidas nos mesmos funccionarios sociaes. Outros elementos espirituaes temos nós ainda que merecem ponderação: a imprensa, as congregações religiosas e as corporações do ensino estão neste caso. Não se póde, porém, dizer que satisfaçam as condições de um poder espiritual capaz de esclarecer sufficientemente a sociedade e o governo (já reconhecido mixto): falta-lhes homogeneidade; falta-lhes uma doutrina geral

Digitized by Google

uniformemente aceita, indicando-lhes o ponto de convergencia dos esforços.

Si não existe, pois, um poder espiritual independente, systematicamente organizado, e capaz de esclarecer o temporal, si a direcção da sociedade resulta sempre do concurso desses dois poderes fundamentaes e si elles já se acham combinados no governo mixto, claro fica que a este compete por inteiro a funcção directora. Só quem está cego não o vê. Ora, sendo a direcção do ensino um assumpto de maxima importancia,segue-se que abandonar o governo actualmente esta funcção, é trair a sociedade da qual é orgão.

Não é largar mão do problema do ensino, o que compete actualmente aos governantes; é acoroçoal-o, é impulsional-o.

E como? Por um lado, mantendo, provendo, melhorando os estabelecimentos de ensino, e mesmo creando-os, e por outro, protegendo tambem efficazmente todo o impulso particular que vá surgindo no sentido da instrucção. *Surge et ambula* deve ser o cumprimento do governo a todas as instituições particulares que se forem organizando com o fim de ensinar.

Esta protecção, porém, não ha de ser uma invasão: reconhecimento da sua existencia; auxilio da força material para mantêl-as quando fôr mister; vigilancia geral para evitar o escandalo e o abuso divergentes do interesse geral, é no que deve consistir.

Tornar semi-officiaes os estabelecimentos de ensino particular, pela imposição de programmas e de methodos em troca de privilegios, isso não; mas permittir a livre concurrencia dos respectivos diplomados com os portadores dos diplomas officiaes ou com os que porventura não apresentem titulo algum, isso sim.

Fundam-se escolas de engenharia, fundam-se escolas de medicina, fundam-se escolas de direito, fundam-se escolas de bellas artes, muito bem. Concorram os diplomados officiaes nessas disciplinas com os particulares e prove a saciedade, pela preferencia, qual o melhor instituto; e quando o particular se houver tanto desenvolvido, que falta não faça o publico, possa ser este supprimido. Esta é que é a verdadeira doutrina; esta é que é a applicação das leis fundamentaes reguladoras dos phenomenos sociaes.

Ensino, ensino é do que mais carece o Brazil. Diligencie o Estado, movam-se os particulares para satisfazer a este mister e

Digitized by Google

servirão a sociedade um e outro. Tornar o ensino accessivel ao maior numero, é necessidade urgente. Que sirvam os pesados impostos, pagos pela população, não só para despezas negativas, mas tambem para que se diffunda gratuitamente a instrucção pela Republica. Ninguem se illuda; nós precisamos até de ensino obrigatorio, o Brazil é no geral analphabetico. Desde que a doutrina e a philosophia do particular não são superiores a do Estado, sendo em geral inferiores, não ha inconveniente na obrigatoriedade do ensino primario: ha pelo contrario, vantagem.

Brada-se, mas é um despotismo do Estado obrigar o cidadão a mandar o seu filho a escola. Seja, mas ao Estado são permittidos todos os despotismos que satisfaçam ao interesse geral da sociedade.

Não se aceita o despotismo no Estado cobrando impostos e obrigando ao serviço militar? E porque? Porque isto se faz para attender á melhoria social e a defeza da Patria.

Pois tornar obrigatoria a primeira instrucção é um dever do Estado que se faz orgão da sociedade, visto que corresponde isso a proporcionar o desenvolvimento das forças sociaes, de onde resultarão as melhorias da Patria.

A unica restricção que encontramos para esta doutrina, está no caso figurado de ser o ensino do Estado inferior ao particular.

Não é, porém, a nossa situação. O ensino particular é quasi nullo, e quando se faz alguma coisa, em nada é superior ao publico. Além disso, muito grande é a taxa dos analphabetos em nossa população, taxa que manter-se-á ainda por longo tempo si não houver efficaz intervenção official.

Estudo interessantissimo a fazer-se agora seria a analyse do nosso estado mental e moral; dos factores que o têm determinado, das instituições de ensino existentes e das reformas necessarias.

Assumpto, porém, é este para longos desenvolvimentos que não cabem neste escripto.

Acha-se assim terminada a segunda parte do nosso trabalho, a qual consistiu, no fundo, em demonstrar:

1.º Que o Estado não deve abandonar a direcção do ensino superior.

2.º Que si isso fizesse, ficaria a instrucção muito mais cara do que é actualmente e, além disso, peior.

Digitized by Google

3.º Que deve o Estado procurar desenvolver o ensino tornando-o accessivel ao maior numero de individuos.

4.º Que a liberdade de ensino a instituir consiste no apoio ao franco desenvolvimento da instrucção pelos estabelecimentos particulares, dando aos diplomas correspondentes, o mesmo valor que aos officiaes, de maneira a permittir o realce do verdadeiro merecimento, como consequencia do concurso na sociedade.

5.º Finalmente que, attento o nosso atrazo mental, além de gratuita, obrigatoria deve ser a instrucção primaria.

LICINIO CARDOSO

Digitized by Google

O CEARA' LITERARIO

I

PRIMEIRA PHASE

(1824—69)

Propondo-nos a historiar rapidamente nestas linhas a vida intellectual do Ceará, desde as suas primeiras manifestações, limitar-nos-emos a accentuar sómente aquellas que concorreram para a formação do nosso meio, desprezando os elementos que, oriundos d'aqui, se desenvolveram em outros centros para onde se transportaram em estado embryonario. Não podemos, com effeito, incluir neste estudo o nome de escriptores a quem o nosso torrão foi berço mas cuja carreira literaria se iniciou e frutificou em outros pontos do paiz. Reverte para a nossa terra a gloria que porventura lhes aureole o nome, mas certo não poderemos levar em conta os seus trabalhos quando tratamos de dar um balanço aos haveres que constituem o nosso capital literario. Si esses escriptores nos pertencem por direito de nascimento, as suas obras só têm para o fim do nosso estudo o valor estimativo que lhes dá a convenção de origem e não devem entrar no computo das forças que determinaram a constituição e desenvolvimento do nosso meio. Não serão pois contemplados na galeria de vultos que vamos destacar José de Alencar, Clovis Bevilaqua e muitos outros nas condições acima apontadas. Por outro lado, cumpre mencionarmos escriptores que, filhos de outras zonas, aqui exerceram a sua actividade, concorrendo com o

Digitized by Google

seu talento para a expansão da nossa vida literaria. Dito isto, relanceemos um olhar retrospectivo sobre a intellectualidade cearense.

E' de hontem o nosso passado e alheio portanto aos complexos movimentos espirituaes que se operaram durante os dois primeiros seculos da descoberta nas regiões onde primeiro se assentaram as tendas da civilização européa. Terra desprezada pelos colonizadores, que por vezes pagaram bem caro a ousadia de enfrentarem a sua implacavel natureza, o Ceará só conseguiu iniciar o seu definitivo povoamento nos fins do seculo passado e affirmar sua existencia politica no começo deste.

Dados entretanto os primeiros passos, a marcha não foi mais interrompida, muito embora penosa se tornasse ainda, mal desbravada como estava a rota. As normas politicas e administrativas que nos impunham os descobridores foram vingando lenta mas progressivamente através da violenta e incoherente effervescencia dos heterogeneos elementos ethnicos que a civilização tentava fundir formando a alma de uma nova familia humana. Havia uns pronunciados tons medievaes nas lutas ferozes que ensanguentavam os sertões, por onde vagavam bandos armados que se degladiavam sem outro ideal mais que o dominio pela força bruta.

O periodo de successivos levantamentos que precedeu a independencia, influia pela irradiação sobre o nosso meio composto de uma exigua minoria esclarecida e a grande massa inconsciente, em que o elemento indigena agia como instrumento passivo do proprio anniquilamento.

Por esse tempo já Minas, Bahia e Rio de Janeiro pompeavam uma pujante vida intellectual rematando o cyclo de sua evolução colonial com a fundação das suas *escolas* entre cujos membros se contavam os bellos vultos que são os Homeros da nossa antiguidade literaria. A despeito da oppressiva politica da metropole, a civilização conseguira vingar ali uma brilhante floração de talentos e frutificar em obras que formaram os alicerces da intellectualidade brazilica. Mas o norte percorria ainda a primeira etapa social, fatalmente preenchida pelas lutas politicas em que a individualidade de um povo não se apura e define sem que a sua plethora extravase violentamente em derramamentos de sangue: é o barbaro processo da sangria applicado ás multidões. Ah! o Dr. Sangrado foi sempre

Digitized by Google

e continúa a ser uma providencia efficaz e indispensavel em todos os casos de perturbações sociaes!

No meio de uma fermentação desordenada de successos multiplos terminou o seculo XVIII sem deixar aqui outro documento de vida intellectual mais que a recente creação de algumas escolas primarias, cujos preceptores percebiam dos pais dos alumnos annualmente — um alqueire de farinha por cabeça.

Homens de valor intellectual tinham por vezes presidido os destinos do *Siará-grande*, mas a esses mal chegava o tempo para cuidar dos misteres do seu cargo.

Os jesuitas, com o seu systema de construir de cima para baixo, limitavam-se a infundir no espirito dos indigenas sentimentos religiosos, e nesta tarefa collaborou Antonio Vieira, cujo verbo divino reboou em meiados do seculo XVII pelas quebradas da serra de Ibiapaba, casando-se ao gorgeiar dos passaros selvaticos. A catechese tinha, porém, uma bella acção philanthropica, constituindo um dique ás depredações das autoridades, que reduziam ao captiveiro os naturaes que não estavam protegidos pela assistencia dos jesuitas.

Do aspecto da vida cearense em geral dá uma idéa viva e exacta o relatorio do governador Bernardo de Vasconcellos, documento desencavado dos archivos portuguezes, como tantos outros igualmente preciosos, pelo operoso historiographo cearense Dr. Guilherme Studart e publicado nas suas *Notas para a historia do Ceará*.

« He a capitania do Siará, diz Vasconcellos, bem consideravel pella sua grandeza, como o mostra um mappa circumstanciado que o habil Targine traçou de todo o seu territorio. Pella sua illustração se conhece ser o ar saudavel, o céo sereno, as campinas amenas, serras fertilissimas, rios caudelosos, maiormente na estação das aguas. Os naturaes Tapuias ou Cabôclos (a que vulgarmente chamam Indios) vivendo naquella indolencia, que influe nos seus habitantes os climas ardentes, comtudo são susceptiveis de estimulos, e de condição de obrarem quando um superior sabio e activo lhes inspirar... »

E por ahi a fóra vai o digno homem enumerando com proficiencia e bom senso as condições de vida da capitania, que acha as mais excellentes, sobretudo sob o ponto de vista commercial.

Digitized by Google

Apesar disto fôra sempre a « Capitania do Siará reputada de pequeno interesse e considerada de igual continente ao dos Zimbas e Monomotapas em Africa » e « não merecendo por isso a menor contemplação nem o menor empenho que felicite o seu augmento. » Foi este Vasconcellos, aliás homem intelligente e illustrado mesmo, quem visou e publicou a celebre carta régia « em que muito se recommenda a prisão de um tal barão de *Humboldt*, subdito prussiano e homem perigoso, que viajava o interior da America e do Maranhão sob pretexto de fazer observações scientificas, mas com o fim de tentar, com novas idéas, os subditos de S. M.; excursões estas summamente prejudiciaes aos interesses da corôa. Offerecia-se o premio de 400$ a quem o prendesse! » [1] Isto se passou em 1800; o seculo começava, pois, por um attentado contra a sciencia na pessoa do eminente autor do *Cosmos*, que felizmente não caiu nas malhas da policia colonial.

Sedições, deposições, enforcamentos, morticinios e hecatombes de toda a especie assignalaram o primeiro quartel deste seculo,— phase heroica, cujas tradições não se perderam da memoria do povo cearense, mas desappareceram completamente do seu sangue. J. Brigido assim descreve esses successos em sua *Miscellanea Historica*:

« As acclamações de 1824, saudando a aurora da liberdade, foram hymnos que acabaram em nenias. O patibulo se ergueu a alguns passos das ameias, onde, havia poucas semanas, tinha tremulado a bandeira da republica. Por toda a parte o despotismo surgia mais arrogante, a traição ia cravando o punhal, a audacia e a confiança eram colhidas á mão e sacrificadas pelo medo ou cubiça. »

Nesse meio tumultuoso de que era força legitima e apreciavel, surgiu o primeiro jornalista cearense — o Padre Gonçalo Ignacio de Loyola de Albuquerque Mello, por alcunha—*Mororó*. Foi elle o redactor da nossa primeira gazeta — o *Diario do Governo*, orgão da administração do presidente revolucionario Tristão de Alencar. O *Diario do Governo* encetou a sua publicação — máu prenuncio — a 1º de abril de 1824.

---

[1] J. Brigido, *Resumo chronologico para a historia do Ceará*.

Digitized by Google

Poeta, pregador, latinista, jurisconsulto, botanico e estylista brilhante, o padre Mororó, emulo e amigo de Frei Caneca, pagou com a vida o ardor dos seus ideaes politicos, sendo fusilado a 30 de abril de 1825.

Com a morte de Mororó e seus companheiros, não cessaram os movimentos revolucionarios que se reproduziram ainda durante muitos annos, sendo os mais notaveis os conhecidos pelos nomes de *guerra de Pinto Madeira* e *guerra dos Balaios*. Depois do *Diario do Governo* appareceram successivamente o *Semanario Constitucional*, o *Cearense Jacaúna*, o *Correio da Assembléa Legislativa*, a *Gazeta Cearense*, etc., folhas que serviam de valvula ás terriveis animosidades da época e se tornavam notaveis pelo desbragamento de sua injuriosa linguagem. Esse vicio de origem da imprensa cearense se propagou hereditariamente até os nossos dias e, pelos modos, ella não promette tão cedo depôr as armas da invectiva ferina, da aggressão pessoal insolentemente adjectivada.

Estava implantada a imprensa no Ceará, mas este facto não tinha uma significação apreciavel em prol da nossa intellectualidade, visto como as gazetas eram meros instrumentos do ferrenho partidarismo reinante, de que se originou esta desgraçada politicagem que em todos os tempos envenenou a vida cearense e se tornou tristemente celebre na antiga Côrte.

Com a organização mais regular dos partidos e a fundação do *Pedro II* foi que a imprensa cearense tomou uma feição, sinão mais commedida e séria, pelo menos mais normal e materialmente mais cuidada.

Mais tarde, em 1846, Pompeu fundava o *Cearense*, folha em que se notava um certo progresso, reflectido pelo espirito elevado do seu illustre fundador. A vida literaria propriamente dita continuava, porém, em estado de nebulosa no espirito cearense ao tempo em que Porto Alegre, Magalhães, Gonçalves Dias, Gentil Homem, Seabra, Casemiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Varella e tantos outros enchiam o ambiente nacional com o clangor dos seus versos, e Alencar, Macedo, B. Guimarães, etc., cultivavam sob diversos aspectos o romantismo recemnado.

Intelligencias mediocres ou estragadas pelo partidarismo, como o padre João Ramos e Pedro Pereira, versejavam nas gazetas, este com um certo realce devido ao seu talento de satyrista politico,

Digitized by Google

genero em que se popularizou merecidamente, pois a sua versalhada, mórmente as *Cartas de Braz Pitorra*, tem chiste espontaneo e fórma elegante.

Cumpre-nos destacar entre os personagens da politica a figura curiosissima do padre Verdeixa, o trefego e incendiario redactor da *Liberdade*. A sua historia é uma série infinita de casos comicos, estapafurdios e não raras vezes revoltantes.

Dotado de intelligencia aguda e activissima, ao serviço de um temperamento irrequieto e malevolo, o padre Verdeixa deleitou-se toda a sua vida em tecer os mais imprevistos ardis em que eram apanhados desde o mais alto potentado até o mais humilde plebeu. De indole imminentemente destruidora, elle feria a torto e a direito sem escrupulos nem condescendencias, causando o desespero do proximo e a propria ruina. Os innumeros processos, os ataques de toda a especie e as prisões, nada cohibia a sua natureza diabolica.

Muito soffreu e muito fez soffrer esse Aretino de sotaina, que de tudo zombava em seu scepticismo nihilista. Está por fazer a sua biographia, messe anecdotica dos mais variados e originaes matizes Que se imagine a influencia de similhante homem no meio intolerante e estreito em que viveu!

Os novos partidos politicos, penosamente elevados sobre os destroços de lutas cruentas, batiam-se implacaveis pelo que chamavam suas idéas, arrastando no seu torvellinho todas as boas intelligencias. Nos outros centros nacionaes de organização mais remota cessara havia muito esse periodo de desordenada gestação, e a literatura «que, ao menos no Brazil, parece fugir ás épocas agitadas e ser avessa aos periodos de agitação politica» [1], produzira essas bellas obras raramente igualadas pelos trabalhos da geração actual.

O romantismo, a escola que mais profundamente já se adaptou á nossa indole e, mau grado certos excessos, a unica sob cuja influencia poude a alma brazileira se manifestar viva e pujantemente, libertada do pseudo-classicismo e do amaneirado bucolismo portuguezes, o romantismo, dizemos, começara já a sua optima colheita de Minas ao Maranhão. Mas ao enfrentar a *ponta do Mocuripe* passava ao largo como antigamente o faziam as naus dos exploradores,

[1] José Verissimo, *Estudos Brazileiros*.

Digitized by Google

pouco desejosos de experimentarem a sorte do mal aventurado Pero Coelho...

E isso era natural, porque uma literatura não se improvisa. Resultado de uma cultura intellectual mais ou menos longa, florescencia da abundancia e da paz, como poderiam medrar as letras num solo tão negligentemente arroteado?

Só viemos a ter estabelecimento de instrucção secundaria em 1845, com a fundação do Lyceu Cearense. Todos os estudos de humanidades se faziam antes disto nas capitaes onde havia faculdades, e bem se póde avaliar que poucos pais de familias podiam com taes dispendios. E' dos moços que após os estudos voltavam ao torrão natal se apossava a politica dissolvente e esterilizadora. Não eram muitos estes, porque todo o cearense, por mais sedentario que pareça, tem latente em si a nevrose da peregrinagem.

A' completa absorpção da politica resistiu Pompeu, dando á sua folha uma feição distincta com a publicação de criteriosos estudos sobre climatologia, finanças, estatistica, arboricultura, etc., e imprimindo em 1856 o seu *Compendio de Geographia.*

Justamente a esse tempo regressava do Rio de Janeiro Juvenal Galeno, que ahi havia publicado os *Preludios poeticos*, seu livro de estréa. Pompeu fez-lhe bom acolhimento e poz á sua disposição as columnas do *Cearense*, onde elle collaborou regularmente.

Pelo mesmo tempo começavam tambem a terçar armas Antonio Beserra e José de Barcellos, que redigiram o periodico literario *Estrella* (1857—1859). Neste ultimo anno chegava ao Ceará o já glorioso poeta Gonçalves Dias, como membro da commissão scientifica presidida por Freire Allemão.

Juvenal Galeno travou estreitas relações com elle e lhe mostrou seus versos. Foi por conselhos de Gonçalves Dias que Juvenal se dedicou de preferencia á poesia popular em que tantos triumphos conquistou. O primeiro trabalho que Juvenal publicou depois de sua nova orientação, foi um poema popular bordado sobre a encantadora lenda indigena da *Porangaba.* Em 1861 Juvenal montava uma officina typographica exclusivamente para editar suas obras poeticas. Della sairam em fasciculos de assignaturas as *Lendas e Canções Populares*, que o consagraram definitivamente perante a critica e, mais que isso, perante o publico, que a leu com gosto e a applaudiu com enthusiasmo.

Digitized by Google

A figura de Juvenal enche sosinha o tempo que falta para completar o primeiro dos dois periodos em que dividimos a historia literaria do Ceará.

Fóra delle a unica coisa a accentuar é a publicação de mais dois trabalhos de Pompeu — *Esboço geographico* (1863) e *Geographia geral* (1869).

Felizmente o poeta das *Lendas e Canções* tem valor bastante para encher o grande vasio que se fazia em torno de si e onde apenas se debatiam nas vacillações dos primeiros vôos alguns talentos noveis de mais para que já pudessem fazer sua entrada na alta roda das letras.

Pena é que o nosso eminente Sylvio Roméro, em sua alentada *Historia da Literatura Brazileira*, se tenha occupado do nosso poeta parece que num momento de fadiga, e não haja estudado mais detidamente a sua obra tão bella na sua simplicidade, tão encantadora e imperecivel pelo que nella ha de espontaneo e de sincero.

II

SEGUNDA PHASE

(1870-96)

O que nos induziu a tomar o anno de 1870 para ponto de partida de um novo periodo de vida intellectual do Ceará, foi assignalar elle um acontecimento de caracter excepcional, de significação elevada e effeitos inestimaveis para os nossos destinos literarios.

As questões religiosas que em todos os tempos têm determinado tão importantes movimentos espirituaes, redundando em preciosas colheitas para os celleiros do pensamento humano, exerceram aqui sua acção impulsiva e fecunda no espaço de tempo de que nos occupamos. A luta entre a maçonaria e o clero teve entre nós um poderoso eco e deu lugar ao galhardo levante de alguns espiritos jovens e enthusiasticos que tomaram parte no embate a favor dos primeiros, fundando a brilhante folha—*Fraternidade*. Entre outros, faziam parte dessa bella pleiade Pompeu Filho, Capistrano de Abreu, João Lopes e finalmente Rocha Lima, esse formosissimo talento tão precocemente desapparecido.

Digitized by Google

Felizmente, parece que a questão maçonica teve apenas o caracter de um estimulante para os bravos rapazes, que mais buscaram nella um pretexto para os seus commettimentos intellectuaes. Uma forte emulação se operou de prompto, engrossou-se o grupo dos batalhadores e alargou-se o circulo da sua iniciativa com a fundação de uma escola nocturna para os pobres e operarios e a constituição de um centro de palestras que teve o ironico baptismo popular da *Academia Franceza*.

Entre os novos iniciados viam-se Araripe Junior, França Leite, Mello, Xilderico Farias, etc.

Eis como Capistrano de Abreu fala sobre o grupo da *Fraternidade*: « Era em casa de Rocha Lima que reuniam-se os membros do que chamamos Academia Franceza. Quanta illusão! quanta força! quanta mocidade! França Leite advogava os direitos do comtismo puro e sustentava que o *Système de Politique* era o complemento do *Cours de Philosophie*. Mello descrevia a anatomia do cerebro com a exactidão do sabio e o estro do poeta. Pompeu Filho dissertava sobre a philosophia alleman e sobre a india, citava Laurent e combatia Taine. Varella, o garboso e abnegado paladino, enristava lanças a favor do racionalismo. Araripe Junior encobria com a mascara de Falstaff a alma dolorida de René. Felino falava da Revolução Franceza com o arrebatamento de Camillo Desmoulins. Lopes, ora candente como um raio de sol, ora lobrego como uma noite de Walpurgis, dava azas a seu humor colossal. Por vezes das margens do Amazonas chegava o éco de uma voz, doce como a poesia das aguas sem fim, — a de Xilderico de Farias, hoje para sempre unido no regaço do oceano. » [1]

Por este eloquente trecho se póde avaliar da elevação de espirito desse grupo que inopinadamente se levantava do seio rotineiro e geralmente inculto da sociedade em que se formou — cheio de idéas novas e audaciosas, de sentimentos superiores e de aspirações largas e magnificas. Verdes ainda para a politica, elles guardavam até então aquella pureza de animo tão formosa que nos aureóla quando nos preparamos pelo estudo para as conquistas futuras.

Rocha Lima era o mais joven de todos e entretanto o mais profundo: fadado para morrer cedo, a sua intelligencia tomou um

[1] Prefacio á *Critica e Literatura* de Rocha Lima. — 1878.

Digitized by Google

desenvolvimento extraordinariamente precoce alando-se ousadamente ás mais altas abstracções da critica e da philosophia. Todos os grandes pensadores e artistas de então lhe eram familiares, e nesse superior convivio o seu criterio scientifico assumiu proporções assombrosas para a sua idade e para o meio, como o demonstram os seus trabalhos ora enfeixados com o titulo de *Critica e Literatura.*

Esta obra e a collecção da *Fraternidade* bastaria para consagrar a *Academia Franceza* perante a opinião dos posteros, si della não houvessem saido o erudito escriptor que é hoje Thomaz Pompeu, o brilhante orador e jornalista João Lopes, o eminente critico Araripe Junior, a capacidade encyclopedica e profunda de Capistrano de Abreu, etc., etc.

Este escriptor assim descreve a dissolução da *Academia Franceza* : « Esta existencia em commum durou até principios de 1875. Então uns retiraram-se da provincia ; outros entraram em carreiras e occupações contradictorias com a essencia da Academia ; outros acharam que a comedia se prolongara por demais, e lançaram para longe a mascara a que deviam a introducção no santuario. »

Ficando sosinho, « possuido por um desengano gélido, por uma ataxia devorante » Rocha Lima transferiu-se para o Rio de Janeiro, sempre a estudar encarniçadamente, a ponto de passar as noites inteiras com os pés dentro de uma bacia d'agua para não adormecer, sendo muitas vezes tirado á força da banca pela sua familia, receiosa por sua melindrosa saude. Voltou do Rio em 1877 e em março do anno seguinte falleceu com 23 annos de idade.

São desses ultimos annos a *Lyra Cearense* e *Scenas Populares* de Juvenal Galeno ; *O ninho do beija-flor e Joanna a Marabá* de Araripe Junior, os *Sonhos de moço* de Antonio Bezerra e outras obras de menos importancia.

A primeira dessas duas obras de Araripe Junior, que era então Juiz Municipal de Maranguape, fôra publicada em folhetins na *Constituição*, orgão conservador recentemente fundado, e a segunda editada no Maranhão em 1875. Os *Sonhos de Moço* de Antonio Bezerra, publicados em 1872, são uma collecção de poesias lyricas em que se nota a influencia accentuadissima de Casimiro de Abreu (com quem o autor convivera no Rio), mas repletas comtudo de pujante e vivida inspiração pessoal.

Digitized by Google

Em 1872 fundou o Dr. José Avelino o *Futuro*, folha que se impoz á opinião pelo apuro e commedimento de sua linguagem. Infelizmente — e talvez por isso mesmo — viveu pouco, desapparecendo em 1874.

Floresceu por esse tempo o malfadado poeta Joaquim de Souza que, depois de haver dissipado uma regular herança, poz termo á vida atirando-se ao mar na bahia do Rio de Janeiro. Nas suas producções esparsas se encontra a affirmação de uma intelligencia poderosa mas envenenada pelo *byronismo* que tantas victimas fez na geração romantica do Brazil.

O espaço de 1877—79 é preenchido pela estupenda calamidade da grande secca, que quasi anniquilava de uma vez e para sempre toda a vitalidade cearense. Por um prodigio desta incomprehensivel natureza, a vida material se refez dentro de poucos annos; mas, como essas chagas que saram deixando vestigios eternos, a secca estampou indelevelmente na alma deste povo um estygma de imminentes e multiplas infelicidades.

A musa de Guerra Junqueiro pintou em versos soberbos os infinitos martyrios desses tres annos, e Rodolpho Theophilo os narra com precisão de dados e eloquencia de estylo na sua excellente *Historia da Secca do Ceará*.

Na imprensa de então versejou copiosamente o poeta bohemio Barbosa de Freitas, cujas producções foram ultimamente publicadas em volume por alguns amigos. Talento não vulgar, mas grandemente inculto, elle teve o seu momento de celebridade entre o grosso publico, sempre vencido pelo acre encanto dessas almas entoxicadas pelo ambiente do vicio, desses seres que vivem a vida exaltada e rapida, peculiar aos que se desgarram da senda das convenções. Finou-se no hospital da Misericordia esse que foi o mais genuino bohemio das letras cearenses.

Em 1880 appareceu a *Gazeta do Norte*, folha politica que sob a direcção de Thomaz Pompeu, João Lopes e J. Barcellos, se tornou notavel pelo seu feitio artistico e pelo apuro literario de sua linguagem.

Transferida a outras mãos, ella passou a ser escripta... *comme les autres*.

Seguiu-se a campanha da abolição: — todos sabem o que foi essa epopéa em que o Ceará se cobriu de glorias. Uma forte rajada

Digitized by Google

de altruismo invadiu os espiritos, varrendo todas as positividades interesseiras que constituem o mecanismo da vida pratica.

Foi orgão da propaganda o *Libertador*, jornal redigido com audacia, com independencia e com energia que chegava por vezes á virulencia. Depois das guerras patrioticas do começo do seculo, foi a abolição a unica idéa que agitou profundamente a nossa sociedade e que conseguiu o real e sincero apoio do povo, sempre representado por prepostos a quem aliás não deu procuração bastante...

Similhante cruzada não podia deixar de ter seus bardos, e teve-os em quantidade infinita: toda a gente fez versos naquelle tempo. Mas os tres poetas officiaes do movimento foram Antonio Bezerra, Justiniano de Serpa e Antonio Martins, que reuniram mais tarde as suas peças de propaganda com o titulo de *Tres Lyras*. Oliveira Paiva tambem publicou dois poemetos abolicionistas — *25 de Março* e *Zabellinha*.

Com o advento da libertação não desappareceu o *Libertador*, mas transformou-se em folha noticiosa, mantendo a sua imparcialidade politica, sob a redacção de Marrocos, Serpa e Antonio Martins.

Mais tarde, João Lopes, que chegava do Norte, assumiu a chefia da redacção e dentro em pouco fazia do *Libertador* o mais popular, o mais interessante e ao mesmo tempo o mais bem escripto jornal que o Ceará já possuiu em todas as épocas. Ao redor de João Lopes formou-se rapidamente um circulo de moços de talento que, á margem da politica, deram ao *Libertador* uma feição nova não sómente no Ceará como tambem no norte do Brazil.

Jamais jornal algum se popularizou mais, nem teve sobre o publico uma acção mais forte e sympathica. Qualquer causa, qualquer idéa que o *Libertador* advogasse tinha immediatamente por si o apoio caloroso da opinião. Uma jovialidade desempenada e encantadora auroreava o convivio dos rapazes entre si e as suas relações com o publico.

Os gostos literarios do grupo requeriam porem uma arena mais particular e mais selecta, e assim fundou-se o Club Literario, do qual foi orgão a bella revista — *A Quinzena*. Virgilio Brigido, José Carlos Junior, Oliveira Paiva, Antonio Martins, Juvenal Galeno, Antonio Bezerra, Farias Brito, etc., taes eram as figuras congraçadas por João Lopes, cuja individualidade insinuante e dominadora servia de eixo aos raios dessa brilhante roda.

Digitized by Google

O bom gosto literario desenvolveu-se e apurou-se notavelmente, e os contornos de um *meio*, já debuxados pela *Academia Franceza*, mais nitidos se tornaram sobre o fundo inerte e vulgar da vida provinciana.

A actividade do grupo não se limitava a fornecer materia ao *Libertador* e á *Quinzena* nem se cingia as confabulações scintillantes na salinha do Club Literario, mas irradiava sobre a vida mundana promovendo festividades e commemorações, sugerindo o gosto pelas cousas da intelligencia, dominando nos salões o elemento burguez por um aprumo fidalgo e risonho, pondo emfim, uma nota de Arte e de elegancia moral onde quer que se manifestasse.

Além dos bellos trabalhos que se encontram nas collecções desta revista e daquelle diario, publicaram-se então os *Cantos modernos* de Farias Brito, a *Lyra Sertaneja* do poeta popular pyauhiense H. de Castello Branco, *A afilhada* romance de costumes cearenses por Oliveira Paiva. Embora publicado apenas no rodapé do *Libertador*, destacamos este trabalho por ser uma peça de maior folego e por encontrar-se nelle a revelação flagrante de um delicado talento de observador e de artista.

Parallelamente alguns espiritos laboriosos e investigadores se tomavam de gosto pelos estudos historicos, já iniciados, embora sem muita profundeza, pelo Conselheiro Araripe e Dr. P. Theberge desde 1868. Aos novos campeões abriu caminho J. Brigido com suas chronicas e monographias. A historia cearense começou a ser cuidadosamente documentada e divulgada em livros e nas paginas da *Revista do Instituto*, associação que acabava de fundar-se.

Joakim Catunda publicava os seus proficientes *Estudos da Historia do Ceará*, obra resumida mas traçada com profundeza de vistas scientificas e com esmero de fórma.

João Perdigão, Antonio Bezerra, Paulino Nogueira e Guilherme Studart entregaram-se por sua vez a laboriosas pesquizas de que nos dão conta em successivas publicações. Este ultimo, sobretudo, tem posto em contribuição grandes esforços e cabedaes pecuniarios para a acquisição de documentos de que fez valiosa provisão na Torre do Tombo e em outros archivos portuguezes por occasião de suas viagens á Europa.

E' pois avultada a quantidade de peças preparadas para a construcção do nosso edificio historico: com as biographias,

Digitized by Google

monographias, chronicas e documentos publicados, já póde um escriptor de pulso abalançar-se a um sério trabalho de coordenação e synthetização, porque de tudo o que existe, sómente os *Estudos* de Joakim Catunda revertem uma fórma inteiriça e synthetica, de accôrdo com os modernos processos historicos.

Voltemos ao grupo do *Libertador* e *Quinzena* para assignalar-lhe a dissolução determinada—era escusado dizel-o—pela politica.

Sob a administração do mallogrado presidente Caio Prado, que tão superiormente dirigiu os destinos do Ceará durante a nova secca que nos visitou em 1887 e 1888, o *Libertador* se fez orgão semi-official, e, como as opiniões literarias se conciliam mais facilmente que as opiniões politicas, uma debandada não se fez esperar no referido grupo.

Extinguiram-se o Club Literario e a *Quinzena*, e no *Libertador* ficaram apenas alguns affeiçoados á politica do presidente Caio Prado, ou antes, á sua pessoa, porque devemos confessar — esse illustre moço, com a indole insubmissa e um tanto autoritaria que o caracterizava, nunca se subordinou cégamente aos interesses da fracção politica que apoiava o ministerio do qual elle era delegado; de fórma que, no fundo, eram affinidades espirituaes que o prendiam aos rapazes do *Libertador*, dando lugar a um certo menosprezo pelos figurões do seu partido, cuja convivencia não parecia ser-lhe infinitamente deleitavel.

Mas, como quer que fosse, tinha-se rompido o laço que prendiã o grupo, e fôra a politica o gladio alexandrino que o cortára.

Pouco depois appareceram as ephemeras revistas *O Domingo* e *A Avenida*, que passaram indifferentemente.

Rompendo a calmaria geral que sobreveiu, alguns corajosos trabalhavam isoladamente: os historiographos referidos continuavam na sua faina com a tenacidade peculiar aos investigadores do passado; Antonio Bezerra publicava successivamente a collecção de folhetins *Horas de recreio*, as suas *Notas de viagem* e a *Excursão á serra de Maranguape*, criterioso estudo da flora e da geologia daquella região, e Rodolpho Theophilo as suas noções de *Botanica*, *Sciencias naturaes em contos* e o formoso romance *A fome*, cuja acção é constituida por alguns dos terriveis episodios da secca, de que já se havia occupado como historiador. Mas estas publicações eram méros esforços pessoaes a que não respondia o estimulo publico. Sobre os

Digitized by Google

alicerces rudimentares do meio ia brotando, com a teimosia malefica das hervas damninhas, a sempiterna indifferença das gentes. A minoria activa dos iniciados deixava ás soltas a maioria passiva dos profanos, com todas as suas tendencias de utilitarismo absorvente.

Pensamos que a vida literaria, comquanto oriunda das forças nesologicas que se propagam do passado para o presente de um povo e palpitam entre o firmamento e o sólo de uma região, só recebe da massa popular uma collaboração indirecta, constituindo assim alguma coisa de excentrico no meio das grandes correntes da vida commum —situação a que corresponde e qualifica a denominação de *aristocracia do talento* dada á classe dos homens de letras.

Ora, a nossa aristocracia intellectual andava, por volta dos annos de 1888 e 1889, muito descuidosa dos seus brazões, a braços com problemas positivos que não davam campo a abstracções e idealidades—parte collaborando com o Presidente na obra da assistencia publica e parte preparando as trincheiras da propaganda republicana que se desdobrava no sul á voz de Silva Jardim, Ruy Barbosa e Bocayuva.

E como haviam os fieis *quand même* de accorrer ao templo que ninguem lhes franqueava? Filhos de uma revolução social triumphante, os do *Libertador* foram, logicamente, os arautos da revolução politica que se iniciava. Esta folha abriu, pois, suas columnas á propaganda, e seus sectarios, reunidos a novos obreiros, instituiram conferencias publicas sob os auspicios do Centro Republicano, que se havia fundado.

A vinda annunciada de Silva Jardim, a visita do Conde d'Eu, a passagem de Lauro Sodré para o sul, foram incidentes propicios á recrudescencia do movimento a que a mocidade da Escola Militar, installada havia pouco, vinha trazer o concurso do seu enthusiasmo.

E quando a 16 de novembro se depunha o ultimo presidente da monarchia, Moraes Jardim, entravam para a commissão executiva do governo provisorio republicano João Cordeiro, João Lopes e Manoel Bezerra. Todo o elemento civil da commissão fôra pois tirado do grupo independente do *Libertador*.

ANTONIO SALLES

(*Continúa*)

Digitized by Google

JURISTAS PHILOSOPHOS

I

A lei primitiva teve de ennovelar-se nos torvos mysterios da religião, para melhor impor-se á consciencia dos homens, terrificados em face de uma divindade ciosa e facilmente irritavel. E' o que nos affirmam os mais conspicuos historiadores das origens humanas; [1] é o que nos fazem comprehender tantos mythos suggestivos, e essas entidades superiores que vinham complacentemente inspirar os velhos legisladores dos povos; é o que nol-o ensinam mesmo philosophos antigos, mais proximos do que nós desses obscuros inicios da cultura humana, entre os quaes avulta o persuasivo Platão que abre o seu bellissimo dialogo sobre as *leis* com uma affirmação categorica a esse respeito, no que, aliás, não fez mais do que repetir a lição de Socrates, seu mestre.

Sendo assim, não admira que sejam sacerdotes os primeiros conhecedores do direito. Penso que o direito começou a formar-se espontaneamente como uma especialização de força social, condensando-se pela synthese ou, antes, pelo precipitado das ordens dos chefes e da victoria dos interesses em luta. Porém soube opportunamente apoiar-se na religião; e, quando seus preceitos se encadeiaram num corpo de doutrina organizado pela tradição, os sacerdotes se acharam naturalmente na posição de depositarios das

---

[1] Spencer, *Sociologie*, III, c. XIV: *les lois;* F. de Coulanges, *La cité antique, passim;* S. Maine, *L'ancien droit* e, especialmente, *Études sur l'ancien droit,* cap. II; Leist, *Greco-it. Rechtgeschichte* § 28 e seg.

Digitized by Google

normas consagradas pelo passado e de interpretes indicados das obscuridades da lei.

Realmente, entre os antigos, vemos a classe sacerdotal fornecendo os juizes e os consultores juridicos. Foi assim no Egypto, na Grecia, em Roma, na India, na Gallia, e um pouco por toda parte. [1] Pouco a pouco, se foram especializando as funcções, e, da nebulosa primitiva, sobre a qual o espirito religioso pairava com as azas longamente espalmadas, se desprenderam uma a uma diversas disciplinas mentaes, e entre ellas a doutrina juridica.

Por longo tempo a feição religiosa herdada manteve-se no direito; mas, passando a viver num meio proprio, exposto á poderosa acção de influencias diversas que attenuavam, ao embate reciproco, os respectivos exclusivismos, poude expandir seus elementos de autonomia até revestir-se com o tegumento forte da laicidade hodierna, através do qual difficilmente se insinuam os preconceitos religiosos. Mas quão difficil tem sido extirpar esses enxertos que dessoram a arvore do direito, vê-se bem olhando para as legislações modernas cuja secularização se acha ainda incompleta, a despeito de tenazes esforços encaminhados para esse effeito.

Tentarei acompanhar, num rapido escorço, a evolução da doutrina juridica na cultura hellenica, romana e moderna.

Para mostrar que da massa homogenea do ritual religioso brotou, na Grecia, a theoria do direito sob sua primeira fórma hesitante ainda e obscura, talvez não seja necessario mais do que recordar que os oraculos eram sentenças divinas proferidas pela boca inspirada dos sacerdotes ou das sacerdotisas; que as sentenças dos juizes foram consideradas inspirações de Themis, e que os primeiros codigos foram attribuidos á interferencia divina. [2] Mas o solo sagrado da Hellenia tão fecundo para as concepções philosophicas e para as creações estheticas, foi mediocre na producção da cultura juridica por uma classe particular. Abundavam os philosophos e os artistas. Os legistas, porém, eram raros. Certo, notaveis advogados, ou antes logographos, existiram na Grecia.

---

[1] Leia-se Spencer, *Juges et hommes de lois*, na *Revue des Revues*, 1895, pag. 327 e segs.

[2] Spencer, *Juges et hommes de loi*.

Digitized by Google

Iseu, Lysias, Isocrates e Demosthenes foram insignes na oratoria forense, compondo discursos e arrazoados que as proprias partes interessadas iam recitar perante os julgadores. Nenhum delles fez, entretanto, do direito um verdadeiro culto, nenhum delles foi jurista na significação intensa do vocabulo.

Si a doutrina juridica poude elevar-se na Grecia, a conceitos dignos de perpetuação, deve-o exclusivamente aos engenhos de eleição entregues ás laboriosas especulações philosophicas, o que importa dizer que sómente os lineamentos geraes da doutrina, sómente os fundamentos do direito, foram considerados e expostos.

Democrito foi um genial precursor de Bentham e da escola naturalista dando por base á moral e ao direito o interesse bem entendido. Os pythagoricos, reduzindo a idéa da justiça ao principio do talião, e, formando a respeito suas combinações um tanto cabalisticas de numeros, pequeno impulso deram ao desenvolvimento doutrinal do direito. Os sophistas, que se prendem ao naturalismo de Democrito, aproximaram-se consideravelmente das theorias modernas. Diante da variedade das leis que revelava o commercio com os povos, começaram por distinguir, com Hippias, a natureza (*physis*) da lei positiva (*nomos*), e terminaram por estabelecer que, perante a natureza, não ha direito, que o justo é condicionado pelo tempo e pelos lugares, e que, finalmente, a idéa do justo longe de ser innata, resulta do exercicio e do estudo. Tal ensinava Protagoras segundo o conhecemos através dos livros de Platão. O erro dos sophistas foi darem ao direito uma feição de artificialidade que elle não tem, foi não enxergarem a intima connexão entre o direito e a vida dos agrupamentos sociaes.

Quando Thrasymacho affirma que o «direito é a lei creada pelo partido mais forte em uma cidade» e que, portanto, as decisões do povo constituem a lei numa democracia, parece-nos que abre o caminho que havia de trilhar mais tarde a idéa do direito na Allemanha. E Platão, resumindo essa theoria em sua *Republica*, sob uma formula abstracta adrede preparada para chocar as consciencias bem formadas — a força é o direito — faz-nos sorrir á nós que lemos Ihering e Tobias Barreto. E' inutil dizer com Lewes[1] que o discipulo de Socrates recorreu á caricatura e á satyra.

---

[1] *The history of philosophy*, I, pags. 125-126.

Digitized by Google

Aceitemos a theoria sophistica do direito como nol-a apresenta o dialectico incomparavel que tomou a peito destruil-a, e repitamos com Marco Lessona que para os sophistas « o direito se póde considerar como uma transformação moral da força ». [1] E' incompleta a doutrina, mas é realista e vai norteada para a verdade scientifica.

Socrates, o implacavel adversario dos sophistas, procura accentuar o caracter de permanencia e generalização de certos principios juridicos « que são os mesmos em todos os paizes », embora nem sempre se achem escriptos nos codigos; e, desenvolvendo, a seu modo, a distincção feita por seus contendores, entre o natural e o puramente legal, lançou as primeiras sementes do *jus gentium* dos romanos e do direito natural. No celebre dialogo entre Socrates e Hippias, segundo a lição de Xenophonte (*Memoraveis*, IV, 4), clara e positivamente se apresenta a idéa de que ha principios universaes de direito emanando de uma instituição divina. Através de Platão e dos stoicos, estas idéas irão ecoar em Roma, onde melhor se comprehenderá aquelle conceito socratico da lei, conservado pelo mesmo Xenophonte: « lei é tudo que a multidão reunida, apoz debate, approva e estatue, declarando o que se deve fazer e o que se não deve ». [2]

Platão identifica o *bem* com o *justo*. O mal supremo é a injustiça, a felicidade perfeita a justiça. Aristoteles não renega essa concepção, porém consegue tirar della mais proveitosos ensinamentos do que Platão. A justiça é o bem, mas o bem social, o bem dos outros homens (*allotrion agathón*), e tudo que concorre para a prosperidade da vida social deve entrar no circulo por ella traçado. E' por isso que ella pune os delictos e assegura os direitos. Para conseguil-o encarna-se nos costumes, na moral e na lei. A lei, porém, é uma fórma contingente e variavel pela qual se traduz a justiça tal como a concebe o philosopho. Então se lhe apresenta ao espirito a distincção de seus interesses entre o direito positivo e o natural, o primeiro corporificado nas leis escriptas e o segundo assumindo a fórma da equidade, da qual o estagirita nos dá uma definição

---

[1] *La morale e il diritto in Socrate*, pag. 5.

[2] Lessona, *op. cit.* pag. 61 e segs.; Janet et Séailles, *Histoire de la philosophie*, pag. 398 e seg.

Digitized by Google

que mais tarde Blakstone adoptará, no paiz em que a equidade adquiriu força de lei.

Os stoicos dão um passo adiante depurando e roborando idéas que hão de illuminar e vivificar a jurisprudencia romana, levantando-a com a insuflação de principios philosophicos. O principio do direito é anterior á toda lei escripta, precede mesmo á sociedade, porque emana da razão divina. A lei positiva é, como nol-o dirá Cicero, um pallido e defeituoso reflexo da natural.

Penetremos em Roma. Ahi mais ostensiva e mais duradoura se mostra a acção da classe sacerdotal sobre a cultura do direito. Ao passo que na Hellenia, a philosophia cedo arrebata aos especialistas o estudo das questões fundamentaes da doutrina juridica, em Roma os sacerdotes a quem incumbe a guarda e o conhecimento da lei, se transformam na poderosa congregação leiga dos jurisconsultos

« Quando o jurista apparece na historia, o direito já transpoz o periodo de sua infancia », diz-nos Ihering apoiado na razão esclarecida pelos documentos que nos transmittiu o passado. « O jurista, arauto da evolução necessaria porque passou o direito, não é que a faz surgir; ella ao contrario, é que o produz. A multidão não retrocede arrojada pelo jurista, este é que entra em scena porque os outros homens necessitam delle. » [1] Esse primeiro jurista só podia ser, nessa época, o padre, o pontifice [2] pois que o *jus* andava intimamente unido ao *fas*.

Pomponius assevera-nos que o direito gravado nas XII taboas, e o que delle precedeu por desenvolvimento natural ou pela acção dos prudentes, assim como as fórmas processuaes, eram mantidas por um collegio de sacerdotes, que envolvendo o direito nascente no amicto intangivel do respeito religioso, preservaram-no da dispersão em que elle se havia de forçosamente fanar. *Omnium tamen harum et interpretandi scientia et actiones apud collegium pontificum erant*, são as palavras de Pomponius (D. 1, 2 § 6).

O mais antigo jurista romano conhecido, Sextus Papyrius, é um summo sacerdote [3] como secerdotes, pontifices, augures são os primeiros legistas romanos, mesmo depois que o secretario

---

[1] Ihering, *El espiritu del derecho romano*, III, pag. 7.
[2] Ihering, *op. cit.* I, pag. 339 e seg., III, pags. 88 e 95 e segs.
[3] Roby, *An introduction to the study of Digest*, pag. XCI.

Digitized by Google

(*scriba*) de Appius Claudius publicou a formula das acções e o calendario judiciario.

Porém, depois dessa divulgação oriunda de um acto de insubordinação traidora, e depois que Tiberius Coruncanius, tambem um revolucionario, ousou romper o espesso véu de mysterio que envolvia as normas do direito, para ostentar-lhe a systematização doutrinaria em lições publicas, a classe dos jurisconsultos começou a formar-se fóra da atmosphera sombria dos templos, transformando a mystagogia liturgica na exposição leiga das regras juridicas. A planta robustecida já dispensava o pallio que a protegia da quentura mordente e da claridade offuscante do sol.

Não era possivel que a jurisprudencia se alçasse de um só impeto ás culminancias da philosophia. Arrastou-se longamente no aprendizado da arte de applicar e de interpretar a lei. Mais tarde, recebendo o estimulo da philosophia grega congregou, por assim dizer, todas as energias mentaes do povo romano, e creou esse monumento imperecivel de saber, de logica e de argucia que nós admiramos nesses maravilhosos escombros armazenados no *Digesto*, ou surgindo luminosos dos amarfanhados palimpsestos.

Foi a jurisprudencia no dizer de Ihering, a philosophia nacional dos romanos. Realmente quem quizer conhecer como os romanos comprehenderam o homem e a sociedade não deve perguntal-o a Lucrecio, nem a Seneca, nem a Marco Aurelio, mas principalmente a Palus, Ulpianus, Gaius, aos grandes juristas, e mesmo a Cicero que se educou entre juristas.

Entretanto, como as especulações philosophicas, os estudos abstractos não se coadunavam bem com a indole romana, os jurisconsultos, embora abeberados de idéas philosophicas, não foram philosophos no rigor do termo. O stoicismo alliou-se á jurisprudencia saturando-a de generalizações e conceitos philosophicos; mas a philosophia juridica não se desprendeu dos complicados problemas do direito para a constituição de uma doutrina á parte. Não seria difficil a um romanista levantar o edificio da philosophia juridica que orientou a jurisprudencia romana em seu periodo aureo; porém qual o homem representativo dessa doutrina, seria mais embaraçoso dizer.

Cicero, discipulo de Mucius Scœvola, cultor amantissimo do direito, talento mais vasto e mais brilhante do que profundo, não

Digitized by Google

fez do direito o pabulo especial de seu espirito. Entretanto, si houve quem melhor do que elle conhecesse o direito, si houve quem se mostrasse mais profundamente penetrado pelo pensamento philosophico, nem era esse jurista por igual philosopho nem esse philosopho tão jurista quanto Cicero. Nelle, portanto, devemos ver o jurista philosopho que mais em destaque nos offerece Roma.

II

Depois que ruiram por terra a organização politica e a cultura dos Romanos, houve um momento de suspensão na vida intellectual, estarrecidos os espiritos diante da grande catastrophe, inhabeis para reconstruirem as systematizações que se haviam desconjuntado. Lentamente e por ensaios medrosos recomeçaram as meditações. No dominio do direito, appareceram os glosadores, hombreando com os pesados theologos e os escolasticos tão fecundos em subtilezas e equivocos.

Todos conhecem os fastos dessa familia de legistas que, do solo italiano onde primeiro refulgiu no seculo XII, irradiou para a França, Hollanda, Inglaterra, Allemanha, Portugal, para toda a Europa.

Porém si a jurisprudencia não se demorou longamente, por essa época, no labor paciente e obscuro da simples exegese dos textos, entrando resolutamente na comprehensão dos factos historicos e dos documentos literarios com o insigne Cujas; si avançou, dia a dia mais segura, no caminho da erudição illustrativa; é certo que a philosophia do direito surgiu serodiamente.

Poderosamente contribuiram os legistas para a formação dos estados modernos, para a substituição do feudalismo por uma organização social de moldes mais amplos e mais fortes, cercando de prestigio o principio da autoridade concretizado na realeza, apresentando a legislação romana como paradigma a seguir-se, cerceando o predominio clerical.

Porém, emquanto se iam resolvendo esses gravissimos problemas, o ideal dos legistas, não conseguia collocar-se acima do direito romano, e, portanto, era safaro o terreno para nelle vegetar a philosophia do direito.

Digitized by Google

Montaigne, embora com aquelle vigor de bom senso que fez a fortuna dos *Ensaios*, tem apenas umas frases de passagem sobre assumpto de tanto interesse para um philosopho. Bodin mais affeito aos estudos juridicos é que mais avantajadamente poude apoiar-se nos estudos proprios e alheios para « elevar-se ao espectaculo geral das coisas, generalizar e concluir » como nos diz Lerminier. [1]

Lançado este primeiro elo, se lhe vieram prender successivamente outros, e a corrente mental da philosophia do direito foi surgindo.

Seldeu e Grotius restabelecem a concepção do direito natural contra a qual Hobbes vibra golpes desapiedados. E desse embate de idéas resultam inestimaveis consequencias, que preparam o advento de Leibnitz, Vico e Montesquieu, com os quaes se assentam os alicerces da philosophia do direito de um modo mais seguro.

Leibnitz, si foi a um tempo jurista notavel e philosopho de vistas penetrantes, é incontestavel que amou a jurisprudencia muito mais no começo de sua carreira do que no fastigio de sua gloria. A proporção que o ambito de seu espirito se alarga e que se eleva o vôo de seu pensamento, as vastas generalizações o absorvem, a psychologia o seduz, e a jurisprudencia é abandonada. E' um jurista que se eleva até as mais altas indagações da philosophia, mas a quem a parte philosophica da jurisprudencia deve menos do que a dogmatica.

Vico, apparecendo depois de Cujas, Seldeu, Bodin, Grotius, Pufendorf e Gravina, soube aproveitar o material historico e juridico de seus predecessores, imprimiu uma direcção nova á concepção geral da sociedade e do phenomeno juridico. Desilludido com a pretensa inerrancia da razão, atira para um lado a sonda enganadora do apriorismo, procura interpretar o direito pela historia, pelos mythos, pela linguagem, e, remontando até a fonte de onde defluem os phenomenos que apparecem no mundo social, defronta com a divindade, causa ultima dos actos humanos. Dessa eminencia os dois systemas de normas sociaes, a religião e o direito, se lhe afiguram unificados na origem, e a definição romana da jurisprudencia se lhe apresenta ao espirito. Vico é um vidente genial, onde se vão

[1] *Intr. à histoire du droit*, pag. 61.

Digitized by Google

entroncar as origens de muitas das modalidades de interpretação dos factos sociaes. Foi-lhe porém muito arduo o trabalho de pesquizas e desbravamento para que nos podesse deixar mais do que bellos fragmentos de philosophia juridica.

Menos brilhante, porém mais positivo e mais seguro, Montesquieu poude escrever um desses livros que se mostram sempre novos por mais que se accumulem sobre elles os annos. O *Espirito das leis é* um rochedo que assiste inabalavel ao fluir rumoroso da vasta torrente humana. Sem ser, como pretendia o presidente do parlamento de Bordeaux, *prolis sine matre creata*, fincou um dos mais solidos pilares do pensamento juridico. Apoiado na historia e na legislação comparada offerece segura base ás construcções da philosophia.

CLOVIS BEVILAQUA

(*Continúa*)

Digitized by Google

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO.—Rotação dos planetas Mercurio e Venus. Decimillesimos de segundo? O papagaio scientifico. A lua a um metro. Aspecto do céu no mes de fevereiro.

Si, querendo conhecer os tempos de rotação dos planetas Mercurio e Venus, consultarmos algum compendio de astronomia, veremos que elles são respectivamente de 24 horas, 0 minutos, 50 segundos e 23 horas, 21 minutos, 21 segundos, resultados obtidos por um certo numero de observadores.

Até o fim do ultimo seculo, não fôra possivel determinar a rotação de Mercurio, até que em 1800, o astronomo Schroeter, baseando-se nas voltas successivas do corno austral do planeta a uma mesma fórma arredondada, concluiu o valor de 24 horas, 5 minutos e 30 segundos.

Em 1810, o celebre Bessel obteve 24 h., 0 m. 53 s.

Seis annos mais tarde, o mesmo Schroeter, deduziu das suas e das observações de Bessel o valor de 24 h., 0 m. 50 s., ainda hoje adoptado.

Em relação a Venus, desde 1665, Cassini, pela observação de uma mancha, verificara a sua rotação, á qual attribuia um valor um pouco inferior á de uma rotação terrestre. Depois dessa época, eis os valores achados por diversos astronomos:

			H.	M.	S.
Em 1726,	por	Bianchini	24	8	0
» 1732,	»	J. Cassini	23	15	0
» 1789,	»	Schroeter	23	21	19
» 1801,	»	Fritsch	23	22	0
» 1811,	»	Schroeter	23	21	8
» 1840—50	»	De Vico	23	21	22

A difficuldade de se determinar com alguma precisão o tempo da rotação desses dois planetas, explica-se pela sua apparencia physica, e

Digitized by Google

ausencia quasi absoluta de manchas, as quaes acompanhando o movimento rotatorio do astro, permittem pela sua reapparição no mesmo meridiano, determinar o tempo decorrido entre as duas apparições, isto é, o tempo de rotação.

Eis, pois, o estado dos nossos conhecimentos sobre a rotação desses dois planetas, quando em 1889, o Sr. Schiaparelli, o habil astronomo, de Milão, annunciou que suas observações davam-lhe a certeza de que Mercurio e Venus giravam sobre seu eixo, no mesmo tempo em que se effectua sua revolução em torno do Sol, isto é, respectivamente, em cerca de 88 e 225 dias. Em outros termos, o caso era analogo ao do nosso satellite, a Lua.

O facto não deixou de causar admiração, e carecia de ser confirmado. Tempos depois, o Sr. Perrotin, director do observatorio de Nice, com seu poderoso equatorial de 26 pollegadas de abertura, veiu declarar perante a Academia das Sciencias de Pariz, que de facto, tivera verificado que a descoberta de Schiaparelli era fundada.

Apezar dessa confirmação, o *Annuaire du Bureau dus Longitudes*, na tabella dos elementos do systema solar, ao publicar na columna dos tempos de rotação de Mercurio e Venus, o valor de 88 e 225 dias, não quiz, por prudencia, deixar de fazel-os seguir de um signal de interrogação (?), como indicio da duvida que ainda subsistia a respeito desses elementos.

As coisas estavam neste pé, quando, a 5 de outubro deste anno o observatorio de Lowel, em Arizona, telegraphou ao *Astronomische mitheilungen* que «Mercurio e Venus giram sobre seu eixo no tempo de sua revolução em torno do Sol.»

Eis, pois, uma segunda confirmação feita em taes condições de segurança que talvez possamos, desde já, considerar o recente valor da rotação dos dois planetas como fóra de duvida.

Seja como fôr, e apezar da autoridade de que gozam os astronomos que acabam de ligar o seu nome a esta descoberta, convém que aguardemos novas observações antes de podermos considerar como definitivos os valores supramencionados.

A proposito dos diversos valores determinados por Schroeter e outros para o tempo de rotação dos planetas Mercurio e Venus, não podemos deixar de assignalar, ainda que seja de passagem uma tendencia, a que se deixam levar varios autores ao publicarem dados de observação concernentes ás sciencias physicas, em geral. Esta tendencia consiste em exprimir os valores numericos dos resultados obtidos com um grau de aproximação que não comportam os processos de observação.

Digitized by Google

Com effeito, comprehende-se que a precisão de qualquer dado fornecido pela experiencia deve ser subordinado á precisão da qual é susceptivel o methodo de observação usado. Este principio é applicavel á toda sciencia de observação, seja a astronomia, a physica, a chimica, ou qualquer outra de natureza experimental.

Assim, pois, não são derisorios os *centesimos de segundo de tempo*, que Schroeter publica além do numero de horas, minutos e segundos para o tempo de rotação do planeta Venus, sabido, como é, que ali os segundos são duvidosos?

Lembramo-nos ter encontrado em um tratado de estradas de ferro, o valor da variação annua da declinação magnetica no Rio de Janeiro, expressa até os *decimillesimos* de segundo de grau!! Ora, é bom saber que esta variação é incerta até os decimos de minutos, e que, além disso, ella não é constante. Para que servem pois os decimillesimos de segundo?

Convém, pois, que aquelles que se occuparem com sciencias de observação, resistam a essa tendencia em publicar dados de observação com um grau de aproximação que não esteja em relação com a precisão dos processos ou methodos empregados.

Isto faz-nos lembrar o que se deu com dois physicos de nomeada, ambos membros da Academia das Sciencias de Pariz. Um destes acabava de determinar o indice de refrigencia de qualquer cristal, e, cheio de satisfação pelo resultado obtido, communicou-o a seu collega, dizendo que obtivera o valor do indice até os *cemmillesimos*. O outro, que, si não nos enganamos, era o espirituoso Babinet, respondeu com ar zombeteiro: «Felicito o meu distincto collega pelo brilhante resultado obtido, e entendo que fez bem em publicar o valor do indice com essa aproximação, pois que, caso estejam duvidosos os *centesimos*, quem sabe si os *cemmillesimos* não estarão certos!»

Quem havia de dizer que um dia o *papagaio*, este brinquedo das crianças, viria prestar serviços, e dos mais uteis, á meteorologia? E' o que, depois das interessantes experiencias realizadas no observatorio de Blue-Hill, nos Estados-Unidos, não se póde mais pôr em duvida.

Até hoje o estudo de um certo numero de questões concernentes á variação da temperatura, ás correntezas aereas, o grau de humidade das camadas inferiores da atmosphera, só fôra permittido nas ascensões aerostaticas, ou por meio de balões, de pequenas dimensões, ora captivos, ora livres, alguns dos quaes levando instrumentos registradores.

Depois de algumas tentativas que deram pouco ou nenhum resultado, as primeiras experiencias scientificas e dignas de serem conhecidas foram emprehendidas pelo Sr. Lawrence Rotch, director do observatorio de Blue-Hill, e que tivemos a fortuna de conhecer, não só na Europa, como, ha

Digitized by Google

cerca de dois annos, aqui mesmo, quando de volta de uma excursão ao redor do continente sul-americano, veiu comparar o seu barometro com o do observatorio do Rio.

Nessas experiencias fizeram-se uso de duas especies de *papagaios*, uma tendo a fórma de uma superficie convexa, outra constituida por um ou mais parallelipipedos, ocos, constituidos apenas por 4 faces planas.

Estes *papagaios* estão presos, não por *cordas*, mas sim por fios de aço, destes que servem para os pianos, que offerecem extraordinaria resistencia, e são capazes de carregar apparelhos registradores da temperatura, pressão atmospherica, humidade, etc. Estes *papagaios* comportam-se admiravelmente, mesmo sob a acção de ventos de mais de 18 metros por segundo.

Em uma das experiencias realizadas, conseguiu-se obter photographias do terreno, mediante um apparelho suspenso a um dos papagaios. Este processo poderia, com vantagem, ser utilisado para os levantamentos topographicos.

Sobre a variação da temperatura, á medida que se sóbe na atmosphera, os experimentadores encontraram não poucas anomalias á lei geralmente admittida do abaixamento de um grau centigrado á razão de *cerca* de 180 metros de differença de altura. Encontraram, em alguns casos, uma temperatura mais elevada nas camadas superiores da atmosphera (não excedendo 1.000 metros de altitude). Verificaram, porém, que isto dava-se sempre algumas horas *antes* de se produzir na superficie da terra.

Donde é licito concluir que as ondas de calor e tambem de frio, se manifestam sempre em primeiro lugar nas camadas mais altas da atmosphera antes de se fazerem sentir nas camadas baixas.

Em todas as ascensões realizadas em Blue-Hill, as altitudes attingidas foram sempre augmentando. Assim, a 20 de julho, o *papagaio* chegou a 2,012 metros de altura. No dia 1 de agosto attingiu-se a 2,235 metros, isto é, cerca de 2,000 metros acima da região circumvisinha. A temperatura ahi verificada fôra de 20° abaixo da do observatorio, o que corresponde a 1 grau por 100 metros.

No dia 8 de outubro o apparelho subiu a 2,870 metros, altitude maxima á qual chegaram até hoje semelhantes apparelhos.

A ascensão durou nada menos de 12 horas, e fôra necessario desenrolar 5,000 metros de corda. Facto digno de reparo é que, para conseguir bastante força por parte dos papapaios, afim de poderem levar comsigo apparelhos de algum peso, os experimentadores servem-se de um certo numero de *papagaios* retidos todos pelo mesmo fio de aço.

Assim, pois, o *papagaio scientifico* é hoje uma realidade, e já se formou nos Estados-Unidos uma sociedade para o estudo de todas as

Digitized by Google

questões concernentes ás applicações de que era susceptivel para o desenvolvimento e elucidação de muitas questões de meteorologia e physica do globo.

Continuam os periodicos a publicarem noticias sobre o tão falado projecto de um telescopio monstro, capaz de mostrar a lua a 1 metro de distancia! E' singular como a opinião publica acolhe com extraordinaria credulidade as fantasias as mais extravagantes. Agora é um optico que pretende construir uma objectiva de 30 metros de diametro, e para evitar as insuperaveis difficuldades em obter-se, na fundição, um cristal perfeitamente homogeneo, quer constituir a lente de um grande numero de partes.

O assumpto, por sua natureza, é tão interessante, que bem merece que façamos um ligeiro exame baseado em dados praticos de observação. Quem tiver alguma pratica em assumptos dessa ordem, sabe perfeitamente que quanto maior a amplificação, menor a nitidez das imagens. De mais, a interposição da nossa propria atmosphera será sempre o grande obstaculo, pois que não se póde impedir que as tremulações que constantemente agitam as camadas de ar que nos envolvem, tambem acham-se amplificadas, á medida que se quer applicar oculares de maior augmento.

E', pois, fóra de duvida que para tirar o maior proveito de uma luneta, o melhor seria servir-se della em grandes altitudes, de modo a evitar as camadas inferiores da nossa atmosphera, que são sempre as mais densas e as mais impuras e as mais quentes. O ideal seria poder collocar-se no limite extremo da nossa atmosphera.

Em summa, sem podermos fixar os limites para as maiores amplificações ás quaes no futuro será possivel chegar, convém aceitar as noticias de objectivas gigantes de 30 metros, e de telescopios permittindo trazer a lua a 1 metro de distancia, com as devidas reservas.

No dia 15 de fevereiro, cerca das 8 1/2 da noite, as principaes constellações visiveis sobre o horizonte do Rio de Janeiro, e com alguma differença, em toda a extensão do Brazil, serão:

Quadrante S. E.—Argos. Cruzeiro. Mosca. Hydra femea. Centauro (no horizonte). *Quadrante* N. E.—Gemeos. Cão menor. Leão. *Quadrante* N. W.—Touro. Cocheiro. Perseo. Aries. *Quadrante* S. W.—Eridano. Baleia. Phœnix. Tucano. Grou. Hydra macha. Não longe do zenith do Rio, encontram-se: o Cão maior, e a bella constellação do Orion.

Os planetas: *Mercurio* é estrella matutina, nasce cerca das 4 horas da madrugada. *Venus*, continúa bem visivel, como estrella vespertina. *Marte*, é bem visivel durante a maior parte da noite. *Jupiter*, nasce das 6 ás

Digitized by Google

8 horas da noite, tornando-se, pois commodo para observação. *Saturno*, visivel na 2ª parte da noite. *Urano*, encontra-se na vizinhança de Saturno. *Neptuno*, passa no meridiano das 7 ás 8 horas da tarde.

Eclipse annular do sol. No dia 1º de fevereiro terá lugar um eclipse annular do sol, visivel em más condições no Brazil. No Rio de Janeiro será apenas visivel a ultima phase pouco antes do occaso do sol.

L. Cruls

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

91.—Aspectos da Literatura Colonial Brazileira, por Oliveira Lima, Leipzig, F. H. Brockhaus, 1896, in-16, XVI — 301 pags.

O Sr. Oliveira Lima é um conhecido estimadissimo dos leitores da *Revista*. Aqui (fasc. de 15 de março de 1895) falou delle com justo apreço e do seu primeiro livro *Pernambuco, Seu desenvolvimento historico*, com reconhecida competencia, o Sr. José Hygino. Depois deu elle á *Revista* os artigos *Beckford e a sociedade portugueza do seculo XVIII* (fasc. de 15 de novembro de 1895), *Memorias de Barras* (fasc. de 1 de dezembro de 1895), uma noticia muito bem feita das escandalosas memorias do famigerado membro do Directorio, e *Antonio José, o judeu* (fasc. de 1 de fevereiro de 1896). Agora mesmo acaba de enviar-nos dos Estados-Unidos, onde é secretario da nossa legação, as suas *Primeiras impressões* daquelle paiz (fascs. de 15 de julho, 15 de agosto, 15 de setembro, 1 de outubro, 1 e 15 de novembro e 15 de dezembro de 1896), cheias de observação intelligente e de sinceridade. E', pois, um trabalhador o Sr. O. L., e um trabalhador de talento e capacidade. Confirmando este conceito, mandou-nos elle ha pouco dois volumes, um simples folheto, outro o livro que é objecto desta noticia. Daquelle, reproducção a parte dos artigos saidos na illustre publicação de Mme. Adam *La Nouvelle Revue*, sob o titulo de *Sept ans de république au Brésil*, já se occupou aqui (fasc. de 15 de novembro) o nosso collaborador Sr. Medeiros e Albuquerque.

Este estudo sobre a nossa literatura nos tempos da colonia é, informa-nos o A. no prefacio « uma introducção a um trabalho sobre o Romantismo no Brazil », o que nos promette novos labores. Tão desacostumados andamos de verdadeiros « livros », que este sómente por ser um merece calorosas boas vindas. Realmente poucos são na nossa mesquinha producção literaria os livros, isto é, as producções que formem um conjunto de doutrina, tratando systematica e methodicamente um assumpto com uma philosophia e um methodo. O Sr. O. L. confessa com honrada

Digitized by Google

franqueza o que deve, quanto á inspiração geral do seu trabalho, ao Sr. Sylvio Roméro, « buscando entretanto na medida do possivel e sem preoccupações de excentricidade, fazer obra pessoal quanto á apreciação peculiar de cada escriptor, insistindo especialmente no caracter successivamente differenciado de suas locubrações. » Esta declaração a critica lhe deve reconhecer justa e si o autor da *Historia da Literatura Brazileira* lhe leva vantagem em certas generalizações, nós preferimos o Sr. O. L. no modo de apreciar os escriptores, geralmente mais comprehensivo e penetrante que o daquelle.

O livro do Sr. O. L. tem para mim um grave defeito, que aliás apenas lhe prejudica a estructura, sem damno real para o que é o seu mesmo fundo. Penso que ha nelle partes escusadas e alongamentos inuteis, tendo sido preferivel que o A. tratasse com mais desenvolvimento e individuação o que fórma o objecto principal do livro, dando como conhecidas e sabidas as idéas geraes em que lhe assentou a philosophia e o methodo ou expondo-as brevemente e de passagem. Assim todo o longo capitulo primeiro, que toma 40 paginas neste livro de 301, é, sinão inutil, escusadamente prolixo, e não creio que traga grande luz á questão das caracteristicas da nossa literatura. Demais são nelle aceitas noções e estudos de valor muito discutivel, como certas opiniões do Sr. Ladislau Netto sobre a nossa ethnologia. Ha em todos os estudos ethnographicos e ethnologicos feitos no Brazil e sobre o Brazil, uma fartissima somma de dilettantismo e incompetencia, sinão de charlatanismo, que nos devem tornar prudentes no aceitar-lhes os resultados e aproveitarmo-nos delles.

A historia da literatura brazileira reclama ainda, para ser feita, não direi scientificamente por fugir ao abuso das expressões pretenciosas, mas racional e methodicamente, uma theoria philosophica. Precisamos em primeiro lugar saber o que se entende por literatura e depois por literatura brazileira, e, sobretudo o que, no periodo colonial, se deve entender por esta denominação. Não acompanho certos theoristas allemães em fazerem entrar naquella tudo quanto representa manifestação intellectual, revelando-se pela escripta, nos mais variados generos, sem attenção á fórma literaria, ás preoccupações ou intenções dos autores, nem siquer á influencia que as suas obras possam directa ou indirectamente ter tido no desenvolvimento da cultura e da producção, propriamente literarias. Assim a *Historia da Literatura Brazileira* do Sr. Sylvio Roméro, que adoptou o criterio allemão, e na qual entram economistas, oradores politicos e sagrados, chronistas da primitiva historia nacional, scientistas, é mais uma historia ou um capitulo da historia da nossa cultura que da nossa literatura no sentido classico dessa denominação, que, a meu ver, é o bom, e ainda em o nosso tempo consagrado por obras do valor da de Taine sobre a literatura ingleza. Estabelecido o sentido preciso do que se deve entender

Digitized by Google

por literatura, cumpre assentar o que se comprehende por literatura brazileira e, portanto, quaes são os escriptores que lhe pertencem.

O Sr. O. L., que do Sr. Sylvio Roméro adoptou, conforme vimos, muitas idéas geraes e o methodo, põe na literatura brazileira individuos que ao meu parecer lhe não pertencem. Tal é o celebre Judeu Antonio José da Silva, que de brazileiro só tem o accidente do nascimento, sendo por todos os outros caracteristicos portuguez. Seria como si os portuguezes considerassem como seu a Thomaz Gonzaga, o autor da *Marilia*. E, aliás, sob certo aspecto, o fariam com melhor razão pois, incontestavelmente, apezar de todas as differenças e distincções possiveis, a literatura brazileira é um ramo da portugueza. O erro do Sr. O. L. valeu-nos, entretanto, um dos melhores estudos que conhecemos sobre aquella singular e sympathica figura, tão cruelmente sacrificada á intolerancia religiosa.

Não sei igualmente até que ponto é licito fazer entrar na literatura o *Roteiro do Brazil* e o seu autor Gabriel Soares. Esse livro, estimabilissimo e preciosissimo como repertorio de informações do Brazil do seculo XVI, foi escripto sem nenhuma preoccupação literaria, como reconhece o Sr. O. L., com o fim de propiciar o governo da metropole á suas pretenções á « concessões de minas ou melhor, facilidades para sua descoberta, além dos privilegios e honras eventuaes dependentes da facilidade da empreza. E', pois, como se diria hoje, uma especie de « memorial de concessão », e razão teve o Sr. Sylvio Roméro em rejeitar Gabriel Soares como escriptor brazileiro. E' certo que adoptou outros nas mesmas condições. Ha, porém, ainda outro motivo e forte para refugal-o da nossa literatura, é que esse livro, si livro é permittido chamar-lhe, escripto em 1587 só foi editado em 1825. Permaneceu, portanto, desconhecido, ignorado, não precisando acrescentar que sem nenhuma influencia, mesmo indirecta, na cultura geral da colonia.

Verdadeiro escriptor e o primeiro que mereça entrar na nossa historia literaria, é Bento Teixeira Pinto, a quem o Sr. O.L., decidindo sem fundamento seguro uma questão controvertida, attribue os *Dialogos das Grandezas do Brazil*. Creio que a critica lhe não aceitará a opinião. O que dá a Bento Teixeira áquella qualidade é o poema *Prosopopéa*, authenticamente seu.

O capitulo que á Escola Mineira consagra o Sr. O. L. é bom e ha nelle mais de uma observação intelligente e nova, sendo em geral com arte e gosto postas em relevo as caracteristicas de cada um dos poetas que constituiram essa formosa pleiade. O Sr. O. L. entretanto não esgotou o assumpto, nem estava no seu plano esgotal-o, e o digo só por lembrar de passagem, que eis ahi um thema tentador para um bello e util estudo critico e historico.

Este é tambem o melhor capitulo do livro do Sr. O. L.; aquelle em que elle se chega mais de perto ao seu assumpto, e que trata com menos

Digitized by Google

abuso de digressões e generalizações escusadas. Porque é este o defeito capital do excellente estudo que estamos noticiando; que o A. se deixou ir ao prazer de digressões e generalizações, que ou podiam ser resumidas em poucas linhas ou mesmo pouca relação têm com elle. Assim, além do primeiro capitulo, sobre o qual já disse, ha nelle um estudo completo sobre Beckford e a sociedade portugueza no seculo XVIII, e mais sobre a Renascença italiana, sobre a India portugueza, e sobre outras coisas, que acabam por reduzir a parte que propriamente cabe sob o titulo do livro talvez a um terço deste. Isto é um defeito de composição, que, como creio ter dito já, não tira ao livro o seu valor real, mas que deve ser evitado na futura *Historia do Romantismo*, que o A. nos promette e que nós todos que cultivamos e amamos as letras nacionaes esperamos se não demore. Ha incontestavelmente no Sr. O. L. tudo que é preciso para fazer delle um dos mestres das nossas letras. Os seus dois livros publicados sobejamente o provam. —J. V.

92.— **Germens do Crime** — por Aureliano d'Araujo Leal, José Luiz de Fonseca Magalhães, editor, Bahia, 1896, in-8°. IX — 308 pags.

A feição scientifica dos ultimos trabalhos sobre a penalidade attrai em boa hora a attenção e sympathia da mocidade que se dedica ao estudo do direito.

Comprehendendo que o problema do crime e da sua eliminação ou, pelo menos, da sua reducção ao *minimum*, não póde ser resolvido pelos dados da metaphysica que tanto desacreditou o direito, nem pelos do empirismo que lhe abateu a dignidade, os criminalistas— philosophos buscam na natureza psycho-physiologica do homem os elementos de analyse e na sociologia o methodo conveniente para a construcção de um systema racional de penalidade. Até que ponto o terão conseguido não é facil dizer. As proposições peccam talvez por demasiado analyticas, nem sempre as conclusões são rigorosamente scientificas, e a synthese é falha por abstrair quasi sempre da natureza moral do homem, dando demasiada importancia ao elemento physiologico. Mas em todo o caso, si a anthropologia criminal naufragou e as locubrações de Lombroso degeneraram em fantasias literarias, o movimento teve a vantagem de despertar a attenção dos estudiosos para o estado do direito criminal, dominado, como nos outros ramos da sciencia juridica, por uma concepção atomistica e retrograda. As tentativas de vulgarizar entre nós os estudos de Garofalo, de Ferri, de Tarde têm principalmente essa utilidade pratica de apressar a reforma de uns tantos institutos que tomamos de emprestimo a civilzações diversas da nossa, e são, por tal, antipathicas e mesmo contrarias á evolução nacional. Já ahi vai uma referencia clara á instituição do Jury que o

Digitized by Google

Sr. Avelino de Araujo Leal considera o germen principal do crime, a fonte geradora de um grande numero de desordens que se dão no seio da communhão brazileira.

Nesse seu livro impropriamente chamado dos *Germens do Crime*, de que o editor bahiano José Luiz da Fonseca Magalhães fez uma bella edicção, o joven membro do Ministerio Publico estabelece e discute a theoria dos incentivos que a acção criminosa encontra, para a sua propagação, no terreno da propria lei; incentivos que elle divide em primordiaes e secundarios, classificando no primeiro lugar o jury e a impunidade da tentativa frustrada, e entre os segundos a prescripção, a fiança, a divisão da acção penal em publica e privada, a amnistia, a graça, o perdão do offendido, o livramento condicional, a reincidencia e as nullidades processuaes.

O autor dá mostras de um grande ardor social; a discussão é encaminhada com talento e lucidez; a influencia, porém, dos diversos systemas de philosophia penal actúa sobre o seu espirito, como em geral nos dos nossos jovens escriptores de direito que, deslumbrados pela novidade, amalgamam numa *nova escola* as theorias mais antagonicas: Lombroso, Garofalo, Puglia, Tarde, Spencer, Letourneau e Tobias Barretto, são alternativamente citados e seguidos.

A esse defeito de concepção devemos acrescentar a fórma descurada, incolor e ás vezes ingenua. O estudo e a reflexão não deixarão taes defeitos em obras posteriores, pois que o Dr. Aureliano Leal póde em novos trabalhos prestar bons serviços á indispensavel reforma da nossa organização penal.— I. DE S.

93.—**Quadros da Historia Colonial do Brazil,** pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva, Rio de Janeiro, H. Garnier, editor, s. d. (1896) em 8º, XI—253.

Este novo livro do velho e fecundo escriptor, nada acrescenta ao valor da sua obra, uma das mais numerosas da nossa literatura. E não fôra o respeito que nos merece o autor de tantos livros consagrados á historia nacional, diriamos que teria andado melhor não o publicando.

Si o valor da sua obra historica não é grande, por ter sempre o A. sacrificado á pressa e fugido aos cançativos labores da investigação acurada e paciente que requerem taes trabalhos, si ha nelles falhas e improvisos que traem o diletante diminuindo o historiador, não é menos verdade que a sua *Historia da Fundação do Imperio Brazileiro,* apezar dos seus defeitos, é um livro de merecimento. E de outras obras suas, desprezadas as falhas de uma informação mal segura, se poderia dizer o mesmo.

Em paiz onde os estudos historicos fossem mais serios e assentassem na base solida e indispensavel da pesquisa das fontes, da investigação dos documentos, da critica dos textos, a obra do Sr. Pereira da Silva seria de

Digitized by Google

segunda ou terceira ordem. Entre nós, porém, ella occupa, o livro citado ao menos, um lugar honroso, mesmo porque é unico.

Os seus demais trabalhos, tem pelo menos o valor de vulgarizações historicas, muito uteis, sinão muito boas, em terra onde a literatura historica é tão escassa e deficiente.

Este ultimo livro, porém é de pouca valia. Não ha nelle, sem embargo da insinuação contraria do prologo, nenhuma novidade, o estylo é de uma frouxidão lamentavel e a linguagem frequentemente incorrecta.

Na mesma narrativa, não fôra difficil apontar inexactidões historicas, pouco cuidado nas transcripções dos nomes dos personagens e enganos em datas. Destes equivocos alguns podem aliás ser attribuidos a deleixo da revisão, pois o livro foi impresso na Europa. Assim Bento do Amaral Grugel ou Gurgel, um dos heróes da resistencia a Duclerc vem com o nome de Bento do Amaral Coutinho (p. 173). Domingos de Brieba, um dos frades que desceram o Amazonas ao acaso em 1637 está transformado em Domingos de Brito e Jacome Raymundo em Jacomo (p. 241) e aquella data vem, certamente por erro typographico, 1627.—J. V.

94.— **Estudos Agricolas**, por A. de Medeiros — S. Paulo, typographia Espindola, Siqueira & Comp.— 1896.

Com aquelle titulo recebemos do autor interessante opusculo de 181 paginas, in-8º francez, impresso em bom papel e escripto com clareza e fluencia, o que não é de admirar em quem por muito tempo lidou na imprensa desta capital e nella terçou armas. Agora o Sr. Medeiros, estabelecido em sua fazenda Pirapóra, perto de Araraquara, S. Paulo, mais feliz do que muitos, voltou o espirito e a attenção unicamente para as questões agricolas que encara com zelo e perspicuidade, buscando diffundir conhecimentos praticos e uteis, que lhe tem aproveitado na sua nova existencia de grande agricultor.

Divide-se a brochura em 3 partes, sendo a primeira consagrada ao estudo do *Futuro agricola da Bahia*, a segunda a uns *Apontamentos sobre o percurso da estrada de ferro de Araraquara ao Ribeirãosinho*, a terceira ao *Congresso agricola de S. Paulo*.

Nos conselhos ao seu estado natal (?), conta o A. o modo porque em S. Paulo se cultiva o café e as relações estabelecidas entre o fazendeiro e os novos elementos do trabalho sobretudo desde a lei da abolição. Nesse ponto agita elle de passagem varias e serias questões, em que divergimos, por exemplo quanto as esperanças que ainda deposita na conveniencia da introducção de chins e *culis* e á reproducção que lhe merece o systema de parceria e meiação, estando, comtudo, de perfeito acordo a respeito das innumeras e indiscutiveis vantagens acerca da organização da *pequena*

Digitized by Google

propriedade, que o eminente André Rebouças com tanto cabimento e tão alta intuição philosophica denominou a *democracia rural*, em contraposição ao *landlordismo* e ao *latifundio feudal*, forma esta, afinal, ainda dominante em quasi todo o Brazil e com especialidade em S. Paulo.

Pena é que o A. tratando, aliás com demasiado laconismo, de *pequena propriedade* e dos admiraveis frutos que della decorrem á bem do real e solido progresso do paiz, não tivesse lembrado os serviços que, na propagação de tão salutares idéas, prestou a *Sociedade Central de Immigração* nos seus seis activissimos annos de enthusiastico e incessante labôr (1883 a 1889). Verdade é, que foi em S. Paulo que as theorias que essa associação sustentou e theses por ella prégadas encontraram terrivel impugnação e os mais decididos e violentos adversarios. Mal se estabeleceu, entretanto, a republica, e o governo provisorio de pancada decretou varias medidas de caracter social propostas desde longos annos pela Sociedade Central e que ella pretendia conseguir pela convicção e pelo esforço da propaganda mas que foram impostas então dictatorialmente sem mais opposição nem siquer reparo de ninguem.

Aconselhando á lavoura da Bahia e com razão o cultivo do cacáo, adduz o A. algumas considerações valiosas. Parece, de facto, que para os lados de Ilhéos, essa cultura daria grandes resultados, embora não sejamos partidarios, sinão da utilização systematica das zonas naturaes de cultivo. Quantas decepções, na verdade, não têm advindo do precipitado estabelecimento de possantes engenhos de assucar, em pontos totalmente improprios para a producção, só porque nelles a canna de assucar dá em abundancia e apparenta riqueza em principios saccharinos ?

No correr dos *Estudos agricolas* do Sr. A. de Medeiros ha muita informação boa que colher e não raros assumptos de meditação aventados, campo offerecido aos estudiosos e áquelles que sensatamente vêem no aproveitamento racional do sólo a verdadeira fonte de abençoada abastança, sinão riqueza.—V. DE T.

NA EUROPA LATINA (Impressões de Viagens, por Gustavo Penna. Porto. 1896, in-16, 278 pp.

Faz parte este livro dos excellentes brindes que aos seus assignantes offereceu este anno o *Paiz*. O livro é um livro modesto e sem pretenções—como declara o A. cujas observações geralmente banaes são ditas em linguagem despreoccupada de ambições literarias. A cultura geral do A. mostra-se ás vezes falha, por exemplo quando faz de Watteau e Poussin, pintores da Renascença e contemporaneos de Rafael e Miguel Angelo. Não prejudica esse e alguns outros senões completamente o livro, que se póde ler com prazer e proveito.

ANNUARIO PUBLICADO PELO OBSERVATORIO DO RIO DE JANEIRO para o anno de 1897, Rio de Janeiro, 1896, in-16, VIII—244 pp.

Digitized by Google

E' o 13º volume desta excellente e util publicação do nosso Observatorio Astronomico. Não sabemos que no genero haja nenhuma que se lhe avantaje em lingua portugueza. A sua duração de treze annos, a regularidade da sua publicação, a copia de informações, noções, noticias, da maior utilidade para engenharia, navegação, agricultura, etc., tornam-na digna de recommendação e de apreço.

* Flor de Sangue por Valentim Magalhães, Laemmert & Co., editores, Rio de Janeiro, S. Paulo, Recife, 1897, in-16, XV — 384 pp.

Relatorio da Commissão de Estudos de Escolas Secundarias dos Estados Unidos, Capital Federal, in-8º, 319 pp.

Este livro, a que só falta uma melhor disposição typographica para ser realmente um, é a traducção, feita pelo nosso collaborador Sr. professor Said Ali, do relatorio já hoje famoso da commissão nomeada pela Associação Nacional de Educação Americana a 9 de julho de 1892 para estudar o ensino secundario nos Estados Unidos, conhecida com o nome de « Commissão do dez » pois era composta de dez membros, escolhidos entre os que a sciencia da educação possue ali de mais selecto, presidentes de universidades, directores de escolas, professores. Esse relatorio foi presente ao Superintendente da Instrucção Publica, director, do *National Bureau of Education* e por este ao secretario do Interior. E' um documento do mais alto valor, que mereceu a toda imprensa especial da Europa e da America analyses e discussões.

Fazendo-o traduzir e publicar como o fasciculo 12 das suas *Memorias e Documentos escolares*, o Pedagogium Brazileiro prestou mais um excellente serviço ao ensino em nosso paiz — onde taes questões andam infelizmente tão descuradas.

Archivo do Estado de S. Paulo, Publicação official de Documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo, vol. XI, Divisas de S. Paulo e Minas Geraes, S. Paulo, 1896, in-8º, CXI — 953, pp. e 4 mappas.

Já tivemos mais de uma vez occasião de referir-nos, com os merecidos elogios, a esta notavel publicação do Archivo estadual de S. Paulo. O volume que temos presente, XI, é excepcionalmente importante, consagrado inteiramente a questão dos limites dos dois grandes estados de S. Paulo e Minas. O nosso collaborador Dr. Orville A. Derby, da Commissão geographica e geologica tão sabiamente mantida por aquelle estado e tão proficientemente dirigida por elle, foi o colleccionador e coordenador das centenas de documentos reunidos neste grosso tomo. Precedeu-os elle não só de um curto prefacio em que informa do seu trabalho, mas de uma estensa e substancial introducção (p. XXXIV — CXI) resumindo a historia desta questão das divisas dos dois estados.

Assim este volume não é só util como notabilissima contribuição para a sua solução, mas ainda um precioso subsidio para a nossa historia e geographia.

Digitized by Google

A POLITICA

14 de janeiro de 97.

E' uma questão que já vem de longe, esta da intervenção federal nos estados, questão que o Sr. Dr. Prudente de Moraes tem feito esforços para esclarecer, que o senado procurou liquidar, discutindo-a, mas que a camara dos deputados entendeu melhor pôr de parte, depois de ter nomeado uma commissão para estudal-a de accordo com a outra casa do Congresso.

Ora, o menos que a camara dos deputados póde pretender que se conclua da sua obstinação em não discutir o assumpto, em não esclarecer a materia, é que os artigos não precisam de ser interpretados pelo corpo legislativo, e que ao executivo compete applical-os, como e quando entender conveniente.

Agora, por exemplo, deu-se uma hypothese em terreno muito apaixonado, e a opinião está actualmente muito dividida. Por duas vezes, em Sergipe, e em Campos, o Sr. vice-presidente da Republica pôz á disposição dos respectivos juizes seccionaes a força federal para fazer respeitar ordens de *habeas-corpus* dadas a requerimento de cidadãos que se viam ameaçados no exercicio de seus direitos politicos. Chamou-se a isto intervenção federal nos negocios eleitoraes dos estados, e a celeuma levantou-se principalmente a proposito do estado do Rio, depois de ter passado sem protesto caso identico em Sergipe.

Digitized by Google

Chegou-se a falar em invasão do estado pela tropa de linha, aproveitando as circumstancias para desnaturar o caso. As tropas que invadiram Campos eram trinta homens commandados por um alferes, e para invadirem o estado do Rio de Janeiro sairam de Nyteroi onde estava e está aquartelado o batalhão a que elles pertencem. Si as ordens de *habeas-corpus* tivessem sido requeridas por eleitores residentes na ex-capital do estado, e ahi houvesse supplente de juiz seccional, este, si suspeitasse que a ordem do juiz não era respeitada, recorreria pura e simplesmente ao commandante do batalhão, e então já seria mais difficil falar em invasão do estado, e declarar guerra sem treguas ao Sr. Dr. Manoel Victorino.

Mas, em Campos, não ha os supplentes, apezar de propostos ha longo tempo pelo juiz seccional os nomes dos cidadãos que elle julgou aptos para esses cargos, e não ha força federal; foi preciso então ir o juiz seccional em pessoa, foi preciso levar força de Nyteroi, e estas circumstancias, que são secundarias, é que estão constituindo para os queixosos o eixo capital das accusações que formulam.

E talvez seja util que o caso se tenha dado a proposito de eleições, porque neste ponto vamos sempre de mal a peior.

Todos os meios condemnaveis são postos em pratica sem o minimo rebuço, desde o diploma falso até o falso eleitor, desde o suborno até a ameaça, como se não bastasse a falsificação de actas.

Os homens que manejam estas armas, em favor de um partido, de um grupo, ou dos seus interesses pessoaes, não querem ver que estão compromettendo o regimen, que o estão desprestigiando. A Republica, tendo derrubado o imperio, tem o dever de ser melhor do que elle. Ora, em materia de eleições, estamos justamente no mesmo, com a differença que, no tempo do imperio, era um mal a que se estava habituado, e se considerava incuravel, ao passo que, esperava-se que a Republica reformasse estes costumes, porque interessando-se hoje muito mais a opinião pela marcha dos negocios publicos, as irregularidades e fraudes dão muito mais na vista, e solapam os creditos das instituições novas.

Este caso de Campos encerra uma lição interessantissima. Havia um grupo que dominava a cidade, dispondo de todas as

Digitized by Google

posições, e tendo por conseguinte uma maioria eleitoral garantida. O representante desse grupo na camara dos deputados declarou-se em opposição ao Sr. Presidente da Republica, o que era aliás secundario, mas fez tambem opposição ao presidente do estado do Rio de Janeiro, o que já era muito mais melindroso. Quando o directorio fluminense organizou a chapa de candidatos á deputação, excluiu esse candidato, mas pensou-se que lhe permittiria disputar o terço constitucional.

Mas, para não abandonar as tradições, mudou-se em Campos o pessoal que podia mudar o governo estadual, e as posições definiram-se de modo que não só o directorio resolveu disputar tambem o terço, mas a opposição preparou-se para bater chapa. Ora, esta tinha as suas antigas posições conquistadas, os seus amigos para a organização das mesas, os seus eleitores arregimentados; á policia restava o recurso das violencias. Aquella previniu-se recorrendo ao poder judiciario, e como os adversarios não tinham previsto o golpe, desnortearam. D'ahi a grita, que ninguem, que não tenha interesse pessoal em Campos, pensa siquer em attribuir á questão de principios.

Porque, a que se reduz a questão?

Pedindo ordem de *habeas-corpus*, os eleitores da opposição procuraram garantir-se contra violencias que julgavam provaveis. Si a policia não tinha tenção de lançar mão desse recurso, si não pretendia usar de violencia, a ordem era simplesmente inutil, e em coisa alguma alterava o andamento regular do pleito. Si o directorio tanto se incommodou com o juiz seccional, foi porque sentiu que a ordem dada por este collocava em posição de excepcional gravidade os agentes que interviessem no pleito pela força.

E no emtanto, o caso de Sergipe devia têl-os posto de sobre aviso, demonstrando que o actual chefe do estado está disposto talvez a aceitar a indicação tacita da camara dos deputados, e a intervir nos estados nos termos que a Constituição estabelece.

A justiça federal seria uma inutilidade si não tivesse meios de fazer respeitar as suas deliberações. A supposição é que em cada ponto do paiz em que ha uma autoridade, ha tambem á disposição desta os meios de se fazer obedecer. E como não é materialmente possivel realizar essa hypothese, o recurso legitimo

Digitized by Google

é transportar-se o juiz para o ponto em que a sua presença é necessaria, e fazer transportar para lá a força de que precisa, e nesse ponto, no momento em que os factos o reclamem, a presença do juiz e a da força são tão legitimas, tão naturaes, como o são na séde em que aquelle funcciona, no quartel em que aquella se aloja, ou como se aquelle ponto fosse a sua residencia habitual.

Este caso serviu para provar que contra as violencias eleitoraes ainda ha um recurso, serviu para provar que assim como já se tem manifestado o espirito de resistencia contra tentativas de subversão da ordem publica, contra os organizadores de pronunciamentos, tambem se manifesta o espirito de resistencia contra essa outra ordem de attentados, não menos nocivos.

E' assim, com a lição da experiencia, com o exemplo que dão os que lutam, que se ha de ir formando o caracter nacional, de modo a impedir que o paiz seja um vasto feudo de meia duzia de mandões. E' assim que as posições serão conquistadas pelos que as merecerem, e não impostas. E' assim que as funcções publicas serão exercidas pelos competentes em vez de serem o privilegio de uma commandita. No caso de Campos, o directorio fluminense foi batido pelas proprias armas que elle forneceu, e que não conseguiu inutilisar a tempo. O mesmo já aconteceu ao directorio do districto federal que teve de submetter-se á exigencia de chefes locaes, e excluir da chapa o primeiro secretario da camara dos deputados. E' que de processos máus, não se póde esperar resultados bons, e o povo ha de ir aproveitando estas lições até comprehender que é elle o verdadeiro soberano.

FERREIRA DE ARAUJO

Digitized by Google

A LIGA

I — MINISTERIO FERRAZ

(1859—1861)

Na sessão de 1860 a questão unica de caracter politico discutida por Nabuco é a reforma eleitoral, que extingue os circulos de um só deputado. Nabuco sustentara no ministerio Paraná a idéa dos districtos de tres, como uma transacção entre a representação das influencias reaes do paiz, que os partidarios dos circulos reclamavam, e a conservação do nivel intellectual e politico do Parlamento que julgavam dever predominar os partidarios da eleição por provincias. Em 1859 elle entendia ainda conveniente o alargamento dos districtos eleitoraes; em 1860, porém, hostiliza a reforma. Seria para guerrear o ministerio, favorecendo a opposição, ou por ter receio de maiores inconvenientes da suppressão dos circulos? A posição de Nabuco era difficil desde que faziam delle « o iniciador » da idéa que elle agora combatia, [1] mas em materia eleitoral o legislador deve ter mais em vista a execução do que o systema da lei:

Este artigo é extraido do segundo volume (inedito) da *Vida* do Senador Nabuco por seu filho o Sr. Joaquim Nabuco. Os trechos que demos em numeros anteriores da *Revista* pertencem ao primeiro volume. N. da R.

[1] « Devo manifestar á Camara, dissera Paranhos na sessão de 30 de julho, que a idéa das circumscripções de tres ou pelo menos de dois deputados já em 1855 me parecia preferivel. Quando esta idéa foi suscitada nas conferencias do gabinete de 6 de setembro, adheri plenamente á opinião do illustrado Sr. conselheiro Nabuco que a iniciou. » Ver em F. Belisario, *O systema eleitoral no Brazil*, a elucidação desse debate.

Digitized by Google

à melhor lei para um ministro que quizesse fazer o ensaio de uma eleição livre, como Paraná em 1856 ou Saraiva em 1881, não era a mesma que para um governo que quizesse restabelecer as camaras unanimes. A situação era curiosa entretanto. Olinda, o grande inimigo dos circulos de um em 1855, não queria agora que se tocasse nelles. O resultado da lei tinha sido o opposto do que elle esperava, por isso a queria conservar. « A' vista de tal resultado que desmentiu todas as prevenções, dizia elle, declaro que não sou eu, nem devemos ser nós que votamos contra a lei, que devemos vir aqui sustentar a sua revogação. Si esta lei, cujos effeitos eu temia, desmentiu na pratica o meu juizo, acho-me desarmado contra ella. » Era elle assim quem defendia a obra predilecta, a clausula testamentaria do marquez de Paraná, o ponto de todos que este mais tomara a peito e que se pretendia desfazer apezar dos resultados confessados. Essa attitude de Olinda não podia deixar de falar ao sentimento intimo de Nabuco, de despertar nelle a antiga solidariedade com o chefe a cujo pensamento, a cujas esperanças curvara em 1855 seus receios e suas preferencias.

No seu discurso de 6 de junho de 1859 Nabuco referiu-se ao isolamento em que se achava entre os partidos. A politica da conciliação, que servira sinceramente, estava morta; a olygarchia conservadora senhora do campo. «Não é possivel mais, dissera elle, que tenhamos partidos duradouros, transmissiveis; os nossos partidos não podem nascer sinão com as questões de actualidade para com ellas morrerem. Esses partidos das éras passadas não os achareis sinão nos paizes onde ainda ha interesses heterogeneos de classes. Os partidos cessam quando cessa a sua razão de ser...» Nesse discurso fizera um quadro pessimista da situação economica do paiz, mais ainda, da sua constituição territorial politica, do que se poderia chamar o organismo social da escravidão. « O que vos digo, senhores, é que a nossa situação é lamentavel; é que a nossa agricultura está sem braços, sem capitaes, e sem credito; que a nossa propriedade territorial está tão concentrada, tão mal dividida, tão mal distribuida que neste vasto imperio, afóra os sertões e os lugares incommunicaveis não ha terras para serem cultivadas pelos brazileiros e estrangeiros, que não têm outra esperança sinão nas subdivisões tardias que a morte e as successões podem operar; é que as nossas emprezas industriaes estão desacoroçoadas, e á

Digitized by Google

mercê, e em dependencia de subvenções; o nosso meio circulante está embaraçado e critico; e quando devemos procurar remedio para estes males com a cooperação de todos queremos ajuntar as paixões politicas...» «Encarnai as paixões politicas, avisava elle, na fome e na miseria e não podereis calcular o alcance e o effeito desses elementos contra os quaes os exercitos seriam impotentes.» E concluia assim: «Vossa alma, vossa palma. Dividi os partidos, eu ficarei no meu posto de conservação e progresso. Antes quero, como dizia Lamartine, estar isolado que confundido em uma época como esta. Quando porventura houver aggressão contra as instituições, contra a ordem publica, então estarei do lado dos conservadores mais extremados; hoje, é uma provocação.»

Isto dizia elle ao ministerio Abaeté do qual se retirara; em 1860, perante o ministerio Ferraz, a sua linguagem era a mesma quanto á independencia em que estava do vinculo partidario:

«A minha posição actualmente, dirá elle, em 25 de julho, ainda é a mesma de 1859; considero-me isolado, considero-me em unidade, não acompanho a nenhum dos lados que no parlamento quer representar os partidos extinctos e que, por consequencia, nada representam e não significam o estado real do paiz. Nenhum dos lados, pois, póde contar comigo; hei de votar com um ou com outro como me parecer justo e conveniente ao paiz. Ora, já o senado vê que aquelle que se diz isolado, que aquelle que assim se reconhece em unidade, não póde aspirar ao poder, a menos que por uma aberração de espirito não pretenda governar contra as condições do systema representativo... Demais eu entendo que neste estado anormal em que nos achamos, todos os ministerios devem ser tolerados, porque todos se hão de achar nos mesmos embaraços politicos e, pois, si não estou resolvido a guerrear a qualquer outro ministerio quanto mais áquelle em que se acham amigos meus!»

Esses amigos eram quasi todos os membros do gabinete, especialmente Sebastião do Rego e Paes Barreto, da deputação pernambucana, intimos de Nabuco. Por isso recebera bem o gabinete e o sustentara em começo. A Saraiva elle escreve em 8 de novembro desculpando Ferraz pelo Regulamento do Sello, a proposito da impressão que o acto causara, sobretudo na Bahia, onde o commercio fez uma manifestação de desagrado durante a estada do Imperador: «Que hei de dizer do Regulamento do Sello? O

Digitized by Google

mesmo que V. diz, sobretudo achando-se o Imperador na Bahia foi muito importuna e impolitica essa medida. Releva, porém, aventurar que ella é um acto consummado como seria a do Salles si elle a tomasse antes da abertura do Parlamento. Sinto muito que a impressão causada pelo Regulamento fosse além da medida constitucional e reflectisse contra o Imperador que ficou muito maguado e temeroso pelo futuro do paiz. Senti muito que se quizesse desmentir e desluzir o caracter do nosso povo, cujo enthusiasmo fôra pouco antes uma bella esperança. Entretanto, que ministerio virá depois deste? Não póde vir melhor, elle, posto que tal e tal, é uma necessidade da situação; emquanto não se prepararem idéas para subir com ellas e morrer com ellas, as coisas hão de ir assim mesmo; as situações invertidas, mystificadas.» Com a marcha do gabinete, porém, elle se vai pouco a pouco distanciando. Ia-se tornando cada vez mais claro o que vira desde logo, que o gabinete politicamente era o instrumento dos chamados olygarchas. «Divirjo de ti, escrevera elle a Taques em 30 de setembro de 1859, pensando, como penso, que nenhuma gloria cabe ao Ferraz na situação actual, que não foi sinão uma reacção operada pelos olygarchas e da qual elle foi instrumento.» Em 1860 não havia mais duvida; ao passo que as eleições se aproximavam, o Consistorio tomava o lugar do ministerio. «O que ha por aqui V. Ex. sabe, escrevia Nabuco a Saraiva em 2 de novembro; os vermelhos se constituiram em consistorio e dispõem como querem do governo que os vai acompanhando como elles querem e para onde o levam. Si o partido popular se não organizar como convém, a situação correrá para o Ottoni, e não haveria meio termo, ou a olygarchia ou a revolução. Continuo no meu isolamento, mas desejoso de sair delle. Apezar de tudo, muito espero da eleição.» As sympathias de Nabuco eram desde então por esse indefinido, pela incognita que devia sair das urnas. Elle sentia que uma nova ordem de coisas, na qual se havia de encarnar o espirito da Conciliação, estava em elaboração no paiz, mais forte do que o antigo partido conservador, aquelle que imprevista e espontaneamente surdira em 1837 das convulsões da Regencia. Por uma singular conjuncção Nabuco achava-se ao lado de Olinda, á frente do movimento que devia terminar pela formação, em 1868, de um partido liberal radical e que só devia gastar a sua força de impulsão

Digitized by Google

contra o choque de 15 de novembro. « Todos sabem, dizia Feitosa, que o chamado outr'ora partido *guabirú*, quando triumphava da parcialidade adversa, tinha dois homens eminentes que o dirigiam, um na côrte e outro na provincia. O da côrte era o Sr. marquez de Olinda e o da provincia era o Sr. Nabuco; esses dois homens eram a cabeça desse chamado partido... Hoje o que acontece? Os dois grandes esteios da parcialidade vencedora de Pernambuco se acham separados della. » [1] A desaggregação do partido conservador começava assim a operar-se em Pernambuco sob a acção dos chefes da côrte em que elle se inspirava. « Vejo o que me dizes, escrevia Nabuco a Sá e Albuquerque (2 de novembro) sobre a situação da provincia. Será util e conveniente que os liberaes estejam fóra de combate, mas isto não é indicio de estabilidade, sim de uma reacção. » Visivelmente, elle não quizera substituir os seus amigos, ainda conservadores, pelos antigos praieiros; mas o seu desejo era que na Camara houvesse opposição sufficiente para se não desfazer, mas continuar a transformação que elle antevia. Por outras palavras, desejava que os elementos conservadores progressistas formassem o principal contingente da nova situação, a que os liberaes haviam, certamente, de adherir, em vez de serem absorvidos por estes. E' assim que em outubro elle escreve a Dantas em uma carta na qual paga um tributo de saudade á morte de Landulpho: « As coisas por aqui vão indo, a olygarchia cada vez mais poderosa, tendo, como tem, o ministerio á sua disposição: tudo se predispõe para uma reacção terrivel, para uma situação da qual o homem será o Ottoni. » [2]

Apparentemente Ferraz tinha unido o partido conservador e extremado o liberal que se insinuara nas suas fileiras,—que grande resultado não era esse! — para quem observava, porém, os acontecimentos, ao passo que a resurreição do antigo liberalismo era visivel e certa, a união conservadora era superficial e illusoria. O gabinete não tinha feito sinão aprofundar a separação no partido conservador; este iria ás urnas sob a bandeira ministerial, mas para apparecer na futura Camara scindido em duas fracções, uma das

---

[1] *Liberal Pernambucano*, de 6 de setembro de 1860.

[2] « Chorei a morte do Landulpho, cujo talento honrava a nossa terra e muito promettia. »

Digitized by Google

quaes seria o nucleo do novo partido. A aspiração de Nabuco era que esse contingente conservador da futura Liga, já que a conciliação não correspondia mais á divisão dos partidos, tivesse o predominio nella sobre o elemento liberal historico, cujo espirito elle receiava. Na incerteza da constituição dessa Liga, que tudo annunciava ser inevitavel, ignorando, para melhor dizer, a porcentagem dos elementos de um e outro lado que a haviam de formar, elle preferia ainda isolar-se, guardar sua liberdade de acção. Convidado em 30 de setembro por Octaviano para presidir uma reunião eleitoral recusa-se nestes termos, que envolvem um compromisso: « Sinto não poder presidir a reunião dos seus amigos politicos da Lagôa. Este passo dado por mim sem ainda haver uma base ou ajuste, comprometteria o meu proposito politico. » Esse proposito era o de não ligar-se a nenhum dos antigos partidos. Nabuco foi em nossa politica o iniciador desse principio que os partidos se legitimam por idéas e duram emquanto ellas duram. A sua theoria, como vimos, era que só nas sociedades aristocratas podem existir partidos historicos; era como se dissesse que não queria os partidos como corporações de mão morta e declarasse abolidos os vinculos transmissiveis para com elles,— a expressão mesma *partidos transmissiveis* é delle.

Nessas eleições de 1860 está sem compromissos e recommenda amigos de um e de outro lado. Um instante pensou em um manifesto. A Souza Ramos em dezembro escreve: « O manifesto de cujas idéas lhe falei, não está formulado, mas apenas em embryão e por isso não lhe posso remetter. » Souza Ramos pedia-lhe por Flavio Farnese e Nabuco recommendava-o a alguns amigos de Minas como « um joven de muito talento, muito dedicado á causa publica, e estranho aos antigos partidos que dilaceram a nossa terra. » Pela eleição senatorial de Ottoni, empenha-se diversas vezes.

Essa eleição de 1860 póde-se dizer que assignala uma época em nossa historia politica; recomeça com ella a encher a maré democratica que desde a reacção monarchica de 1837 se tinha visto continuamente baixar e cuja vasante depois da Maioridade chegara a ser completa. Na côrte a campanha foi ardente, enthusiasta, popular, como ainda não se vira outra; a mocidade do exercito tomou parte nella, o commercio subscreveu generosamente, o povo dirigia-se de uma para outra freguezia capitaneado por Theophilo

Digitized by Google

Ottoni, cujo lenço branco figura constantemente nos epigrammas politicos da época; a chapa liberal triumphou toda: Theophilo, Octaviano, Saldanha Marinho, e esse acontecimento tomou as proporções de uma revolução pacifica que tivesse finalmente derribado a olygarchia encastellada no senado. Tal victoria creava um partido; queria dizer, de facto, a resurreição do partido liberal com outro pessoal e outras idéas, mas com as mesmas tradições, o mesmo espirito, mais forte que os homens e que os principios.

Nabuco tinha bem previsto; a situação era de Theophilo Ottoni. Si Theophilo não fosse então, na frase de Disraeli « um vulcão extincto », um homem acabado, de outras éras, que não renovara desde 1831 o seu cabedal politico, um veterano novato, apparecendo ao lado das gerações modernamente educadas como um anachronismo vivo, ter-se-ia apossado do governo, dominado a Camara e curvado o Imperador deante da sua popularidade. A reputação immensa que o precedia impunha-lhe, porém, obrigações que elle não podia satisfazer, exigia delle, perante um publico por natureza critico e iconoclasta como o nosso já se estava tornando, um talento que fizesse sentir a superioridade do passado que elle representava, ou então uma mocidade de espirito que lhe permittisse partilhar os enthusiasmos de uma época profundamente diversa da sua. Theophilo não tinha nem essas faculdades intellectuaes poderosas nem essa plasticidade e volubilidade de espirito. Na tribuna pertencia á ordem dos oradores espontaneos, animados, diffusos e prolixos. Sua estréa, anciosamente esperada, em 1861 é um contratempo; elle fala até o escurecer e a uma observação do presidente declara-se prompto a ir até meia-noite. A arenga toda é hoje illegivel; o tribuno eleitoral que o povo seguia arrebatado sentia-se enjaulado no parlamento, onde, exclusivamente, se conquistava a primeira posição. Com sua generosidade e cavalheirismo, igualdade e affabilidade de trato, elle é particularmente um homem estimado e querido de todos. Das rodas de moços que seguem Octaviano é elle o centro, mas ahi achava-se mais ou menos como Lafayette entre os revolucionarios de 1830 ou mesmo Saldanha Marinho entre a geração de 15 de novembro: é o automato do seu proprio nome, ligado a um tradição que na renovação continua dos tempos perdeu o ultimo vestigio de identidade e a

Digitized by Google

que os mais novos dão um alcance, um sentido, um objectivo moral diverso de tudo que no ardor da mocidade o teria electrisado e movido.

As eleições de 1860 tiveram immensa repercussão em todo o paiz. O effeito da eleição de Ottoni e dos seus companheiros de chapa foi além de tudo que imaginava a opposição a Ferraz. A olygarchia fôra desarraigada, derribada por um verdadeiro furacão politico. Ferraz não esperou a reunião das Camaras para demittir-se[1] e em 2 de março de 1861 formava-se novo gabinete sob a presidencia de Caxias, cujo braço direito seria Paranhos.

JOAQUIM NABUCO

(*Continúa*)

---

[1] Quem provoca a crise é Almeida Pereira, ministro do Imperio, para quem a situação do paiz, com *elementos subversivos que actuam fortemente sobre elle,* (a frase é da carta em que pedia demissão do cargo), reclama uma modificação na politica ministerial.

Digitized by Google

JURISTAS PHILOSOPHOS

III

No seculo XVIII, tres direcções differentes se abrem diante do pensamento juridico em suas attinencias com a philosophia. O caminho já vinha sendo desbravado de longa data, mas no seculo que viu a *Encyclopedia* e a revolução franceza, essas tendencias do espirito, a que alludo, cavaram mais fundo os sulcos por onde se tinham de canalizar, avolumaram-se e fecundaram largamente a intelligencia.

De um lado, é a theoria do direito natural cujas sementes foram lançadas pela philosophia grega, que dominara um momento em Roma, e resurgira no seculo XVI com Oldendorp e Hemming, e se firmara definitivamente no livro celebre de Grotius — *De jure belli ac pacis*. De outro, a reacção positivista de Bentham pelo utilitarismo. De outro, finalmente, a tendencia historica que iniciara Cujas e que deu nascimento á brilhante escola de Savigny.

Por largo tempo as bellas observações de Montesquieu em relação ao influxo da mesologia sobre a constituição e a vida juridica dos povos haviam de ficar quasi inaproveitadas. Mas para nos convencermos de que o bulbo da bôa doutrina conservara latente a sua vitalidade, bastará mostrar quanto a ethnologia tem sido ultimamente invocada para a solução dos problemas da sciencia do direito.

A theoria do direito natural encontrou larga e pressurosa sympathia da parte dos juristas, como se póde ver em Burlamaqui,

---

Veja a *Revista* de 15 de janeiro.

Digitized by Google

Blackstone e outros; mas foram os philosophos, não os legistas, que souberam primeiramente erigil-a num corpo de doutrina systematizado e resistente, desenvolvendo e aperfeiçoando os principios assentados por Grotius. Wolf e Kant, principalmente o grande pensador de Kœnsberg, fôram os theoristas e os dialecticos do direito natural.

Não pretendo falar, nesta occasião, dos philosophos que se occuparam com o direito, complexo de normas do viver social que realmente não póde, com facilidade, escapar ás cogitações de quem pretende constituir um systema de interpretação geral do mundo. Somente os juristas que se tenham transportado aos problemas da mais alta generalização no dominio de sua propria sciencia, é que me devem solicitar presentemente a attenção. Entretanto, como já aconteceu quando tratei da Grecia, para a intelligencia geral das idéas, é necessario, algumas vezes, levantar um pouco a vista e descortinar o que se passa além do campo fechado da jurisprudencia, ao qual me pretendo circumscrever.

Além disso Kant é o philosopho maximo dos tempos modernos. Como diz Zeller, e cada um póde por si verificar, teve elle uma particular influencia sobre a doutrina juridica; mais ainda, tendo transformado a concepção do direito até então dominante, póde ser considerado o creador de uma philosophia nova do direito [1]. Não é sómente entre os philosophos que os *Elementos metaphysicos da theoria do direito* ecôam. Feuerbach, o notavel reformador do direito criminal na Allemanha, é discipulo de Kant; Zachariae, o correcto civilista popularizado nos paizes latinos por Aubry et Rau, é discipulo de Kant; assim Hugo, Savigny e outros muitos.

Os continuadores de Kant na direcção do pensamento philosophico, Fichte e Schelling, continuaram a desenvolver a doutrina do direito natural. Hegel, porém, já inicia uma reacção, embora ainda sob feição idealista. Aliás os jurisconsultos hegalianos, Gaus e Lasson, voltam, de preferencia seus ataques contra a escola historica que afastou as especulações philosóphicas. Entretanto o direito natural ia perdendo terreno. Hugo, Stahl, Lerminier, entre os juristas, propunham substituil-o pela philosophia do direito, ou, ao menos, pela theoria natural do direito. Outros proporão uma especie

---

[1] Aguilera, *L'idée du droit en Allemagne.*

Digitized by Google

de transacção, falando em direito ideal, como Cavagnari, entre os juristas, e Fouillée, entre os philosophos [1]. Porém não poderiam expedientes mais ou menos anódinos pôr termo á decadencia que solapara profundamente a theoria e que promettia seu completo desabamento dentro de poucos instantes.

Extincta em nossos dias a escola do direito natural, depois de um percurso que foi longo e abundoso em juristas, reconhecer-se-á, entretanto, que sómente um, entre todos, tem jus incontrastavel a ser collocado ao lado dos philosophos reformadores. E' o hollandez Hugo Grotius ou Groot, de quem disse Vico, apezar de seus escrupulos religiosos [2], que era o *philosopho da humanidade*.

Não importa similhante asserção minha negativa injustificavel de que outros, no ambito da mesma doutrina, se não tenham elevado até ás abstracções que resumem os principios fundamentaes do direito humano; teria mesmo difficuldade de contestar, si o pretendesse, as aptidões philosophicas de um Ahrens ou de um Gaus, por exemplo. Quero significar sómente que o jurisperito hollandez é um chefe de escola, um creador, ao passo que os outros, por mais operosos e bem dotados que fossem, apenas desenvolveram as idéas que elle e, depois, Wolf e Kant puzeram em circulação.

Voltando agora a acompanhar a escola positiva, poderei, com Giuseppe Carle [3], fazel-a promanar de Hobbes, a quem se tem feito igualmente remontar a origem da sociologia moderna. Apezar, porém, de seus esforços, um racionalismo sem freio da experiencia empolgou a solução dos problemas da moral e do direito, produzindo, muitas vezes irrisorias extravagancias, e deixando a verdade, relativa embora mas verificavel, de mais em mais perdida na distancia. Apparece então Jeremy Bentham.

A jurisprudencia ingleza havia encontrado em Blackstone o seu mais nobre representante, na Inglaterra. Mas a tarefa estafante de

---

[1] Fouillée, *L'idée moderne du droit, pag. 349*; «A philosophia franceza fala de direito natural, quando devera falar de direito ideal, porque a natureza nao conhece direitos.»

[2] Sabe-se que Vico, sendo solicitado para fazer a traducção do livro classico de Grotius, poz mãos á empreza e já tinha vencido um estenso tracto de trabalho, quando se lembrou de que estava contribuindo para a vulgarização das idéas de um herege, suspendeu a penna.

[3] *La vita del diritto*, 2ª ed. pag. 313.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

em vez de confial-os a outrem. Resta saber si a mulher não deve fazer da criação e instrucção dos filhos seu principal cuidado na vida. Si todas as mãis se preparassem physica e mentalmente para um tal encargo, muitos crimes, males e desordens diminuiriam no mundo. De facto, toda sciencia e experiencia indicam que é inutil a tentativa de reformar o mundo, a menos que a infancia e a mocidade sejam convenientemente educadas, e que aquelles a quem falta lar adequado sejam acolhidos em instituições mantidas pelo Estado: *as crianças têm direito a isso.* Parece, portanto, que o primeiro dever de uma mãi é a criação e educação dos filhos. E' razoavel pois que, uma mulher, si deseja dedicar a vida a uma obra, como um homem, não case, ou si casa, não assuma os deveres domesticos.

Não fôra proprio, num livro destinado á generalidade dos leitores, tratar do casamento voluntariamente infecundo. O autor, em outra obra,[1] feita especialmente para a profissão medica estudará esta questão pelo seu lado physiologico. Mas desde já affirma que confia muito pouco nas relações platonicas do casamento, porque ellas podem ser relacionadas a algumas das peiores fórmas de anormalidade. Mas poucos pontos de natureza psychologica e sociologica podem aqui ser considerados. O autor deseja affirmar como preliminar, para não ser mal entendido, a sua convicção que, para uma grande maioria de casaes, os filhos são uma grande felicidade. Mas para uma certa classe de mulheres cultas um casamento sem filhos é preferivel. Taes mulheres amam a companhia de um homem, mas desejam uma liberdade igual na escolha de seus trabalhos. E' irrazoavel que lhes seja negado o prazer da convivencia perpetua com o homem amado, porque são altamente cultas e desejam dedicar a vida a uma obra e ter um desenvolvimento mental como os maridos. Succede ás vezes, mas não muitas, que homens e mulheres de habilidade intellectual e instrucção igualmente altas, querem casar-se. O homem, tanto como a mulher, não deseja que a esposa assuma os deveres da maternidade. Prefere ter a sua completa companhia, e não dividil-a entre ella e os filhos. Ella deve ser tão independente quanto elle em tudo, mesmo nas relações financeiras; não é preciso que o custo da subsistencia seja maior para qualquer delle do que era antes do casamento. Podem fazer justamente com

[1] *The Sexual Relations of Man and Wife*, 1897.

Digitized by Google

collegas que não se deixam de estimar porque os seus negocios pecuniarios são inteiramente separados. Podem estar empenhados na mesma especie de trabalho, ou em differentes; o ultimo caso será melhor, por trazer variedade a suas vidas unidas. Tal idéa póde ser praticamente realizada.

Não é aprasivel perspectiva para uma mulher culta ao casar, emula intellectual do marido ao sentir-se gradualmente excedida por elle por causa dos deveres domesticos, até que a distancia entre elles é tão grande, que ella cessa de ser a sua companheira em muitas coisas, e elle, talvez, vai se desinteressando della. Não é digno para um homem insistir em casar com uma mulher de seu typo, e depois persuadil-a ou praticamente compellil-a, sem ella o perceber, a assumir os deveres domesticos, quer agindo sobre a sua fidelidade, ou recorrendo a razões religiosas, moraes ou mesmo legaes, ou eventualmente enganando-a; dizemos que digno é sinão desprezivel, porque isso impossibilita-a de acompanhal-o num desenvolvimento intellectual, igual e mutuo, que era o real desejo della. E' a boa natureza, a liberalidade, o sentimento de abnegação e a ambição e o amor feminino que a levam, de encontro á sua esperança e ao seu ideal, a ceder á persuasão ou pretenções do marido, e assim praticamente submetter-se-lhe e abrir mão de seu futuro intellectual. Quantos homens parecem inconscientes do seu usual egoismo! O autor conhece um homem de negocio de escassa educação, um «bom homem» simples, de modicos recursos, que desejou algum tempo e finalmente conseguiu casar com uma joven medica, vinte annos mais moça que elle; promettendo-lhe ella não só renunciar a sua profissão, mas até o titulo de Doutora. O homem ganhou um thezouro mas tirou-lhe o brilho. Toda a mulher intellectual que permitte a um homem inferior monopolizal-a a tal extremo vende a sua primogenitura por um prato de lentilhas.

E' difficil dizer até onde é justificavel a mulher que renuncia a sua profissão [illegible] ento. Todo estudante de universidade é em [illegible] atuito, pois a sua matricula paga só uma pe[illegible] mo é sabido, os princi- [illegible] patrimonio, formado por [illegible] e uma universidade [illegible] raimente obrigada a [illegible] os homens têm a

Digitized by Google

mesma obrigação, mas elles não renunciam a profissão por causa do casamento, nem em regra voluntariamente, sinão coagidos muita vez por necessidades pecuniarias. Não poucas mulheres abandonam a profissão para casar-se. A razão póde ser o eventual cansaço de vida publica. Uma medica de nomeada disse uma vez ter reconhecido por experiencia que ella não estava seguindo a sua natureza real: que sentia de resto, que o lar era a sua esphera, e que assim o achara. Algumas continuam a sua profissão não obstante preferirem casar-se. Mas póde-se dizer que uma mulher, depois de exercer a medicina cerca de 10 annos, entre 35 e 40 annos de idade, não é provavel que pareça ao homem attraente, e assim póde-lhe ser difficil achar um homem de sua esphera que a espose.

Uma das causas da opposição de alguns professores da universidade á educação profissional das mulheres, é que elles crêm que o tempo e trabalho gastos com ellas podem ser praticamenlte perdidos. Mas elles, por este motivo, não criticam as mulheres pela renuncia da profissão, por entenderem que a esphera da mulher é o lar. Diz-se ás vezes que uma mulher será excellente esposa e mãi por causa de sua educação medica. Mas, não é preciso para este fim seguir um longo curso medico. Uma sabia doutora em medicina talvez com difficuldade possa tratar de si e da filha; ao passo que com conhecimentos sufficientes podem obter-se escolas de enfermeiras. De facto seria muito util que as mulheres que desejam ser mãis cursassem em parte taes estudos.

A resolução de formar-se em uma universidade é geralmente motivada pelo desejo de ganhar dinheiro, ou de emprehender algum trabalho especial após a formatura. O ultimo necessariamente importa á instrucção de dois ou mais annos e talvez um anno ou mais na Europa. Esta é a classe das raparigas que não casam porque receiam ter de renunciar a seu labor (a que deram tempo, dinheiro e interesse) e assumir cuidados domesticos. Não desejam ficar solteiras; mas não desejam tambem tornar secundario o seu trabalho. Muitos medicos de grande experiencia julgam discutivel si uma mulher, depois de *passar* pelo systema nervoso tanto quanto requer o estudo das escolas, collegios e universidades, póde e deve assumir os deveres de mãi, que são sua distensão nervosa addicional. Ha mulheres extraordinarias que, de certa maneira, podem sair-se bem sob todas as condições e exigencias do systema nervoso.

Digitized by Google

Dizemos «de certa maneira» pois certamente o tempo dado ao trato dos filhos não póde ser dado aos seus estudos.

E' um mal a agglomeração na sociedade de homens e mulheres cultos, no estado celibatario, que muitissimas vezes significa uma vida irregular ou immoral para os homens e um desenvolvimento desta tendencia nas mulheres. As mulheres intellectuaes desprezam a côrte dos homens que são seus emulos porque, como já se disse ellas julgam que o casamento necessariamente significa a assumpção de deveres maternaes, e portanto — renuncia de sua obra. Porque ha de esta classe especial de mulheres intellectuaes renunciar a convivencia perpetua do homem amado? Parece que as melhores e mais sadias crianças são aquellas cujas mãis não receberam uma longa e apurada educação, e que desejam ser mãis e provavelmente são as melhores. Si os signaes da época têm algum valor, póde-se affirmar que no futuro a concepção, nascimento e a criação dos filhos será o especial privilegio e dever das mãis idoneas. Que existe a esse respeito uma grande differença entre as mulheres é de todo evidente. A questão é fundamentalmente physiologica ou medica, e dessem-lhe a mesma razão, attenção e cuidados que lhe dão em referencia aos cães, cavallos e bois, muitos de nossos peiores males sociaes desappareceriam.

Muito boa gente conservadora é contraria ao estudo de assumptos desta natureza, por motivos estheticos ou moraes, e em geral póde haver boas bases para isso. Mas o mal vai crescendo a uma tal extensão que alguns dos mais serios problemas sociaes estão ao cuidado e direcção de fraquezas physicas e mentaes. Não é necessario commentar qualquer principio abstracto de esthetica ou moral que permitte a existencia de condições que produzem a concepção e nascimento de filhos estupidos, excentricos, precoces, nevroticos, imbecis, idiotas e criminosos. «Pelos frutos delles haveis de conhecel-os». Os frutos são o resultado da ignorancia.

Como será evidente ao leitor, alguns dos pontos aqui considerados dão ampla latitude á diversidade de opiniões. Seja qual fôr o nosso pensar, o desenvolvimento da mulher provavelmente ha de progredir até que ella alcance todos os privilegios do homem. E' um ensaio sociologico e physiologico, e seria talvez melhor, como na maior parte dos ensaios, que o progresso fosse gradual, porque, como no reino vegetal, o crescimento demasiado rapido prejudica os

Digitized by Google

tem algumas vantagens. Póde observar melhor o marido; não é obrigada a pedir-lhe dinheiro e algumas vezes o recusa; está muito menos sujeita a ser desdenhada ou desprezada. Fôra imprudente para o marido fazer-se dictatorial; em summa a personalidade della é tão prejudicada como podia ser. Deve ser suspeito a uma mulher o homem que declarando-lhe amor, tenta ao mesmo tempo persuadil-a a transferir a sua fortuna para o seu nome. Ella póde auxilial-o facilmente sem renunciar a sua independencia.

As mulheres de intelligencia commum têm a mesma natureza que a mulher intellectual, todavia uma educação e cultura mais altas desenvolveram a ultima a um ponto tal que condições novas e concepções novas de sua funcção especial na sociedade têm dado lugar ás mais complicadas e difficeis questões de natureza pratica. A rapidez e a estensão dos progressos da mulher constituem um novo phenomeno universal, e em nosso paiz esta evolução attingiu a um alto grau de desenvolvimento.

Que caminho tomará finalmente esse desenvolvimento, e que vantagens e desvantagens póde produzir, são questões cuja solução excede o presente conhecimento. As mulheres gradualmente vão-se occupando nos misteres e profissões dos homens como a electricidade e os machinismos substituindo o trabalho manual. Eventualmente o labor physico poderá ser reduzido a um minimum, tornando mais facil ás mulheres igualarem-se aos homens. Parece que a mulher está num periodo de transição, especialmente na America, onde é provavel haver o maior numero de mulheres intellectuaes. Póde-se dizer, comtudo, que o nosso paiz tem talvez o maior numero de mulheres descontentes; mas isso é antes devido a seus ideaes e ambições, que constituem um são descontentamento. Em geral, portanto, as mulheres têm razão em exigir mais dos homens com quem se associam ou casam. Isso é especialmente verdadeiro no caso da mulher formada, que mais parece caracterizar o periodo de transição e por este motivo não está sempre em harmonia com o seu meio. E' particularmente destas mulheres e das outras altamente cultas que não puderam ter os privilegios de uma systematica instrucção que desejamos falar. A grande vantagem de haver seguido um curso prescripto de estudos, como um curriculum universitario, é dar á intelligencia e ao caracter um certo equilibrio e poder de contenção, produzindo um salutar espirito conservador, que não cairá em excesso. Algumas

Digitized by Google

moças mostram-se muito indiscretas, abraçando de chôfre toda a sorte de novidades. O movel deste impulso parece ser antes o amor da novidade do que o seu merecimento, algumas vezes elle estende-se tanto que se torna as vezes uma epidemia social. Póde ser que o effeito da moderna artificialidade sobre o systema nervoso seja o substracto physico deste impulso. Outra e diversa classe de mulheres são as que têm os mais altos ideaes, mas sacrificam-se demais pelos amigos ou parentes, e assim animam os outros a enganal-as. Taes mulheres seriam mais respeitadas, si se sacrificassem menos. São em geral excessivamente nervosas (muito inquietas); e a encarar a vida menos seriamente, fazendo o mundo objectivo, tomando-o mesmo ás vezes como divertimento; ellas acabariam de tomar seu café, muito embora um raio tivesse caído na casa contigua; tal estructura mental é um antidoto para esta especie de tendencia nevrotica. Mulheres deste caracter são muitas vezes tão conscienciosas (morbidamente) que agem de encontro a seu melhor juizo, e fazem coisas muita vez em detrimento de sua futura felicidade. Assim esposam um homem a quem não amam, mas respeitam, simplesmente porque elle diz que a não póde viver sem ellas. Esta declaração da parte de um homem occorre tantas vezes que é quasi normal, e felizmente não se confirma na maior parte dos casos. E' difficil affirmar si o casamento, que resulta da conquista da mulher pelo homem é preferivel áquelle em que o amor é reciprocamente espontaneo.

Diz-se que algumas mulheres recusam a primeira offerta de casamento, para experimentar a fidelidade do homem. Muitas mulheres, quando recusam os homens, insistem em que nunca hão de sentir de outro modo. Sem duvida, nenhuma mulher ou homem sabe que sentimento terá d'ahi a seis mezes ou um anno; todavia este argumento é pouco efficaz, não obstante o facto de muitas mulheres casadas haverem recusado absolutamente os maridos a principio. Por estas razões os homens não acreditam geralmente nas mulheres que estremamente insistem sobre o absolutismo de seus futuros sentimentos. Esta attitude pyschologica da mulher é mais attribuivel á sua vehemencia do que a sua racionalidade. Era de suppor que a mulher intellectual fosse mais racional, mas a evidencia, tanto quanto póde ser obtida, não o indica. Ao contrario parece natural a todas as mulheres o desejo de serem requeridas,

Digitized by Google

conquistadas, mas não sem difficuldade. Diz-se ás vezes que as mulheres superiores são as mais difficeis de conquistar. Mas, não conhecer o homem recto, ou perdel-o quando conhecido (o que muitas vezes succede) não parece ser lisongeiro á sagacidade feminina. Os homens superiores, em regra, não perseguem a mulher. As vezes acontece que mulheres superiores esposam homens inferiores, e mulheres inferiores homens superiores. Tal anomalia sendo real, é principalmente devida a causas sociologicas. Pois, em regra, os moços devem a sua superioridade á audacia, isto é, tendo poucos recursos são forçados a abrir o proprio caminho. Tal vida impede-os de frequentar muito a sociedade. O que é uma infelicidade, pois por menos que julguem da frivolidade e superficialidade sociaes, perdem muitas influencias estheticas (Lotze diz que toda a ethica é baseada na esthetica) que a sociedade, seja dito em seu abono, exerce. Por mais que desprezemos as méras exterioridades, nós involuntariamente julgamos as pessoas, que não conhecemos bem, pelas apparencias. O poder de superficialidade é profundo. Os homens de severa educação são sujeitos a tornarem-se rusticos, malamaneirados (sem querer sel-o), e no vestuario e aspecto geral podem fazer crer que dão pouca attenção á esphera mundana. As mulheres não podem tolerar estes defeitos exteriores. Taes homens, posto que superiores intellectual ou moralmente, quando amam, são muitas vezes tão inhabeis que despertam na mulher (creatura que não dispensa os engodos) antipathia ou opposição desnecessaria, de que ella mesma não desconfiaria antes. Compare-se o caso de uma mulher que não retribue o amor de um homem; nem cuida em vel-o, porque durante as visitas se mostrava nos modos e apparencia tão *exquisito*, todavia é um excellente homem, e os pais olham-no com bons olhos. Incidentemente elle ouviu que ella estava compromettida com outro homem: depois disso ella desejou receber-lhe a visita, porque « elle já não era o mesmo». Seu compromisso era um boato falso, que elle não sabia. Ella amava este outro homem, mas seus pais se haviam opposto, porque elle era falto de principios e mediocre em habilidade. Um homem póde proceder nos negocios de amor como em um trabalho, adoptando methodos aggressivos, que podem ter exito na sua obra, mas que, infelizmente, em questões estheticas podem causar-lhe muita perturbação. E' bem sabido como Washington solicitou a mão de varias mulheres dentro

Digitized by Google

do espaço de tempo comparativamente curto e soffreu recusas consecutivas. Muitas mulheres perdem homens superiores por lhes serem mais indifferentes do que é preciso; ellas neciamente desdenham um excellente homem simplesmente por causa de sua temporaria indiscreção, devida a inhabilidade em manifestar-lhes seu sentimento.

A viuva e a discreta mulher da sociedade são prudentes: tambem não gostam de uma affeição desenvolvida tão subitamente, e desanimam o homem, mas de modo a não perder a sua sympathia. Ellas poderão mudar de resolução, quando chegarem a conhecel-o como os homens a conhecem; portanto nem é necessario nem racional agir como si a opinião propria fosse infallivel. Curiosa anomalia é que alguns homens, que impõem o maior respeito a seus companheiros, não sejam apreciados pelas mulheres. Muitas mulheres, depois que têm experiencia da vida, relembram com pezar a sua inconsiderada e irracional maneira de tratar certos homens. E' uma observação commum, tanto verdadeira quão sediça, que quem só aprende pela experiencia propria não faz muito successo na vida.

As mulheres fiam demasiado de suas primeiras impressões estheticas; fiam demasiado de suas intuições, muitas vezes por causa de sua ignorancia do mundo. São ás vezes enganadas pelos peiores homens, que quasi sempre têm uma apparencia esplendida (e é tudo quanto têm). Assim o interesse de que as mulheres manifestam pelos criminosos é peculiar. O criminoso, sem duvida, procura sempre ser quanto possivel agradavel a quem o visita por motivos pessoaes ou por excitação sexual,e, sendo homem mundano, é geralmente polido e affavel o trato e a conversa. Assim ella vê o seu retrato nos jornaes: pensa comsigo « como elle é sympathico; parece ser fino; não é tal esse mau homem que dizem, é uma vergonha prenderem-no. » E assim vai-lhe crescendo uma sympathia impaciente; e ella já procura vel-o, ou escrever-lhe, ou manda-lhe flores, ou mesmo propor-lhe o casamento.

Ha um typo de mulheres cultas que revelam pelo theor de vida subsequente, não terem apreciado as opportunidades da mocidade. A joven graduada de collegio julga-se muito independente; a idéa de casamento não lhe occorre; occupa-se de certa ordem de estudos ou de obter o lugar de professora, pois a maior parte das mulheres collegiaes, da mesma forma que os homens, possuem escassos meios.

Digitized by Google

Nesta phase da vida, posto que a mais attractiva, ella não dá attenção aos moços; aprecia a associação intellectual com um homem, mas quando a amizade delle raia pela emoção e vai se tornando seria, ella desestima-o, e desanima-o ou usualmente despede-o; e elle si é um homem superior, deixa-a e nunca mais a solicita. Ella não lhe guarda rancor, simplesmente não tem disposição emocional ou matrimonial; e deseja ficar só. Ella póde merecer quanta attenção queira dos homens, e isso é justamente uma das razões principaes por que desdenha essa attenção. Assim, quando têm as melhores opportunidades de obter um companheiro superior, ella lhes é indifferente. Mais tarde ella experimentará que a luta a sós como mestra escola, por exemplo, não lhe proporciona muita esperança para o futuro. Então desalenta-se; e si justamente nesta occasião algum homem que se acha junto della (a proximidade é muito opportuna) sympathiza com ella, esta sympathia é uma valvula para o seu desalento, e, pela primeira vez na vida, ella sente affeição por um homem, e eventualmente esposa-o. Mas, posto que elle é um bom homem, é muito inferior a muitos que ella desdenhou annos antes. Ella não o reconhece; si o reconhecer, será muito tarde. Si não é especialmente feliz, ella não o deixa perceber, mas se adapta como mulher sensivel, ás condições em que entrou gradualmente e inscientemente. Ainda que a sua vida não é o que podia ter sido, ella a faz a melhor possivel. Este caso é um caso imaginario; factos similhantes são muito frequentes e occorrem especialmente com as mulheres superiores. A mulher intellectual póde aprender muita coisa da mulher de sociedade que aceita a côrte de todos os homens geniaes, mas não a toma tão seriamente, antes diverte-se com ella, e finalmente casa com o melhor; essa é uma condição salutar de espirito e emoção, pois é isenta da morbidez que ás vezes acompanha os casos de amor. Algumas mulheres refinadas parece serem instinctivamente medrosas do homem. Um phenomeno parallelo é as vezes observado em moços que são acanhadissimos em presença de moças. A educação mais elevada não parece produzir esta esquivança das mulheres, excepto quando occasionalmente a desenvolver-se em antagonismo ao homem em geral. Com as moças solteiras manifesta-se ás vezes a mesma coisa. Um cavalheiro disse de uma senhora a quem elle conhecia bem, não poder pensar nella com a intenção de casar-se.

Digitized by Google

Ella era uma mulher formosa, mas todo o seu cuidado consistia em obras de caridade.

Não é raro o casamento de mulheres ricas com homens profissionaes, especialmente os membros de uma universidade. Pondo de lado as razões de ambas as pessoas, taes casamentos, sociologicamente considerados, são beneficos á communhão, pois a combinação da educação com a riqueza dá força a um e tom a outro. Si ha alguem justificavel por casar-se com mulher rica, é o profissional de universidade. E' irracional entrar em uma faculdade com a esperança que de permitte maior compensação tal posição. Embora a aprendizagem occupe um longo numero de annos, a média do salario é pouco mais do que a de um artezão. Diz-se que a honra da posição é uma consideração; a resposta é que a honra é já ganha por longo e fiel trabalho, e não póde agora ser estimada como um facto do salario. Cumpre não esquecer que homens de educação e posição requerem certas despezas extraordinarias de que o artezão não tem necessidade. E' injusto que um homem culto, profissional, que foi durante toda vida um bom trabalhador, esteja ás portas da pobresa nos annos de declinio. Sua introspecção intellectual e aguda sensibilidade tornam-no muito mais sensivel que o homem ordinario.

Considerámos o casamento na sua natureza geral, depois relativamente ás mulheres cultas; restam certos problemas que concorrem especialmente ao typo mais desenvolvido de mulheres. Estas são mulheres excepcionaes, e o que podemos suggerir como ideal possivel para ellas não se applica de certo á grande maioria das mulheres. A opinião geral, que o casamento sem filhos é incompleto, é bem fundada. Mas difficuldades surgem no caso das mulheres intellectuaes que dedicam a vida a uma obra ou profissão. Não é natural o celibato para os homens ou mulheres normaes, qualquer que seja a sua cultura. Quando o homem casa, não renuncia seus estudos ou a sua profissão. E' difficil comprehender porque a mulher ha de ser forçada a abandonar os seus ou fazel-as secundarias. Que um homem a braços com uma obra séria se colloque na posição de uma mulher, carregada de afazeres domesticos e da educação dos filhos desde a sua infancia. Si os pais podem alugar uma ama e criados (a maioria das *cultas* não póde), é certo que tem algum tempo para o seu trabalho intellectual; mas os filhos ficam muito melhor educados si ella dedicar-lhes seu tempo

Digitized by Google

em vez de confial-os a outrem. Resta saber si a mulher não deve fazer da criação e instrucção dos filhos seu principal cuidado na vida. Si todas as mãis se preparassem physica e mentalmente para um tal encargo, muitos crimes, males e desordens diminuiriam no mundo. De facto, toda sciencia e experiencia indicam que é inutil a tentativa de reformar o mundo, a menos que a infancia e a mocidade sejam convenientemente educadas, e que aquelles a quem falta lar adequado sejam acolhidos em instituições mantidas pelo Estado: *as crianças têm direito a isso.* Parece, portanto, que o primeiro dever de uma mãi é a criação e educação dos filhos. E' razoavel pois que, uma mulher, si deseja dedicar a vida a uma obra, como um homem, não case, ou si casa, não assuma os deveres domesticos.

Não fôra proprio, num livro destinado á generalidade dos leitores, tratar do casamento voluntariamente infecundo. O autor, em outra obra,[1] feita especialmente para a profissão medica estudará esta questão pelo seu lado physiologico. Mas desde já affirma que confia muito pouco nas relações platonicas do casamento, porque ellas podem ser relacionadas a algumas das peiores fórmas de anormalidade. Mas poucos pontos de natureza psychologica e sociologica podem aqui ser considerados. O autor deseja affirmar como preliminar, para não ser mal entendido, a sua convicção que, para uma grande maioria de casaes, os filhos são uma grande felicidade. Mas para uma certa classe de mulheres cultas um casamento sem filhos é preferivel. Taes mulheres amam a companhia de um homem, mas desejam uma liberdade igual na escolha de seus trabalhos. E' irrazoavel que lhes seja negado o prazer da convivencia perpetua com o homem amado, porque são altamente cultas e desejam dedicar a vida a uma obra e ter um desenvolvimento mental como os maridos. Succede ás vezes, mas não muitas, que homens e mulheres, de habilidade intellectual e instrucção igualmente altas, querem casar-se. O homem, tanto como a mulher, não deseja que a esposa assuma os deveres da maternidade. Prefere ter a sua completa companhia, e não dividil-a entre ella e os filhos. Ella deve ser tão independente quanto elle em tudo, mesmo nas relações financiaes; não é preciso que o custo da subsistencia seja maior para qualquer delles do que era antes do casamento. Podem fazer justamente como

---

[1] *The Sexual Relations of Man and Wife,* 1897.

Digitized by Google

collegas que não se deixam de estimar porque os seus negocios pecuniarios são inteiramente separados. Podem estar empenhados na mesma especie de trabalho, ou em differentes; o ultimo caso será melhor, por trazer variedade a suas vidas unidas. Tal idéa póde ser praticamente realizada.

Não é aprasivel perspectiva para uma mulher culta ao casar, emula intellectual do marido ao sentir-se gradualmente excedida por elle por causa dos deveres domesticos, até que a distancia entre elles é tão grande, que ella cessa de ser a sua companheira em muitas coisas, e elle, talvez, vai se desinteressando della. Não é digno para um homem insistir em casar com uma mulher de seu typo, e depois persuadil-a ou praticamente compellil-a, sem ella o perceber, a assumir os deveres domesticos, quer agindo sobre a sua fidelidade, ou recorrendo a razões religiosas, moraes ou mesmo legaes, ou eventualmente enganando-a; dizemos que digno é sinão desprezivel, porque isso impossibilita-a de acompanhal-o num desenvolvimento intellectual, igual e mutuo, que era o real desejo della. E' a boa natureza, a liberalidade, o sentimento de abnegação e a ambição e o amor feminino que a levam, de encontro á sua esperança e ao seu ideal, a ceder á persuasão ou pretenções do marido, e assim praticamente submetter-se-lhe e abrir mão de seu futuro intellectual. Quantos homens parecem inconscientes do seu usual egoismo! O autor conhece um homem de negocio de escassa educação, um «bom homem» simples, de modicos recursos, que desejou algum tempo e finalmente conseguiu casar com uma joven medica, vinte annos mais moça que elle; promettendo-lhe ella não só renunciar a sua profissão, mas até o titulo de Doutora. O homem ganhou um thezouro mas tirou-lhe o brilho. Toda a mulher intellectual que permitte a um homem inferior monopolizal-a a tal extremo vende a sua primogenitura por um prato de lentilhas.

E' difficil dizer até onde é justificavel a mulher que renuncia a sua profissão por causa do casamento. Todo estudante de universidade é em realidade um estudante gratuito, pois a sua matricula paga só uma parte dos privilegios gozados, porque, como é sabido, os principaes recursos da universidade provém de um patrimonio, formado por doações. Uma mulher, pois que se utiliza de uma universidade e de seus professores para instruir-se, fica moralmente obrigada a realizar o seu plano profissional. E' certo que os homens têm a

Digitized by Google

mesma obrigação, mas elles não renunciam a profissão por causa do casamento, nem em regra voluntariamente, sinão coagidos muita vez por necessidades pecuniarias. Não poucas mulheres abandonam a profissão para casar-se. A razão póde ser o eventual cansaço de vida publica. Uma medica de nomeada disse uma vez ter reconhecido por experiencia que ella não estava seguindo a sua natureza real: que sentia de resto, que o lar era a sua esphera, e que assim o achara. Algumas continuam a sua profissão não obstante preferirem casar-se. Mas póde-se dizer que uma mulher, depois de exercer a medicina cerca de 10 annos, entre 35 e 40 annos de idade, não é provavel que pareça ao homem attraente, e assim póde-lhe ser difficil achar um homem de sua esphera que a espose.

Uma das causas da opposição de alguns professores da universidade á educação profissional das mulheres, é que elles crêm que o tempo e trabalho gastos com ellas podem ser praticamenlte perdidos. Mas elles, por este motivo, não criticam as mulheres pela renuncia da profissão, por entenderem que a esphera da mulher é o lar. Diz-se ás vezes que uma mulher será excellente esposa e mãi por causa de sua educação medica. Mas, não é preciso para este fim seguir um longo curso medico. Uma sabia doutora em medicina talvez com difficuldade possa tratar de si e da filha; ao passo que com conhecimentos sufficientes podem obter-se escolas de enfermeiras. De facto seria muito util que as mulheres que desejam ser mãis cursassem em parte taes estudos.

A resolução de formar-se em uma universidade é geralmente motivada pelo desejo de ganhar dinheiro, ou de emprehender algum trabalho especial após a formatura. O ultimo necessariamente importa á instrucção de dois ou mais annos e talvez um anno ou mais na Europa. Esta é a classe das raparigas que não casam porque receiam ter de renunciar a seu labor (a que deram tempo, dinheiro e interesse) e assumir cuidados domesticos. Não desejam ficar solteiras; mas não desejam tambem tornar secundario o seu trabalho. Muitos medicos de grande experiencia julgam discutivel si uma mulher, depois de *puxar* pelo systema nervoso tanto quanto requer o estudo das escolas, collegios e universidades, póde e deve assumir os deveres de mãi, que são sua distensão nervosa addicional. Ha mulheres extraordinarias que, de certa maneira, podem sair-se bem sob todas as condições e exigencias do systema nervoso.

Digitized by Google

Dizemos «de certa maneira» pois certamente o tempo dado ao trato dos filhos não póde ser dado aos seus estudos.

E' um mal a agglomeração na sociedade de homens e mulheres cultos, no estado celibatario, que muitissimas vezes significa uma vida irregular ou immoral para os homens e um desenvolvimento desta tendencia nas mulheres. As mulheres intellectuaes desprezam a côrte dos homens que são seus emulos porque, como já se disse ellas julgam que o casamento necessariamente significa a assumpção de deveres maternaes, e portanto — renuncia de sua obra. Porque ha de esta classe especial de mulheres intellectuaes renunciar a convivencia perpetua do homem amado? Parece que as melhores e mais sadias crianças são aquellas cujas mãis não receberam uma longa e apurada educação, e que desejam ser mãis e provavelmente são as melhores. Si os signaes da época têm algum valor, póde-se affirmar que no futuro a concepção, nascimento e a criação dos filhos será o especial privilegio e dever das mãis idoneas. Que existe a esse respeito uma grande differença entre as mulheres é de todo evidente. A questão é fundamentalmente physiologica ou medica, e dessem-lhe a mesma razão, attenção e cuidados que lhe dão em referencia aos cães, cavallos e bois, muitos de nossos peiores males sociaes desappareceriam.

Muito boa gente conservadora é contraria ao estudo de assumptos desta natureza, por motivos estheticos ou moraes, e em geral póde haver boas bases para isso. Mas o mal vai crescendo a uma tal estensão que alguns dos mais serios problemas sociaes estão ao cuidado e direcção de fraquezas physicas e mentaes. Não é necessario commentar qualquer principio abstracto de esthetica ou moral que permitte a existencia de condições que produzem a concepção e nascimento de filhos estupidos, excentricos, precoces, nevroticos, imbecis, idiotas e criminosos. «Pelos frutos delles haveis de conhecel-os». Os frutos são o resultado da ignorancia.

Como será evidente ao leitor, alguns dos pontos aqui considerados dão ampla latitude á diversidade de opiniões. Seja qual fôr o noss pensar, o desenvolvimento da mulher provavelmente ha de progredir até que ella alcance todos os privilegios do homem. E' um ensaio sociologico e physiologico, e seria talvez melhor, como na maior parte dos ensaios, que o progresso fosse gradual, porque, como no reino vegetal, o crescimento demasiado rapido prejudica os

Digitized by Google

frutos. A opinião, a discussão e a especulação podem desfazer as difficuldades, mas não podem dar o que só a experiencia necessariamente produz. Resta saber si estas phases de desenvolvimento são antes beneficas á sociedade como um todo, do que a um e outro sexo.

O autor entende que as plantas devem ficar nos jardins para em liberdade crescerem; o tempo decidirá as que têm direito á existencia. Prejudical-as agora, no seu estado embryonario, é não só injusto como acanhado, pois em sociologia muito pouca coisa está positivamente conhecida.

ARTHUR MAC DONALD.

Digitized by Google

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO.—A parallaxe do Sol. O recenseamento de 1890. A quadratura do circulo. Aspecto do ceu durante o mez de março.

Num dos ultimos numeros do *Bulletin Astronomique*, encontramos um estudo do Sr. David Gille, director do observatorio do Cabo da Boa Esperança, donde conclue qne o valor da parallaxe do Sol, deduzido do conjunto das ultimas observações da passagem de Venus, feitas em 1874 e 1882, é de cerca de 8"8. A' igual conclusão, ou pouco differente, já tinham chegado os Srs. H. Faye e Newcomb, duas autoridades em assumptos astronomicos.

E' conhecida a importancia que se liga ao exacto conhecimento do valor da parallaxe solar, ou por outra, da distancia da Terra ao Sol, constante fundamental em astronomia, e da qual dependem muitas outras constantes. Existem diversos methodos para determinar este valor, por meio de observações, entre as quaes figura o methodo de Halley, consistindo em observar de diversos pontos, convenientemente escolhidos na superficie do globo terrestre, as horas dos contactos do planeta Venus com o limbo solar, nas occasiões, infelizmente raras, em que aquelle planeta, passa entre o nosso globo e o astro central, e percorre, em projecção, cordas sobre o disco do Sol, cujo comprimento será tanto maior quanto mais perto do centro do disco solar passar o planeta.

Os intervallos que decorrem entre duas passagens consecutivas são variaveis, sendo de 8 annos e de 113 annos e meio, mais ou menos 8 annos ; assim, pois, elles são successivamente de 8ª, 105ª,5, 8ª, 121ª,5, etc. As ultimas tiveram lugar em 1874 e 1882, e a proxima terá lugar sómente no anno 2004.

A passagem de Venus que tivera lugar a 6 de dezembro de 1882, era visivel em excellentes condições nas duas Americas, e como hão de se lembrar os leitores da *Revista Brazileira*, todas as nações cultas mandaram

Digitized by Google

commissões incumbidas da observação do phenomeno em diversos pontos do continente americano. O Brazil, pois, não podia deixar de tomar parte nessa observação de grande alcance scientifico. Era, porém, necessaria uma verba destinada a cobrir as despezas que se iam fazer com a acquisição do indispensavel material e com o pessoal que devia ser enviado a longinquas paragens, tendo sido escolhidas como estações de observação para as commissões brazileiras, a ilha de S. Thomaz, uma das Antilhas, Pernambuco, Rio de Janeiro e Punta-Arenas, no Estreito de Magalhães.

Aqui vem a proposito lembrar os nomes de dois benemeritos brazileiros que, felizmente, compenetrados do serviço que prestavam ao paiz, defenderam o pedido de credito que o governo fez ás Camaras: referimo-nos ao venerando visconde de Ouro-Preto e ao conselheiro Rodolpho Dantas.

Si não fosse a eloquente palavra do primeiro, que no seio do Senado falou brilhantemente a favor da grandiosa idéa, e a defeza desta que, como ministro, tomára o ultimo na tribuna da Camara, é bem de receiar que ella teria naufragado diante da indifferença que, em assumptos daquella ordem, não raras vezes se nota no seio do parlamento.

Felizmente, assim não succedeu; venceu a idéa, votou-se a verba, aliás diminuta, fez-se a observação, cujo resultado fôra optimo, e assim ficaram indissoluvelmente ligados a ella os nomes daquelles dois illustres estadistas, a quem principalmente se deve o ter podido o Brazil tomar parte nesse certamen scientifico.

Dissemos que o resultado colhido pelas commissões brazileiras, fôra optimo, e não exageramos. Com effeito, achamos para valor da parallaxe solar 8",808; ora, pela discussão que diversas autoridades têm feito sobre o assumpto, a média geral de todos os valores pouco se afasta de 8",8, isto é, o nosso valor differe deste de *menos* de 1 centesimo de segundo de grau. Quererá isto dizer que se póde admittir como sendo a parallaxe do Sol conhecida com aproximação de 0",01 ?

De certo que não. E' de presumir, porém, que o valor 8",8 não differe do verdadeiro senão de *poucos* centesimos de segundo; convindo acrescentar que só conheceremos o valor exacto até *um* centesimo, d'aqui talvez um ou dous seculos, depois que maior somma de dados de observação, fornecidos por methodos diversos, tiver permittido conseguir esse grau de aproximação.

Para concluir, lembraremos que a parallaxe solar 8",8 corresponde a uma distancia da Terra ao Sol de 149.480,500 kilometros, e que uma alteração de 0",01 nessa parallaxe equivale a nada menos do que cerca de 170.000 kilometros.

***

Digitized by Google

A Repartição de Estatistica acaba de publicar o recenseamento da população de 19 Estados inclusive o Districto Federal, faltando apenas os Estados de Minas Geraes e da Bahia, que são, na verdade, os mais populosos do Brazil.

Querendo comparar os dados obtidos no recenseamento feito em 1872 com os de 1890, reunimol-os no quadro infra e calculamos a porcentagem do augmento annual da população, durante o periodo de 18 annos decorridos entre os dois recenseamentos. Eis os resultados a que chegámos:

ESTADOS	RECENSEAMENTO DE 1872	RECENSEAMENTO DE 1890	PORCENTAGEM DO AUGMENTO ANNUAL
1 Amazonas	57.610	147.915	8.71
2 Rio Grande do Sul	434.816	897.455	5.91
3 Paraná	126.722	249.491	5.38
4 Districto Federal	274.972	522.651	5.00
5 Santa Catharina	159.802	283.769	4.31
6 Sergipe	176.243	310.926	4.24
7 São Paulo	837.354	1.384.753	3.66
8 Espirito Santo	82.137	135.997	3.63
9 Matto Grosso	60.417	92.827	2.98
10 Alagoas	348.009	511.440	2.61
11 Goyaz	160.395	227.572	2.33
12 Piauhy	202.222	267.609	1.79
13 Pernambuco	841.539	1.030.221	1.24
14 Parahyba	379.226	457.232	1.19
15 Maranhão	359.040	430.854	1.11
16 Pará	275.237	327.191	1.04
17 Rio Grande do Norte	233.979	268.273	0.81
18 Rio de Janeiro	782.724	876.884	0.67
19 Ceará	721.686	805.687	0.64
20 Minas Geraes	2.039.735		
21 Bahia	1.379.613		

A ordem de classificação que adoptamos para os Estados não foi nem a alphabetica, nem a do algarismo da população, mas sim a da *porcentagem do augmento annual*. Assim vê-se que de 1872 a 1890, o Estado cuja população cresceu mais foi o Amazonas, e o Estado onde este crescimento foi menor é o Ceará.

Confessamos que o exame deste quadro deixou em nosso espirito, mais intensa do que já estava, a duvida que nutriamos sobre o valor que ia ter o ultimo recenseamento como dado estatistico que merecesse confiança. Não querendo que se dê interpretação erronea ao nosso pensamento, apressamo-nos em declarar que temos plena convicção de que

Digitized by Google

a apuração dos dados remettidos pelos diversos Estados, tem sido feita pela repartição de estatistica com a mais escrupulosa exactidão.

A falta de confiança que mau grado nosso, nos inspiram os resultados do ultimo recenseamento, provém do vicio original que este traz comsigo.

Sempre entendemos que, para conseguir resultados fidedignos, os dados que figuravam nas tabellas em branco, distribuidas por occasião do recenseamento de 1890, deviam restringir-se aos mais essenciaes, os que, por sua natureza, apresentam mais interesse immediato; porque os dados estatisticos de menos importancia, podem obter-se em recenseamentos successivos.

A população em geral, e mormente, como é o caso para o Brazil, quando espalhada por immensas regiões longinquas, pouco habitadas, onde a acção das autoridades chega já enfraquecida, a população acolhe com certa desconfiança esses pedidos de informação emanados do governo. Não se compenetrando do fim social que elles visam, o sertanejo não duvida em adulterar as informações fornecidas, ou, pelo menos, deixa de fornecel-as. Em ambos os casos, na apuração final, o resultado é inexacto e não corresponde á verdade. Assim, parece, não pensaram áquelles que organizaram o formulario complexo que vinha exposto nas tabellas impressas, e que deixou de ser convenientemente respondido pela população, o que deu em consequencia dados que, a nosso ver, pouca confiança podem inspirar.

E, sinão, como explicar que, para o Amazonas, o augmento annual foi de 8,71 %, ao passo que, no Pará, elle attingiu apenas a 1,04 %?

Não parece estranho que em Sergipe a porcentagem do augmento annual fosse de 4,24, emquanto que na Parahyba e no Rio Grande do Norte ella só chegou a 1,19 e 0,81 %?

O que pensar, vendo que para o Estado de Goyaz, com sua situação central, sem vias de communicação rapidas que o ligam ao littoral ou com os outros Estados, e cuja porcentagem chegou a 2,33 %, ao passo que o Maranhão figura apenas com 1,11 %?

E' possivel que nós nos illudamos; mas como, nem nas suas respectivas situações geographicas, nem nos seus recursos naturaes, nem tão pouco nos algarismos relativos da immigração de cada Estado, encontramos explicação plausivel para os valores tão diversos do augmento annual da população em cada um delles, vemo-nos obrigados a considerar o recenseamento de 1890 como bastante duvidoso. Felizmente o proximo recenseamento que deverá ser effectuado em 1900 dará occasião de corrigir o que o ultimo teve de vicioso e então é de esperar que se conseguirão dados que assentem em bases seguras.

*
* *

Digitized by Google

Tem estado na ordem do dia a quadratura do circulo. Esta questão, como a do motu continuo, teve sempre o privilegio de seduzir a attenção de alguns amadores que não querem se convencer de sua impossibilidade. Depois que ficou provado que o valor de π, isto é, a relação da circumferencia ao diametro é um numero não commensuravel, ha muito tempo que a Academia das Sciencias de Pariz resolveu não tomar mais conhecimento de qualquer communicação sobre o assumpto.

Não pretendemos pois tratar com maiores detalhes esta questão; apenas queremos dar a conhecer uma *solução* do problema e que ha tempos lêmos algures. Eil-a:

« Certo amador dirigiu-se um dia por escripto a um conhecido mathematico, que ao mesmo tempo era dos mais espirituosos, promettendo-lhe, caso conseguisse resolver a questão da quadratura do circulo, uma forte recompensa em dinheiro. O mathematico respondeu incontinente, pedindo a seu correspondente que lhe remettesse com brevidade uma chapa de ouro massiço, com taes e taes dimensões, e tendo em *relevo*, numa das faces, o seguinte letreiro: « quadratura do circulo ». Dias depois era-lhe enviada a mesma placa, satisfazendo as condições exigidas. O que fez o mathematico? Tirou com um buril o letreiro, isto é, todas as letras em relevo, pol-as num vidro cheio de agua regia, que tem a propriedade de dissolver o ouro e enviou-o ao supradito amador, dirigindo-lhe ao mesmo tempo uma carta em que dizia: « remetto-lhe junto uma « *solução da quadratura do circulo* ».

Não sabemos si o homem ficou satisfeito com a tal solução, é de suppor, porém, que não solicitasse segunda.

***

Durante o mez de março, cerca das 8 horas da noite, as principaes constellações visiveis sobre o horizonte do Rio de Janeiro serão:

Quadrante S. W. Eridano. Reticulo. Dourado. Pintor. Lebre. Cão maior. *Quadrante* S. E. Cruzeiro. Centauro. Triangulo. Argos. Hydra femea. Corvo. *Quadrante* N. E. Leão. Ursa maior (apparece no horizonte) Virgem (a leste). *Quadrante* N. W. Gemeos. Cocheiro. Touro. Cão menor. Orion (a oeste).

As estrellas de 1ª grandeza são: Alpha e Beta Centauro. Alpha Cruzeiro. Sirio. Procyon. Pollux. Aldebarão. Rigel. Spica. Achernar. Capella.

Quanto aos planetas: *Mercurio* é visivel pela madrugada a léste. *Venus*, continúa como estrella vespertina, tendo lugar o seu maximo brilho no dia 15. Dias antes e depois, este planeta poderá ser visto, em

Digitized by Google

pleno dia, a olhos desarmados. *Marte*. E' visivel na primeira metade da noite. *Jupiter*. Observavel durante a noite inteira. *Saturno*. Começa a apparecer ao oriente entre 9 e 10 1/2 da noite. *Urano*. Acha-se nas mesmas condições de visibilidade do que Saturno. *Neptuno*. Póde ser observado das 6 horas da tarde em diante ao oeste.

—

Eclipse de 1º de fevereiro.—Este phenomeno, para o qual tinhamos calculado as horas dos contactos, não poude ser observado, devido a estar o céu totalmente encoberto do lado do poente, na região em que devia ter lugar. São contratempos do officio.

L. Cruls

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

95.—**Elementos de Cosmographia** por Henrique Martins, Lente da Escola Militar do Rio Grande do Sul. 3.ª edição, com 88 figuras intercaladas no texto. Cunha & Irmãos, editores.

Esta obra divide-se em dez capitulos, em que o A. trata successivamente da Esphera Celeste, da Terra, do Sol, do Movimento da Terra, dos Phenomenos devidos ao movimento da Terra, da Lua, dos Eclipses, dos Planetas, dos Cometas e Estrellas errantes e das Generalidades sobre as Estrellas.

Não ha negar que os diversos assumptos que constituem os *Elementos de Cosmographia* são ahi apresentados com bastante clareza e proficiencia. Coisa, porém, digna de reparo, é que os poucos senões que encontramos nessa obra, acham-se quasi todos exclusivamente no Capitulo I, que trata aliás de questões assás elementares, emquanto que nos outros capitulos, que se occupam com assumptos mais complexos, pouco ou nada pareceu-nos contrario ao que, no estado actual dos nossos conhecimentos, podemos admittir como expressão da verdade.

Os pontos fracos da obra encontram-se, pois, nos assumptos que devem ser considerados como a base em que assentam os demais e é por essa razão que julgal-os-emos com alguma severidade. O A. á pag. 15, dá como velocidade da luz, por segundo, 77 mil leguas. Em não se saber de que legua se trata, o leitor fica ignorando exactamente o valor desta constante physica. Não seria melhor exprimir essa velocidade em kilometros, como é geralmente usado? A' pag. 16 lemos que: « A intensidade do brilho (das estrellas) depende da maior ou menor distancia á Terra ». Isto, em absoluto, não é exacto; porque o brilho das estrellas depende tambem de sua constituição physica.

Na lista das estrellas de 1.ª grandeza figura β do *Cruzeiro*, cuja grandeza photometrica é exactamente de 1,6; deve, portanto, ser considerada como pertencente ás estrellas de 2.ª grandeza. Em compensação, ahi faltam Regulo (α do Leão), e Pollux (β dos Gemeos), ambas de 1.ª grandeza. A' pag. 21, o A. definindo o que se chama *vertical*, acrescenta que: « toma-se um denominado *primeiro vertical* » sem nos ensinar qual é este *primeiro vertical*. Não é correcto dizer-se (pag. 22) que: « o angulo formado por dois planos horarios é um *angulo horario* e mede-se pelo arco do equador de 0° a 360° a partir do meridiano superior ». A segunda parte desta definição destroe a primeira.

Digitized by Google

A definição do *equatorial*, ás pags. 23 e 24 é inaceitavel, porque este instrumento não serve, como diz o A. « para acompanhar o movimento das estrellas em seu curso diurno e, portanto, para se verificar o movimento uniforme de rotação da esphera celeste ».

O equatorial é destinado a determinar as differenças das coordenadas entre dois astros vizinhos, e emprehender estudos de astronomia physica. A' pag. 25 existe uma confusão entre a direcção do eixo do mundo e a do meridiano, que conviria evitar. O *circulo mural* cuja descripção vem á pag. 30, é instrumento caído em completo desuso e substituido com vantagem pelo *circulo meridiano*.

E' inexacto dizer, como se encontra nessa pagina, que o « angulo Aoa que faz o eixo da luneta dirigida para o astro com o plano horizontal » é a declinação desse astro. Esse angulo é evidentemente a altura. Diz o A. (pag. 31) que o *azimuth* de um astro é o angulo formado no zenith, pelo vertical do astro com o primeiro vertical e se conta sobre o horizonte de 0° a 360°, a partir do Sul no sentido do movimento diurno ».

Existe nesta definição uma contradicção, pois que, sendo o azimuth contado do Sul, não póde ser formado com o primeiro vertical, que se acha a 90° do plano do meridiano. Demais para um observador collocado no equador, como poderá elle contar os azimuths no sentido do movimento diurno, pois que ahi o movimento diurno effectua-se em planos perpendiculares sobre o horizonte e que os parallelos celestes se projectam sobre este ultimo plano segundo rectas, todas normaes á linha meridiana? O processo indicado á pag. 32 (§ 32) para, com o theodolito, medir o azimuth de um astro, é impossivel de ser usado, porque não existe observação apropriada para collocar o circulo vertical do theodolito na direcção do primeiro vertical. Aqui ainda o A. suppõe o azimuth contado deste ultimo plano, o que é contrario ás convenções. A differença entre o *metro legal* e o *metro theorico*, que o A. dá á pag. 47, como sendo de 0,038 de linha, é na realidade de 0,2 de millimetro ou 0,087 de linha. A' pag. 57, o A. considera o *dia astronomico* ou *sideral*, como uma só e mesma coisa, o que não é exacto.

O *dia sideral* é representado pelo intervallo que decorre entre duas passagens consecutivas de uma mesma estrella pelo meridiano de um lugar, mas começa no momento em que o ponto *Aries* passa por esse meridiano, e que não coincide com o meio-dia.

A' pag. 67 (§ 86), definindo as *faculas*, o A. diz que seu brilho é *inferior* ao da superficie do Sol, deve-se ler *superior*. A' pags. 124 e 147, Jupiter é dado como tendo 4 satellites. No emtanto a 9 de setembro de 1892, o astronomo Barnard descobriu um quinto satellite, que só é visivel nos grandes instrumentos.

O numero de pequenos planetas que existem entre as orbitas de Marte e de Jupiter chega hoje a 420, e não a 250 como escreve o A. á pag. 147.

Si fomos um pouco minucioso em apontar os senões que notámos na *Cosmographia* do Sr. Henrique Martins, é para salientar melhor os meritos da maior parte da obra, a qual, uma vez expurgada dos pequenos defeitos que assignalamos, tornar-se-á, em seu genero, a melhor *Cosmographia* escripta em lingua vernacula.—L. C.

Digitized by Google

A POLITICA

14 de fevereiro de 1897

Tem-se discutido si está sendo encarado pelo seu verdadeiro aspecto o caso de Antonio Conselheiro. Os homens politicos da Bahia, isto é, da terra que elle escolheu para séde da sua propaganda, consideram-no um fanatico, um desvairado. E' certo que o accusam de depredações pelos arredores, e que os poucos habitantes daquelles sitios a que não póde chegar em casos taes a protecção efficaz das autoridades vivem em constante sobresalto, e não é facil só com o auxilio da policia manter no respeito da lei grupos de individuos que se contam por milheiros.

Convém, todavia, não esquecer quando se trata destas desordens em nossa vida publica, que o nosso credito no estrangeiro, de que tanto precisamos, tem uma sensibilidade morbida, agravada pela insufficiencia de algumas informações transmittidas sobre esses casos e da evidente má fé de outras.

E' assim que na Europa se acredita que ha no Brazil um partido monarchista organizado, e não são só os republicanos extremados que veem o dedo reaccionario em todos estes movimentos, é tambem o capitalista europeu, e esse, desapaixonado, sabe perfeitamente que a restauração seria a anarchia, e tem medo della, e deseja sinceramente que a Republica vença as difficuldades que a assoberbam.

Convém, entretanto, reconhecer que quando se quizesse praticamente usar de meios suasorios em relação ao agitador do sertão da Bahia, talvez não fosse facil fazer coisa efficaz. E' de crêr que Antonio Conselheiro começasse por viver cercado de homens

Digitized by Google

simples e rudes, com a alma aberta a todas as superstições, e sinceramente crentes de que elle tem uma tal ou qual missão divina a desempenhar; mas a sua vida em lugares pouco frequentados pela policia, a relativa independencia em que vivem os seus adeptos, a desnecessidade do trabalho regular, devem ter chamado ao grupo primitivo os desoccupados por indole, uns tantos criminosos, desertores, e alguns desses individuos que sentem pela desordem uma attracção sympathica que condiz maravilhosamente com a sua natureza.

Como distinguir entre uns e outros quando se tentasse dissolvel-os por meios pacificos?

Porque, convém não esquecer, sejam quaes fôrem os intentos de Antonio Conselheiro, não ha negar que aquelle agrupamento de alguns milheiros de individuos em sitios de difficil accesso, constituindo uma força material, é uma irregularidade que os representantes do poder publico não podem tolerar.

A consequencia vae ser que, na repressão necessaria, será acarretado com a vasa que bem o merece, si essa não fugir ao primeiro embate de forças regulares, o grupo dos simples, daquelles cuja permanencia ao lado de Antonio Conselheiro, e cuja dedicação a este, não podem a rigor ser tomados como um delicto.

E' uma triste necessidade, mas é uma necessidade. Por pouco que consumam esses individuos no sertão, sempre alguma coisa consomem. Naturalmente não vivem como o indigena da caça e da pesca. Não consta que se deem a trabalhos que lhes produzam recursos. Vestem-se e dispõem de armas. Serão só as almas piedosas que offerecem donativos para a edificação de capellas e para a obra de propaganda? Parte dos recursos delles, segundo a queixa da maioria dos habitantes daquellas redondezas, vem de depredações e do saque. Outra parte ser-lhes-á fornecida por quem tenha interesse em agitar. Interesse politico? Realmente comprehende-se ainda menos, Antonio Conselheiro pretendendo do centro do sertão bahiano impor a lei a este vasto paiz, que se comprehendeu o projecto de alguns federalistas do Rio Grande do Sul quando cogitaram de entrar triumphantes na capital da Republica, ou o Sr. Silveira Martins procurando dominar o seu Estado, e com essa alavanca mover o mundo da nossa politica, reformando-a ao seu sabor.

Digitized by Google

Mas, ninguem ignora que é de boa tactica, quando se não póde fazer tudo, fazer alguma coisa, utilizar, si não directamente em proveito da causa propria, pelo menos em detrimento da causa do adversario todos os elementos que as circumstancias ou mesmo o acaso fornecem. Sendo assim, é dever inilludivel daquelles que têm a responsabilidade da ordem publica tomar as coisas pelo peior, julgar possiveis todas as hypotheses, e proceder, previnindo, com a precisa segurança para não ter mais tarde de remediar.

Que é esta a orientação que está guiando o governo, prova-o o facto de ter enviado para a Bahia forças relativamente consideraveis, e a escolha do chefe da expedição, um official que conseguiu em pouco tempo o que nem em muito conseguem homens que pensam ter grande merecimento: fazer pesar por tal fórma na balança da opinião as suas qualidades que tudo quanto de mau andava ligado ao seu nome passou para o segundo plano.

O Brazil atravessa a phase decisiva de sua organização, e no momento actual tanta razão têm os pessimistas, que só veem os erros commettidos em sete annos de governo republicano, como os optimistas que fazem avultar acima de tudo o que innegavelmente se tem conseguido. Uns e outros estão no seu ponto de vista; aquelles fazem aos erros da monarchia, erros que a levaram á morte por esphacelamento, o que estes fazem aos da Republica, e apontam saudosos para as apparencias de vida publica em alguns annos de inercia; ao passo que os que confiam nos destinos do paiz, e têm fé nas instituições vigentes, buscam tirar ensinamento e proveito dos erros commettidos, e congregam-se em torno das autoridades constituidas, quando se trata de pôr o interesse patrio acima de toda e qualquer outra consideração.

E' possivel que Antonio Conselheiro seja um fanatico relativamente inoffensivo; mas, ninguem de boa fé dirá o mesmo de todos os individuos que o cercam, nem mesmo da maioria delles; e justamente por que o que elles andam fazendo já teve repercussão fóra do paiz, e porque fóra do paiz temos não só desaffectos, promptos sempre para a exploração de tudo quanto nos possa prejudicar, como tambem individuos que, sem serem propriamente

Digitized by Google

nossos adversarios, têm uns tantos interesses contrarios aos nossos, é urgente que não continue a subsistir aquella pedra de escandalo, e que não passe a agitação das mãos de ambiciosos para a de perturbadores inconscientes da ordem publica, instrumentos de males, cujo alcance elles são incapazes de medir.

O terreno em que pisamos está ainda longe de ser absolutamente solido, e entre as difficuldades com que lutamos, não é de certo a menor o espirito de intolerancia, a persistencia de odios que as guerras civis accenderam, e principalmente dos que se originaram das duas mais recentes e mais duradouras, a revolta de setembro e a revolução do Rio Grande do Sul. Por algum tempo ainda, essa dissidencia ha de tornar difficil a acção do esforço commum para a consolidação definitiva de uma obra que exige o concurso dedicado e constante de todos os filhos desta terra e de todos os que sinceramente collaboram comnosco para o seu engrandecimento.

Essa difficuldade, porém, não é insuperavel. E basta para vencel-a a convicção de que o futuro desta terra depende da sincera applicação do regimen que adoptámos, e que este não é possivel, si o poder se immobilizar em um grupo de homens, cuja sinceridade não é contestavel, mas cujo criterio obedece ás leis geraes da fragilidade humana, e não póde guial-o com segurança sem o contraste da opinião discordante, tambem fortemente organizada, mas sem odio, sem paixão, tendo por alvo principal o bem commum.

Conviria nem lançar um véu sobre os males que nos cercam, e são reaes, nem revestir de falsos ouropeis os bens de que verdadeiramente gozamos, mas ver as coisas taes quaes são, levar corajosamente o ferro á chaga, e arar a terra, de que ha de surgir a grandeza da Patria.

FERREIRA DE ARAUJO

Digitized by Google

GUILHERME MONIZ BARRETO

Uma carta de Domicio da Gama, cujo espirito delicado comprehendeu quanto me seria a um tempo doloroso e consolador ter prompta e minuciosa noticia do triste acontecimento, deu-me conta da curta doença e prematuro fallecimento em Pariz, aos 29 de dezembro ultimo, de um dos meus melhores amigos, que era uma das intelligencias mais brilhantes e das almas mais limpidas que tenho tido a ventura de conhecer—Guilherme Moniz Barreto. Fomos companheiros de collegio, companheiros de estudos superiores, amigos de todo o tempo e de cada momento. Commigo partiu elle ha dois annos quasi para o Brazil e ao deixar ha perto de um anno a Europa, foi a sua mão leal a ultima que apertei. Eu e Silva Gayo, o distincto escriptor portuguez, podemos gabar-nos de ter gozado do melhor da affeição daquelle coração nobre e elevado. Pobre e infeliz amigo!

Estou ainda muito novo para escrever memorias, mas não desejo perder o ensejo de achar-se viva em lembrança dos que ahi o conheceram a physionomia sympathica de Moniz Barreto, para dizer ao grupo da *Revista Brazileira*, em cuja convivencia elle especialmente deleitou-se no Rio de Janeiro, quanto havia de bondade, de hombridade, de fidalguia, numa palavra de superior, naquella individualidade de corpo tão debil e franzino quão robusto e poderoso era o caracter. Deixarei de parte o lado puramente intellectual de sua figura attraente.

Moniz Barreto nunca logrou dar vasão ao muito que o seu cerebro gerou e projectou, simplesmente porque sempre foi precaria

Digitized by Google

a sua saude e lhe faltaram os meios de fortalecel-a. Lutou constantemente contra a miseria, que acabou por leval-o de vencida. Ainda assim, o seu estudo psychologico de Oliveira Martins ficará como um dos livros mais penetrantes, mais pensados da literatura portugueza contemporanea, e sei — porque m'as leu — que deixa paginas igualmente profundas e interessantes sobre Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Anthero do Quental. A sua *Carta a El-Rei de Portugal* é um modelo de ironia flagelladora e de visão desapaixonada dos eventos politicos da sua patria. Em Moniz Barreto coexistiam um poeta, um critico e um philosopho, o poeta de uma imaginação creadora, o critico de uma sagacidade incisiva, o philosopho de uma serena e luminosa comprehensão dos factos e das leis que os regem. Silva Gayo, num excellente livro, publicado ha dois annos, [1] estuda admiravelmente a personalidade a um tempo complexa e simples do mallogrado publicista; complexa porque eram muitas as partes do seu vigoroso talento literario, simples porque nelle nada havia sinão de transparente e diamantino. Isto, porém, não obsta a que eu contribua com alguns dados para a fixação de porção intima dessa biographia tão simples e tão captivante.

Moniz Barreto nasceu na India, de uma velha familia portugueza, e de lá veiu, ainda criança, cursar aulas em Portugal. Desde que matriculou-se no curso superior a sua vida foi um martyrio e um ensinamento. Fraco, enfermiço, pobre e orgulhoso, de um são e viril orgulho, elle teve de trabalhar para viver e para aprender, porque a sede de saber foi a unica e exclusiva paixão de sua vida obscura e virtuosa. As poucas forças não lhe permittiam grandes trabalhos.

Lições parcamente remuneradas, artigos mal, quando retribuidos, pequenos empregos miseravelmente pagos, eis com que elle podia contar para comprar pão e livros.

Não estou exagerando, nem armando os effeitos: o pobresinho já expirou no quartinho da casa de saude dos irmãos de S. João de Deus! Segui passo a passo a sua existencia difficil e digna, durante a qual a necessidade nunca o fez sacrificar uma parcella dos seus brios ou das suas convicções.

Quando saí de Lisbôa, em 1892, deixei-o agasalhado numa cadeira de conservador de uma das bibliothecas municipaes, que elle

---

[1] *Os Novos—I, Moniz Barreto.*

Digitized by Google

ordenou e catalogou com a consciencia e fadiga com que desempenhava todas as suas obrigações. A doença obrigou-o, porém, dentre em pouco a abandonar Lisboa, demasiado ventosa e humida no inverno, acolhendo-se a Villa Nova de Portimão, de onde escrevia-me para Berlim, em 13 de fevereiro de 1893: « Tenho-me dado perfeitamente neste clima suave que pela temperatura aproxima-se do da India e Brazil, com a differença de ser mais secco.» E a 4 de março ajuntava satisfeito: « Passei aqui no Algarve um inverno como nenhum ha doze annos que estou na Europa. Nos ultimos dias tem estado um tempo magnifico; escrevo-te com vinte graus acima de zero.»

O periodo de mais continuada producção literaria de Moniz Barreto fôra o immediatamente anterior a essa data: o tempo da *Revista de Portugal* que Eça de Queiroz dirigia e onde elle inseriu, entre outros trabalhos de valor, um valioso estudo critico (com que abriu a *Revista*) sobre os modernos escriptores portuguezes e uma soberba analyse do *Discipulo*, de Bourget, espirito fino que elle particularmente prezava. Na carta de 13 de fevereiro de 1893 dizia-me Moniz Barreto: « Depois que morreu a *Revista de Portugal*, não appareceu outra. E a geração nova tem resonado com invejavel constancia. Eu esforço-me por acompanhal-a; o peior são as minhas insomnias de nervoso. Decididamente ninguem é perfeito, e a modestia é um dever.»

As suas vistas dirigiam-se mais e mais para o Norte da Europa; o seu espirito ambicionava mais e mais escapar ao circulo mesquinho em que era compellido a debater-se. A Allemanha fascinava-o especialmente. Reiterando os seus conselhos para que eu estudasse « essa literatura tão cheia de intelligencia, em particular os historiadores », escrevia-me: «..., podes talhar para ti o papel de communicador entre o pensamento germanico e a intelligencia brazileira. Naturalmente, por estudos sobre os mestres da historiographia, da critica literaria, de sciencia politica, dos estudos moraes e tambem sobre as producções do lyrismo e do drama, que imagino devem sustentar o grande nome que foi illustrado pelos chefes da idade classica. As nações novas têm este inconveniente, que o escriptor não é sustentado pela acção collectiva, como naquellas em que existe uma longa tradição que chega mesmo a encarnar-se na lingua. Mas tem isto de bom: que a acção individual é mais livre e não tem limites além dos da energia nativa do innovador.»

Digitized by Google

A 11 de maio de 1893 acrescentou: «Entendo que é esse o trabalho que deve occupar os jovens escriptores brazileiros. Num paiz novo, em via de formação, o trabalho é sobretudo de preparação, de educação da consciencia nacional que mais tarde reflorirá em creações positivas. Ora no Brazil, que é um paiz recente, este trabalho póde e deve ser feito com todos os recursos da sciencia. Em outras palavras, considero trabalho de mais alcance para o Brazil o feito sobre historia ou critica do que o que tiver classificação como lyrismo ou theatro. E esse trabalho de historia ou critica deve tomar por objecto não só a propria nação, mas tambem e sobretudo a velha Europa, cuja vida deve ser o eterno assumpto do pensamento dos povos novos.»

A 27 de julho de 1894: «Deves esforçar-te por ler o allemão como o francez ou o inglez. E por isto faz por abster-te durante estes proximos mezes de leituras em outras linguas. Os vocabularios constituem verdadeiros povos que dão batalha no interior do espirito e estão sujeitos ás leis da luta pela vida. Quanto á escolha de textos a ler, o theatro não é máu, mas os versos são o melhor. Porque não lês os *Lieder* e o *Romancero* de Heine?

«O rithmo e a rima fixam na memoria as palavras e as construcções syntacticas. Não sei si gostas de versos. Mas de Heine gosta-se sempre. E' incrivel como um pequeno artificio como o que te indico póde poupar trabalho e fazer ganhar tempo. Comtudo a leitura que agrada é no fundo preferivel e creio que é o que te succede com o theatro. Mas neste caso deves ir assistir ás recitas. Embora não entendas bem ás primeiras vezes, has de ver o cahos aclarar-se em breve com uma rapidez surprehendente. Em resumo, faz por te assenhoreares da lingua alleman para poderes ir buscar alimento e guia para o teu espirito quasi exclusivamente nos livros allemães. E' para mim ponto de fé que a peste politica que nestes ultimos annos tem assolado o Brazil é de origem franceza. Si a mocidade brazileira se tivesse alimentado de doutrinas politicas sérias e de historia bem feita, não veria abrazar o paiz esse incendio revolucionario que não tem nessa terra abençoada nenhuma razão de ser, visto nem mesmo existir a questão social.»

Esta carta já é datada de Pariz, onde Moniz Barreto se achava desde julho de 1893 para tratar-se, pois que, apezar da estada no Algarve, sentia-se, dizia elle, num estado de debilidade crescente a que

Digitized by Google

precisava de pôr cobro. A literatura ia-lhe dando para morar num quartinho no Bairro Latino e tomar suas refeições num *Bouillon Duval*. De resto, si as suas preferencias intellectuaes eram evidentemente pelas manifestações do genio allemão o encanto que se desprende de Pariz sorria aos seus gostos artisticos. A literatura franceza agradava-lhe pela fórma, pela clareza e elegancia de linguagem, além das qualidades de caracter de cada escriptor. Falando de Chateaubriand, por exemplo, numa carta de 10 de março de 1894: « Apezar de uma quantidade de coisinhas deprimentes colligidas por aquelle velhaco do Sainte-Beuve no seu *Chateaubriand*, continúo a admirar o autor de *Réné* como escriptor e como homem. O que amo sobretudo nelle é a sua altivez cavalheiresca que nunca lhe permittiu descer a adular a opinião, apezar da sua natureza de artista o tornar extremamente sensivel ás delicias da popularidade. Chateaubriand será sempre umas das minhas admirações, talvez por ter sido a primeira. Tinha eu 12 annos quando lhe li as obras. Como literatura é da grande. Si eu um dia chegar a velho, o que não espero nem desejo, conto deleitar-me antes de morrer em reler esse maravilhoso panegyrico da morte, solemne e grandioso final das *Mémoires d'Outre Tombe : Et maintenant, le crucifix à la main, je vais descendre dans l'éternité*. »

Referindo-se a Brunetière, na mesma carta: « Falas-me no Brunetière e na celeuma que levantou. Li o discurso de entrada para a Academia. Ha lá um punhado de verdades que por serem amargas não deixam de ser verdades. Elle podia dizer coisas peiores dos jornalistas, que não dizia mentira. Acho porém que a nossa illustre confraria se mostrou demasiado susceptivel. E' certo comtudo que a leitura dos jornaes é mais interessante e instructiva do que esse erudito suppõe. Mas o merito não provem dos jornalistas, mas da variedade e imprevisto da vida cosmopolita contemporanea. De resto gosto do Brunetière pela sua decisão. E falando com franqueza elle é menos estreito, menos do passado do que se pensa. »

Moniz Barreto todavia nutriu muito mais o seu espirito com leituras philosophicas do que propriamente literarias. Gostava das idéas, de preferencia ao estylo. Os escriptores de sua maior sympathia eram os que descem ao amago das coisas, os que buscam a razão de ser, o porquê dos factos. Citando, por exemplo, o *formidavel*

Digitized by Google

livro de Carlyle *Heroes and Heroworship* — descreve-o como «escriptor incomparavel, de profundo e penetrante bom senso, sob exterioridades de louco, e muito mais do futuro do que do passado.»

Alludindo ao volume, que eu então tinha em preparação, sobre literatura patria, a sua inexcedivel amizade dictou-lhe as seguintes linhas, em 12 de novembro de 1894 :

«Sei que estás preparando novo livro e que fazes grandes leituras, em vista delle. Foge comtudo de leituras inuteis. Abraça-te com o excellente. Remonta em todas as coisas aos elementos essenciaes e faz delles listas completas. A critica do lyrismo, por exemplo, é uma applicação da physiologia das paixões. Um livro portanto como as *Emoções e à Vontade* de Bain póde-te servir de mais que vinte dissertações literarias feitas com erudição e engenho. Uma simples pagina de Spencer sobre os sentimentos de que se compõe o amor, abriu-me mais horizontes na psychologia e pathologia desta paixão, do que infinitas divagações dos moralistas de officio. Volta portanto bem os teus olhos para o moderno esforço dos psychologos. E faz da bibliographia psychologica o nervo de tua bibliotheca de critico.»

Pariz porém, lhe não restituïa a saude, nem elle possuia com que tratar-se devidamente e viver confortavelmente. «Não te escrevi ha mais tempo (carta de 31 de março de 1895) porque, além de tudo, tinha caido num grande estado de depressão physica que me manteve na cama repetidas vezes, resultante da dureza do inverno e que mesmo agora me não deixou de todo pela influencia abominavel deste começo de primavera». A tentação de procurar no Brazil calor e saude, mais mesmo do que uma collocação remuneradora no professorado ou no jornalismo, precisou-se cada vez mais. Minha ultima viagem ao Brazil acabou de decidil-o. A 10 de abril de 1895, na vespera de minha partida de Berlim, a sua penna traçava esta nota de esperança: «Sobre a folha em que te escrevo cai um sol magnifico, como um prognostico de actividade e alegria. O meu velho deus tutelar cuja falta tanto me tem feito soffrer desde que sahi da India... Si o sol do Recife não peccar por excesso de amor, isto é, de calor, sinto que trabalharei muito e bem.»

Não era sem motivo que elle pensava em fixar-se no Recife. «Pernambuco (carta de 27 de julho de 1894) é a parte mais brazileira do Brazil e na abastardação geral dos estados pela immigração estrangeira, é elle um dos que ha de conservar mais integro

Digitized by Google

o velho caracter historico. Vale pois a penna trabalhar por uma obra, cujo futuro não é inteiramente um enigma. E esse trabalho deve ser essencialmente o da educação dos espiritos, visto que o fomento da riqueza não precisa ali de estimulos e que a distribuição della não apresenta difficuldades fundamentaes como na velha Europa ou na America do Norte. » E a 1 de março de 1895, já de tenção feita, escrevia-me da cama: « Pernambuco pelo seu clima tropical e o caracter portuguez da sua população é-me particularmente sympathico... Ir passar uma vida meio estudiosa, meio activa, contribuindo na medida das minhas forças para a educação duma população do meu sangue e lingua, é uma perspectiva não destituida de encantos para mim. »

E' fado de muitas esperanças se não realizarem. Moniz Barreto passou bem de saude durante sua curta estada no Recife (julho de 1895), mas o meio desagradou-lhe. Não que elle desgostasse da gente. A nossa franqueza e hospitalidade chegaram a commovel-o, porque lhe recordavam a sociedade despretenciosa e boa da longinqua colonia portugueza de onde era oriundo. O seu espirito aberto sympathizou em extremo com a superior intelligencia do então governador Barboza Lima, cujos planos de administração e intenções de reformas ouvia e applaudia sem, é força dizel-o, acreditar muito em sua efficacia.

Elle percebêra as intrigas politicas corroendo todos os pensamentos levantados; presentira a distancia que media da sua miragem á realidade, sondara a disparidade que existia entre o que entendia por educação e a concepção corrente na imprensa e no magisterio local. Como era essencialmente um delicado, desanimou e não ousou combater com a prévia certeza da derrota. Seguiu para o Rio de Janeiro em procura de um ambiente mais culto.

Apenas chegado, escrevia-me: « Tive uma excellente impressão da entrada da bahia. E' certamente um magnifico espectaculo. Seria preciso sair dos limites do estylo epistolar para consignar a impressão do esplendor das aguas e da severidade das rochas fundidos num só effeito da magnificencia. Mas é inutil fazer frases, visto que já viste e em breve vais tornar a vêr.

« Quanto á cidade em si, conheço-a por ora pouco. Contando pelo que tenho visto acho que é uma agglomeração humana realmente consideravel. Ha aqui edificios que pelas dimensões e

Digitized by Google

architectura são sem favor bons, e um grande numero de habitações que têm aspecto agradavel e supponho serão interiormente confortaveis. Falo das construcções modernas dos bairros novos. Porque a parte antiga é deploravel e dá a peior idéa da cidade ao estrangeiro que desembarca.»

No Rio de Janeiro, com o friosinho humido de agosto, Moniz Barreto sentiu-se novamente doente, e, não encontrando por outro lado facilidades de conveniente collocação, deliberou regressar para Pariz como correspondente do *Jornal do Commercio*, em cujas columnas já anteriormente collaborara com brilho. Deixou a capital federal em fins de outubro de 1895 e em abril de 1896, de passagem em Pariz na minha viagem para os Estados Unidos, gozei dos ultimos dias de intimidade com o amigo carinhoso que hoje choro. Faltam-me pormenores recentes da sua vida. Pela carta de Domicio da Gama tive apenas conhecimento de que nos ultimos mezes arcára com graves difficuldades para manter-se, em terra estrangeira e baldo de saude. Soffreu, como sempre, calado, sem confessar aos amigos seus dissabores; tão completamente independente que deixou ainda assim com que o enterrassem decentemente. A altivez nelle sobreviveu ao corpo victimado pela necessidade.

Bello coroamento de uma bellissima vida, que é um raro e grande exemplo de honestidade e valor moral.

OLIVEIRA LIMÀ

Digitized by Google

MEMORIAS DO SEGUNDO REINADO

I

Com o titulo *Memorias do meu tempo*, acaba o Sr. conselheiro João Manoel Pereira da Silva de publicar parte da historia, em escorço, do longo reinado do Sr. D. Pedro II. Este primeiro tomo vai de 1840 a 1864 e é mais uma inequivoca prova do quanto se conserva animado o espirito do provecto lidador das letras brazileiras e alerta a sua actividade.

E' todo de leitura atraente e facil esse volume de 324 pags. em formato grande, não só pela despretenciosidade de estylo, concisão de frase e clareza de exposição, como tambem, do lado material, pelo apuro de impressão e excellencia de typo e papel. Nelle, pois, concorrem não poucas condições intrinsecas e extrinsecas, para ser vivamente recommendado aos estudiosos das coisas patrias, que, por certo, não se hão de arrepender de o inserir em sua estante de livros relativos ao Brazil e de o consultarem frequentes vezes, depois de o conhecerem mais de perto.

Prestada justiça aos meritos, que resaltam em globo e nas primeiras impressões da recente publicação, sem duvida uma das melhores na numerosa obra do autor, vamos agora ás restricções que julgamos obrigatorias para desencargo de consciencia da critica sincera e imparcial. Expondo-as, temos que contrariar impulsos de real apreço a um homem de letras que tanto ha trabalhado e, numa idade em que o repouso se impõe com irresistivel imperio, ainda se esforça, investiga e produz, tomando o compromisso de não descançar até que a morte venha pôr paradeiro aos habitos de labor e de pesquiza da indefessa intelligencia.

Digitized by Google

Não são organizações mentaes dessas tão communs entre nós e em qualquer parte do mundo, que não se tornem credoras de estima e até admiração, devendo lhes ser, por isto, em grande parte escurecidos os senões e defeitos em que incorram e que lhes possam ser apontados. Aliás, nesta ultima producção não augmentaram as causas de estranheza, pelo contrario, em muito menor grau se salientam, decorrendo todas ellas em linha recta da mesma penna que, ha largos annos já, escreveu o *Plutarco brazileiro* — descuidos de linguagem, precipitação nas affirmativas, confusão de datas, equivoco de nomes e falta de sufficiente ponderação e severidade nas indagações historicas, censuras, de certo graves, bem graves em quem, como o Sr. Pereira da Silva, fez de taes estudos a sua especialidade e campo de incessantes lucubrações. D'ahi tambem serias prevenções no animo do leitor cauteloso em aceitar, sem maior exame, o que delle provenha. Não podem as suas asseverações correr mundo como ouro de lei, e a simples suspeita levantada de ha muito impede confiança que nos fôra bem grata ao espirito.

Ha, comtudo, na persistencia desses mesmos defeitos, cacoethes quasi, mais um signal, de que o autor não envelheceu, conservando-se sempre o mesmo escriptor que estreiou com tanto ruido no Rio de Janeiro, em época já bem distante de nós.

No epilogo do primeiro volume das suas *Memorias* diz-nos o Sr. Pereira da Silva, promettendo continuar no commettimento encetado: « Resta-me supplicar a Providencia Divina, que me conceda poder proseguir na tarefa de ministrar elementos e materiaes, que sirvam para mais amplo conhecimento da historia da nossa patria e do nosso tempo » e de coração associamos a este justo anhelo todos os nossos votos.

Analysando agora, mais rapidamente do que fôra para desejar, a presente obra, observamos, antes do mais — e o reparo tem sido unanime por parte da critica — que o titulo *Memorias do meu tempo* absolutamente não quadra com o que nella se vai encontrar. De todo lhe falta a feição individual, a nota intima, o subjectivismo caracteristico desse genero de literatura, tão em moda hoje em dia e apreciado. Quem escreve *Memorias* e narra a sua vida, prendendo-a aos acontecimentos geraes em que ella se desenvolveu, é incoercivelmente levado a falar de si, subordinando tudo, impressões, factos, caracteres, ao seu ponto de vista restricto, particular, pelo

Digitized by Google

que corre tambem risco de se constituir, aos proprios olhos, e por suggestão desculpavel na ingenuidade, eixo em torno do qual gyraram os mais graves e resolutivos successos e até causa determinante de muitos delles.

E' uma tendencia avassaladora, uma impulsão natural, que chamaremos egocentrica, arrastamento a que bem poucos escriptores na especie tenham resistido, embora vivendo alguns em esphera bastante modesta. Ao leitor é que incumbe fazer as convenientes resalvas, aproveitando da narrativa exagerada, exuberante e, por vezes, de ridicula enfatuação o que nella possa haver util e elucidativo no estudo das occurrencias ou na apreciação dos personagens a que se refiram e que elle queira conhecer e aprofundar com o escrupulo e a sagacidade de analysta perspicuo e consciencioso.

Nota-se nas *Memorias* do Sr. conselheiro Pereira da Silva a carencia completa do que tão bellamente se chama em mathematica equação pessoal, isto é, a summa, o travamento, a bem do necessario desconto, dos muitos factores proprios a cada calculista na observação dos phenomenos, condições peculiares a elle, á sua indole e organização physica e moral, ao seu modo de vêr, de ser e de sentir. Só de relance, aqui e acolá, é que o autor se refere a si, externa opinião que lhe seja particular, isso mesmo ás pressas, e, como que a medo e contragosto, mostra até que presenciou resoluções importantes e dignas de nota e rememoração. Tem, para assim dizer, empenho em fazer desapparecer a sua personalidade, deixando só em evidencia o historiographo, donde tambem a frieza compassada do estylo, a seccura rechupada dos traços physionomicos, a ausencia continua da emoção, tudo isto bem pouco proprio em quem evoca recordações, sempre saudosas por dizerem com a mocidade, e revive no seu passado, acordando paixões e tumultos adormecidos pelo perpassar dos annos.

Previu o Sr. Pereira da Silva a estranheza e buscou desfazel-a nas seguintes palavras: « A adiantada idade de quasi octogenario, a experiencia colhida durante cincoenta annos de lutas e procellas politicas na Camara dos Deputados, no Senado e na administração publica durante o regimen imperial, o retiro a que me condemnei desde a revolução de 15 de novembro de 1889 e as castas deleitações das letras que me suavizam os ultimos dias da existencia, têm

Digitized by Google

produzido em meu espirito uma tal serenidade, que as reminiscencias do passado inspiram-se, não nas paixões de então, mas na consciencia libertada de todas as peripecias passadas » o que claramente significa, que o biographo de si e do seu tempo cedeu lugar ao chronista calmo, reflectido e equitativo, sem mais sujeição aos impetos e á influição do momento, mais ou menos valente e apaixonada—a mesma differença entre descrever vasta planicie com todos os seus accidentes topicos e minucias, sitios já ubertosos e floridos, já aridos e apaulados, á medida que se a vai percorrendo e palmilhando, ou então contemplal-a, chegado ao alto de elevada montanha, nas suas linhas geraes, de um jacto, num tranquillo abarcar de olhos, perdida a noção do que ella tinha mais original, pitoresco e individuado.

Póde-se affirmar, que neste primeiro tomo só ha duas paginas de *Memorias*, uma do prologo, outra do epilogo; e a vibração que dellas se desprende infunde-nos sincero pezar de não encontrarmos o livro todo escripto naquella bella tonalidade. Fôra o seu valor indiscutivelmente maior, constituindo-se então o primeiro marco milliario num genero de literatura, que ainda não possuimos.

Assim como nos vem, sem uma scintillação, sem uma anecdota, um commentario de caracter intimo, sem um *consta* da época, uma bisbilhotice, um mexerico até, um simples boato de occasião, a romper a monotona concatenação, em frase bastante flascida, o frigido desdobrar dos acontecimentos, nada mais é do que prolongamento da *Historia da fundação do Imperio Brazileiro* (de 1807 a 1823) do *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I* (de 1823 a 1831) e da *Historia do Brazil de 1832 a 1840*, do mesmo autor, cujo acervo literario e historico sóbe a nada menos de 26 volumes, dados já á publicidade.

Nestas *Memorias* nem sequer aponta elle o ponto de partida indispensavel em trabalhos desta ordem, a data certa, bem fixa, do dia, mez e anno em que nasceu. Por singular discrição e retraimento que não tem razão de ser, nem sabemos como explicar, sobretudo num pesquizador de coisas chronologicas, que não têm valor se não vierem com o cunho de indiscutivel exactidão, vagamente nos diz no prologo, que em 1840, tinha 21 annos de idade. Feitos já, porém, ou por fazer? Em que dia, em que mez daquelle anno? Onde veiu ao mundo, quaes a sua filiação e ascendencia? Ha sempre

Digitized by Google

interesse em esmerilhar quaesquer antecedentes, verificando-se a influencia do meio em que se passou a infancia e até da localidade natal, suas condições topographicas e mais causas capazes de actuarem no decorrer de toda uma existencia.

O *Diccionario Universal* de Larousse o dá nascido em 1816, o que o faria actualmente maior de 80 annos, e informa que, depois de formado na faculdade de direito de Pariz, viajára grande parte da Europa, antes de regressar ao Brazil.

Nem de leve nos acode ao pensamento, na discussão desta duvida, maguarmos a susceptibilidade do Sr. Pereira da Silva. Temos a convicção que não põe nisso, nem póde pôr, o menor resquicio, sombra siquer, de faceirice ou *parti-pris*. Achamos, pelo contrario, que mais glorias lhe advem do maior numero de annos, que ainda lhe consintam estar na estacada a trabalhar escorreito e alacre e a chamar para si a attenção publica.

Dada a feição geral desse primeiro volume das *Memorias do meu tempo*, examinemos pontos aqui, ali, sem coordenação especial.

Em relação ao celebre *quero já* da maioridade, ha uma ligeira nota pessoal, assim mesmo tão pallida e esquiva! « Lembro-me, conta o autor, que Sua Magestade disse-me, na occasião em que apreciava a historia do periodo de 1831 a 1840, cuja segunda edição eu havia publicado, que se não deixára influir em sua resolução por funccionarios do Paço e nem por personagens politicos que ouvira ácerca do assumpto, mas que se convencera de que assim devêra proceder.» Recordo-me bem, eu do meu lado, tendo aliás tomado nota em tempo, do que a tal respeito teve a bondade de externar-me o Sr. D. Pedro II, conversando, em certa occasião, commigo com a nimia benevolencia e honrosissima confiança, que se dignou dispensar-me de 1872 a 1889. « Era eu, observou-me o illustre monarcha, tão pequeno então e me achava por tal modo abalado com a resposta positiva ou negativa que devia dar, que não tenho bem presentes as palavras por mim proferidas. O que lhe affirmo é que o *quero já*, tão glosado depois e que ainda hoje tantos commentarios suscita, se referia á gravidade do adiamento da proclamação da maioridade até 2 de dezembro, uma vez que os animos se mostravam tão exaltados, ameaçando aggravar-se a conturbação de todo o paiz. Neste caso, ponderei, *quero já*. E, saidos todos, fui chorar convulsamente,

Digitized by Google

abraçado á minha boa aia Werna Magalhães [1]. Ambição de mando, que idéa! Foi um dia bem triste para mim! » E o inclyto soberano parou, como que presa de commoção, que em mim repercutiu violenta, conservando-se calado por não pouco tempo, eu em respeitoso silencio.

II

Terá a obra do Sr. Pereira da Silva, quando terminada, um merecimento que sempre lhe será reconhecido, ser a primeira historia methodizada, systematica do dilatado reinado do Sr. D. Pedro II, durante o qual foi o Brazil tão feliz, prospero e respeitado, marchando com passo firme e seguro, embora lento, no caminho do progresso solido e gradual e armazenando em si essa estupenda cópia de forças e riquezas, que tem podido resistir a todos os erros, abusos e esbanjamentos do actual regimen republicano, imposto pelas armas ha mais de sete annos.

Neste primeiro volume, já dissemos em principio, abrange ella o periodo de julho de 1840 a janeiro de 1864, estudando, com mais ou menos desenvolvimento, a vida dos 18 gabinetes ministeriaes, que preenchem aquelles 24 annos, as lutas parlamentares, as dissoluções da Camara e os successos internos e externos, que mais actuaram na existencia brazileira. Ha capitulos, conforme a importancia dos factos, que se referem simplesmente a um anno, outros que encerram maior espaço de tempo — em geral, resumos bem feitos, parecendo-nos, pela segurança das datas que no conjunto lhes serviu de util e firme roteiro a excellente compilação chronologica publicada, ha poucos annos, pelo antigo director da secretaria da Camara dos Deputados Sr. barão de Javary (conselheiro Jorge João Dodsworth).

Ainda assim, de vez em quando afeiam a narração e levantam no espirito dos acautelados damnosas suspeições em relação ao valor veridico do todo sensiveis claudicações, algumas positivamente indesculpaveis em quem viu e sabe tanta coisa. Diz, com effeito, o autor, logo em principio, que o director dos estudos do Imperador menino escolhido pelo Regente Araujo Lima fôra frei D. Pedro de

[1] Condessa de Belmonte, por occasião da corôação.

Digitized by Google

Santa Marianna (aliás, frei D. Pedro de Santa Marianna e Souza) bispo de *Anemuria*, quando o foi de *Chrysopolis*, pertencendo aquelle titulo, que por erro de revisão vem *Annamaria*, a frei D. Antonio de Arrábida.

Assim outras descaidas em que não queremos insistir, mas faceis de se indicarem. Bem desculpaveis seriam aos nossos olhos, si se derivassem de mais fogosidade por parte do autor, de menos cuidado em não querer deslisar da attitude, um tanto convencional, de simples historiador. Quão curioso, comtudo, a quem assistiu aos factos e os viu de perto narrar tudo quanto, em 1843, occorreu e se propalou por occasião do casamento do Imperador, as manobras do ministro das Duas Sicilias Merolla, as facilidades do barão de Cayrú e mais outros incidentes! A que vigorosas descripções não se prestava aquelle triste, nefando cáes do Vallongo, tão conhecido nos tempos do trafego negreiro e purificado pelo primeiro pisar da virtuosissima Imperatriz em terra brazileira?! Mais adiante uns seis annos, em 1849, contar menos pela rama as difficuldades em que se viu o patriotico e energico gabinete de 29 de setembro para alijar o seu presidente do conselho, visconde então de Olinda? Diz o Sr. Pereira da Silva que o intermediario nessas penosas negociações fôra Eusebio de Queiroz, que afinal levára a quasi intimação do ministerio ao antigo e prestigioso Regente do Imperio.

O Dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro, escrevendo a vida do illustre pai, á pag. 54, affirma, porém, que tal papel coubera a Vieira Tosta, já então barão de Muritiba.

Outros trechos desse teôr, e de interessantissima elucidação deveriam ter sido, sinão deslindados, pelo menos bosquejados, em leve esboço que fossem, por um politico da ordem do Sr. Pereira da Silva que, pela posição em que sempre se achou, conhecia todas as evoluções em scena, no theatro aberto ás vistas do publico, ou fóra della nos recantos dos bastidores e caida a mascara imposta pelo papel a representar-se.

Parece, porém, que o seu empenho foi todo diverso, dar sómente base a trabalhos posteriores, ministrando os primeiros elementos para que o reinado de Pedro II seja estudado em regra, como merece, de todos os pontos de vista. Forneceu elle a talagarça; outros que a bordem de modo condigno.

Na imparcialidade com que expôz os factos, passando-os em revista e na esphera de serenidade a que logrou librar-se, fez o

Digitized by Google

Sr. Pereira da Silva continua justiça ao segundo Imperador do Brazil deixando bem evidente, quanto o eminente monarcha, desde os tempos iniciaes da governança, subordinou sempre a sua vontade, os seus lazeres e intuitos aos interesses e á gloria da nação de que foi chefe e representante por quasi cincoenta annos de immenso labôr. Dolorosos, acerbos dias de velhice lhe preparou a confiança que cegamente depositára no sentimento de gratidão do povo brazileiro e, nas agruras do exilio, não pouco esforço sem duvida custou ao seu magnanimo coração ter de occultar a outrem a angustiosa desillusão que lhe havia reservado impiedosa sorte...

Prosigamos porém.

Neste livro do Sr. Pereira da Silva, já observámos, não poucos são os descuidos de fórma e as incorrecções que menos precipitação facilmente teria obviado. Quando lhe falta o termo adequado, não se lhe dá de o procurar, fazendo parar a penna por segundos; como que atira outro ao acaso, por mais improprio que seja, e vai seguindo além. E' systema detestavel, sobretudo quando as provas têm de ser corrigidas longe, em Pariz, fóra das vistas do escriptor, que delle usou por descabida pressa.

Um exemplo entre muitos. Contando as manifestações de jubilo por occasião da maioridade, diz-nos elle: «Estrondosas festas publicas e particulares, *Te-Deums* nas igrejas, illuminações brilhantes, fogos de artificio, vivas incessantes nas ruas, arcos levantados e enriquecidos de disticos patrioticos, passeiatas de povo acompanhadas de musica, *praticaram-se* durante tres dias e tres noites. *Praticar* festas, vivas, arcos? O verbo ahi não tem applicação aceitavel e constitue verdadeiro disparate.

Em compensação, ha paginas de boa, correcta e animada descripção, assim o *encilhamento* da época imperial no ministerio Souza Franco, aliás pueril, modestissimo, comparado com o estrondoso, colossal, dos primeiros tempos da Republica e logo reprimido pelas sabias disposições de Salles Torres Homem, no gabinete de 12 (não 14) de dezembro de 1858; assim tambem todo o periodo da conciliação até o fallecimento de Honorio Hermeto, marquez de Paraná, a 3 de setembro de 1856,[1] que perturbou de modo insanavel

[1] Falleceu ás 7 ½ horas da manhã e não de madrugada, como diz o Sr. Pereira da Silva.

Digitized by Google

as brilhantes festas preparadas então para o dia 7, anniversario da independencia. O sentimento popular foi profundo.

Pelo que temos expendido, claramente se deprehende, que na nossa opinião, lealmente expressa, ha bastante que lucrar com a leitura deste primeiro volume da nova obra do Sr. conselheiro Pereira da Silva, cujos outros tomos promettidos esperamos com interesse e sympathia.

VISCONDE DE TAUNAY

Digitized by Google

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS

II

Entremos em alguns pormenores.

Comecemos dessa planta sagrada em todas as épocas, symbolo da abundancia e o regulador da fartura das nações européas. Tratemos do trigo,[1] esse vegetal que fornece a humanidade um alimento completo debaixo de pequeno volume e circula em todas as partes do mundo como uma moeda corrente, tanto nas mãos do pobre como nas do opulento: é o sangue das nações condensado em semente.

Qual é a sua patria? Sabe-se que desde a mais longiqua antiguidade é elle cultivado. Na China o é desde tres mil annos antes da éra christan! Será o seu torrão natal a Asia Menor? Nada se póde affirmar positivamente a este respeito. Existiu elle algures no estado selvagem? Qual é, entre mais de trezentas variedades esparsas no antigo e no novo mundo, a especie primitivamente cultivada? Outros tantos problemas, cujas incognitas esperam ainda solução. Botanicos ha que suppõem ser o trigo derivado do genero *Ægilops*; mas não se conhece fundamento seguro para tal asserção. Os grãos de trigo que têm sido encontrados nos tumulos do antigo Egypcio, dormiram o longo somno da clausura durante tres mil ou quatro mil annos! Esses grãos, apezar de terem contemplado dentro da morada dos mortos o perpassar eternamente vagaroso de quarenta vezes cem annos, os mesmos quarenta seculos que do

---

Veja a *Revista* de 1 de fevereiro.

[1] *Triticum sativum*, (Gramineas).

Digitized by Google

alto das pyramides contemplaram a bravura de Napoleão á frente dos seus exercitos, foram semeados e germinaram louçãos; maravilhoso attestado da latente energia da força vegetativa, que após um repouso de milhares de annos inactivos, fez resuscitar ás vistas da geração actual, as mesmas espigas louras e fecundas, que enchiam os celleiros dos poderosos Pharaóes. Com effeito, aquellas sementes reproduziram a especie *triticum sativum*, que é hoje o mais cultivado, e o *triticum durum*, que ainda agora muito se cultiva no Egypto e na Syria.

Segundo a lei judaica, o primeiro mólho da colheita do trigo, era consagrado ao Senhor Omnipotente, no dia de Pentecostes, em signal do tributo de gratidão devido á sua illimitada bondade. Attribuem os pagãos á deusa Ceres a descoberta de tão precioso thesouro. Segundo a lenda, foi na Syria que a cornucopia dessa loura divindade locupletou-se das abençoadas sementes, que depois foi entornando por todas as partes da terra. Pura ficção! Qual a do trigo, a cultura dos outros cereaes ascende á mais afastada antiguidade, sem que se possa conhecer ao certo o seu legitimo ponto de origem. Para darmos uma prova do quanto divergem os pesquizadores a este respeito, ha quem sustente que não é o trigo o veterano dos cereaes, mas a cevada [1] teria sido a primeira graminea que serviu para nutrimento dos homens. Presume-se que fôra o pão de cevada que nas mãos de Christo prestou-se de instrumento a um dos seus mais decantados milagres, a multiplicação dos pães em presença dos Apostolos da sua doutrina.

O milho [2] parece ser originario da America. Antes de descoberta esta parte do globo, não houve autor antigo ou moderno que fizesse menção deste cereal. Porém qual a região da America em que pela primeira vez surgiu do sólo planta tão util... *that is the question*. Affirmam alguns que é proveniente do Mexico, onde tem sido visto em condição selvagem, outros opinam que o Perú é a sua terra natal. Os primeiros conquistadores que chegaram ao Perú, viram os indigenas prepararem com os grãos de milho licores alcoolicos, com que se embriagavam nos dias de festa.

---

[1] *Horedum vulgare.*
[2] *Zea mais*

Digitized by Google

Cereal tambem, importante é o arroz, o trigo dos paizes quentes. Os sobrios Arabes e os habitantes da India contentam-se, para manjar de cada dia, com um punhado de tamaras e um prato de arroz. A principio julgaram-no originario da China, onde é extraordinario seu consumo, mas Engler o considera da Cochichina, Parece que tem sido achado no estado sub-espontaneo na proximidade de alguns rios da India.

Si continuarmos a percorrer outras familias botanicas, que fornecem plantas cultivadas, depararemos com as mesmas hesitações e incertezas no concernente aos seus paizes originarios.

Assim, o cultivo da vinha [1] desapparece nas sombras da mythologia. Crê-se que os Phenicios foram os primeiros que a levaram ás ilhas do Archipelago. Os Gregos a consagraram a Baccho; coroavam-se com os seus ramos, sarapintavam-se com a sua borra e entregavam-se ás orgias desenfreadas conhecidas pelo nome de bacchanaes. Conforme ás investigações de Engler, a vinha crescia espontaneamente na Europa em épocas muito distantes; pois em diversos pontos desse continente tem-se della descoberto restos fosseis. Na Rumania e no Bassat ella vegeta ainda no estado agreste.

Quanto á oliveira, [2] cujo fruto é um dos dons mais apreciaveis que a Natureza produziu, ella parece ter vindo á luz na Italia, onde foi achada no estado fossil. Tambem cresce espontaneamente em varios pontos da bacia mediterranea. Não é, portanto, natural da Asia, como cuidavam certos naturalistas, entre elles Germain de St. Pierre. O primeiro povo que a cultivou foram os Egypcios. A sua cultura nas Gallias data da fundação de Marselha, 600 annos antes da éra christan. Lembramos a historia fabulosa da pomba que trouxe no bico o ramo de oliveira para annunciar á arca de Noé o fim do diluvio universal. Si bem que revestida das côres ficticias da poesia, esta tradição dá uma perspectiva fugaz da ancianidade desta planta.

A civilização hellenica tendo succedido á egypcia, os Gregos deviam ter aprendido desta a cultura da oliveira e o uso dos seus frutos, que todos nós sabemos que são as azeitonas, donde se extrai o oleo comestivel que prosaicamente fabricava na ultima quadra de sua existencia o inspirado autor do *Monge de Cister* e do *Eurico* o *Presbytero*.

---

[1] *Vitis vinifera*. (Ampolideas).
[2] *Olea europæa*. (Oleaceas).

Digitized by Google

Ancião vegetal é igualmente o linho, [1] o qual era cultivado no Egypto já 2200 a 2400 annos antes de Christo. Elle foi cultivado na Europa desde a época da idade de pedra, mas parece ter sido uma outra especie e não o *usitatissimum*. [2] Os livros de Moysés mencionam frequentes vezes o linho. O véu do templo, a tunica do Pontifice, as vestimentas dos sacerdotes, tudo era de fino e puro linho; usos esses que passaram para a Igreja Catholica. E já que entramos nos dominios do Antigo Testamento, aproveitemos a occasião para indagar qual a patria dessa celebre leguminosa, que serviu de engodo (vulgo *chantage*), para que Esaú vendesse ao seu irmão Jacob o seu proprio direito de primogenitura. Sabem os que me lêm que me refiro ao famoso prato de lentilhas. Pois bem. A lentilha [3] procede da Asia Menor, comquanto o nome *Pélusiaca*, que lhe deu o vate mantuano pareça indicar que a sua patria é o Egypto.

Vejamos agora em que lugar do globo estendeu pela primeira vez os seus galhos poeticos e nobres esse arvoredo gentil e verdejante que tem servido em todos os tempos para consagrar os grandes triumphos do homem nas altas lides da existencia; o loureiro [4], de porte airoso e cavalheiro, em que se transformou a formosa nympha Daphne, que fugia diante das perseguições do bello Apollo;—o loureiro que teve a eximia honra de provocar o desejo de Julio Cesar que chegou a pedir ao Senado a permissão de cingir a sua fronte com uma corôa de louros. O parque dos imperadores romanos era contorneado de avenidas de loureiros, por Plinio denominados — os porteiros dos Cesares e guardas dos seus palacios.— Esta planta idolatrada exercia magos prestigios sobre a imaginação dos povos. Foi considerada a panacéa de todos os males, tal era a superstição que promovia a crença nas suas raras virtudes. A' porta dos doentes penduravam-se ramos de loureiro, que adornavam tambem as estatuas de Esculapio, o deus mythologico da arte medica. Nas escolas de medicina uma corôa de louros, munidos de suas odoriferas bagas, (*bacca laurea*) servia de symbolo á admissão dos novos doutores; d'ahi é que vem o titulo de bacharel, que depois se applicou aos formados em differentes Faculdades.

---

[1] *Linum usitatissimum* (Linaceas).
[2] Parece ter sido o *linum augustifolium*.
[3] *Erbum lens*.
[4] *Laurus nobilis*. (Laurineas).

Digitized by Google

Esta planta, cujo historico é tão attraente e cujo nome technico, *laurus nobilis*, deixa bastante em relevo os seus fóros heraldicos, existiu primitivamente, como provam os seus restos fosseis, na Italia e no Meio-Dia da França. Depois desappareceu, e quando a Europa quiz de novo cultival-a, foi necessario pedil-a emprestada á Asia. Das folhas que se applicam á sagração do merito ás flôres que servem para realçar a belleza e perfumar o amor, a aproximação não é inverosimil.

Donde veiu a rosa, proclamada a rainha das flores, e chamada por Anacreonte a alegria dos mortaes e o doce aroma dos deuses? As Graças ajustavam a fronte com grinaldas de rosas, e plantados de soberbas roseiras eram os jardins de Chypre, dedicados a Venus. Enlevados do prazer dos festins os convidados cercavam-se de rosas e exclamavam alegremente:

Coroemo-nos de rosas... morreremos amanhan! Pois não são tão ephemeros os gozos da vida como a vida das rosas?

Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin...

Não nos cansamos de repetir sempre com a mesma convicção as tristes estancias que escreveu Malherbe a um dos seus amigos, afim de consolal-o da morte da sua filha, o idolo da sua existencia.

A delicada rosa tem sido celebrada por todas as artes, a musica tem-lhe rendido o preito dos seus mais bem combinados accordes, e o estro da poesia estrophes do mais commovente lyrismo. Ella é no catholicismo o symbolo do celeste jardim da mystica Jerusalém, com o qual os Papas brindam as princezas de sangue em que reconhecem a fé ardente pela religião do Calvario. Entretanto essa flor tão prezada tem tido brutaes detractores, profanadores perversos.

Nero, o monstruoso degenerado, cujo nome é um urro de féra a acordar os écos da Historia de seculo em seculo, cingiu de rosas a sua estreita fronte, e dedilhando a lyra, entoou canções jonicas, no momento em que por sua ordem a cidade de Roma esbrazeava no mais medonho incendio.

Qual foi o afortunado pedaço de terra em que brotou o primeiro botão desta flôr encantadora e mimosa? Foi a Asia occidental, foi a Europa meridional, diz-nos Engel.

Digitized by Google

As roseiras dos antigos, pondera Duchârtre, entravam todas no circulo das fórmas derivadas das duas especies: *rosa gallica* e *rosa noschata*. Destas especies tem saido um numero incalculavel de variedades, cada qual mais graciosa, que são cuidadosamente cultivadas por innumeraveis apaixonados desta cultura hoje vastissima e muito rendosa.

Outras flôres ha, além da rosa, reservadas para significar os contentamentos do coração. Neste caso estão as flôres das Aurantiaceas, *nobilissimus plantarum ordo*. A grata fragrancia das flôres da laranjeira e a sua candida belleza, tornam-nas proprias para exprimir a innocencia da donzella e enfeitam o seu véu nupcial no dia em que perante o santo altar celebra com o escolhido do seu affecto o solemne juramento conjugal.

As auranteaceas são originarias, umas da Asia tropical, outras da India, como a laranjeira. Estas plantas tão uteis e tão bonitas estão hoje naturalizadas em todas as regiões quentes do velho e novo continente. Na Europa, ellas enchem os pomares da peninsula iberica, da Italia, da Hungria e da Grecia. Na America do Sul ellas médram por toda a parte com a mais franca espontaneidade. No Brazil, quem não sabe como se dão bem com a uberdade do nosso sólo, espraiando jubilosas o folhame perfumado á caricia das brisas tépidas, e balouçando nos galhos pendidos os pomos dourados, que o mavioso cantor dos Luziadas collocou na ilha dos Amores:

«A laranjeira tem no fruto lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos»

A laranja é entre os frutos o que a rosa é entre as flores; ella é a rainha das frutas pela sua fórma, pelo seu sabor e perfume. Bem empregada, pois, a solicitude meticulosa, o zelo carinhoso, que os horticultores applicam á conservação destas arvores; exemplo, a historica laranjeira de Versailles, ali plantada por Leonor de Castella, rainha de Navarra, em 1422. Essa laranjeira de primeira grandeza conta, pois, 474 annos. Antes della nenhuma tinha sido conhecida em França, onde é ainda, conhecida máu grado as brisas ultra-democraticas que a agitam, com o nome de *grand Bourbon* ou Francisco I.

A religião grega era de um fanatismo elevado ao mais alto gráu. Tudo lhe servia de pretexto para ampliar o seu culto. Creavam-se

Digitized by Google

deuses como se inventavam modas. Cada vegetal novo que vinha da Africa ou da Asia e que caía em graça pelos seus dotes naturaes, era logo aureolado com uma lenda e entrava na folhinha do paganismo como os santos entram no almanak papal.

Assim, a laranjeira suppõe-se ter sido introduzida na Europa, não se sabe em que data, tendo sido primitivamente cultivada ao Norte da Africa, nas ilhas do Cabo Verde, nos floridos jardins das tres Hesperides, que era guardado por um dragão de cem cabeças. Um dia Hercules, (diz a Fabula) matou o dragão e apoderou-se dos pomos de ouro, a undecima das quixotescas proezas deste Sansão da escriptura hellenica, precursor daquelle a quem Dalila cortou rente a abundante madeixa.

Conversemos agora com as violetas e os lyrios, que constituem tão formosas moitas nos jardins elegantes.

A violeta é o symbolo da modestia e do pudor; ella vive occulta ás vistas indiscretas, debaixo dos tapetes de relva, trahindo-se apenas por seu exquisito aroma a embalsamar o ambiente, logo que os tenros pimpolhos das arvores começam a pronunciar a chegada da risonha primavera. O lyrio ostenta a sua corolla erecta sobre o fragil hastil, e derrama em torno a candidez das exhalações tão suaves ao olfacto.

A primeira veste com simplicidade a tunica tristonha da viuvez, rôxa como a melancolia e singela como a virtude; do ultimo disse o Divino Mestre «que o proprio Salomão, em toda a sua gloria, nunca vestiu com tanta magnificencia.»[1]

A violeta, reconhecendo quanto são ephemeras as vaidades da Natureza, vegeta recatada sem sonhar o esplendor das salas; é preciso que a mão imprudente do homem vá arrancal-a do seu recanto, no intuito de aromatizar as suas alcatifadas ante-camaras ou dar pomposo aspecto aos seus festins.

O nobre lyrio, garboso do seu porte e da sua figura graciosa, mas esquecido daquelle aviso do cantor da Eneida — *nec semper lilia florent* — brilha como emblema no escudo dos reis de França, e como disse o poeta:

Il est roi des fleurs, si la rose est la reine.

Qual foi a patria feliz da peregrina violeta? Mal se sabe. Devia ter vindo do Oriente, da Asia Menor ou da Syria. D'ahi, tirada do

---

[1] S. Lucas — XII, 27.

Digitized by Google

seu retiro á beira de algum cristallino regato, devia ter andado errante de paiz em paiz, cumprindo a sua odysséa até entrar na Grecia, onde se lhe creou a legenda que a faz originaria do sangue de Alceo, cujo corpo se metamorphoseara em amendoeira. [1]

Quanto ao lyrio branco [2], elle nasceu em alto solar, nas serrarias alcantiladas do Libano, lá onde os cedros altaneiros, rivaes vivos das pyramides do Egypto, apontam para o céu os apices audaciosos, que parecem desafiar as procellas. Desses thronos elevados da Natureza passou elle allegoricamente para os thronos dos reis dos povos, a ornar os seus soberanos brazões.

Não podemos deixar no esquecimento, ao tratar das Liliaceas, uma das flores com quem a Natureza mais se esmerou na prodigalidade do colorido. Referimo-nos á tulipa [3]. Ella é filha da Turquia da Asia. Conrado Gessner tornou-a conhecida na Europa. Esta odalisca dos jardins orientaes não tardou a excitar a paixão e o ciume, nos seculos XVII e XVIII, sobretudo na Belgica e na Hollanda. As variedades mais estimadas eram cotadas por muitos milhares de francos.

Reinava uma verdadeira *tulipomania*. Existia uma variedade, cujo valor estimativo era de tal ordem, que alguns amadores se dispunham a commetter o mais degradante crime, comtanto que ficassem de posse exclusiva do tão ambicionado thesouro.

Ha tambem entre as Liliaceas uma flôr, o jacintho [4] de que os Hollandezes têm creado milhares de variedades, cada uma com o seu nome proprio, o qual não é dado a esmo, mas por maioria de votos em assembléa geral dos cultivadores desta linda planta, cuja flôr possue fórmas tão graciosas, tintas tão variadas, odôr tão delicioso. O jacintho ateou o ciume entre Apollo e Zephiro, por ser igualmente dourado pelo quente sol do estio e pelas auras suaves da primavera.

A sua patria é a mesma das Liliaceas em geral.

---

1 O nome grego da violeta é *Ión*, que provém, segundo Dierbach, do vocabulo Ionides, como se deprehende deste verso de Nicandro:

Ionides nymphæ puram ac renidentem corollam Ioni Texere...

O nome botanico da violeta mais apreciada é *viola odorata*.

2 *Lilium candidum* (Liliaceas).

3 A *Tulipa Gesneriana* é a que fornece á horticultura as mais bellas e numerosas variedades.

4 *Hyacinthus orientalis*.

Digitized by Google

Ha uma familia vegetal que offerece muitas affinidades com as Liliaceas; é a das Amaryllidaceas, que podem até ser definidas — Liliaceas de ovario adherente. Nessa bella familia acham-se plantas distinctas não só pelo encanto das suas cores variegadas, mas ainda pela amenidade dos seus odores. Quasi todas ellas tornam-se sympathicas, porque foram baptisadas com os mais doces e poeticos appellidos, que lhes deram os antigos botanicos, que nisto mostravam mais gosto do que os modernos; os quaes têm inventado para os generos e especies denominações tão arrevesadas: *Hirschpeldia*, *Sarothamnus*, *Scheuchzeria*, *Gliditschia* e outras que taes, que um espirituoso botanico, Le Maout, disse que ao pronunciar-se tão asperas palavras, imaginava-se «ver um exercito de Tartaros Kalmoucks a fazerem erupção numa cidade da Italia, vindo oppor a sua face angulosa ás linhas puras e suaves dos rostos romanos.»

E' na familia das Amaryllidaceas, expontanea no Brazil, conforme affirma o sabio naturalista brazileiro Caminhoá, na sua *Botanica Geral e Medica*, que se acham os narcisos. Parece que são provenientes das regiões tropicaes da Africa e da America. Ao narciso dos prados não faltou tambem a competente lenda mythologica. Conta-se que o joven Narciso, estando a mirar-se na superficie polida de cristallino arroyo, (naquelle tempo não havia espelhos), ficou de tal sorte enamorado de sua propria belleza, que precipitou-se no fundo das aguas. Os deuses o metamorphozearam na flôr que tem o seu nome. Com ella teciam as Furias as suas grinaldas, que serviam para enfeitar as desgrenhadas melenas.

O narciso gosta de viver á borda das aguas correntes, parece sobre ellas pender a alva corolla para se mirar ainda e de novo submergir-se, mas desta vez já emmurchecido pelo sol do meio-dia e arrancado do tenro caule pela viração do crepusculo.

Como planta de jardim não podemos olvidar a dahlia. A sua patria é uma das poucas regularmente determinadas. Foi descoberta pelo notavel sabio Humboldt nas planicies do Mexico e o seu nome vem do botanico Dahl, que foi quem a transportou para a França, no principio deste seculo. Posto que não possua o perfume seductor de muitas outras flores, póde com ellas competir na opulencia e graça das fórmas e a algumas excede no matiz variado das cores, no crespo avelludado das ridentes corollas e na durabilidade do viço, que é a juventude das flores.

Digitized by Google

Não menos interessante é essa flor formosa, o cravo dos jardins. [1] Que perfil airoso e gracil! Que viveza de colorido! Que hyperstenisante emanação. E' a flor cavalheira. Nos seculos das gloriosas jornadas militares do velho mundo.

On voyait des œiellets qu'un illustre guerrier
Arrosait de la main qui gagnait les batailles.

As suas variedades são hoje infinitas graças á paciencia dos horticultores, desde o dia em que, emigrado das agrestes regiões asiaticas, elle foi refugiar-se á sombra dos muros arruinados dos vetustos castellos; donde a mão bemfazeja do jardineiro levou-o a embellezar os canteiros luxuosos das moradas elegantes.

Este mundo é dos contrastes. Ao lado da luz franca ou cambiante dos paineis, o claro-escuro e a treva.

Até agora as flores da alegria e da gloria. Seguimol-as desde a sua nascença, através das suas peregrinas romarias e forasteiro fadario até a sua installação actual no gosto e esthetica do seculo fecundo que está a findar. Breve as bocas perfumadas dessas corollas bafejadas pela brisa dos progressos, vão desferir o seu canto de cysne ao despontar dos primeiros lampejos do arrebol do seculo XX, desagregando-se nas pulverizações impalpaveis das suas derradeiras exhalações. Antecipemos-lhe os hymnos de despedidas e os elogios saudosos, pelo muito que incensaram a civilização mais colossal da humanidade.

Até aqui as flores gloriosas e prazenteiras. Agora as flores tristonhas e orvalhadas pelas lagrimas dos sentimentos que fazem o coração encolher-se nas rijas contracções de intima dôr.

Amo a saudade
E o amor-perfeito,
Mas o suspiro
Trago no peito.

Assim cantou na sua inspirada lyra Gonçalves Magalhães, esse muito nosso poeta, um dos emeritos fundadores da nossa rica literatura nacional.

---

[1] *Dianthus caryophyllus* (Caryophyllaceas).

Digitized by Google

Acendamos um cirio merencorio e perguntemos a essas flores dedicadas que beijam as lapides tumulares, donde ellas vêm e para onde ellas vão.

Talvez nos respondam:

Je vais où va toute chose,
Où va la feuille de rose
Et la feuille de laurier.

DR. DOMINGOS FREIRE

(*Continúa*)

Digitized by Google

A LIGA

III — MINISTERIO OLINDA

(30 DE MAIO DE 1862)

Olinda cerca-se de antigos companheiros, homens da sua geração, Maranguape, Albuquerque, Abrantes; é o ministerio chamado dos Velhos. No gabinete, não contando o ministro da guerra, Polydoro, e o da marinha, de Lamare, de todo estranhos á politica, a actividade, o movimento, a vida é representada pelos cincoenta annos, sem vinco, de Sinimbú. E' um ministerio apparentemente neutro, de homens na maior parte alheios aos partidos; no fundo é o triumpho completo da Liga, o fracasso da Olygarchia. Nabuco desde o principio apoia o gabinete e o apoiará até o fim; faz delle parte, além de Sinimbú, seu camarada de Olinda, seu chefe de policia da Côrte, Abrantes, que era o centro da roda a que elle pertencia, o intimo da casa.

Passam-se, entretanto, os mezes, e o ministerio sempre recuando e vacillante perante a dissolução. Sem ella a sorte da Liga é precaria. Na sessão seguinte o gabinete póde achar-se em minoria na Camara e talvez a Corôa chame novamente ao poder a opposição conservadora. A dissolução tarda para os que se adiantaram; os liberaes, sobretudo os mineiros, sentem-se bem, qualquer que seja a resolução, mas os moderados arriscam-se com um ministerio adverso a ficar entre dois fogos, o da reacção conservadora e o do

Veja a *Revista* de 1 e 15 de fevereiro.

Digitized by Google

liberalismo historico que ella reanimasse para castigal-os, em Pernambuco, por exemplo, no Ceará, no Pará, onde quer que elle tivesse elementos. Nabuco comprehende isso. Em novembro de 1862 escreve a Sá e Albuquerque que presidia a Bahia:

« A doença do marquez tem embaraçado a politica do ministerio. A dissolução, consequencia necessaria dos actos praticados, ainda não é coisa resolvida. A dissolução, porém, já tarda e só ella explicaria e justificaria a inversão official que tem havido; só ella resolveria a crise, sempre imminente á vista da maioria conservadora dominante no parlamento e contraria ao ministerio: ora, este estado de crise tão prolongada não é consentaneo com a ordem publica.

« Si as coisas fôrem assim, não estamos melhor hoje do que estavamos hontem; os vermelhos dominando de facto pelo *uti possidetis*, com o apoio do paiz official que é seu, inculcam-se vencidos e martyres para lograrem os ares com que na opposição os partidos decaidos se restauram e rehabilitam, e nós, sem a acção e a direcção, temos todavia a responsabilidade desta situação, e como si governassemos e estivessemos no poder vamos cada dia perdendo a popularidade e o enthusiasmo que a nossa ascensão inspirava. Eramos uma grande esperança e seremos a triste realidade de uma facção que só se contenta com empregos publicos: tenho medo deste estado de coisas. »

Nessa frase — « eramos uma grande esperança e seremos a triste realidade de uma facção que só se contenta com empregos publicos », está a substancia da nossa politica, não a verdade historica apenas, mas a verdade organica; não sómente o que fomos, mas o que podemos ser; a medida do que dará, ainda nas mais favoraveis condições, nosso temperamento moral, nossa educação, o meio em que nos formamos e em que existimos como sociedade politica. « Tenho medo desse estado de coisas », é o que dirá em qualquer tempo o espectador que analysar o fundo irreductivel permanente da nossa politica, dos nossos partidos, os quaes não representam nas suas excitações e nos seus collapsos, nas suas concentrações ou na sua pulverisação outra coisa mais do que o fluxo e o refluxo da miseria publica.

Ainda a Sá e Albuquerque, em 2 de dezembro, Nabuco escrevia: « Sei que o ministerio nada fará si não fôr instado pelos presidentes; vê pois o que nos convém ahi e vai exigindo. Deves insinuar ao

Digitized by Google

Olinda a dissolução desde já, por que penso que sem esta medida a politica do gabinete contra a politica de um parlamento que ainda vive e lhe é adverso, é uma anomalia, uma anarchia no systema representativo. E' preciso sair deste estado provisorio que nos póde ser funesto.»

Escrevendo a Junqueira (2 de novembro): «...Concordo com todo o seu pensamento. Infelizmente o ministerio não tem iniciativa e não obra sinão advertido e obrigado pelas occurrencias... V. Ex. quer saber porque os vermelhos estão tão fortes, porque ainda muita gente os segue? E' porque confiam todos no mez de maio.»

Afinal, procrastinando sempre, o ministerio deixa reunir-se as Camaras e é sómente depois que ellas se reunem que as dissolve. A dissolução tem lugar nas primeiras sessões, sem hostilidade da Camara que não quer dar pretexto. Era o signal para as eleições; os candidatos do novo partido, si já era um, tinham que se justificar, explicar sua evolução: os que deixavam o partido conservador, contariam suas manobras e vacillações de dez annos e os que eram liberaes e andaram perdidos no labyrintho, como foi chamado, da Conciliação, diriam o fio com que sairam delle.

Politicamente a Liga, ou o partido Progressista, como a chrismou Saraiva, não se tinha definido desde que Nabuco lhe emprestou no seu discurso de maio algumas idéas para se constituir em partido solidario. « Derrotado o ministerio (o de Caxias), escreve em outubro de 1863 o distincto redactor do *Constitucional*, a coalição continuou quanto ás theorias governamentaes no mesmo ponto em que a deixara o discurso do chefe temerario e prestigioso (refere-se a Nabuco) do dia do combate. Até ao presente nada acresceu de novo. Das phalanges vencedoras, de suas novas summidades, de seu directorio não partiu uma idéa, nem siquer a formula politica da nova situação. A coalição viveu, alimentou-se, continúa a viver e a alimentar-se até ao dia de hoje, das apreciações brilhantes do passado, das formulas sonoras, das theorias seductoras do sr. Nabuco.» O discurso do *uti possidetis* e o nome de Progressista eram as unicas caracterizações que possuia o novo partido.

Em cada provincia os ministeriaes explicavam a seu modo a aproximação que se tinha operado; em umas, como Minas e S. Paulo, onde os elementos liberaes eram os mais fortes e a defecção conservadora quasi nulla, dizia-se que era o partido liberal, por pouco se

Digitized by Google

não dizia luzia, que tinha attraido o grupo de conservadores convertidos ás idéas de progresso e lhes abrira os braços; em outras, como a Bahia, onde o contingente liberal historico era insignificante e a força do partido era dos Moderados, a explicação era que tendo passado a época das revoluções tinha passado tambem a da repressão e a minoria esclarecida do antigo partido conservador não hesitara em aceitar o concurso dos seùs adversarios de outras épocas para iniciar a despeito da olygarchia do partido, encastellada no Senado, uma época de reformas liberaes; por ultimo, nas provincias, como Pernambuco, onde a antiga tradição liberal conservava grande força entre o povo, mas onde tambem a resistencia conservadora era grande, explicava-se a coalisão como uma alliança em pé de igualdade dos dois antigos combatentes, conservando cada um sua individualidade, suas aspirações proprias. Dessas tres, e havia outras, comprehensões da Liga resultavam as mais apuradas distincções entre liga, fusão, coalisão, nas quaes naufragou na Camara, como si fôra um escholastico, logo no seu discurso de estréa, Feitosa, o insigne jornalista que durante os quatorze annos da opposição impedira no norte o desastre completo da causa liberal. O que era visivel na situação é que ella era um movimento que se tinha lentamente accentuado desde que em 1853 o marquez de Paraná levantara a bandeira da Conciliação. A influencia que presidira toda essa phase fôra assim a delle e, de modo incontestavel tambem, era em Nabuco que ella achava o seu mais forte sustentaculo e sua inspiração constante. Dos companheiros de ministerio de Honorio, Caxias, Paranhos, Pedreira, Wanderley, dos que pregaram a conciliação antes delle ou que elle chamara a si como Salles Torres Homem, todos ou quasi todos, morto elle, foram se deixando deslisar para a resistencia conservadora, de que se tornaram chefes; Nabuco, pelo contrario, como si fosse depositario de seu pensamento, cada vez foi tornando mais sensivel e mais pronunciado o espirito que animara as ultimas esperanças de Paraná, e como Nabuco, os seus amigos pernambucanos mais chegados e Saraiva, cuja uniformidade de pensamento e evolução com elle é notavel. Era talvez isto o effeito de uma reacção natural: os que haviam começado a vida politica com ardor revolucionario, como Salles e Paranhos, entravam na madureza desilludidos da revolução; os que, pelo contrario, durante annos foram suspeitos ao elemento popular e se puzeram em antagonismo com elle

Digitized by Google

começavam mais tarde a inclinar para a liberdade e a democracia que não conheciam de perto.

As eleições de 1863 deram a victoria a mais completa ao novo partido. Os conservadores foram ás urnas com o manifesto de Salles Torres Homem, (*Jornal do Commercio* de 8 de junho), peça literaria, á sua moda, cheia de epigrammas que pelo lavor com que eram trabalhados feriam quasi com doçura. Os intransigentes, agora geralmente chamados os *vermelhos*, nem apresentaram candidatos na côrte; sua ruina era completa, como fôra a dos liberaes em 1848, tão completa que o partido liberal que renascia com força não via mais razão, exprimindo-se pela *Actualidade*, para continuar a Liga e dizia ter chegado a hora de liberaes e conservadores voltarem a seus antigos postos. Depois da victoria os elementos que para ella concorreram estavam praticamente divididos; com uma ou outra excepção, através da estrategia e da habilidade de cada lado, sente-se desde logo que os antigos liberaes e os antigos conservadores estão em antagonismo latente: são duas correntes que por emquanto se represam mutuamente na esperança para cada uma de levar de vencida a outra. A menor questão na superficie fazia apparecer a divisão que havia no fundo da Liga; as pretenções rivaes eram inconciliaveis, para cada emprego de importancia cada um dos lados apresentava candidato seu e para cada lugar no parlamento um de seus vultos. Nas eleições da côrte a preterição por um candidato novo do nome tradicional de Chichorro ameaçava dissolver desde logo o partido da situação; em Pernambuco a exclusão de Urbano da lista senatorial destaca a antiga Praia dos Progressistas e de Feitosa, o homem que a salvara do naufragio de 2 de fevereiro e que durante todo esse periodo encarnara, á força de talento e de sacrificios proprios, a tradição liberal da provincia.

Apezar de ser chamado o creador da situação, a posição de Nabuco era ainda o isolamento, a unidade, como vamos ver. O ministerio Olinda tinha atravessado uma grave situação durante a questão ingleza. As presas feitas diante da barra pela fragata *Forte* feriram a susceptibilidade nacional de modo profundo. Nesses dias foi Theophilo Ottoni quem representou o papel de conductor do povo, levando-o perante o Imperador que havia recebido a offensa pela nação. Sua popularidade era grande e o ministerio

Digitized by Google

naturalmente temia-se de tão poderoso alliado. Theophilo tornara-se a alma do Directorio que se formou na côrte para dirigir o partido. Desse Directorio Nabuco não quiz fazer parte. Elle via claro no fundo da situação.

IV — MINISTERIO ZACHARIAS

(15 DE JANEIRO DE 1864)

Logo que a nova Camara se constituiu, Olinda, cujo ministerio estava incompleto e nada representava, deixou o poder e o Imperador chamou novamente a Zacharias, que fôra com Ottoni, o mais activo dos organizadores da victoria. No seu discurso de apresentação o chefe do gabinete de 15 de janeiro de 1864 disse que o seu novo ministerio não era sinão a continuação do de 24 de maio de 1862, e que fôra chamado «em consequencia do desenlace dos acontecimentos» que tinham ficado desde aquella época dependentes do pronunciamento do paiz. «Entre o programma do gabinete de 24 de maio de 1862 e o de 15 do corrente, disse elle, ha uma differença que eu devo assignalar. Em 1862 o ministerio alludia ao concurso de duas opiniões com que contava para levar por diante o seu pensamento politico. As duas opiniões politicas, porém, que este salão viu naquella quadra após debates publicos e solemnes alliarem-se sem quebra de principios nem da dignidade de ninguem, formam hoje uma só opinião, um só partido, cujo alvo é promover, sinceramente, sem nada alterar na Constituição do Imperio, a prosperidade do paiz.» (Sessão de 18 de janeiro). Havia outra differença entre as duas épocas, mas essa elle não a podia confessar e não a via mesmo talvez: Liberaes e Moderados que em 1862 se attraiam reciprocamente, em 1864 começavam a repellir-se; o novo partido nascia dividido, os dois grupos não conseguiram unir-se nas urnas; eram de facto dois partidos que surgiam, o progressista e o historico, partidos que se mostrarão ainda mais rancorosos um contra o outro do que contra o adversario commum. Para fundil-os em um partido liberal homogeneo sem tradições nem feudos de origem será preciso nada menos do que o golpe de 16 de julho de 1868, isto é, serem violentamente precipitados do poder que foi para elles apenas um campo esteril de recriminações.

Digitized by Google

No discurso que proferiu em 4 de junho de 1864 Nabuco refere o que se tinha passado com elle desde que se pronunciara em 1862 pela formação de um novo partido.

« Os nobres senadores, disse elle, me attribuiram immensa honra, immenso poder,[1] considerando-me o autor desta situação. Ou elles estão enganados, ou zombam de mim... (O Sr. Silveira da Motta:—Não é nem uma, nem outra coisa.)... porque o senado sabe que não está no poder de ninguem o crear situações politicas. As situações politicas dependem do complexo e successão de muitos factos; são as circumstancias que fazem as situações politicas, que fazem os homens de estado.

« Esta situação teve por causa remota a transformação dos partidos operada desde 1851; esta situação teve por causa proxima a dissolução da Camara de 1863, a qual, como o Senado sabe, precedera a fatalidade com que o ministerio de 2 de março, tendo uma maioria ainda que pequena na Camara dos Deputados, deixou o poder sem suscitar uma questão de confiança para reparar ou vindicar a derrota accidental que soffrêra.... (O sr. Rodrigues Silva:—Accidental... apoiado.).... collocando a corôa na gravissima difficuldade, donde resultou a anomalia do ministerio de 24 de maio, subindo ao poder sem maioria. Esses factos e outros, cujo desenvolvimento levar-me-ia longe, crearam esta situação; minha voz em 1862 não foi senão a manifestação de um facto preexistente. (O sr. Silveira da Motta:—V. Ex. foi quem a proclamou. Manifestar uma situação e crear uma situação, são coisas diversas. (O sr. Silveira da Motta:—Proclamar é mais do que manifestar. O sr. Rodrigues Silva:—Creou, como os homens podem crear as coisas).

Nabuco faz então um retrospecto desde o anno de 1853 quando « o partido conservador, victorioso, dominava exclusivamente a situação, não tinha outros inimigos senão os proprios amigos »... « O antagonismo que se via no parlamento não correspondia ao estado real do paiz onde tudo era calmo, onde os mais encarniçados inimigos se abraçavam, se entendiam... A Conciliação não foi sinão a manifestação desse estado de coisas, não foi sinão uma transacção

[1] « Elle occupa nesta discussão a meu ver um papel ainda mais importante do que o ministerio. Tenho tomado a responsabilidade por mais de uma vez de appellidal-o o creador da situação nascente.» Silveira da Motta no Senado em 6 de junho.

Digitized by Google

depois da acção da liberdade e da reacção da autoridade; não foi sinão a vocação de todas as intelligencias e de todas as actividades a bem de uma causa commum; esta causa commum era o paiz cansado das lutas estereis, estragadoras: não foi senão o eccletismo que substituia ao exclusivismo das antigas éras.»

« A Conciliação, porém, continuava elle, incompativel com o exclusivismo, não podia agradar aos homens politicos, que tinham necessidade de objecto para a sua actividade, que tinham necessidade de antagonismo para fazer valer a sua importancia pessoal. «Venham os partidos,» era esta a ordem do dia de 1858; « revocai os partidos » dizia eu nessa época, « revocai os partidos com todas as suas paixões, com todas as suas questões pessoaes, sem idéas, sem antagonismo, porque nesta época não ha idéas, não ha antagonismo; vossa alma e vossa palma.» Começou a luta da resurreição dos partidos e desappareceu a conciliação. O partido conservador em 1860 (preciso a época) cerrou fileiras, renovou a luta, confiado na influencia official, de que então gozava. O partido liberal então reappareceu, favorecido pelas questões economicas então pendentes e por outras muitas causas sociaes que actuavam, notai bem, que actuavam como ainda hoje actuam contra quem quer que seja governo, a favor de quem quer que seja opposição.»

Essa frase mostra que pessimista era no fundo Nabuco a respeito do nosso systema parlamentar, dos seus vicios intrinsecos, inerradicaveis; elle, realmente, creava situações pela força e fascinação da idéa, mas desde que saiam das suas mãos, como que sentia a fragilidade do material em que tinha tanto trabalhado.

A Conciliação era o passado, estava morta:

« E' uma fatalidade, senhores; quando reinava a Conciliação dizia-se: « A conciliação é a morte dos partidos, que são essenciaes para a vida do systema representativo; venham os partidos.» Vieram os partidos e então se diz: « Venha a Conciliação,» mas é tarde. Hoje o que podem fazer os homens de estado é reorganizar os partidos conforme as condições da civilização; é organizar os partidos, não ao modo do passado, não com o exclusivismo do passado. Não se quiz a Conciliação; pois bem, não é hoje possivel voltar á Conciliação; não se refaz o passado, não se revive o passado...

« Esses partidos, que voltaram depois da conciliação, não eram sinão partidos pessoaes sem idéas; estragavam-se em lutas estereis,

Digitized by Google

os ministerios se succediam cada anno. Foi então que eu disse em 1862: « Legitimai-vos pelas idéas, só as idéas podem gerar o antagonismo, só o antagonismo mantem os partidos; transformai-vos, porque só por incessantes transformações os partidos podem vivificar-se e acompanhar a vida da sociedade que não é immovel, que ha de caminhar sempre. »

Refere então o que se passou com relação ao programma do novo partido:

« Minha voz foi acolhida pelos liberaes-conservadores, os quaes, tendo preenchido sua missão como liga pela victoria conseguida, resolveram uma fusão, resolveram constituir um novo partido liberal, encarregando a uma commissão composta de mim, do nobre presidente do conselho e do ministro dos estrangeiros a organização de um programma.

« Segundo este programma, sr. presidente, o novo partido liberal deveria denominar-se Progressista. Esta denominação assignalava uma differença do passado; essa denominação significava muito mais, queria dizer que o partido liberal entrava principalmente em uma nova scena, a scena das liberdades individuaes. Com effeito, senhores, conseguidas as liberdades politicas, é das liberdades individuaes que o liberalismo se deve occupar; liberdades individuaes em todas as relações: em relação da pessoa quanto á prisão preventiva, quanto ás fianças, quanto ao *habeas corpus*; em relação a industria, commercio; á associação, etc.

« Na verdade, senhores, eu já o disse nesta casa e ainda repito: de que nos serve ter a liberdade de escrever até ao abuso, de falar até o abuso, si na realidade não temos liberdade individual? si a policia, confundida com a justiça, prende o cidadão, afóra dos casos de flagrante delicto, antes da culpa formada, por indicios que ella mesma arbitrariamente cria, ou aprecia? Si a nossa industria está sob uma tutella oppressiva que quer saber e governar até os successos das emprezas? Se a associação que é o nervo da industria e do commercio depende, sobre todos os objectos da autorização, e está sujeita a fiscalização do governo?

« E' por isso, senhores, que a missão do novo partido liberal não podia deixar de referir-se, não só á lei de 3 de dezembro de 1841, sinão tambem á lei de 1860, não na parte relativa a emissão,

Digitized by Google

que é um principio de ordem publica, uma necessidade respeitavel por todos os partidos, mas em relação á associação. »

Proclama assim como uma das idéas cardeaes do novo partido a reforma da lei de 1860:

«Senhores, quando temos nosso direito de associação dependente em relação a todos os objectos da autorização do governo, sujeito á fiscalização do governo, vêde como a Inglaterra, onde o principio da solidariedade era outr'ora essencial a todas as sociedades; vêde como a França onde as sociedades anonymas eram sujeitas a tantas restricções; vêde como estes dois paizes franquearam á industria e ao commercio as novas sociedades de *responsabilidade limitada*, sociedades similhantes ás sociedades anonymas, mas sem dependencia de autorização do governo, e da fiscalização do governo; sociedades cujo capital limitado na França, não limitado na Inglaterra, é dividido em acções, acções transmissiveis e negociaveis conforme as condições estabelecidas nas respectivas leis. Porque não adoptamos esta nova legislação da Inglaterra e da França criando esta nova especie de sociedades? Senhores, é uma necessidade conceder aos individuos a iniciativa das suas emprezas, a exclusiva responsabilidade do successo das suas emprezas. » [1]

O que elle queria antes de tudo, acima de tudo era um partido vinculado por idéas:

« Mas, senhores, eu não fazia questão da denominação do novo partido liberal; o que queria era um partido liberal definido, que não fosse por caminhos desconhecidos até o abysmo que o esperava. Já vos disse que a nova scena do partido liberal deviam ser as liberdades individuaes, e é por isso que o programma consagra o seguinte

---

[1] Tavares Bastos, a quem pertence esta frase: « Nossa politica interna e externa recorda-me sempre a figura interessante de um maniaco que por medo de quebrar as pernas, abraça-se ao expediente de nunca mais andar, de deixar-se ficar sentado quando todo o mundo perto e longe delle vai para diante » applaude esse discurso. « Applaudo a grande novidade do programma economico, escreve elle de Montevidéo (29 de julho). Applaudo isso tanto como a formula brilhante com que V. Ex. vestiu o partido novo. V. Ex. levantou com a sua conhecida decisão uma bandeira economica muito distincta: estou certo de que muitos saudam essa bandeira com o meu enthusiasmo juvenil ». « Valham o discurso de V. Ex., escrevia elle de outra vez, a reforma hypothecaria e alguns poucos serviços mais para indemnisar-nos da esterilidade da presente sessão do parlamento. »

Digitized by Google

principio, que é a summa do liberalismo: «O partido progressista quer: A realização pratica da liberdade individual em todas as suas relações. (Art. 179 e seguintes da Constituição). Assim consagra a liberdade individual como regra e as attribuições da autoridade, a tutella do Estado e as restricções no interesse collectivo, como excepções que só devem ser determinadas por evidente utilidade publica, expressas e literaes.»

«Vêde, senhores, a base essencial deste programma: «O partido progressista é um partido novo, não toma sobre si a responsabilidade das crenças e tradições dos extinctos partidos a que pertenceram os individuos que o compõem e aceita sem distincção e qualquer que fosse o seu passado o concurso de todos que o quizerem acompanhar no pensamento de fazer realizar na administração publica do paiz os principios e regras consagradas no seguinte programma.»

«Aqui está, senhores, como devia ser composto o partido: um partido franco para todos, qualquer que fosse o seu passado, com uma unica condição, a conformidade das idéas. Senhores, essa base era indispensavel, porque era esta a condição essencial para a vocação da nova geração que não tinha compromissos com o passado; que, sobrevindo em uma época de civilização e de calma, não devia herdar as questões pessoaes do passado, os odios do passado, o exclusivismo do passado. Era esta tambem a condição essencial para a adhesão dos conservadores moderados que estavam promptos a transformar suas idéas conforme as novas necessidades do paiz, mas não queriam condemnar o seu passado; era esta a verdade da situação, porque o triumpho que produziu não foi conseguido sinão pela liga liberal-conservadora; quero dizer, não foi conseguido pelo partido liberal puro, cujas idéas e tradições não appareceram até o dia do triumpho.»

Parece-lhe, porém, que o programma não foi aceito, que o partido, portanto, não tem vinculo:

«Offereci este programma como condição da minha adhesão ao novo partido, porque, senhores, eu não posso conceber um novo partido sem idéas, sem principios. (*Muitos apoiados*). Um partido que, quer viver da opinião, e não só da força official, deve ter principios definidos e assignalados. (*Apoiados*) Sem idéas, sem principios, em nome de que compromissos podem os chefes manter a unidade e

Digitized by Google

disciplina? (*Muitos apoiados*) Sem idéas ajustadas, ficando em aberto as questões fundamentaes, como póde o ministerio, que representa uma opinião, haver-se perante uma opposição que todos os dias o provoca e que todos os dias o interpella? Esse ministerio não póde deixar de ser timido, vacillante; elle ha de caminhar entre brazas ardentes, ha de ser irresoluto e temeroso de proferir uma palavra, para não suscitar susceptibilidades. Não sei si o programma foi aceito; tenho consciencia de que o não foi, pelo menos não foi publicado, e programma não publicado não é programma, porque programma é a manifestação das idéas de um partido para ser conhecido, para acareiar adhesões, para fazer proselitismo. Era esta a minha questão. (O sr. D. Manoel: — Foi approvado em minha casa, e estavam presentes perto de 50 pessoas). E como eu gosto de ser franco, digo que por esta razão não aceitei o directorio.»

A proposito do directorio, Nabuco exprime o seu modo de pensar sobre essas organizações irresponsaveis formadas no seio dos partidos e que pretendem impôr aos governos saidos das Camaras:

«Não aceitei o directorio tambem por outra razão, e é, senhores, que eu entendo que o verdadeiro directorio, o directorio natural de um partido é o proprio ministerio, saido desse partido. Um directorio, fóra do ministerio, dispondo do ministerio, impondo ao ministerio, servindo-se dos recursos do ministerio, é um *statu in statu*. A verdade é a seguinte: a victoria do directorio ha de ser sempre a derrota do ministerio; o directorio ha de fazer amigos para si e inimigos para o ministerio.»

Nos *Annaes* encontra-se o programma organizado por Nabuco. E' uma declaração franca e explicita do que o partido quer e do que não quer; de um lado, ha principios de um monarchismo ardente, como por exemplo: «O partido progressista não quer a reforma da Constituição», de outro principios que pareciam hereticos á monarchia: «O partido progressista tem como maxima sagrada a responsabilidade dos ministros de Estado pelos actos do Poder Moderador». O espirito de Nabuco está visivel nesse programma: primeiro, no programma mesmo, nesse vinculo por idéas, em que só elle talvez acreditava; depois, na ousadia dessas theses constitucionaes que abalavam a orthodoxia; finalmente, na base pratica da liberdade individual, na especificação determinada, concreta, de cada uma das garantias do cidadão que elle julgava sempre

Digitized by Google

necessario lançar lealmente nessa especie de pacto ante-nupcial entre as opiniões. Si por um lado registrava esta aspiração entre as que o partido não queria: «a descentralização politica que considera incompativel com a integridade e força do Imperio», por outro, mostrando bem que a descentralização receiada era sómente a que quebrasse a unidade do governo central, Nabuco accentuava o seu pensamento quanto á descentralização administrativa, inscrevendo como aspiração do partido «a sincera e effectiva execução do Acto Addicional *quaesquer que sejam os inconvenientes e anomalias que appareçam*». Estas ultimas palavras não foram incluidas no programma aceito, mas na sua emphase exprimem bem até onde Nabuco entendia que se devia levar a execução do Acto Addicional. Elle havia tambem inserido no programma o principio—*o Rei reina e não governa.* «Si quizerem riscar essa maxima, escreve a Zacharias, não me opponho; já expliquei a V. Ex. a necessidade della, não em odio ao Imperador em quem por proprio testemunho reconheço um principe verdadeiramente constitucional, mas em defesa delle mesmo». Nabuco, porém, mesmo ao organizar o programma do partido, não queria a direcção: «Não posso comparecer á reunião, escrevia elle a Zacharias, porque estou no firme proposito de não entrar na vida politica militante; si o programma fôr approvado, ajudarei com a minha voz a nova politica, mas não posso dirigir. Sem ambição alguma, porque não quero o poder, a minha voz póde ser muito mais util ao novo partido, a quem não faltam talentos superiores para dirigil-o.»

Ha para esse retraimento constante de Nabuco diversas causas: a reluctancia de ser ministro pelo sacrificio que lhe impunha a posição para a qual não tinha meios de fortuna; a falta de vigor physico para supportar a vida activa do ministerio, sobretudo as viagens e os longos, monotonos, fastidiosos despachos de S. Christovão, e tambem desconfiança de que não era *persona grata* ao Imperador. Tinha receio de assumir a direcção do partido e não ser chamado quando chegasse a sua vez. Desse modo dava-se um verdadeiro circulo vicioso: o Imperador não o chamava porque elle se retraia, e elle retraia-se com receio de não ser chamado. No fundo, o que predominava era falta de ambição de mando, era a ambição sómente de iniciativa, de ascendente intellectual, de orientação politica.

Digitized by Google

Descrevendo a situação dizia dos homens da Liga o critico conservador do *Constitucional*: «Todos eclipsaram-se ante tres homens: o creador da situação, o sr. Nabuco, que já aspirava ao papel de legislador na nova era, e dois outros, o sr. Zacharias e o sr. Ottoni. O sr. Nabuco tinha por si a popularidade das intelligencias e das illustrações, o sr. Zacharias a popularidade das esperanças na resurreição do ex-presidente do gabinete de 24 de maio; o sr. Ottoni a popularidade da rua.» (9 de junho de 1864).

A idéa do escriptor é que Zacharias e Ottoni uniram as suas forças, deram-se as mãos e que Nabuco viu que não lhe restava sinão abandonar o novo partido á sua sorte. [1] Num certo sentido assim foi; Nabuco, porém, reconheceu primeiro que Zacharias a divergencia profunda entre conservadores e liberaes e não quiz tornar-se o chefe de um terceiro partido, como estava destinado a sel-o o Progressista.

Zacharias era um espirito de combate, indifferente a idéas, excepto os dogmas e preceitos da Igreja, da qual mais tarde se fará no Senado o athleta; rispido e escarnecedor no debate, não poupando a menor claudicação, mesmo do amigo e do partidario, fossem ellas em algum artigo da Constituição ou na pronuncia de alguma lingua estrangeira. Methodico em toda a sua vida, minucioso como um bureaucrata em cada traço de penna, chamando tudo e todos a contas com a ferula do pedagogo constitucional, elle foi o mais implacavel e tambem o mais autorizado censor que a nossa tribuna parlamentar conheceu. Sua existencia politica póde ser comparada á do religioso a quem são vedadas as amizades pessoaes e que se deve dedicar todo á sua Ordem e obedecer só á sua regra. O partido era a sua familia espiritual; a ella elle sacrificava o coração, a sympathia, as inclinações proprias; elle podia dizer da politica o que disse o Padre Faber da vida espiritual, que o mais repulsivo dos seus vicios era a sentimentalidade. Não havia nelle traço de sentimentalismo; nenhuma affeição, nenhuma fraqueza, nenhuma condescendencia intima projectavam sua sombra sobre os actos, as palavras, o pensamento mesmo do politico. A sua posição lembrava

---

[1] «O unico estadista que falara á intelligencia do paiz e procurara legitimar a situação pelos principios, desanimou ante a impossibilidade de conseguir tão nobre empenho e retirou-se declinando de si toda a responsabilidade.» *Constitucional* de 7 de junho de 1864.

Digitized by Google

um navio de guerra, com os portalós fechados, o convéz limpo, os fogos accesos, a equipagem a postos, solitario, inabordavel, prompto, para a acção. A frieza do seu modo conservava os seus partidarios sempre á distancia; bem poucos foram os que, chegado ao pinaculo, elle tratou intellectualmente como seus iguaes. O estadista que elle mais admirava era Paraná e com Paraná tinha algumas similhanças: o temperamento, a natureza, a formação, tudo nelles fôra diverso; ao contrario de Zacharias, Paraná era um homem de dedicações e amizades pessoaes extremas e que se entregava todo aos que lhe inspiravam confiança, arrebatado e violento, mas, igualmente generoso, franco e aberto. Zacharias, pelo contrario, era o que já vimos, frio, marmoreo, inflexivel. Chefe de partido, elle o foi, mas não como Paraná nem á moda de Paraná; intimamente entre elle e os seus partidarios a distancia era grande, porque a incommunicabilidade era perfeita. Paraná era pessoalmente uma força de attracção; Zacharias, uma força de repulsão; a electricidade do primeiro era positiva, a do segundo negativa. Zacharias tinha, porém, de Paraná a sobranceria, a marca do dominio, o mesmo modo desdenhoso, expedito, quasi commercial, de tratar os aspirantes, os pretendentes, os ambiciosos, por ultimo a intuição do valor dos homens e dos talentos, não só do valor venal, mas do valor real, a adivinhação da futura trajectoria, como o mostrou na formação do seu ultimo gabinete. Foi esse golpe de vista que lhe inspirou sua alliança com Silveira Lobo, a qual lhe deu na deputação mineira como que a sua base permanente, a garantia contra o seu alliado Theophilo. A separação dos dois era inevitavel, como a dos grupos que elles representavam. Zacharias era, entretanto, uma menor figura do que Paraná, porque este tinha a primeira qualidade do estadista que o outro não possuia: a impersonalidade. A attitude de Zacharias votando no Senado contra a lei de 28 de setembro, que como veremos se póde dizer um projecto do seu proprio ministerio, basta para mostrar que elle deixava o estadista, que deve ser o interprete inamolgavel do interesse nacional, ceder a palavra e o voto ao chefe de partido mesmo nos maiores episodios da historia nacional. Mais do que Paraná elle tinha, porém, a vastidão, a agudeza, as aptidões diversas, a intensa cultura da intelligencia cuja irradiação fria mostrava não haver nella nenhum fóco de imaginação ou de sentimento. Mais ainda do que Paraná elle tinha tambem, é forçoso confessar, a força do isolamento em que se

Digitized by Google

mantinha; a sua estranheza a negocios, interesses e influencias que cercam sempre a politica; a espinhosidade que o revestia, força essa que o habilitou a ser o censor, á moda romana, do nosso meio politico, dos seus menores erros, desvios e azares. A verdade, para ser completo este traço de Zacharias, é que aos poucos que lhe decifraram o enigma, ou para quem a seu modo elle se abriu e se mostrou tal como não era em politica, elle inspirou uma admiração tanto mais valiosa como testemunho historico quanto era desinteressada. Um desses foi Ferreira de Menezes.

Nabuco presta apoio a esse segundo gabinete-Zacharias, como prestou ao primeiro e prestará ao ultimo que elle organizou. O gabinete tem todavia pouca duração, vai de janeiro a agosto de 1864 e nessa sessão Nabuco está a braços com a sua reforma hypothecaria de 1855. O discurso principal que elle pronuncia não é directamente em soccorro do ministerio, mas de Sinimbú que aposentara no gabinete anterior diversos membros do Supremo Tribunal. Por lealdade aos principios que invocara em sua propria defeza em 1857 Nabuco veiu em auxilio do ex-ministro da justiça que se via a braços com uma terrivel opposição, quasi unanime, do Senado. Sinimbú havia qualificado de «golpe de canivete» as aposentadorias de Nabuco; desde esse dia dir-se-ia que elle resolvera, si alguma vez fosse ministro da justiça, exceder o que haviam feito os seus antecessores, levando machado até o mais alto ramo da magistratura. Ameaçava-se o governo com a resistencia do Supremo Tribunal, dizia-se que este não cumpriria o decreto e no Senado algumas vozes aconselhavam aquella corporação a repellir o acto do governo. «Eu temo essa resistencia, disse então Nabuco, impugnando-a, justamente pelas palavras sinceras e verdadeiras que proferiu na casa o nobre senador pela provincia das Alagôas (Dantas): — *Tudo está desmoralizado, o principio da autoridade está acabado, por isso é que entre o povo o pedestal da popularidade é a desobediencia e a resistencia ao governo*. Senhores, si reconheceis que na população ha esse elemento de resistencia, como aconselhais a resistencia? Isso quer dizer que a resistencia de cima si encontrará com a de baixo. Senhores, esta proposição a prudencia do Senado deve repellir. O nobre senador pela provincia da Bahia para salvar a sua coherencia nos disse: «*Eu não aconselho a resistencia nas praças, mas aconselho a resistencia nos tribunaes.*» Oh, senhores, póde elle medir as consequencias

Digitized by Google

de uma resistencia aconselhada pelo Senado e executada pelo primeiro tribunal do Imperio? Eu tenho muito menos receio de uma resistencia armada, porque com a victoria do governo ella cessa e cessam os seus effeitos, do que de uma resistencia que inverte tudo, insubordina a gerarchia, porque essa resistencia importa a anarchia cujas consequencias surdas e funestas todos apalpam. Senhores, a resistencia armada tem dado força a governos fracos, a anarchia tem derrubado com surpreza de todos os thronos os mais firmes, as instituições as mais bem fundadas.» Estes conselhos partindo de conservadores confirmavam, dizia Nabuco, uma opinião que era sua ha muito tempo, que não existia mais partido conservador. «Não existe, terminava elle, servindo-se da imagem que deu o nome a esse discurso, ou se existe está tão desfigurado, tão transformado como aquella estatua do deus Glauco, a qual collocada á borda do mar e batida pelas ondas e pelos ventos assemelhava-se a tudo menos ao deus que representava.»

Nada fazia prever a queda tão rapida do ministerio que inaugurava a nova situação e por isso talvez Nabuco deixou de advertir a Camara do perigo desses pronunciamentos sem causa. Desde o principio, é certo, notara-se a opposição de parte do elemento historico á feição progressista predominante do gabinete. Essa primeira dissidencia, porém, fôra desfeita pelo prestigio e fascinação do *leader* dos moderados, Saraiva, cujo appello em favor da união do partido que se estreava no governo electrizou a nova Camara, de quem elle era a figura culminante. José Bonifacio todavia sentia no ministerio que a situação estava fendida : a união não se tinha ainda quebrado na superficie, mas no fundo trabalhavam as influencias oppostas e havia separação. O ministerio representava, portanto, uma paz instavel e precaria, e as affinidades não só de José Bonifacio, mas de S. Paulo, eram com o elemento tradicional.

O grande orador paulista alliava á palavra mais arrebatadora que em sua época se fez ouvir em nosso paiz a immaculabilidade do caracter; não era, porém, um homem de estado nem siquer um homem pratico. Basta dizer que nunca elle procedeu em nada pelos motivos que dictam a conducta ordinaria dos homens, nunca chegou a uma conclusão pelos mesmos raciocinios que os outros; o seu modo de pensar, como de sentir, era diverso do de todos. O defeito de sua intelligencia, que o auditorio

Digitized by Google

magnetizado por elle não enxergava, mas que ao leitor dos seus discursos o faz parecer um metaphysico fatigante, era uma subtileza levada ao infinito e ao absurdo; para elle a argumentação, o raciocinio era uma especie de calculo mathematico que expressava por fórmulas cheias de incognitas que só para elle tinham sentido e valor. Essa subtileza era um simples jogo da intelligencia; não era a delicadeza dos processos de decomposição e recomposição; não eram de facto idéas objectivas que elle desfiasse até a ultima tenuidade possivel; eram visões, fantasias do espirito que elle acompanhava, tentando exprimil-as, até se esvaecerem de todo. O encanto de sua pessoa, a belleza de sua vida, sua renuncia de tudo, a dignidade e a nobreza do seu caracter, suas sympathias liberaes, a originalidade dos seus motivos fazem de José Bonifacio uma figura singular em nossa politica. É um Lamartine falando a linguagem de Savigny, o que o impedia de ser um Savigny e de ser um Lamartine. Sua excentricidade redul-o a um politico platonico; elle vive como um solitario, afastado de todos, recusando tudo. Não é um agitador de idéas, porque literalmente as idéas para elle são palavras, frases musicaes, antitheses literarias, abstracções de que só elle mesmo sentia a realidade; não é um tribuno popular, o chefe intellectual de nenhum movimento, um espirito que deixasse em sua época um traço, um sulco, uma caracterização qualquer. O que elle deixa em nossa politica é só uma visão de pureza, um deslumbramento de poesia, a passagem de um novo Lohengrin, cujo verdadeiro nome só se revelará em 1885 e 1886 nas lutas da abolição no Senado, quando o cysne que o trouxe apparece de novo para leval-o.

Por uma singularidade era com José Bonifacio que se devia dar o conflicto de occasião que determinou a queda do ministerio em 29 de agosto. A intenção da Camara não fôra forçar o ministro nem o ministerio a demittir-se, o voto foi uma surpreza, mas desde que o ministro do Imperio, em divergencia com o chefe da maioria, Martinho de Campos, sobre a preferencia de um projecto, tinha appellado para Camara, o pronunciamento contrario desta impunha-lhe o dever de retirar-se. «A meu ver a maioria não fraccionou-se», escrevia Fleury a Nabuco depois da sessão; esse era tambem o pensamento da Camara, mas José Bonifacio não era um collega que Zacharias, que não pensou um instante em continuar sem elle, pudesse sacrificar.

Digitized by Google

«Diz-se que durante a discussão Zacharias appareceu desgostoso e incommodado na ante-sala», (mesma carta de Fleury); é que elle comprehendia melhor do que os seus amigos intimos, que lhe davam este cheque, protestando fidelidade ao gabinete, o alcance do que a maioria estava fazendo. Com a retirada de Zacharias, é chamado Furtado. O gabinete deste tem feição, não Moderada como o anterior, porém, já accentuadamente Liberal. A divisão tornava-se profunda e começava a guerra intestina da Liga, o duello entre Progressistas e Historicos.

JOAQUIM NABUCO

Digitized by Google

A EXTENUAÇÃO NERVOSA

Ha ainda pouco tempo, jornaes e revistas scientificas e não scientificas occuparam-se com certo enthusiasmo de umas conclusões do Dr. Mauricio de Fleury, acerca das injecções do sôro artificial em individuos deprimidos até ás raias da melancolia e em simples neurasthenicos. Em ultimo resumo affirmava-se que depois das experiencias do illustre medico, seria possivel, dosando a quantidade de sôro a injectar, determinar o simples bem estar physico, a alegria serena e tranquilla, a alegria ruidosa e irrequieta, a colera e os actos violentos.

E' preciso dizer desde logo que nesta fórma de exprimir-se ha um quê de exagero. Não ha duvida que o illustre medico de Saint Lazare, secundando as vistas de J. Cherou, soube imprimir uma nova feição ao modo de conceber a extenuação nervosa e o seu tratamento. D'ahi, porém, a modificar os sentimentos affectivas á vontade do clinico, vai uma grande distancia.

Neste artigo procuraremos explanar a opinião de Mauricio de Fleury, sem fazer allusão, a não ser de passagem, ao que está já com direito de domicilio, em sciencias medicas.

No estudo da extenuação nervosa, designação que Mauricio de Fleury adopta de proposito para não trazer á idéa o conjunto symptomatico da neurasthenia classica, é interessante acompanhar a evolução da molestia desde seu inicio, e conhecer as causas provaveis, denunciadas pela observação dos factos, que concorrem para a manifestação do estado morbido. Só depois deste estudo é que

Digitized by Google

podemos ter alguma base para estabelecer a pathogenia da extenuação nervosa.

A não ser os nervosos que sempre o foram desde o berço, por herança de nevropathia, de arthritismo ou de syphilis hereditaria, a extenuação do systema nervoso succede sempre a estafamento physico, emotivo, intellectual. Vivas emoções, crise da puberdade, vida desregrada, abuso de trabalho intellectual e muscular, *schock* nervoso, convalescença de molestias graves e extenuantes, taes são os agentes mais frequentes desta affecção do systema nervoso.

A neurasthenia de origem toxica será uma realidade ? Não ha duvida que o facto tem sido bem verificado, e contam-se por dezenas os casos nos quaes a molestia manifestou-se após uma molestia infecciosa, a influenza, por exemplo. Neste caso como em analogos a toxina microbiana é incriminada como productora da molestia.

Qual será o mecanismo pelo qual a toxina crea um estado de asthenia do systema nervoso? Tratar-se-á de uma acção chimica que se passa entre as moleculas do principio toxico e as moleculas do protoplasma das cellulas nervosas? Por emquanto nossos conhecimentos scientificos pouco podem adiantar sobre o assumpto.

Referindo-nos á funcção da cellula nervosa, o que se acha estabelecido com segurança é que a sua propriedade fundamental é a irritabilidade, isto é, o dom de reagir ás excitações que lhe são levadas directamente ou por via dos nervos sensitivo-sensoriaes.

Além desta propridade fundamental, sabe-se que a cellula nervosa é um centro de accumulação de forças; sabe-se mais que ella enlanguece, morre quando a circulação sanguinea não lhe subministra mais o necessario para a sua reconstituição, ou quando, por accidente de qualquer natureza, fica isolada das excitações exteriores por interrupção das vias nervosas que vão da peripheria do organismo para seu centro, ou, o que vem a ser o mesmo, quando a funcção da cellula cessa de ser solicitada. Mas, em relação aos phenomenos chimicos provocados pelas toxinas, ou pelos principios toxicos formados pelo organismo, a unica coisa que a clinica nos ensina é que esses venenos ou são convulsionantes ou paralysantes. De modo que, partindo deste simples dado clinico, póde-se admittir, sem a minima preoccupação de andar sustentando uma hypothese absurda, que as toxinas cream a extenuação nervosa, determinando um excesso de funcção ou uma depressão de cellula

Digitized by Google

nervosa, que vai até ao estafamento por excesso de excitabilidade. Isto quanto ás toxinas microbianas.

Em relação aos principios irritantes formados normalmente no organismo, póde-se conceber a mesma hypothese ?

E' noção physiologica classica, a formação do acido lactico por occasião de um trabalho muscular seguido; e, como se sabe, o acido lactico sendo um producto irritante da cellula nervosa, claro é que todas as vezes que no organismo houver um excesso de acido lactico, seguir-se-á uma extenuação nervosa, que irá desde a simples fadiga até a neurasthenia confirmada.

Sabe-se, de outra parte, que nem sempre a fadiga segue-se ao esforço ou exercicio muscular mesmo muito prolongado. Ha os casos pathologicos de contractura espasmodica durando semanas, mezes, annos mesmo, nos quaes, entretanto, o individuo não accusa a menor fadiga. Esta circumstancia elucidada, ha mais de dez annos, por Pitres e o proprio Mauricio de Fleury, acha uma razão de ser que d'aqui a pouco exporemos.

Quando estuda-se a physiologia do marchador ou ainda melhor do bicyclista, chega-se á conclusão de que o habito, a educação reduzem a fadiga ao minimo. Depois da memoravel corrida de fevereiro de 1893 na galeria das machinas do Campo de Marte, os dous bicyclistas profissionaes Terront e Corre, não apresentavam symptoma algum de fadiga. Cada um dos dois concurrentes tinha *pedalado* durante quarenta e duas horas consecutivas e fornecido um total de cerca de 300,000 movimentos de pedal quasi sem repouso.

Todavia nem sempre as coisas passam-se desta sorte; notar-se-á, por exemplo que si o individuo tenta vencer um terreno ingreme ou accidentado, necessitando para isso um certo esforço de vontade ou applicação da attenção, não tardarão a se manifestar os phenomenos indicadores da fadiga.

Os phenomenos automaticos, localizados nos musculos e na medula, não estando mais na altura da tarefa, que se emprehende, torna-se necessaria a intervenção do cortex cerebral, e então o musculo, de alcalino—que até então era, torna-se acido, começa a fabricar veneno, e por isso manifestam-se os symptomas da fadiga, da extenuação nervosa. Foi o mesmo que o professor Pitres demonstrou relativamente aos casos de contractura : para que um musculo se extenue promptamente, para que de alcalino se torne

Digitized by Google

facilmente acido, é preciso que elle seja mediocremente sustentado pelos centros nervosos.

Em ultima analyse o que fica demonstrado formalmente do estudo das causas é que só ella não nos autoriza a tirar uma idéa sobre a pathogenia da extenuação nervosa. Vejamos si o estudo dos symptomas póde fornecer-nos mais esclarecimentos.

Mauricio de Fleury começa discutindo os dois principaes symptomas da extenuação nervosa e que mais vezes têm dado lugar a discussões: a *dyspepsia* dos neurasthenicos e a *enteroptose*, denominação introduzida na technologia medica pelo Sr. Frantz Glenard para significar o deslocamento ou quéda dos intestinos.

A caracteristica da dyspepsia dos neurasthenicos é a atonia das fibras musculares lisas das paredes do estomago e a hyposecreção glandular.

Quando nenhuma excitação anormal ou fermentação intervem no funccionamento do estomago do neurasthenico, nós o encontramos sempre abaixo de sua tarefa, já no ponto de vista de sua contractilidade, já no de sua secreção. No caso contrario, encontramos uma acidez que çorre por conta do acido lactico, producto da fadiga ou das fermentações. E' verdade que o neurasthenico, como todo o individuo enfraquecido, é sujeito a crises passageiras de excitação, durante as quaes nota-se um como exagero das funcções gastricas, caracterizada por phenomenos espasmodicos, augmento da secreção, constricção do pyloro, (orificio que communica a cavidade do estomago com a cavidade do intestino delgado), hyperacidez chlorhydrica e augmento da fome. Mas isto é um simples episodio muito fugaz, que vem logo substituido pela acidez lactica ou acidez de fadiga.

Estes factos adquiridos pela observação, o Sr. Dr. Frémont teve a habilidade de obter experimentalmente. Em cães, que fez transportar de Nice a Pariz, conseguiu reproduzir os phenomenos morbidos do estomago dos neurasthenicos: notou a flascidez das paredes do estomago e abaixamento da secreção glandular, que voltou á normal depois de alguns dias de repouso.

Em summa, na questão controversa da pathogenia da dyspepsia dos neurasthenicos, o que parece fóra de duvida é que a diminuição da tonicidade muscular das paredes do estomago e da actividade funccional das glandulas, é uma consequencia immediata do estafamento primitivo do systema nervoso.

Digitized by Google

Quanto á euteroptose não nos parece que a opinião de Glenard seja a mais sustentavel. Na opinião de Mauricio de Fleury, que no assumpto compartilha a de J. Cherou, a enteroptose é um phenomeno secundario e não primario como queria Glenard, e participa da mesma explicação dada para a atonia gastrica.

Foi J. Cherou quem por primeiro chamou a attenção sobre o facto, descrevendo a neurasthenia utero-gastrica e ampliando mais tarde a outros orgãos, e descrevendo as visceroptoses, que reconhecem como causa a extenuação nervosa, que elle considera como uma molestia geral, cujo symptoma mais caracteristico, mais fundamental é um relaxamento, uma baixa de tonicidade de todos os orgãos esplanchnicos e até mesmo das fibras musculares das paredes dos proprios vasos.

Si nós medimos a pressão arterial dos neurasthenicos, encontramos um notavel abaixamento, o qual é devido não só a molleza de impulsão do musculo cardiaco mas ainda á atonia das paredes vasculares. Innumeros factos demonstram a veracidade do que acima affirmamos. A constipação dos neurasthenicos é a consequencia da atonia intestinal; sua insomnia o resultado da hypotensão arterial.

A diminuição das secreções glandulares manifesta-se pela secura da pelle, da boca, do nariz; a sêde frequente; a digestão faz-se mal por insufficiencia de secreção gastrica e pancreatica; a secreção testicular, todo mundo o sabe, é de proporções muito modestas nos neurasthenicos.

Si dos orgãos em cuja constituição as fibras lisas entram por muito, nós passamos a estudar os effeitos da extenuação nervosa sobre as fibras musculares estriadas, o mesmo phenomeno observamos: é sempre o abaixamento, a diminuição da tonicidade muscular, a amyosthenia generalizada permanente ou manifestando-se episodicamente. Não desceremos a indicar ponto por ponto as provas do affirmado: a fraqueza muscular é um dos phenomenos que mais fere a attenção dos neurasthenicos.

O estado mental dos neurasthenicos é como um reflexo de seu estado physico: ha uma verdadeira hypotensão das faculdades mentaes. Não confiando mais em sua energia physica, pois que a atonia tem invadido tanto os musculos da vida vegetativa como os da vida de relação, o neurasthenico mostra-se timido, humilde, preoccupado

Digitized by Google

comsigo mesmo. Seu espirito é constantemente assaltado por temores ou medos de varias especies, constituindo essas «phobias» e obsessões que são o martyrio dos extenuados e daquelles que o cercam.

Sua vontade chega algumas vezes a ser completamente abolida, a memoria decái ao ponto de dar origem a um verdadeiro delirio da duvida; a attenção voluntaria não é mais docil, não fixa-se mais sinão com extrema difficuldade; as idéas que brotam no limiar da consciencia assumem as proporções de uma verdadeira idéa fixa, pela tenacidade com que se installam e pela difficuldade com que são expellidas por outras com os mesmos attributos.

Ora, como está estabelecido em pathologia mental, todos estes phenomenos que viemos indicando, nada mais são do que o reflexo mental, do estado de decadencia physica do organismo, a consciencia do funccionamento mediocre de seus orgãos e da fraqueza de seus meios de acção.

Deste ponto de vista em que Mauricio de Fleury colloca a neurasthenia, não é mais possivel pensar com Mathieu, que escreve em seu excellente livro sobre a neurasthenia, que esta molestia só tem signaes subjectivos. Os signaes objectivos abundam e alguns delles podem até ser facilmente medidos : exemplo, a pressão arterial e a diminuição dos globulos sanguineos. J. Cherou vai mesmo ao ponto de affirmar que ha uma anatomia pathologica da neurasthenia, que é constituida pelas ptoses, e que se poderia reproduzir experimentalmente, nos animaes, pela secção das raizes posteriores dos nervos medullares, segundo o methodo de Brondgeest.

Uma circumstancia digna de nota e da qual se póde tirar grande partido em relação á therapeutica da neurasthenia, é a grande excitabilidade destes doentes. A menor causa determina nelles um augmento, um exagero da funcção vital. Por exemplo : passa completamente despercebido ao commum dos mortaes a imminencia de uma tempestade, ou da quéda da neve ou qualquer alteração barometrica; nos neurasthenicos, como aliás em alguns outros nevropathas, esses phenomenos meteorologicos dão lugar a crises de verdadeira excitação muscular e glandular. E' assim que verifica-se, ao manometro, augmento da pressão arterial bastante manifesta, secrèção abundante de succo gastrico, hyperacidez chlorhydrica, exaggero da fome e crescimento da taxa de globulos sanguineos. Assim Mauricio de Fleury pôde verificar, em um individuo, cuja pressão

Digitized by Google

habitual oscillava entre doze e quinze centimetros, que nas proximidades de uma tempestade de neve essa mesma pressão subiu a vinte cinco centimetros, abatendo abaixo da normal, logo que cessou a causa da excitação. Um outro individuo que continha habitualmente em seus vasos 2.700.000 a 3.000.000 de globulos sanguineos por millimetro cubico, em uma manhan em que a neve estava imminente, apresentava 4.929.000.

Um outro facto que não convém deixar na sombra é o da facilidade com que passa um neurasthenico do profundo estado de abatimento, da innervação, do mau estar, á plena posse de si mesmo, ao bem-estar, pelo simples facto da ingestão de uma ligeira refeição ou depois de comer um biscoito ou um sandwich. O estado de vacuidade do estomago lhes tira toda energia e toda a memoria.

Na opinião de Mauricio de Fleury não trata-se no caso vertente de um facto da suggestão como querem a maior parte dos autores, mas simplesmente de uma estimulação mecanica produzida pelo roçar do bolo alimentar sobre os nervos sensitivos das paredes esophagianas e estomacaes. Dá-se o mesmo facto que se daria si se esfregasse a pelle de um homem fatigado com uma luva de crina, Por via reflexa, este estimulo determina uma alta de tonicidade no conjunto do organismo, e a sensação de bem estar e de força não é mais do que a consciencia desta elevação de vitalidade.

A therapeutica da extenuação nervosa funda-se nesta propriedade que de Fleury salientou perfeitamente, a saber: a excitabilidade dos centros nervosos provocada por brandas solicitações, visto que, como agentes determinando forte excitação obtem-se, em vez de actividade funccional, a depressão, o abatimento da vitalidade.

Quer se tome a pelle para centro de excitação, por meio das fricções com luvas de crina, duchas, excitação electrica; quer a mucosa da arvore respiratoria, como quando se empregam as inhalações de ar puro, de oxigenio, de ozona, de formol, de acido fluorhydrico, etc.; quer o endothelio arterial ou venoso, como nas injecções de varios sôros naturaes ou artificiaes, a transfusão do sangue, as injecções de substancias medicamentosas, etc.; o resultado é sempre o mesmo: elevação da tonacidade muscular e dos tecidos em geral, augmento da secreção glandular.

Notar-se-á hypertonicidade das fibras musculares estriadas e lisas, portanto elevação da tonacidade das paredes visceraes (estomago

Digitized by Google

intestinos, coração), do diaphragma, musculos cremasterianos, musculos dos troncos, membros, da expressão physionomica, etc. A pressão arterial elevar-se-á em virtude da constricção da tunica média das arterias, que é constituida de fibras musculares lisas; o rosto de palido tornar-se-á rosado, em virtude da maior proporção de globulos vermelhos em uma mesma área. A hypertonicidade e a hypersecreção glandular trará digestões mais faceis, augmento do appetite; a pelle perderá sua secura incommoda; desapparecerá a asthenia genital.

Em virtude desta elevação do funccionamento dos orgãos da vida vegetativa, o movimento nutritivo se patenteará com todos os seus caracteres. Todo o organismo comparticipará desta melhora das forças vitaes, e a actividade cerebral se medirá pelo desapparecimento daquelles phenomenos de depressão, a que já nos referimos e que tão frequentemente são encontrados nos individuos de systema nervoso extenuado.

Os agentes therapeuticos de que Mauricio de Fleury serviu-se de preferencia, foram a franklinização, (emprego da electricidade estatica) e as injecções de sôro artificial.

De um sem numero de experiencias que realizou, chegou á conclusão seguinte: «póde-se modificar por algumas horas, no espaço de alguns instantes o estado mental de um neurasthenico; com a condição de que seu cerebro não tenha contraido habitos muito antigos com a depressão mental, e não se tenha especializado desde muito tempo em uma idéa fixa, póde-se transformar um doente triste, humilde e timido, em um homem valente, activo, alegre, até mesmo orgulhoso e colerico.»

Do estudo detalhado dos diversos factos fornecidos pela observação dos individuos soffrendo de extenuação nervosa, Mauricio de Fleury, tirou uma conclusão plausivel para explicar a pathogenia desse estado pathologico.

Seria enfadonho, a quem não se entrega a esta ordem de estudos, entrar nestas minudencias da pathologia, afim de salientar a nova maneira de encarar a genese da molestia.

Farei em resumo a exposição dessa «theoria mecanica» ou «theoria de Cherou», como propõe de Fleury que se a chame.

O mecanismo da molestia decompõe-se em quatro tempos:

1.º *tempo.* — Intervenção da causa. — Despeza immoderada de actividade motora, ou estafamento por excesso de sensação.

Digitized by Google

2.º *tempo.* — Extenuação da cellula nervosa. — Sob a influencia de uma ou outra das causas precitadas, as cellulas do cortex cinzento do cerebro, quando a herança nevropatica ou arthritica as predispõe a reagir deste modo, desfallecem, perdem seu poder; collocam-se em um estado de hypoactividade, de meia funcção, estado intermediario entre a actividade e o somno.

3.º *tempo.* — Ptoses. Hypotonus muscular e glandular. — Estado que decorrre como se viu, da quasi abolição da funcção das cellulas nervosas, que são os centros de tonicidade de todas as visceras.

4.º finalmente. — Modificações do estado mental. — Processando-se da maneira que já dissemos.

Em ultima analyse, o que Mauricio de Fleury procurou demonstrar, estudando a pathogenia da extenuação nervosa, foi que a fadiga não era primitivamente toxica como se acreditou e ensinou até hoje, e que a fonte primordial da energia, da vitalidade, não estava na nutrição, « mas na irritação nervosa centripeta, na sensibilidade. »

Dr. Marcio Nery

Digitized by Google

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Está fundada a Academia Brazileira de Letras. Não é simplesmente uma associação de escriptores. Justificando o titulo que tomou, pretende ser uma consagração das reputações literarias, um galardão de estudos e trabalhos intellectuaes no vasto dominio da literatura e a officina de uma obra determinada e util do nosso progresso espiritual. Tem por fim geral, segundo os seus Estatutos «a cultura da lingua e da literatura nacional». Compõe-se de quarenta membros effectivos e perpetuos, dos quaes vinte e cinco, pelo menos, residentes no Rio de Janeiro, e de vinte membros estrangeiros. Só podem ser membros effectivos os brazileiros que tenham em qualquer dos generos de literatura, publicado obras de reconhecido merito ou, fóra desses generos, livro de valor literario. As mesmas condições menos a de nacionalidade, exigem-se para os membros correspondentes.

Parece claro que quando dizemos que a Academia pretende ser uma consagração das reputações literarias entendemos que esse seu intuito visa o futuro. Esta resalva era precisa para não ser tomada a má parte a nossa observação. Com effeito a recem-fundada Academia tem soffrido a censura de se ter creado a si mesma, consagrando-se a si proprios os seus membros. Cremos, por nossa parte, que melhor fôra que ella não tivesse esse vicio de origem, mas não o achamos imperdoavel desde que não enxerguemos nos seus creadores a presumpção — que certamente não tiveram — de se elegerem como os mais notaveis escriptores do paiz. A consagração, que um lugar numa Academia significa, não se deve, portanto, é opinião nossa, entender sinão para os vindouros membros.

A Academia nos seus estatutos não determina precisamente o seu fim, sabemos porém que do seu Regimento interno consta que ella pretende: organizar um annuario bibliographico das publicações brazileiras que apparecerem no paiz e no exterior; colligir dados biographicos e literarios, como subsidios para um diccionario bibliographico nacional; organizar um vocabulario critico dos brazileirismos introduzidos na lingua portugueza e em geral das differenças no modo de falar e escrever dos dois povos; colligir e imprimir as producções dos escriptores nacionaes que estejam esparsas ou ineditas e auxiliar a impressão de obras de valor literario que não encontrem editor; conceder premios ás composições de grande merito literario.

São estes, por ordem alphabetica, os quarenta membros da Academia:

Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Aluizio Azevedo, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Barão do Loreto, Carlos de Laet, Clovis Bevilacqua, Coelho Netto, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Filinto

Digitized by Google

de Almeida, Garcia Redondo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglez de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, José Verissimo, Lucio de Mendonça, Luiz Guimarães, Luiz Murat, Machado de Assis, Magalhães de Azeredo, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Oliveira Lima, Pedro Rabello, Pereira da Silva, Raymundo Corrêa, Rodrigo Octavio, Ruy Barbosa, Salvador de Mendonça, Silva Ramos, Sylvio Roméro, Teixeira de Mello, Urbano Duarte, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay.

— Entre outros estabelecimentos que fazem honra ao seu espirito progressivo, conta o estado de S. Paulo um instituto agricola que parece ser uma fundação de todo o ponto seria. E' o *Instituto Agronomico* de Campinas, dirigido pelo Dr. F. W. Dafert. O relatorio que, com a collaboração dos Srs. F. M. Dranaert, L. Revinius e dos membros do Instituto foi ultimamente publicado pelo director, relativo aos annos de 1894 e 1895 e formando os tomos VII e VIII dessa notavel publicação, é um grosso volume, in 4° de 451 pp. e numerosos mappas e estampas em phototypia. Contém entre outros os seguintes trabalhos cuja simples enumeração nos parece bastante para dizer a sua importancia: *Estudos sobre as forragens nacionaes—Sobre as cannas de assucar nacionaes.— Estudos sobre a cultura do cafeeiro—Sobre a conservação do esterco animal em nosso clima. —Novas plantas forrageiras—A phylloxera no estado de S. Paulo.— A tuberculose do gado vaccum.— Os methodos de analyse de terras*—etc.

— O Museu paraense de historia natural e ethnographia vai, como têm visto os nossos leitores, dando cabal desempenho a sua tarefa. Já são varias as suas publicações, e todas interessantes. Um dos scientistas que ali trabalham, o Dr. Friederich Katzer, o geologo do Museu, enviou-nos agora a tiragem a parte de dois trabalhos seus ali feitos e apresentados como memorias no ultimo congresso da Sociedade scientifica bohemia realizado em Praga em Junho do anno passado: *Beitrage zur Kentniss des älteren Polæo zoicums im Amazonas gebiete*, in-8°, 26 pp. com 3 estampas e *Phytopalaeontologische Notizen*, in-8°, 7 pp. e 1 estampa.

— No *Journal für Ornithologie* de julho e outubro de 1896 publicou o Sr. Gustavo Koenigswald, de S. Paulo, dois curiosos estudos sobre *Ornithologia paulista.*

— Em 1888 o governo italiano nomeou uma commissão de sabios encarregados de organizar uma obra que commemorasse dignamente o centenario do descobrimento da America. A commissão deu conta do seu trabalho, que se acha impresso sob o titulo *Racolta di documenti e studi publicati dalla R. Commisione Colombiana del quarto centenario della scoperta dell America.* O Presidente da Republica recebeu delle um exemplar offerecido pelo governo da Italia.

A tiragem desta admiravel publicação, foi apenas de 560 exemplares, divididos em seis partes, distribuidos por 14 volumes in-folio.

I—A primeira parte, redigida por Cesare de Lollis, consta de 3 volumes comprehende todos os escriptos de Colombo, diarios, cartas, memoriaes, instrucções, quitações, tratados, o celebre livro das prophecias e o testamento. Inclue tambem as notas marginaes que se encontram em livros da Bibliotheca Colombiana, algumas das quaes são certamente de Christovão, outras de seu irmão Bartholomeu. O terceiro volume consta exclusivamente de autographos heliotypados.

II—Divide-se em duas secções: a primeira, em dois volumes, contém 136 documentos particulares, relativos ao descobridor e a sua familia, desde 1452 até 1572, em que se extinguiu a varonia, o Codice colombiano, publicado no principio do seculo por Sportomo; a segunda (1 vol.), importantes monographias de De Simoni sobre pontos obscuros da vida do descobridor, de Salvagnini sobre os corsarios e piratas de nome Colombo, de Achille Neri sobre os retratos do Colombo, de Umberto Rossi sobre as medalhas.

Digitized by Google

III—O primeiro volume contem as fontes italianas para a historia do descobrimento da America, organizadas por G. Berchet, e as informações officiaes, muitas dellas ineditas, mandadas pelos agentes diplomaticos das diversas cidades italianas; o segundo, as informações particulares, as exposições historicas e as cartas contemporaneas que ao mesmo assumpto se referem.

IV—Divide-se em dois volumes e contém monographias do capitão E. Alberto de Albertos sobre a construcção de navios e a arte de navegar no tempo de Colombo, de T. Bertelli sobre a declinação magnetica no tempo da descoberta, de V. Bello sobre as mais antigas cartas da America anteriores a 1585.

V—Divide-se em tres volumes, dos quaes o primeiro, de 745 paginas, occupa G. Uzielli com uma monographia de Paulo Toscanelli, celebre sabio florentino que primeiro mostrou a Colombo como se poderia descobrir o caminho das Indias; o segundo traz estudos de G. Pennesi sobre Pedro Martir, o primeiro historiador do Novo Mundo, de L. Hugues, sobre Americo Vespucci, Giovanni Verrazzano e Juan Baptista; de Peragallo sobre Leon Pancaldo, de Bellemo sobre Giov. Caboto; no terceira, A. da Mosto estuda Pigafeta, o companheiro de Magalhães na circumnavegação da terra, e Allegri trata de de Girolamo Benzoni, autor de uma historia do Novo Mundo.

VI—Consta de um só volume e contem a bibliographia dos escriptos italianos e das obras impressas na Italia sobre Colombo e o descobrimento da America, desde que a noticia lá se tornou conhecida até o anno de 1492.

— Temos o 2.º fasciculo do vol. I da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.* Contém este numero um ligeiro estudo sobre os *Selvagens de S. Paulo — Typos ituanos Padre Jesuino do Monte Carmello — A Posse meridional do Brazil* pelo Dr. Theodoro Sampaio.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

96.—**Sentenças e decisões em materia criminal** pelo Dr. Viveiros de Castro, Juiz do Tribunal Civil e Criminal. Editores Cunha & Irmão, 1896, 333 pg. *in*-8.º

Um livro muito util aos que andam nas lides forenses acaba de publicar o Dr. V. de C., deligente cultor do direito e operoso homem de letras.

A jurisprudencia, a applicação viva da lei, o entendimento das regras concisas da doutrina, «a fluctuação das opiniões humanas em torno da immobilidade dos preceitos», no dizer elegante de Lafayette, é da sciencia juridica certamente a feição mais amena, pois se manifesta na individuação dos casos occurrentes, enfeita-se com as circumstancias, ás vezes passionaes, das questões, perdendo assim a aridez pouco attractiva das dissertações theoricas.

Sob este ponto de vista, o recente livro do Sr. V. de C. offerece leitura curiosa mesmo para os que não fazem profissão do fôro.

Para estes, o livro é indispensavel, e o A. lhe deu a feição mais conveniente reunindo todos os elementos para o tornar pratico e proveitoso.

Não é elle simplesmente uma série dos julgados. Além de que o A. fez sempre acompanhar suas sentenças e decisões de informações sobre os recursos que dellas foram interpostos, trazendo ás vezes a integra dos accórdãos que as reformaram, ha no livro uma introducção interessante sobre a conveniencia da publicação de decisões e arestos e uma primeira parte em que o A. expõe succintamente todas as theses juridicas firmadas e sustentadas nas decisões que reuniu.

No livro são estudadas 27 especies criminaes, algumas de modo bem interessante, revelando que o A. si continuar a se applicar sériamente á carreira nobilissima que abraçou, consolidará o renome que já tem de um dos ornamentos de nossa magistratura.—R. O.

97.—**Canções do outomno** por Lucio de Mendonça, Coimbra, 1896, in-16, XXXI—133 pp.

Não são propriamente outoniças as canções que neste formoso volume canta o Sr. L. de M. A maxima parte dellas remonta a dez annos e mais, e algumas a vinte annos passados. Isto no que respeita á chronologia; si lhes examinarmos, não mais a certidão de idade, porém o espirito e caracter, menos merecem o epitheto que lhes deu o A. Devemos

Digitized by Google

pois, entender que elle apenas se quiz referir a época em que foram reunidos estes cantos, alguns dos quaes transundam abundantemente a seiva primaveril.

O Sr. L. de M. não é um poeta de inspiração forte e rica, mas é um poeta facil, amavel, correcto, sem originalidade grande, porém com um raro talento de adopção e reproducção. Assim nesta collecção ha meia duzia de traducções admiraveis de fidelidade, de vigor e de belleza. Entre essas as do celebre soneto[1] de Arvers, dos *Sonhos ambiciosos* de J. Soulary, do *Sapato velho* de F. Coppée—O Sr. de L. M. não é um poeta de escolas ou systemas; sinão um cantor expontaneo, por via de regra jovial, de emoção facil, mas pouco profunda. Pertence bem á corrente geral do nosso lyrismo simples, natural, sem intensidade, mas rico pelo que se póde chamar os aspectos exteriores e pela abundancia da paixão amorosa. Este soneto, intitulado *Ainda e sempre*, pareceu-me documento frisante deste juizo:

Em vão de ti quero esquecer-me, em vão
De rumor e de luta me embriago:
No mais profundo de minha alma trago
O teu olhar, eterna tentação.

Tortura-me sem trégua esta paixão!
Com a honra embalde a esbofeteio e esmago!...
Si eu sinto ainda o derradeiro afago
De tuas mãos!... Covarde coração!

Hoje teu corpo sensual, saciado,
Conhece todo o poema do peccado,
Conhece-o todo em fim! mas que me importa?

Seja um momento embora, e custe a vida,
Hei de em meus braços te apertar vencida,
Has de ser minha ainda, ou viva ou morta!

Esta não é a corda unica da lyra do poeta das *Nevoas matutinas*, das *Alvoradas* e das *Canções do Outono*, mas é esta que vibra mais forte, natural e melodiosamente. — J. V.

---

[1] Sobre este soneto veja-se na *Revista* de 15 de dezembro ultimo, o artigo do Sr. Visconde de Taunay *Um soneto celebre*. Ahi se encontrará corregida a traducção a que nos referimos.

Digitized by Google

A POLITICA

28 de fevereiro de 1897

O partido monarchista, que para bem dizer não tem organização, está collocando em mau terreno a sua propaganda. Não faltou quem aplaudisse a iniciativa dos amigos do extincto imperio, quando se propuzeram a montar jornaes aqui e em S. Paulo, porque se acreditava que estes fizessem a critica severa da administração e da politica da Republica, o que não podia deixar de ser util a esta.

Está na memoria de todos o modo porque o imperio caiu. A molestia do imperador é a historia dos ultimos annos da monarchia, e assim como o homem se foi rapidamente depauperando, e perdendo todas as qualidades com que enfrentava elle só toda a vida politica do seu tempo, tambem a sua obra se foi desfazendo, e ruiu por terra sem causar surpresa a quem quer que fosse. A Republica foi proclamada, sem que uma voz se levantasse para protestar contra ella, e não foi dos arraiaes dos menos illustres homens do regimen que caiu, que sairam os que primeiro aceitaram o regimen novo, pondo os interesses da Patria acima dos interesses dos partidos. De então para cá, quasi se não ouvia falar em tentativas reaccionarias, e a revolta de 6 de setembro e a revolução do Rio Grande do Sul só teriam conseguido dividir a familia republicana em dois grupos que se odeiam, si durante aquella não tivesse apparecido o manifesto do almirante Saldanha da Gama, si nesta não tivesse sempre figurado no primeiro plano o Sr. Silveira Martins.

Ainda assim, não havia até ha bem pouco indicios, não direi já de odios, mas de malquerença da parte dos republicanos contra os que se conservavam fieis aos seus antigos ideaes. Hoje, porém, as coisas tomam aspecto diverso, porque já não é a critica da Republica que fazem os monarchistas, é a agitação apaixonada, que póde perturbar a boa marcha dos negocios publicos.

Com ou sem razão, a opinião republicana vê nos recursos de que dispõe Antonio Conselheiro, o fanatico do sertão da Bahia, a influencia monarchista, pois mal se comprehende que, por puro fanatismo, se tenha enviado a esse homem as armas e dinheiro de que se tem mostrado provido. Agora, tambem o caso de Araraquara está dando

Digitized by Google

ensejo aos monarchistas para manifestações, que não são todas ordeiras. Não ha verberar em demasia a barbaridade do lynchamento, é um acto que nos envergonha, e que deve e ha de ser severamente punido. Procura-se, porém, exercer sobre as autoridades paulistas uma pressão que só seria justificavel, si ellas se tivessem mostrado tibias na investigação desse horrendo crime.

Será licito, porém, acoimar de parcialidade as autoridades que abriram o inquerito sobre o vergonhoso caso, e o encerraram apontando á punição das leis homens altamente qualificados? E no emtanto, telegrammas recentes dizem que em S. Paulo, em um *meeting* que a policia prohibiu, porque nelle só se tinha em vista agitar a opinião publica, os promotores, intimados a retirar-se, fizeram-no dando vivas á monarchia.

Ninguem dirá que é esta a propaganda legal, a livre e licita manifestação do pensamento que as nossas leis garantem, mas sim a verdadeira perturbação da ordem publica que ellas punem.

Ora, por estes processos, os monarchistas introduzem em nossa vida publica um fermento de odios que póde ter as mais funestas consequencias. Já lhes não basta a violencia da linguagem de seus jornaes, em que a critica dos actos cedeu o passo aos mais ferinos doestos ás pessoas.

A' proporção que se moveram, depois do espasmo de 15 de novembro, e da quietação durante alguns annos, foram adquirindo novos impulsos, e dir-se-ia que hoje parecem dispostos a tudo, como si lhes sorrisse uma esperança.

Não devem portanto estranhar que á sua attitude agressiva corresponda com igual vehemencia, não já a pura defesa, mas tambem a agressão dos que estão ao lado das instituições.

Toda a gente, que não tenha interesse ou ambição pessoal directamente ligado á vida politica da nação, sabe que a restauração, si fosse possivel, seria a maior das calamidades que poderia desabar sobre este paiz.

Esta é a opinião mesmo de muitos que, em theoria, preferem o imperio á republica, de muitos que veem a historia dos tempos idos pelos prismas mais sympathicos, e têm sinceras saudades do que elles chamam os sessenta annos de paz. E seria uma calamidade, porque seria insustentavel, e abriria uma éra de desordens e revoltas locaes, que terminaria ou pelo desmembramento ou pela volta á Republica, depois de esgotadas de parte a parte todas as forças.

E' que a organização republicana é tão fundamentalmente diversa da organização monarchica, a vida politica e administrativa do paiz todo está vasada em moldes tão differentes e tão incompativeis com o regresso ao que outr'ora se fazia, a nação em vez de ter a sua vida concentrada no centro de que tudo dependia, habituou-se por tal fórma a reger-se por si em cada um dos estados, outras tantas pequenas nações ligadas por interesses communs, e presas ao regimen unico que tornou possivel sua autonomia, que desde o primeiro dia em que em uma parte do paiz a idéa monarchica vingasse, em todas as outras levantar-se-ia um brado unanime contra ella.

Digitized by Google

Acresce que ha nestas esperanças de restauração sinão uma injuria, o desconhecimento completo do espirito das classes armadas. Quando falam no movimento de 15 de novembro, os monarchistas chamam-lhe desdenhosamente um levante de quarteis, o que os não impede de fazer referencias lisongeiras ás classes armadas, quando si lhe afigura que ha d'ahi algum proveito a tirar. Acreditam elles que assim como os desgostos soffridos precipitaram a marcha dos acontecimentos em 1889, será possivel obter agora o mesmo resultado por processos identicos. Esquecem-se, porém, de uma circumstancia, que aliás é capital. Esses desgostos acharam o terreno preparado pela educação civica que tinham recebido as classes armadas, e se as chamadas questões militares tanto abalaram o paiz, é que exercito e armada tinham já então idéas nitidas dos seus direitos que estavam sendo postergados. Hoje não se dá coisa que se pareça com isso, e não se dá porque taes factos são incompativeis com o regimen. Os direitos dessas, como os das outras classes que constituem a nação, são respeitados, e os governos sabem que só são possiveis porque os respeitam, e entre governo e governados ha um accordo mutuo, porque aquelle não tem privilegios innatos e inamoviveis, e este não se esquece de que delegou a sua soberania.

Factos recentes e caracteristicos provam a toda a evidencia que é este o espirito que anima as classes armadas, e que entre estas, em relação ao governo, não ha nem partidos, nem grupos, e que todas têm a mesma noção de que a felicidade da patria depende da estabilidade das instituições, e que esta é impossivel si cada cidadão não puzer acima da sua pessoa e dos seus interesses os da collectividade.

Por isso lamentamos que, do terreno relativamente platonico que a propaganda monarchista parecia ter escolhido, se esteja ella deixando levar por este outro de agitação, a semear odios de que só poderemos todos colher tempestades.

Os nomes dos propagandistas da restauração andam ultimamente ligados aos casos que mais têm occupado a attenção publica, como o de Antonio Conselheiro e o lynchamento em Araraquara. Em relação a Antonio Conselheiro, a sympathia dos monarchistas pelo fanatico é manifesta; no caso paulista a sua parte na agitação publica nem tem procurado disfarçar-se. E' de boa guerra que os seus naturaes adversarios tomem taes intervenções, não só pelo que ellas valem, mas pelo que podem valer, não só pelo mal que fazem, como pelos resultados a que podem dar lugar. D'ahi a vehemencia da repressão, que bem póde transbordar das columnas dos jornaes, leito relativamente tranquillo, em que até agora se tem mantido.

FERREIRA DE ARAUJO

Digitized by Google

ILLUSÕES DA CATECHESE NO BRAZIL[1]

O animismo fetichista africano, diluido no fundo supersticioso da raça branca e reforçado pelo animismo incipiente do aborigene americano, constitue o sub-solo uberrimo de que brotam exuberantes todas as manifestações ocultistas e religiosas da nossa população. As crenças catholicas, as praticas spiritas, a cartomancia, etc., todas recebem e reflectem por igual o influxo da feitiçaria e da idolatria fetichista do negro.

Em materia de conversão das raças inferiores ás crenças religiosas das raças superiores, o negro bahiano não podia fazer excepção á regra geral. Aqui, na Bahia, como em todas as missões de catechese dos negros na Africa, sejam ellas catholicas, protestantes ou mahometanas, longe do negro se converter ao catholicismo é o catholicismo que recebe a influencia do fetichismo, se adapta ao animismo rudimentar do negro que, para tornal-o assimilavel, materializa e dá corpo e representação objectiva a todos os mysterios e abstracções monotheistas. Quando se examinam de perto as crenças religiosas do africo-bahiano, se reconhece para logo que é indispensavel estabelecer uma distincção prévia entre os Africanos

[1] Extracto de um livro de medicina legal sobre a responsabilidade penal dos negros brazileiros, que a casa editora Wilke, Picard & C., está publicando em francez sob o titulo — *L'annimisme fétichiste des nègres de Bahia. Essai de éthnographie religieuse et de psychologie criminelle.* Veja do mesmo A. o *Animismo fetichista dos negros bahianos* na *Revista* de 15 de abril, 1 de maio, 15 de junho, 1 e 15 de julho, 1 de agosto e 15 de setembro de 1896.

Digitized by Google

que ainda existem aqui e uma minoria dos seus descendentes de um lado, e os negros creoulos e seus mestiços de outro.

Nos negros africanos que ainda existem neste estado, e nos filhos que os Africanos libertos puderam educar como entenderam, a conversão religiosa não fez mais do que juxtapôr as exterioridades muito mal comprehendidas do culto catholico ás suas crenças e praticas fetichistas que em nada se modificaram. Concebem os seus santos ou *orisás* e os santos catholicos como de categoria igual, embora perfeitamente distinctos. Abrigados na ignorancia geral da lingua que elles falam e na facilidade com que, para condescender com os senhores, os Africanos escravizados, se declaravam e apparentavam convertidos ao catholicismo, as praticas fetichistas puderam manter-se entre elles até hoje quasi tão extremes de mescla como na Africa.

Sem duvida os Africanos que ainda existem na Bahia, embora todos já bem velhos, representam em geral individuos que vieram para o Brazil muito crianças. Mas, afinal, isso importa pouco porque as praticas do culto e as suas crenças foram recebidas directamente do ensino de Africanos vindos adultos e que aqui fundaram templos ou *terreiros* em tudo iguaes aos da Africa. Depois, as viagens constantes para a Africa, com navegação e relações commerciaes directas como ainda hoje existem, facilitaram a reimportação de crenças e praticas, porventura um momento esquecidas ou adulteradas. Conheço muitas negras que têm feito diversas viagens á Africa e lá se têm demorado mais ou menos tempo. Da Africa recebem ellas *cauris obi* (noz de kola) e muitos outros objectos do culto.

Para o negro creoulo e para o mestiço, que não receberam a influencia tão directa da educação de pais africanos, que delles se foram segregando pela ignorancia da lingua e maior convivencia com os outros elementos da população mesclada e heterogenea do estado, as praticas fetichistas e a mythologia africana vão degenerando da sua pureza primitiva, gradualmente sendo esquecidas e abastardadas, ao mesmo tempo que se transfere para os santos catholicos a adoração fetichista de que eram objecto os *orisás*. Esta phase de transição é curiosa e instructiva e convém ficar apurada por uma vez, porque, quando tiverem desapparecido de todo com os ultimos Africanos as praticas regulares dos seus cultos será muito

Digitized by Google

mais difficil demonstrar que é ainda pura e simplesmente fetichista o culto que os negros possam dispensar aos santos catholicos. Farei observar todavia que não será certamente para muito cedo a extincção total dos cultos africanos neste estado, pois, não só são elles bem aceitos pelos creoulos e mestiços, como já vai bem adiantada a obra da transmissão da sua direcção aos negros creoulos e aos mulatos.

A distincção entre *candomblés* africanos e *candomblés* nacionaes é hoje geralmente conhecida. Um dia inqueri de uma velhinha africana que assistia de longe as dansas sagradas de Gantois, se ella não tinha santo e porque não ia dansar. Respondeu-me que o seu terreiro era de gente da Costa (Africanos) e ficava no bairro de Santo Antonio; que o terreiro de Gantois era terreiro de gente da terra (creoulas e mulatas). Conheço diversos pais e mãis de terreiro creoulos. E, quer no Gantois, quer nos outros terreiros desta cidade e do interior tenho visto entre os iniciados mulatos e mestiços de todos os sangues. Os mais intelligentes, atilados e bem relacionados fazem-se *ougans*; os outros são filhos de santo ou outras dignidades inferiores.

Mas, si no negro africano havia e ha ainda simples juxtaposição das idéas religiosas bebidas no ensino catholico, ás idéas e crenças fetichistas, trazidas da Africa; no creoulo e no mulato ha uma tendencia manifesta e incoercivel a fundir essas crenças, a identificar esses ensinamentos. Como que para demonstrar que as leis da evolução psychologica são fundamentalmente as mesmas em todas as raças, esta fusão que tende a adaptar a comprehensão das concepções monotheistas catholicas á fraca capacidade mental do negro se está fazendo na Bahia exactamente segundo o mesmo processo porque, nos começos do christianismo, se fez a conversão da Europa polytheista ao monotheismo christão então nascente.

A proposito dessa legião de santos catholicos que cria no seio da religião christan um verdadeiro polytheismo para uso das classes menos cultas, escreve Tylor: « O culto christão aos mortos, que decorre naturalmente do antigo culto dos manes foi adoptado no momento da transição que se operou na Europa para corresponder a um outro fim. Os deuses locaes, os deuses patronos de certas profissões, de certos officios, os deuses de que os homens imploravam uma assistencia especial por occasião de necessidades especiaes,

Digitized by Google

eram ainda muito caros ao coração da Europa neo-christan para que se pudesse destruil-os sem nada repor nos seus lugares. Deram-lhes por isso, como substitutos, santos que se encarregaram de suas funcções especiaes e até os sucederam nos templos que lhes haviam sido construidos. Depois, com o tempo, o systema da divisão espiritual do trabalho foi applicado com uma admiravel minudencia ao vasto exercito dos santos profissionaes...»

E' estabelecendo por seu turno uma equivalencia, que facilmente se converte em identificação, entre os santos catholicos e os *orisás* yorubanos, que os negros creoulos se habilitam a comprehender á religião christan a seu modo e a serem considerados convertidos. Ora, ainda uma vez, esta equivalencia ou identificação tem aqui por base uma correspondencia profissional. Para alguns santos a equivalencia está feita e é facil de seguir o processo mental e as analogias em que ella se funda; para outros é menos clara e para alguns ainda não uniforme.

Assim, em todos os terreiros e para todos os negros que conhecem os santos africanos, *Sango* é o equivalente de Santa Barbara ou é a propria Santa Barbara. Mas *Sango* sendo masculino e Santa Barbara do sexo feminino era preciso que entre elles houvesse de commum um ponto de contacto tão capital que tornasse secundaria a differença de sexo. *Sango* é o deus do trovão e é representado por meteoritos, machados de pedra ou pedra de raio. Santa Barbara é por sua vez a padroeira das tempestades e dos raios de que foi victima. Como é o sentimento de terror provocado pelo phenomeno physico do trovão e do raio, que constitue o elemento fundamental da crença e a origem da invocação do patrono, a identidade mental dos protectores foi mais forte do que as suas differenças individuaes de sexo. Todas as vezes que eu insistia com os crentes fetichistas para me explicarem esta equivalencia physicamente absurda, elles me respondiam invariavelmente com a interrogação: pois a Santa Barbara não é a advogada dos raios? A inversão para alguns negros é mais curiosa ainda. *Sango* tinha por mulher a *Osun*, e Santa Barbara por companheiro no patronato contra os raios a S. Jeronymo. Pois bem, elles invertem as coisas; *Osun* de mulher de *Sango* passa a ser marido de Santa Barbara, e portanto S. Jeronymo. Todavia esta ultima equivalencia não é tão geralmente admittida como a primeira. Muitos negros que consultei a respeito,

Digitized by Google

de todo a desconheciam. *Oso-osi* é considerado equivalente ou synonimo de S. Jorge. Assim no dia da festa de *Oso-osi*, no terreiro do Gantois, ao passo que no sanctuario fetichista ou *Pegi* se sacrifica a *Oso-osi*, na grande sala de dansa está um quadro com a effigie equestre não pequena de S. Jorge, collocado em um mostrador de tampa de vidro e suspenso na parede do lado direito da sala. De um e outro lado do mostrador acham-se dois castiçaes em que ardem velas dia e noite. Já em tres annos seguidos ali tenho visto a imagem do santo catholico durante o *candomblé*.

A explicação da equivalencia é ainda aqui muito simples. *Oso-osi* era um caçador afamado, que muitas vezes andou a cavallo e serviu-se de lança, e por esta fórma é representado em alguns idolos. Por sua vez, S. Jorge é representado como um cavalleiro de lança em punho. No emtanto, nos terreiros do interior do estado que eu pude observar, o orisá *Oso-osi* é conhecido, mas pouco adorado e a sua equivalencia ou identificação com S. Jorge tão trivial nesta cidade, muito pouco conhecida. Para outros *orisás*, a equivalencia é ainda fluctuante e variavel nos differentes terreiros, o que bem prova que ella está apenas em via de formação.

Grande influencia exerce *Obatalá* ou *Orixa-lá* na devoção das classes inferiores desta cidade da Bahia porque é aqui identificado com o Senhor do Bomfim que, na sua igreja erecta na collina do mesmo nome é objecto do culto mais popular entre nós. Em alguns terreiros do interior do estado, *Orixa-lá* é considerado ao contrario equivalente de Sant'Anna. Nestes ultimos terreiros me explicavam que, sendo Sant'Anna mãi de Nossa Senhora e Nossa Senhora mãi de Deus, de Sant'Anna provem todos os santos catholicos exactamente como de *Obatalá* dependem todos os *orisás* yorubanos.

Torna-se assim digno de nota como os negros fetichistas se revelam por esta fórma incapazes, não direi de comprehender, mas de acceitar o mysterio do Deus uno e trino dos christãos, e subordinam a filiação divina ás regras e contingencias da filiação humana, fazendo, não sem logica, da avó, isto é, da mãi da mãi de Deus, ultimo termo da genealogia divina que conhecem, — a origem e a fonte de todas as divindades ou santos.

A identificação nesta capital de *Obatalá* com o Senhor do Bomfim me parece provir da paridade que existe entre o grande prestigio da devoção do Senhor do Bomfim, considerado pela nossa população

Digitized by Google

o mais milagroso dos santos bahianos, e o grande prestigio de *Obatalá* entre os negros. Diversas foram, no emtanto, as explicações que desse facto me deram alguns negros, mais instruidos das suas crenças religiosas, e não duvido que ellas concorram em parte para o mesmo resultado. A uns ouvi que essa equivalencia resulta da paridade da situação dos dois santos (?) nas duas religiões, a dos brancos e a dos negros. O Senhor do Bomfim é aqui o representante de Deus na terra, como *Obatalá* é a de *Olorun* na Africa. E como Deus e *Olorun* não são para elles objecto de culto algum, o Senhor do Bomfim torna-se o primeiro dos santos (pelo menos nesta cidade), como *Obatalá* é o primeiro dos *Orisás*. A outros ouvi que essa equivalencia resulta de estar a igreja do Senhor do Bomfim no alto de um monte, exactamente como na Africa, no cimo de um morro (Oukê) viveu e depois de morto é adorado *Obatalá*.

Um pai de terreiro referiu-me que ha aqui, no arrabalde da Plataforma um morro que tem sido adorado como *Oukê*, porque os negros depois de terem adorado *Obatalá* sobre mm morro acabaram por divinizar e adorar o proprio morro. Mas seja como fôr o que é fóra de duvida é que o culto prestado ao Senhor do Bomfim pelas classes inferiores da nossa população está impregnado de praticas rigorosamente fetichistas. Para me tornar de todo insuspeito de qualquer *parti-pris* em favor dos meus estudos, tomarei a descripção das festas e culto do Senhor do Bomfim, ao artigo AS FESTAS DO BOMFIM, de um pequeno jornal literario *A Renascença* (n. 18, de 24 de janeiro de 1895), que era publicado nesta cidade. Escreve *A Renascença:*

«O mais milagroso e festejado dos santos que temos nesta cidade é sem contestação o Senhor do Bomfim, cuja rica igreja está collocada no aprazivel arrabalde que tem o seu nome.

« Toda sexta-feira, dia que lhe é consagrado, uma romaria de povo a bonde, a carro ou a pé descalço dirige-se logo pela madrugada á igreja do miraculoso santo para ouvir as pomposas missas que são ditas neste dia, levando garrafas de azeite, velas ou milagres que consistem em quadros e peças de cêra representando molestias e desgraças succedidas aos seus portadores e das quaes se livraram com vida graças á milagrosa intervenção do bondoso Senhor.»

Ora, já vimos que sexta-feira é o dia da semana consagrado a *Obatalá*, aquelle em que os iniciados deste *orisá* são obrigados a

Digitized by Google

andar de branco, trazer as contas brancas, lavar as quartinhas e mudar a agua de santo. E para provar que não é o sentimento da adoração christan que ali leva a grande massa da população todas as sexta-feiras, basta saber que quer na ida quer na volta, mesmo dentro dos bondes, as negras entoam sambas, esboçam dansas que destoam completamente das praticas christans. As coisas chegam ao ponto da imprensa diaria reclamar providencias da policia em termos duros e por demais severos.

Sob o titulo *Vergonhoso* escrevia o *Jornal de Noticias* (n. 4640, de 31 de maio de 1895): «Para uma capital como a nossa, quotidianamente visitada por pessoas em transito, é de pessima impressão o modo pelo qual voltam nas sexta-feiras do Bomfim, devotos dessa romaria, entoando sambas e chulas populares dentro dos bondes da *Vehiculos*. Pudesse evitar fazer de publico esta reclamação e nós o fariamos.

« Infelizmente, porém, somos forçados a trazer á publicidade esses factos na esperança de uma providencia. Ahi fica o nosso protesto por similhante abuso que muito concorre para a critica dos costumes bahianos. »

A lavagem da igreja do Senhor do Bomfim, na quinta-feira da semana da festa, é uma pratica copiada das lavagens de santo do culto fetichista e executada de accordo com os preceitos desse culto. Eis como *A Renascença* a descreve:

«A lavagem na quinta-feira era uma verdadeira bacchanal num templo christão! Negros aguadeiros e mulheres com potes d'agua e vassouras em grande alarido de sambas e vivas entravam pela igreja com o fim de laval-a e os cantos obcenos, os *lundús* e a bebedeira reinavam sem respeito ao lugar, sendo toda a scena representada por homens e mulheres semi-nuas e embriagadas! Terminavam sempre com disturbios, pancadaria, ciumadas, ferimentos e até, quando esquentavam-se os animos, davam-se casos de morte. Felizmente o poder competente tem prohibido similhante festa.»

Apenas escapou á *Renascença* observar que a prohibição se limitou á festa do Bomfim e não abrangeu a *lavagem* no dois de fevereiro de Santo Amaro, na festa de N. Senhora das Candeias, onde o simile africano se mantém inalteravel.

Digitized by Google

Menos constantes e claras são as equivalencias das diversas invocações da Virgem Maria. A umas mãis de terreiro ouvi que lhe correspondia *Osun*, a outras que *Iê-man-já*.

Não consegui ainda saber porque fazem de Santo Antonio o equivalente de *Ogun*. Sem poder affirmar, acredito que vem aqui qualquer similhança do modo de festejar Santo Antonio com fogueiras e fogos de artificio, essa reminiscencia catholica do culto solar. *Ogun* é, como vimos, o deus da guerra e do ferro, das armas de fogo por tanto. E é para notar que os negros festejam *Ogun*, não no dia de Santo Antonio, mas no dia de S. João.

Mas o ponto capital deste estudo é que a esta equivalencia das divindades corresponde a mais completa harmonia de sentimentos religiosos, na adoração prestada aos deuses dos dois cultos. E é precisamente este facto que dá a illusão da conversão catholica dos negros. Sem renunciar aos seus deuses ou *ourisás*, o negro bahiano tem, pelos santos catholicos, profunda devoção levada até ao sacrificio e ao fanatismo. Mas esse sacrificio e esse fanatismo não podem ser sinão essencialmente fetichistas; os santos catholicos e até mesmo as invocações do filho de Deus constituem para os negros outros tantos *orisás*.

A mãi de terreiro, Livaldina, é devotada ao mesmo tempo a N. Senhora da Conceição e a *Ogun*. O proprietario do engenho onde ella reside, admirado de eu lhe dizer que ella era ali a mãi de terreiro, me affirmava que esta negra faz grandes despezas com a festa catholica da Virgem Maria. No dia de Natal, assisti-a interromper pela madrugada o *candomblé* que dirigia e em que se festejava *Obatalá* para ir ouvir a missa do gallo. Interpellei-a sobre o modo porque conseguia harmonizar as suas crenças catholicas e fetichista fazendo-lhe ver que não podia haver conciliação possivel entre os dois cultos, pois os padres christãos não admittem a existencia das suas divindades e chamam de infieis aos que adoram pedra, idolos, etc. Ella respondeu-me que os padres não conhecem os deuses da Costa, mas que ella tem provas materiaes de que elles existem e são tão verdadeiras como os santos dos brancos. Nada tem ella que ver, porém, com a irreconciliação dos santos das duas crenças, pois não somos obrigados a esposar as dissensões dos nosso amigos, e me perguntava si pelo facto de dois amigos meus se desavirem eu havia de tomar o partido de um delles contra o outro.

Digitized by Google

Mas ha casos desta dualidade verdadeiramente notaveis pela intensidade do fervor catholico dos protogonistas. Conheço pelo menos duas negras que são catholicas fervorosas, *habituées* da igreja de N. Senhora da Piedade, submettendo-se a constantes jejuns, ouvindo missas e confessando-se de continuo e que no emtanto prestam ao mesmo tempo culto igual aos fetiches africanos, vivendo na intimidade de afamados pais de terreiro, a cuja direcção espiritual se submettem cegamente. Uma negra que bem póde figurar no numero destas, e cujo filho de leite, hoje alumno da escola juridica, procurava convencel-a que se devia prestar a uma conferencia comigo, advertiu-lhe que não se mettesse a entender de santos da Costa, pois estava certa de que eu ainda havia de arrepender-me da minha temeridade.

Mas esta associação das praticas dos dois *cultos* é a coisa mais trivial e frequente nesta cidade. Nem se procura acobertar ou escondel-a. Encontram-se a cada passo vendas ou açougues como um que existe na rua da Valla onde acha-se pendurado na porta um volumoso *Osê* de Sango em quanto em um aparador, preso a uma das paredes da sala, arde dia e noite uma lamparina abaixo de um pequeno quadro de N. Senhora das Candeias.

Justamente com os outros *gris-gris* ou talismans fetichistas se encontram por toda a parte pequenas cruzes de madeira, que ao lado das figas, buzios, etc., figuram nas cestas das compradeiras, nos taboleiros das vendedeiras ambulantes, nas vendas, etc. Ha mesmo uma figa muito curiosa que se encontra em toda a parte e em que esta associação ainda é mais completa. O index da mão fechada prolonga-se bastante para terminar em uma pequena cruz.

Por este modo se torna perfeitamente comprehensivel a associação dos ritos catholico e yorubano; tem uma explicação a interpolação de missas e outros actos catholicos nos grandes *candomblés* annuaes; das missas e requiem nos *candomblés* funerarios, etc.

Não se vá acreditar no emtanto, que estas praticas limitem e circumscrevam a sua influencia aos negros mais boçaes e ignorantes da nossa população. Tylor affirma que é tal o prestigio communicativo das crenças fetichistas, que mesmo o europeu estabelecido na Africa experimenta a sua acção, não sendo difficil descobrir-lhe no pescoço um osso, uma garra ou um objecto similhante, que ahi traz ás

Digitized by Google

escondidas. E' o que ali se expressa, dizendo que o individuo está apto a se — *tornar negro.*

Para nos servir da expressão de Tylor ou melhor da expressão consagrada na Costa d'Africa, pode-se affirmar que na Bahia todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas a se *tornarem negras*. O numero dos brancos, mulatos e individuos de todas as côres e matizes que vão consultar os negros feiticeiros nas suas afflicções, nas suas desgraças, dos que creem publicamente no poder sobrenatural dos talismans e feitiços, dos que, em muito maior numero, zombam delles em publico, mas occultamente os ouvem, os consultam, esse numero seria incalculavel si não fosse mais simples dizer de um modo geral que é a população em massa, a excepção de uma pequena minoria de espiritos superiores e esclarecidos que tem a noção verdadeira do valor exacto dessas manifestações psychologicas. E' que no Brazil o mestiçamento não é só physico e intellectual, é ainda affectivo ou dos sentimentos, religioso igualmente portanto.

Todavia, nesta affirmação geral o asserto teria pouco valor si não pudesse ser comprovado com documentos, e os dois casos que de momento posso invocar em apoio, como dos mais notaveis nos ultimos tempos, melhor o demonstrarão.

Quando ha quatro aunos (1893), o cholera-morbus manifestando-se na Europa prendia a attenção do Brazil inteiro que justamente se arreceiava da importação da epidemia, espalhou-se um dia em toda esta cidade a noticia de que em um dos *candomblés* dos arrabaldes, o o *ourisá* ou Santo *Gonocô* havia declarado ao pai de terreiro que a cidade estava ameaçada da invasão de uma peste terrivel. Como unico recurso efficaz para conjurar o perigo imminente indicava elle o acto expiatorio ou votivo de levar cada habitante uma vela de cera a santo Antonio da Barra, que, tendo a sua igreja situada na entrada do porto, podia facilmente impedir a importação da epidemia. Para logo levar uma vela a Santo Antonio da Barra tornou-se a preoccupação exclusiva de toda a população, e a romaria tomou proporções taes que em breve quasi não havia mais espaço na igreja para receber as velas votivas.

A intervenção pela imprensa do clero catholico veiu tirar toda a duvida sobre a procedencia fetichista desta manifestação a Santo Antonio da Barra, demonstrando ao mesmo tempo o prestigio e a influencia das praticas fetichistas na nossa população.

Digitized by Google

O que é mais grave é que o orgão catholico denunciou a irmandade deste santo como connivente nessa exploração da credulidade fetichista do publico. Transcrevendo aqui esses documentos de precioso valor para a demonstração da nossa these, não tenho em mira reviver as animosidades de que se resenten. Mas elles são a um tempo o reconhecimento official da existencia dos cultos africanos neste estado, a proclamação do prestigio e vasta estensão dessas crenças na população bahiana e a confissão documental do clero catholico da associação de praticas catholicas com praticas fetichistas. Não podemos assim prescindir delles.

Sob o titulo *Romaria a Santo Antonio da Barra*, o *Jornal de Noticias* (n. 4087, de 17 de julho de 1893) escreveu:

« Referindo-se a essa supersticiosa romaria que, dia a dia, torna-se mais consideravel observa o nosso collega do *Monitor Catholico*: « Temos ouvido e lido diversas versões sobre similhante romaria e sua origem que provocam de nossa parte a mais justa indignação, que não podemos conter, profligando severamente similhante e supesticiosa pratica, similhante e injustificavel abuso.

« Pois havemos de ser victimas da ignorancia, da má fé, dos embustes, dos fetiches muitas vezes *illuminados* pelos interesses de quem quer auferir lucros e esmolas para a festa de Santo Antonio da Barra, para constituir-se o santo catholico alvo de manifestações estupidas e sem razão plausivel?

« Queremos o culto para os grandes heroes que o catholicismo tem levantado ás alturas da veneração, como modelos de virtude, dignos do respeito universal; queremos que se promovam festas e solemnidades as mais pomposas em sua honra; mas a especulação, essa romaria banal, não; é deponente, é anti-christan, é esdruxula.

« E' necessario um remedio efficaz contra similhante mal que vai se propagando fóra da capital; pois já se fala em romarias que virão de Cachoeira, de S. Amaro, etc., Urge uma medida energica por parte do clero que não deve ser alheio a similhante facto. O remedio poderosissimo, efficaz, na presente situação, é a pregação, a orientação do povo por parte dos senhores vigarios. E' de toda a conveniencia que em suas matrizes os Revd. Srs. vigarios falem, preguem, illustrem os ignorantes com quem se está especulando.

Digitized by Google

« E' necessaria a pregação, quando sabemos que não são simplesmente os populares e gente das ultimas camadas os que procuram a capella de Santo Antonio da Barra, mas familias e boas familias que se vão deixando cegar pela supersticiosa pratica.»

Não podia ser mais explicito. Mas para deitar os pontos nos *ii*, no dia seguinte a commissão promotora da festa de Santo Antonio da Barra respondia ao *Monitor Catholico* nos seguintes termos (*Jornal de Noticias*, n. 4088 de 18 de julho de 1893):

« A commissão encarregada de realizar a festa do glorioso Santo Antonio da Barra, no anno de 1894, lendo no *Jornal de Noticias* de 17, uma observação extraida do *Monitor Catholico*, não póde deixar de responder e protestar, desde que essa folha attribue-lhe a autoria da dita romaria.

« Somos religiosos e catholicos, talvez mais que a propria folha intitulada *Monitor Catholico*, para que descessemos da nossa dignidade em ir pedir a um Africano para que esse, debaixo de um nome de seus santos, incutisse no espirito do nosso povo que deveria em romaria levar velas e esmolas a Santo Antonio da Barra, afim de que tivessemos dinheiro para fazer-se a festa do mesmo santo. E' preciso que saiba o *Monitor Catholico* que todos os annos realiza-se com toda a pompa a festa de Santo Antonio da Barra, independente de romaria. Nunca assistimos a nenhum *candomblé*; porém, quem sabe si a gente do *Monitor Catholico* os não frequenta e toma parte nos lautos banquetes que nelles se dão?

« Nunca lembrou-se o tal *Monitor Catholico* de chamar a attenção do clero deste estado quando a igreja de Santo Antonio da Barra estava em abandono e que se hoje não está no chão é devido aos esforços do Sr. José de Avevedo Fernandes, que desde 1883 tornou-se protector e bemfeitor da mesma; disso nunca soube e nem viu o tal *Monitor Catholico*, porém sabe agora clamar contra a romaria dos devotos que têm ido levar algumas velas e esmolas a Santo Antonio, tudo isto por inveja e porque nada lhe rende!

« Aconselhamos, porém, ao tal *Monitor Catholico* que vá ao papai Terreiro ver se consegue do tal santo *Gonocô* alguma romaria para si, afim de tambem ter velas para alumiar seu prelo e melhor distribuir o celeberrimo *Monitor Catholico* aos seus assignantes.»

Não parece no emtanto que tivesse grande efficacia a pregação aconselhada pelo *Monitor Catholico*, pois a romaria a Santo Antonio

Digitized by Google

da Barra não foi a ultima façanha de *S. Gonocô* cujo culto continuou então como continúa hoje inalteravel e firme. O terreiro de S. Lazaro do pai Joaquim N. da Silva onde se manifestou *S. Gonocô* tem por diversas vezes depois disso chamado a attenção da policia a pedido e reclamação dos vizinhos.

O segundo exemplo não é menos eloquente pela expressão da dualidade que, apezar de todas as igualdades politicas e constitucionaes, a ethnologia estabelece na nossa população.

Quando, em dias de abril de 1895, as lutas politicas das facções partidarios deste estado, chegaram a uma tensão tal que a toda a hora se esperava o rompimento da guerra civil, aprasada para o dia da abertura do parlamento estadual, a população desta cidade, justamente sobresaltada e em parte em franco exodo, foi um dia informada de que na porta do edificio das camaras, amanhecera deposto um grande feitiço ou *coisa feita*. A imprensa diaria metteu o caso a ridiculo sem se lembrar de que era aquelle um modo de intervenção da população fetichista da cidade, tão logico e legitimo na sua manifestação sociologica, quanto era natural a intervenção do digno prelado archidiocesano que, conferenciando com os chefes dos dous grupos litigantes, procurava restabelecer a paz e a concordia na familia bahiana.

Mas não é só o culto catholico que recebe na Bahia o influxo do fetichismo negro. Tambem reflectem essa influencia as praticas espiritas e a cartomancia.

Existe nesta cidade, no Bom Gosto da Calçada do Bomfim, uma mulher que dirige sessões espiritas muito afamadas e concorridas. Em companhia dos distinctos collegas, Drs. Alfredo Brito, Aurelio Vianna e Juliano Moreira que ali iam em commissão da *Sociedade de Medicina Legal da Bahia*, tive occasião de assistir uma destas sessões onde devia colher notas curiosas para o presente estudo.

A directora da casa, mulher mestiça, quasi branca, que se diz *cabocla* (mestiça de indio) é ao mesmo tempo directora da *troupe* espirita e mãi de terreiro, alternando de tempos a tempos as sessões espiritas com os *candomblés*. A historia da revelação da sua vocação espirita ou medianimica não é pouco curiosa e expressiva. Vivia em serias difficuldades financeiras com o amante que é um italiano, antigo mercador ambulante de livros velhos, quando, tendo ido um dia assistir um *candomblé* africano, caiu de repente

Digitized by Google

em estado de santo e toda vestida e calçada como se achava lançou-se a dansar por muitas horas até tombar extenuada. Aquella visita foi uma revelação, a sua fortuna estava feita, era só abrir uma casa de consultas espiritas. Aberta a casa, a fortuna fez-se rapidamente com lucrativa clientela.

Ainda não me foi possivel ir assistir o *candomblé* para que aliás já estou convidado, mas não tem pequeno alcance a sessão spirita de que fui testemunha. Na casa de um só pavimento, em que funcciona a *troupe*, além da sala de espera para os consultantes e de alguns aposentos particulares da familia, existem duas peças capitaes. A sala das sessões, installada onde devia ter sido a sala de jantar e a capella armada num quarto vizinho.

E' uma linda e bem arranjada capella catholica com muitas imagens e quadros de Christo, da Virgem e de santos. Ha ali todos os preparativos necessarios para se celebrar missa, e missas, dizem, ali se tem celebrado. A sala das sessões espiritas, larga e espaçosa, é forrada de esteira e panno porque nella devem cair os possuidos dos espiritos ou médios. Estas médias são negras, mulatas e brancas que ficam alinhadas de encontro as paredes, emquanto de pé no meio da sala, a cabocla toda vestida de branco entôa a invocação em voz de falsete, passeando de um para outro lado. A formula esdruxula da invocação dirige-se a Deus, a Virgem, ás almas, aos santos africanos ou *orisás*. E' um specimen a seguinte:

« Andava nas mattas, andava nas selvas, a Virgem sempre adorando! Vinde homens, vinde almas, vinde sem demora, pelo poder do Deus de Israel, pelo poder do Salvador, pelo poder de Ogun!!»

Ao que as médias repetem em côro:

« Andava nas mattas, andava nas selvas, um Deus verdadeiro, andava adorando.»

De repente uma ou mais das médias põe-se a tremer, a cambalear, a descrever movimentos choraicos, gestos salutatorios, etc., e por fim caem redondamente em violentas contorsões hystero-epilepticas. E' a manifestação do espirito.

A cabocla dirige-se á média, interpella-a, indagando quem é, o que fez e o que quer. Ella responde invariavelmente que é a alma de uma pessoa que foi sua conhecida e que morreu no hospital de Caridade ou em qualquer catastrophe que mais tenha impressionado o espirito publico, pede uma oração qualquer que é resada ali

Digitized by Google

mesmo e desperta em seguida. A's vezes em estado de sonambulismo procura systematizar typos conhecidos como o de um barão ha tempos fallecido ou mesmo ainda vivo, que espirrava muito e usava grande lenço de rapé; o de um hemiplegico que andava pelas ruas arrastando a perna, etc.

Como já referi quando me occupei da hysteria no negro, as manifestações mais francas da nevrose constituem o fundo do pretenso espiritismo da cabocla. Mas o que ha de curioso é que estes mesmos médios servem nos *candomblés* para as manifestações dos santos africanos ou *orisás*, o que ainda uma vez corrobora a opinião de que os estados de santo dos africo-bahianos não são mais do que manifestações do sonambulismo hysterico.

Não é para desprezar a observação que a cabocla fez á commissão, de que os negros ou individuos que têm sangue de negro são mais faceis de cair de santo do que os brancos. Grande como é o numero de médios sobre que ella tem experimentado, a sua opinião tem autoridade neste particular.

A mais afamada e consultada das cartomantes desta cidade é ainda uma mulata que dirige *candomblés*. Ainda ha pouco tempo uma senhora da nossa melhor sociedade communicou-me confidencialmente que, tendo ouvido á cartomante Josephina sobre os seus soffrimentos, esta aconselhou-lhe que mandasse dizer missas a diversos santos catholicos e fazer festas a *Sangô* e a *Ogun*. E como a senhora lhe declarasse que lhe era facil satisfazer a exigencia em relação aos santos catholicos, mas muito difficil em relação aos *orisás*, a cartomante propoz-lhe incumbir-se desta ultima parte. A cartomante Josephina tem residido em diversas partes desta cidade sempre com grande celebridade e clientela; ouvida, affirma-se, até por medicos distinctos em apuros de concurso na Faculdade. De um se diz que fez em concurso diagnostico psychiatrico por inspiração da cartomante. Tal é a disposição de animo da nossa população em geral.

Continuar a affirmar, em face de todos estes documentos, que os negros bahianos são catholicos e que tem exito no Brazil a tentativa de conversão, é, portanto, alimentar uma illusão que póde ser cara aos bons intuitos de quem tinha interesse de que as coisas se tivessem passado assim, mas que certamente não está conforme á realidade dos factos.

DR. NINA RODRIGUES

Digitized by Google

OS NOSSOS ACADEMICOS

A definitiva organização da Academia Brazileira de Letras suggeriu-me a idéa de traçar para a *Revista Brazileira* a silhuêta dos membros daquella associação, cuja importancia se póde avaliar pelo que tem dado que fazer á opinião falada e escripta. Como tenham surgido controversias sobre a razão de ser da Academia, preciso antes de tudo declarar lealmente que sou *anti-academicista*, mesmo sem homologar os argumentos de que a nossa vida literaria não comporta o luxo de uma instituição desse genero. Condemno as Academias em these, por estar convencido de que jámais conseguem os fins para que são creadas, quer se trate de sciencias, quer de letras.

Penso que a somma dos esforços isolados de cada espirito operoso sobrepuja, em assumptos intellectuaes, os resultados da acção collectiva. A organização academica dá, a meu vêr, logar a uma especie de parlamentarismo literario que não póde ser acolhido sem justas reservas.

Tomando para exemplo a Academia de França, typo venerando e genuino de associações congeneres — quem ousará reconhecer-lhe um papel proeminente e fecundo na literatura daquelle paiz? A sua tradição e officialismo emprestam-lhe um certo ar de conservantismo e autoritarismo que não se compadecem com a liberrima vida intellectual moderna e lhe alienam as sympathias da mocidade rebelde á sua ferula magistral. Mesmo entre os escriptores de uma certa respeitabilidade, conta a Academia Franceza inimigos encarniçados, como Alphonse Daudet, que produziu contra ella a terrivel *charge* do *Immortel*.

Digitized by Google

Meio insulada assim das tendencias e gostos contemporaneos pela sua investidura profissional, que não póde exercer, resta-lhe sómente a funcção de guarda vigilante da arca santa da vernaculidade franceza. Desempenhará ella cabalmente tão ingente tarefa? E' bem duvidoso, sobretudo agora que conta em seu seio escriptores terrivelmente modernos, para quem a referida arca não passará talvez de um velho traste curioso, digno das attenções de um antiquario, mas impossivel de figurar no gabinete de trabalho de um *ecrivain à la mode* como Bourget, Loti, etc.

Mas todavia deve-se confessar o subsistente prestigio da Academia Franceza, derivado dessa mesma tradição e desse mesmo officialismo e cuja prova mais flagrante é a campanha tenaz e já um tanto ridicula em que se tem empenhado Zola para conquistar uma de suas poltronas, sem ter conseguido até agora vencer a inconcebivel intransigencia daquelle douto cenaculo. Grande é de certo o prestigio da Academia — e como não ser assim si debaixo da sua legendaria cupola se têm abrigado quasi todos os grandes pensadores francezes, que se honram acrescentando ao seu nome o imponente — *De l'Academie Française* ?

Foi talvez por influencia daquella corporação que o Brazil, constituindo-se satellite intellectual da França desde que começou a pensar, adquiriu o pendor para as aggremiações academicas, como o provam as *academias*, *arcadias* e *escolas* que, com fins vagos e nomes mais ou menos arrevezados se têm successivamente fundado desde os tempos coloniaes. Nos tempos presentes não esmoreceu tal pendor, e, coroando uma terceira tentativa, fundou-se afinal a Academia Brazileira de Letras. Terceira, disse eu, porque recentemente duas já haviam sido feitas neste sentido, a primeira ainda sob o imperio, promovida pelo Sr. Affonso Celso, e a segunda pelo Sr. Medeiros e Albuquerque, nos primeiros dias da Republica. Por motivos desconhecidos não vingou então a idéa francamente favoneada por um ministro do governo provisorio a quem foram entregues os estatutos da projectada Academia. Foi o Sr. Lucio de Mendonça, creio eu, o iniciador do actual movimento que deu em resultado a fundação da Academia, a despeito de lhe ter falhado á ultima hora a impulsão do bafejo official.

Esta circumstancia, que parecerá de pequeno alcance, traz entretanto um inconveniente de certa importancia, pois relega á

Digitized by Google

propria Academia a sua constituição inicial, isto é, a designação de um grupo fundador e eleitor dos seus pares, designação que seria mais legitima partindo do governo. Amparado por uma investidura official, mais justificada seria a acção desse grupo, que constituido, mau grado seu, por auto-designação, abre na historia da Academia uma brecha por onde em qualquer tempo póde a censura publica penetrar sem tropeços. Penetrando-a, porém, ha de o critico achar-se em frente de homens de uma competencia incontestavel e será obrigado a confessar que justamente sobre elles deveria recair uma escolha sensata e intelligente, e esta compensação satisfaz plenamente a opinião desapaixonada.

Póde tambem a critica fazer cabedal da não inclusão de alguns nomes na altura dessa distincção. Com effeito, tratando-se de congraçar as nossas melhores capacidades literarias, todos reconhecem que não deviam ser esquecidos homens como Paranapiacaba, Rio Branco, Assis Brazil, Augusto de Lima, Martins Junior, João Ribeiro, etc. Mas devemos fazer á Academia a justiça de acreditar que só por circumstancias fortuitas e imprevistas taes nomes ficaram á margem; ella de certo confraterniza com o publico na sua consideração pelos escriptores que não obtiveram votos sufficientes nas eleições realizadas. Não se póde razoavelmente affirmar que elles foram *excluidos*, mas sim que *sobraram*, attendendo a que o numero de membros da Academia é limitado e o de escriptores na altura de pertencer a ella o excede muito, para honra nossa.

Vou concluir estas considerações preliminares com um reparo sobre a imperfeita execução que teve a bella idéa de tomar entre os nossos mortos illustres um patrono para cada uma das cadeiras academicas. Esquecendo os nomes de alguns dos nossos mais eminentes antepassados literarios, como Magalhães, Porto Alegre, Santa Rita Durão, Basilio da Gama, etc. e escolhendo outros que se impõem á nossa veneração por outros titulos que não os de verdadeiros cultores das letras, perdeu a Academia a occasião de integrar-se com o nosso passado, de prender-se a elle por todos os vinculos dessa bella homenagem com que se honra, honrando á memoria dos que rasgaram as primeiras sendas ao pensamento nacional.

E passo agora a analizar um a um os nossos academicos, entre os quaes se contam romancistas, novellistas, poetas, criticos, juristas, publicistas, jornalistas e historiadores. Para facilitar a minha tarefa

Digitized by Google

occupar-me-ei successivamente de cada um destes generos literarios, bosquejando de carreira o perfil de cada um dos seus respectivos cultores. Mas uma difficuldade ainda me estorva quando me lembro que alguns dos academicos cultivam simultaneamente diversos generos literarios com um brilho tão igual que dá lugar a hesitações sobre sua classificação precisa. Em todo caso, ha o recurso de dar o escriptor como representante do genero em que produziu o seu trabalho mais notavel, e deste recurso me valho para methodização destes ligeiros escorços biographicos.

I

Começando pelo romance e a novella, vem-me ao bico da penna, o nome de Machado de Assis, justamente um dos mais encyclopedicos dos nossos escriptores. Homem de letras na accepção mais completa da expressão, elle se tem consagrado aos seus ideaes com nma constancia e abnegação inquebrantaveis, affrontando as hostilidades do nosso meio e desdenhando todas as aspirações extranhas ao seu apostolado literario. Nascido a 21 de junho de 1839 de pais pobres, entregou-se muito joven a trabalhos rudes, no meio dos quaes conseguia entretanto estudar, de fórma que dentro em pouco enveredava pelo jornalismo onde fez suas primeiras armas. O theatro tentou-o, e sua obra de estréa foi uma fantazia dramatica intitulada *Desencantos* (1861).

Em 1863 publicava mais dois trabalhos theatraes — *O Protocollo* e o *Caminho da porta*, reunidos em um volume com o titulo — *Theatro de Machado de Assis.* Estreou em 1864 na poesia com as *Chrysalidas*, em 1869 na novella com os *Contos fluminenses*, e em seguida no romance com *Helena*. Entremeadas com estas obras com que se iniciava nos differentes generos literarios, produziu Machado de Assis numerosas comedias originaes e traduzidas, os livros de versos *Phalenas* e *Americanas*, os volumes de contos *Historias da meia noite* e *Papeis avulsos* e o romance *Resurreição*.

Variada como é, pois, a obra deste escriptor, parecerá talvez arbitraria a sua collocação entre os literatos de ficção, si ella não se

Digitized by Google

justificasse pelo facto de serem dois romances as suas obras capitaes — *Memorias posthumas de Braz Cubas* e *Quincas Borba*. Constituem estes dois trabalhos a parte mais legitima da sua grande e merecida reputação.

A individualidade literaria de Machado de Assis se caracteriza por alguns traços que lhe dão um aspecto grandemente distincto e de um relevo particular. Assignalo primeiro que tudo, a virtude que tem a sua obra de não *envelhecer*, de não cair em desuso, devido sem duvida á sua louvavel insubmissão ás modas literarias, tão ephemeras como as modas de outra especie. Lê-se hoje com grande prazer qualquer das mais antigas producções de Machado de Assis, emquanto que outras de escriptores seus contemporaneos, e mesmo mais novos do que elle, nos parecem avelhantadas, insupportaveis como objectos *passés de saison*. Outra notavel caracteristica de Machado de Assis é a coherencia esthetica de sua obra, cujas numerosas peças conservam o cunho inconfundivel de sua feitura magistral, a ponto de tornar-se dispensavel a assignatura para que se lhes reconheça a paternidade. Fecundidade e maleabilidade são outros dons do seu talento privilegiado. Grande é como se vê o numero de suas obras e immensa a zona literaria que tem cultivado a sua penna infatigavel produzindo em todos os generos trabalhos de primeira ordem, dignas de figurar, comó figuram, nos raios mais elevados da estante de nossas letras. Assignalarei finalmente, como virtude pouco vulgar entre escriptores brazileiros, a pureza vernacula do seu estylo, tratado com o mais perfeito e consciencioso conhecimento da lingua.

São estes varios e preciosos requisitos que constituem a superior individualidade de Machado de Assis, que contando quasi 58 annos de idade, conserva ainda toda a frescura de sua imaginação, toda a graça exquisita da sua frase e toda a originalidade desse *humor* meio ironico e meio faceto que é a nota emotiva predominante de toda a sua obra.

Mais encyclopedico ainda do que Machado de Assis é porventura Escragnolle Taunay. Tem este escriptor uma biographia opulenta de factos importantes, repleta de incomparaveis triumphos, aureolada por todas as fortunas com que as boas fadas possam redourar a vida de um homem. De origem duplamente distincta, por descender de fidalgos que eram ao mesmo tempo artistas notaveis, tem Escragnolle Taunay tornado maior o grande nome

Digitized by Google

que herdou, como militar, como parlamentar, como escriptor e tambem como artista, pois cultiva com grande brilho a pintura e a musica. Nasceu Taunay nesta capital, á rua do Rezende, em 22 de fevereiro de 1843, do Barão de Taunay e D. Gabriella de Escragnolle, aquelle filho do grande pintor Barão Nocolau Antonio Taunay, um dos fundadores da antiga Academia de Bellas Artes, e esta filha do conde de Escragnolle. Bacharelado em letras com 15 annos de idade, sentou praça no exercito e com 21 annos conquistou o grau de bacharel em sciencias physicas e mathematicas, sendo promovido a 2° tenente. Dois annos mais tarde seguia para Mato Grosso e durante dois annos e meio acompanhou a malfadada columna expedicionaria que mais tarde abandonou Laguna no meio de crudelissimos soffrimentos que Taunay compartilhou e descreveu na celebre monographia que o sagrou escriptor eximio perante todo o mundo civilizado. Voltou da guerra com os galões de capitão e em 1872 foi eleito deputado geral por Goyaz. A sua carreira politica não foi menos brilhante. Presidiu Santa Catharina, foi reeleito deputado em 1878, presidiu o Paraná em 1885, foi nesse mesmo anno eleito deputado e escolhido senador em 1886. Como administrador deu Taunay as provas mais brilhantes da sua competencia e como parlamentar advogou calorosamente idéas liberalissimas, como a grande naturalização, o casamento civil, a liberdade de cultos, a immigração e a abolição. Em setembro de 1889 o Imperador agraciou-o com o titulo de Visconde de Taunay com grandeza.

Agora o literato. Estreando em 1868 com um volume de *Scenas de viagem*, publicou em seguida *La retraite de Laguna*, obra sobre a qual nada ha a dizer sinão que teve um successo universal, pois publicada primitivamente em francez foi successivamente traduzida em allemão, em inglez, em hespanhol, em italiano e em sueco, conquistando elogios calorosos dos maiores criticos europeus e valendo-lhe o epitheto de *Xenophonte brazileiro*, que duas importantes revistas inglezas ampliaram chamando-lhe o *Xenophonte moderno*. Só com a traducção portugueza de Salvador de Mendonça, a ultima que teve a *Retraite de Laguna*, veiu a ser conhecida do publico brazileiro a obra do nosso eminente patricio. D'ahi para cá tem Taunay publicado — *Mocidade de Trajano, Lagrimas do coração, Innocencia, Ouro sobre azul, Historias brazileiras, Narrativas militares, Diario da campanha da Cordilheira, Viagem de regresso, Céus e terras do Brazil,*

Digitized by Google

Quadros da natureza brazileira, *Estudos criticos*, *O Encilhamento*, os dramas *Amelia Smith* e *A conquista do filho* e uma quantidade infinita de artigos, biographias, etc., espalhadas por numerosos jornaes e revistas. Das suas *Memorias ineditas*, que excedem de 10 volumes, extraiu interessantes passagens que sob as epigraphes — *Reminiscias politicas* e *Coisas do passado* publicou na *Noticia* desta capital e o *Commercio de S. Paulo*.

Não cabendo nas dimensões desta silhuêta siquer uma palavra de apreciação para cada um dos volumes da bagagem deste nabado das letras, destaco della *Innocencia*, que, como a *Retirada de Laguna*, tem a justissima reputação de obra prima. Traduzida em francez, em inglez, em allemão, em hespanhol, em italiano, em dinamarquez e em japonez, já conta *Innocencia* tres edições portuguezas com a que em boa hora acabam de fazer os Srs. Laemmert & C. Enredo simples e verdadeiro, narração elegante e singela, descripção de justeza sorprendente, côr local nos dialogos, psychologia profundamente estudada, tudo faz que *Innocencia* seja na literatura brazileira uma obra completa em seu genero.

E por julgal-a a obra capital de Taunay, foi que o inclui entre os romancistas e novellistas da Academia, a despeito da vertiginosa variedade dos seus trabalhos, em todos os quaes a nota patriotica de um grande amor pelo Brazil vibra sincera e magnificamente.

O encyclopedismo que se nota nos dois escriptores de que acabo de occupar-me é commum aos talentos do nosso paiz, e não vem a pêllo dizer si isto é um bem ou um mal. Si é um mal, está delle isento Aluizio Azevedo, que é somente romancista e nunca quiz nem talvez pudesse ser outra coisa, apezar de algumas tentativas theatraes que fez sósinho ou em companhia de seu irmão Arthur. Nasceu na capital do Maranhão, e aos 17 annos, pobre e cheio de talento, asphyxiado pelo meio ingratissimo resultante da completa ruinaria intellectual da ex-Athenas brazileira, depunha os compendios de humanidades para pagar o seu tributo a essa pieguice que empolga ás vezes os espiritos mais folgazãos em seus primeiros vôos, estreando com *Uma lagrima de mulher*, que pelo titulo bem deixa perceber o que é. No curto espaço de um anno tomava rumo opposto e alava-se a uma altura surpreendente com a publicação do *Mulato* em 1881, livro com que jogou a cartada decisiva da sua carreira de romancista. Enthusiastico acolhimento teve o autor por

Digitized by Google

toda a parte, menos em sua terra natal, onde o unico jornal que delle se occupou foi para verberal-o brutalmente. Entretanto, a despeito dos progressos do espirito de Aluizio Azevedo, o *Mulato* continua a ser uma de seus melhores trabalhos, dados os devidos descontos para os defeitos que a sua juventude e inexperiencia não podiam evitar. Após este brilhante successo, transportou-se a esta capital, e nos primeiros tempos produziu-se em seu talento uma synalepha de desorientação e fraqueza durante a qual publicou *Memorias de um condemnado*, *Mysterios da Tijuca* e *Philomena Borges*. Tão extranhavel descaida póde explicar-se, sem aliás justificar-se, por motivos de ordem pecuniaria que o coagissem a elaborar, numa féria forçada mas rendosa do seu consciencioso trabalho de artista, tres obras que mais ou menos satisfizessem aos leitores de Montepin. No anno seguinte, porém, o artista recuperava os seus fóros e produzia *A Casa de pensão*, que nenhuma outra obra sua até o presente conseguiu igualar, na concatenação do enredo, na veracidade da observação e no bem acabado do estylo. Voltando ao Maranhão, lá redigiu com outros rapazes um jornalsinho reaccionario, cujo titulo— *O Pensador* — ficou como alcunha ao ex-governador do Amazonas, Dr. Eduardo Ribeiro, e que se tornou celebre por um processo sensacional que lhe instaurou um padre maranhense, apresentando-se Aluizio como responsavel do artigo incriminado. Transferindo-se definitivamente para esta capital publicou o *Coruja*, obra bem trabalhada, mas de concepção estreita por se limitar ao estudo psychologico de um misanthropo. Seguiu-se o *Homem*, livro de fórma igualmente esmerada, com algumas observações felizes, mas gyrando na orbita acanhada de um estudo de psychologia morbida que lhe dá de alguma fórma os ares de uma monographia scientifica sobre hysterismo, de que soffre a protogonista do romance. Com certo envaidecimento apresenta o autor em um laconico prefacio esta sua obra como sendo chronologicamente o primeiro producto do Naturalismo no Brazil, quando elle é apenas o primeiro livro que rompeu com os preconceitos pudicos ostentando as cruezas dos processos de Zola. Mais naturalista é, sem ir mais longe, nem a outras fontes, *A Casa de pensão*, superior ao *Homem* por todos os motivos. Vem depois o *Cortiço*, bom estudo de costumes, denotando grande esforço artistico, mas um tanto desconnexo no agrupamento dos typos aliás correctamente traçados. *A mortalha de Alzira* e os *Demonios*,

Digitized by Google

que o autor não firmou com seu nome, são obras de um relevo indeciso, feitas como em suéto, — pedras que os escriptores carregam emquanto descançam e que aliás não servem para augmentar-lhes o pedestal de glorias. O seu ultimo trabalho — *Livro de uma sogra*, importa a sua abjuração formal do Naturalismo zolista, que — *les morts vont vite!* — já não tem mais crentes. Oscillando entre Balzac e Tolstoi, borda o autor sobre o problema do casamento uma interessante novella em que apresenta uma nova modalidade de sogra, a decantada individualidade domestica, cuja rehabilitação geitosamente intenta. E' um livro de transição, mas como tal bastante superior aos dois anteriores e marcando brilhantemente o seu primeiro passo nas novas sendas que se abrem para além do faustoso mausoleu do Naturalismo. Durante quinze annos de faina literaria, Aluizio constituiu-se o especimen unico em nosso paiz de literato profissional, vivendo como tal do seu trabalho, e para o seu trabalho, até que o anno passado a burocracia empolgou-o, mandando-o para Vigo na qualidade de nosso consul ali.

Destes edificantes exemplos de esforço individual triumphando de todos os obstaculos sem outros propulsores mais que o talento e a força de vontade, está cheia a historia de nossa literatura, cujos vultos são na maior parte individuos que não herdaram nem grandes nomes, nem bens de fortuna. Entre as poucas excepções conta-se Affonso Celso, nascido sob a égide de um nome illustre e da abastança que desbrava tão providencialmente o caminho a seguir-se. O illustre moço herdara porém igualmente uma grande pujança intellectual de que muito cedo deu as mais exuberantes provas. Nasceu Affonso Celso a 30 de março de 1860, na cidade de Ouro Preto, e com seis annos de idade veiu para esta capital onde tão joven ainda concluiu os preparatorios, que foi preciso requerer licença ao parlamento para, sem a idade legal, matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo. Bacharelado em 1880, no anno seguinte defendeu these e doutorou-se contando 21 annos de idade. Nesse mesmo anno Minas Geraes distinguiu-o com um diploma de deputado geral, posto em que, mau grado a sua juventude, revelou as mais eminentes qualidades parlamentares, sendo reeleito na legislatura seguinte. Os esforços que então empenhou para a representar o Brazil na exposição universal de 1889 valeram-lhe o grau de official da Legião de Honra. Com o politico tão auspiciosamente iniciado coexistiu sempre o homem

Digitized by Google

de letras, já revelado anteriormente com a publicação das collecções de versos—*Preludios* (1875), *Devaneios* (1877), *Telas sonantes* (1879) e *Poemetos* (1880). Tão farta messe de rimas requereria talvez a inclusão do autor entre os poetas da Academia; mas, comquanto se encontre entre suas producções poeticas muitas que nossos vates mais eminentes assignariam de bom grado, não posso de boa fé consideral-as sinão como uma manifestação secundaria do seu talento, mais superiormente affirmado em trabalhos de outro genero. Naturalmente arrastado na queda do seu illustre pai, que chefiava o ultimo gabinete da monarchia, Affonso Celso voltou a principio toda a sua actividade para as letras, publicando diversas obras que tiveram grande successo de critica e de livraria. Em *Vultos e Factos* (1892) descreve alguns episodios que se prendem á queda do Imperio e retrata algumas notabilidades nacionaes e estrangeiras; em *Minha filha* (1893) faz da biographia da sua idolatrada Maria Eugenia, atacada de implacavel enfermidade, um livro emocionante, em que desvenda todos os reconditos de sua delicada affectividade profundamente golpeada pelos soffrimentos da desventurada criança; no *Imperador no exilio* conta os successos da deposição de D. Pedro II, a partida para o estrangeiro, a sua vida ali, pondo em relevo a sua grandeza de animo perante os acontecimentos.

Após estas publicações em que a todo o instante se trahem os seus sentimentos politicos, dá-nos um livro de pura ficção — *Lupe*, encantadora novella exotica, em cujo primeiro plano se destaca o fino e vibrante perfil de uma mexicana, que dá o nome ao livro. *Notas e ficções* são uma collecção de contos e fantazias tratadas com aquelle estylo vibratil e nervoso que tão particular realce dão ás suas producções. *Um Invejado* (2 vols.), que os editores chamaram de *romance politico*, é a romantização de um trecho da vida contemporanea para cuja analise servem de pretexto alguns typos de ficção a moverem-se ao lado de personagens reaes e a figurarem em episodios authenticos. Aqui depôz Affonso Celso a penna de romancista pela de pamphletario politico, collocando-se na vanguarda dos paladinos da restauração monarchica. Nem conheço bastante os seus trabalhos de propaganda, nem a absoluta divergencia de idéas politicas em que estou para com elle me permitte analizal-os imparcialmente.

E como esses productos da sua actividade extra-literaria podem ser postos de lado sem prejuizo da integridade deste perfil, passo

Digitized by Google

adiante para dar-lhe a ultima demão com uma referencia a *Giovannina*, o ultimo livro de Affonso Celso e o primeiro tentamen de romance symbolista entre nós. Em Ibsen e em Maeterlinck inspirou-se o autor para a elaboração deste trabalho, cuja acção dialogada se desenrola entre personagens de attitudes dramaticas e falas preciosas, de accordo com as convenções do symbolismo ao qual repugna a positividade dos processos naturalistas e, não se contentando com o lançar «sobre a nudez forte da verdade o manto diaphano da fantazia», envolve-a em tunica espessa que a transforme e não deixe perceber-se-lhe a belleza ou deformidade dos contornos... O fundo desta obra é original e formoso, conseguindo interessar fortemente o leitor através do intrincado rebuscamento da fórma, que todavia se adelgaça aqui e ali em paginas traçadas quando o autor por descuido troca as pennas varias que maneja, paginas que um naturalista impenitente com muito gaudio leria. Comquanto não acredite firmemente que o symbolismo seja outra coisa mais que uma oscillação espiritual, precursora de doutrinas literarias encasuladas ainda, estimo que Affonso Celso ponha o seu talento ao serviço do movimento de que é oriunda *Giovannina*, fazendo-se o Ibsen da Academia Brazileira de Letras.

ANTONIO SALLES

(*Continúa*)

Digitized by Google

SOBRE UMA HISTORIA DO CEARÁ

O Ceará é dos estados do Norte, quiçá de todos da União, o que com mais afinco se entrega ao estudo das suas coisas passadas. Talvez por não ter propriamente historia, isto é, faltarem-lhe factos estrondosos que chamam e fixam a attenção, nada mais deixando vêr além, como as guerras hespanholas no Rio Grande do Sul, as invasões francezas no Rio de Janeiro, as revoluções pernambucanas, o longo duello com os Jesuitas a proposito de Indios no Maranhão e Amazonas.

Os estudiosos de annaes cearenses, encontrando poucos episodios dramaticos, recolheram pequenos factos que os annalistas de outros estados commummente desdenham: concessões de sesmarias, fundações de capellas, installações de freguezias, etc. Quasi ao mesmo tempo surgiram quatro historias, independentes umas das outras, escriptas de lugares differentes, fundadas sobre materiaes diversos: Pompeu escreveu na Fortaleza, Alencar Araripe no Recife, João Brigido no Crato, Theberge no Icó, os dois primeiros aproveitando sobretudo archivos, os dois ultimos saturando-se de tradições populares que encontraram e colheram vivazes.

A esta primeira geração, que floresceu pela éra de 60, succedeu outra, cerca de 20 annos mais tarde. Nas *Datas e factos para a historia do Ceará*, que acaba de publicar, o Dr. Guilherme Studart cita o nome de seis, que mesmo na Fortaleza estão ainda trabalhando. Deve haver mais. Estes, achando traçadas as grandes linhas, entregaram-se ás investigações intensivas; a *Revista do Instituto*, que já conta nove volumes, é precioso repositorio para a geographia e a historia antiga e moderna do Ceará e ás vezes dos estados vizinhos.

Dos socios do Instituto nem um se avantaja ao Dr. Studart em dedicação á historia do torrão natal. Os outros cultivam-na nas horas

Digitized by Google

vagas; elle abandonou tudo para entregar-se a ella. Pesquizas aturadas, viagens áquem e além mar, copias dispendiosissimas quando elle proprio não as póde extrair, a montagem de uma officina typographica para impressão de seus escriptos, ainda não esgotam a lista de tudo quanto tem feito. Suas monographias historicas elevam-se ao numero de vinte e cinco, e a ultima tem 525 paginas, formato 8°.

« Ahi tem o leitor o resultado de alguns annos de trabalho. E' o primeiro volume do meu Resumo Chronologico. Nelle busquei consignar a verdade rigorosa dos factos e das datas da chronica cearense, melhor estudados hoje, graças aos documentos encontrados, e pois tive de fazer correcções a escriptos alheios e aos meus proprios... Em outros volumes que a este se seguirão, estudarei o Ceará Provincia e o Ceará Estado. » Por estes termos apresenta o autor seu novo livro.

E' com effeito o resultado de muitos annos de esforço indefesso e de investigações conscienciosas, e por isso desde logo se nota a segurança, a precisão e a abundancia de informações. A's vezes o leitor não concordará com o autor na interpretação de um documento, reconhecendo embora que é possivel a que elle dá. Outras sentirá um movimento de impaciencia, lendo por ex., pag. 109, que a 31 de janeiro de 1698 foi expedida uma carta régia sobre os Indios da capitania de Pernambuco, sem nada vêr quanto ao conteúdo da carta régia, que unicamente poderia interessar-lhe. Outras acode-lhe a suspeita que certos factos foram omittidos ou pelo menos encurtados, por outros os haverem anteriormente estudado. Tudo isto não passa de ligeiras manchas num livro em que datas e factos contam-se por milhares e as descobertas e novidades contam-se ás centenas. O peior de tudo é a falta de um indice, ao menos das coisas mais importantes, de quadros synopticos siquer das capitães-móres, etc., que torna difficil qualquer consulta prompta e é tanto mais sensivel quanto a fórma de ephemerides, preferida pelo autor, é o que se póde imaginar de menos racional e connexo.

Dito isto, podemos, guiados pelo saber e esforço do Dr. Studart, passar uma vista pelos factos que accumulou.

I

Apenas Portugal teve idéa da topographia de seus dominios americanos, traçou-lhes por limites o Amazonas e o Prata, e na realização deste programma nem um momento esperdiçou durante tres seculos.

Digitized by Google

« Os limites não são linhas ou paredes simples, mas os instrumentos cheios de vida de um dos mais grandiosos phenomenos vitaes que a terra conhece... São um orgão peripherico do organismo do estado... E' da natureza deste corpo, pelo facto de ser organico, romper as barreiras inorganicas dos limites politicos, si assim o exige sua actividade vital.» [1]

A actividade vital exigiu-o, e por isso na America do Sul o tratado de Tordesillas e os que seguiram sempre foram letra morta. A união de Portugal a Hespanha facilitou os planos dos Portuguezes, porque pôde adiar-se para mais tarde a questão do Prata e tratar sem demora do Amazonas.

Em 1580 a colonização alcançava pouco adiante de Itamaracá, em 1586 já affirmava-se na Parahyba, em 1597 começava no Rio Grande do Norte: o Ceará não podia continuar immune por muito tempo na marcha accelerada para o rio-mar.

Em 1603, Pero Coelho parte da Parahyba, desembarca em plagas cearenses, mas em pouco é obrigado a retirar-se vencido e arruinado. Não são mais felizes os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira em sua tentativa de 1607. Emfim Martim Soares Moreno, companheiro de Pero Coelho, conhecedor da lingua dos Indios, nomeado capitão-mór do Rio Grande do Norte, consegue as sympathias dos indigenas vizinhos, e improvisa um fortim, principio de colonização da capitania, a que seu nome conserva-se indissoluvelmente associado.

Ignora-se o anno exacto do estabelecimento de Martim Soares Moreno; o de 1610, que em geral se dá, é aproximadamente certo. Em 1613 o fundador do Ceará é mandado ao Maranhão a colher informações sobre o estado da terra e os estrangeiros que a estão occupando; em 1615 J. de Albuquerque e Alexandre de Moura assentam o poder portuguez no Maranhão em bases solidas, expulsando de uma vez os francezes; começa-se Belém do Pará em 1616. Duas datas patenteiam a rapidez com que foi occupado o Amazonas: em 1637 foi doada a Bento Maciel Parente a capitania do cabo do Norte, de que ainda hoje os francezes nos querem espoliar; no mesmo anno deu-se a memoravel viagem de Pedro Teixeira, Amazonas acima, até além dos limites com o actual Ecuador.

---

[1] Fr. Ratzel, *Der Staat und sein Boden geographische betrachtet*, 6 26 (Leipig, 1896).

Digitized by Google

Com a occupação do Amazonas, perdeu o Ceará o pouco valor que lhe reconheciam. Não era mais base de operação; convinha apenas conservar alguns fortins por causa da navegação perigosa daquelle trecho do litoral; houve até a idéa de evacual-o; annexo ao estado do Maranhão, logo que este foi creado, não podia communicar-se com elle durante parte do anno, por causa dos ventos que sopram numa só direcção; pelo mesmo motivo não podia communicar-se com Pernambuco, noutra temporada.

Martim Soares Moreno, que até a invasão hollandeza, synthetiza e symboliza toda a historia daquella região, obteve concessão de terras, nas quaes pretendia plantar canna e levantar engenho. Parece que desde logo tratou-se de criar gado. Os generos de commercio eram ambar, pau violete, talvez algodão. Falava-se vagamente que existiam minas abundantes.

Sabendo da presença dos hollandezes em Pernambuco, os indios, com quem já não estava Martim Soares Moreno, chamado a outros combates mais sanguinolentos, convidaram-nos a vir tomar conta da terra. Os hollandezes accederam ao convite, sem difficuldade esmagaram a pouca resistencia que os affrontou e com ligeiras interrupções até a capitulação de Taborda, em 1654, conservaram seu dominio. Ainda hoje no Ceará é vivaz a lembrança dos flamengos. Letreiros, pedras de sino, marcos apagados pelo tempo, de tudo a imaginação lhes attribue a autoria, aliás sem razão: o maior serviço que prestaram consistiu em trafegarem as salinas do Cocó ou Pajehú, nas immediações da Fortaleza.

Depois de vencidos os hollandezes, foi o Ceará encorporado a Pernambuco, sem grande proveito. A zona da marinha, sem propriamente ser infensa á criação de gados, era mais propria á cultura de cereaes, que difficilmente poderia prosperar com a população diminuta. Grande acontecimento considerava-se a chegada clandestina de navio estrangeiro com que se podia fazer algum contrabando, de que os proprios capitães-móres participavam. As raras embarcações que vinham de Pernambuco escassa animação traziam, porque a pouco mais prestavam-se que ao transporte da misera guarnição, cujos soldos os capitães-móres tinham o cuidado de pagar em generos.

Em agosto de 1696 escrevia Pedro Lelou, capitão-mór, que no principio só havia gentio domestico e soldados da guarnição da

Digitized by Google

fortaleza; que agora já havia mais de 200 moradores, o que tornava necessario ministros e officiaes, que lhes decidissem as duvidas e sentenciassem as causas (*Studart*, 106); o mesmo capitão-mór informava pelo mesmo tempo que o povo daquella capitania não tinha matriz, nem curato, nem mais igreja fóra das aldêas que a capella da fortaleza, na qual o capellão fazia o officio de vigario. (*Studart*, 115.)

Em 1700 é creada a primeira villa da capitania, antes em desvantagem della, já pelas continuas transferencias a que andou sujeita, de Iguape para a barra do Ceará, desta para Aquiraz, de Aquiraz para Fortaleza, já pelos germens de odio que disseminou entre a população, até que em 1725 o governo portuguez resolveu que houvesse duas villas: a de Aquiraz e a de Fortaleza.

Emquanto isto se notava na marinha, ia o sertão sendo povoado. Entre o Parnahyba, o Tocantins e o S. Francisco corre uma serie de serranias, geralmente de mediocre altitude, de cimo quasi horisontal, de faldas ferteis, apresentando depressões mais ou menos consideraveis a que o povo chama boqueirões. Por estas serras, que entre outros nomes locaes tem as de Carirys, Borborema, Dois Irmãos, chapada das Mangabeiras, através dos boqueirões, especialmente na região limitada pela curva que o S. Francisco descreve entre o Pontal e o Pajehú e que tem por centro Cabrobó, passou quasi toda a população dos sertões do Norte e com ella a primeira estrada que ligou a Bahia ao Maranhão.

Geographicamente esta região pertence em grande parte a Pernambuco, mas a historia prende-a á Bahia. Foram Bahianos que procurando terrenos apropriados á criação de gado, passaram a serra do Espinhaço, e, favorecidos pelas catingas deciduas, chegaram ao rio S. Francisco, espontaram todos os vistosos rios seccos que retalham Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará, chegando á grande bacia do Parnahyba. E como esta desde a éra de 1670 fôra explorada por Vital Maciel Parente, e conhecia-se que no lugar onde agora existe Caxias o Itapicurú e o Parnahyba ficavam a pequena distancia, e não se encontravam obstaculos á navegação do Itapicurú até sua foz na bahia de S. José, a E. da ilha de Maranhão, deu-se mais um passo no programma geographico da dominação do Amazonas. Os vaqueiros obscuros, os mocambeiros, os capitães de entrada traduziram em fórmas rijas e mais duradouras o

Digitized by Google

pensamento que alem do cabo de S. Roque impellira Pero Coelho, Francisco Pinto e Luiz Figueira, Martim Soares Moreno, Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura.

«Duas coisas difficultam ao Maranhão o commercio com o Brasil escrevia em 1693 o padre João de Souza Ferreira, autor da *America abreviada*: primeira não terem frete, com que voltem, segunda ventos e aguas pouco favoraveis, excepto de maio até agosto, em que ha bons terraes, mas rompendo-se a primeira se facilitaria a segunda.»[1]

A nova estrada, zombando dos ventos e correntes, resolvia o problema das communicações pela unica maneira efficaz antes da descoberta a navegação á vapor; resolvia-o ainda por outro modo, proporcionando logo fretes, isto é, movimento, vida e animação, como adiante se verá.

Ao mesmo tempo que assim lançava-se um novo grilhão ao Amazonas, a actividade vital que leva á ruptura dos limites politicos inorganicos em favor dos limites naturaes, atirava os portuguezes ao Prata, onde se fundava a colonia do Sacramento, de tão dramatica memoria.

II

Fôra grave omissão calar que tambem os Paulistas concorreram para o povoamento do Ceará. Cançados da vida aleatoria de bandeirantes, tinham-se transformado no correr do seculo XVII em conquistadores, isto é, organizaram-se em partidas obedientes a um chefe, o qual contratava com o governo pacificar uma região determinada, recebendo em paga parte dos prisioneiros feitos ou terrenos que ficavam devolutos, ou postos, pensões e commendas. Dois destes conquistadores podem servir de exemplo: Estevam Ribeiro Bayão Parente, que pacificou os sertões do Paraguassú e Ilhéos, onde a obscura e decadente villa de João Amaro, nome de seu filho, vagamente conserva a sua memoria, e Domingos Jorge, que derrocou o poder quasi secular dos negros de Palmares.

Os dois conquistadores mais conhecidos que estiveram no Ceará foram Mathias Cardoso, algum tempo companheiro de Fernão Dias

---

[1] *Rev. Inst. Hist.*, I, 34 (Rio, 1891).

Digitized by Google

Paes, na jornada das esmeraldas, de que decorreu o conhecimento das riquezas auriferas de Minas Geraes, e Moraes Navarro.

Saíam de S. Paulo, beirando o Parahyba até Lorena ou Cruzeiro, onde transpunham a serra da Mantiqueira, e contornando as aguas do alto Paraná, procuravam as do S. Francisco, que seguiam até seu destino. Os que chegaram por este caminho ao Ceará provavelmente acostaram-se ao Pajèhú, de onde, transposta a Borborema, rendidos os indios do Piancó, Seridó e outros affluentes do Piranhas, passaram-se ás aguas do baixo Jaguaribe. Por ahi corre até nossos dias um dos caminhos que ligam Ceará a Pernambuco.

Findo o seculo XVII, estava todo o Ceará devassado, os indios uns reduzidos a aldeias, outros vivendo em paz, ao lado dos colonos. A criação de gados era a principal occupação dos habitantes; a agricultura rudimentar reduzia-se á producção dos generos de consumo local, pois outros não pagariam as despezas de transporte.

O facto de uma colonia ser ou não pastoril traz uma serie de consequencias a que até hoje não se tem attendido devidamente; apenas as indicou o autor do *Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piauhy*, livro cujo titulo não dá idéa das vastas questões que debate, impresso apenas em 1814 no rarissimo jornal *Patriota*, e por isso pouco menos que inedito.

O autor desconhecido, que deve ser João Pereira Caldas, successivamente governador do Piauhy, do Maranhão, do Pará e de Mato-Grosso, era um admiravel conhecedor dos sertões pastoris e póde dizer-se que nos dá a philosophia do gado e dos vaqueiros.

A criação do gado influe sobre o modo por que se fórma a população. « Nos sertões da Bahia, Pernambuco e Ceará, diz elle, principalmente pelas vizinhanças do rio de S. Francisco, abundam mulatos, mestiços e pretos forros (devia acrescentar indios mais ou menos mansos). Esta gente perversa, ociosa e inutil pela aversão que tem ao trabalho da agricultura, é muito differente empregada nas fazendas de gado. Tem a este exercicio uma tal inclinação que procura com empenho ser nelle occupada, constituindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro. »

Os terrenos proprios á criação do gado são aquelles que mais depressa se povoam, demonstra Pereira Caldas. « Não ha nelles aquelle horroroso trabalho de deitar grossas matas abaixo e romper

Digitized by Google

as terras á força de braço, como succede nos engenhos do Brazil, nas roças das Minas e por este mesmo estado do Pará e do Maranhão, na cultura dos seus generos. Nelles pouco se muda a superficie da terra, tudo se conserva quasi no primeiro estado; levantada uma casa, coberta pela maior parte de palha, estão povoadas tres leguas de terra».

Lembra-nos elle ainda, que, sendo os vaqueiros pagos, não em dinheiro, mas em gado (de 4 bezerros 1, como ainda hoje se usa em muitos pontos) de uma só fazenda formam-se outras em pouco tempo; mas ao presente assumpto só aproveita mais uma citação: «Os gados que criam as outras capitanias e povoações do interior *não necessitam de quem os carregue*; elles são sós os que sentem nas longas marchas todo o peso do seu corpo, e apenas se faz necessario que haja quem os encaminhe.» Em outros termos, equivale isto ao que foi dito acima: ao contrario da via maritima, o caminho terrestre da Bahia ao Maranhão trazia logo comsigo o frete e o meio de transporte.

No regimen pastoril do Ceará percebem-se facilmente duas phases. A primeira caracteriza-se pelo absenteismo, isto é: homens ricos, moradores em outras capitanias, requerem e obtêm sesmarias para onde mandaram vaqueiros com algumas sementes de gado; elles, porém, em geral bahianos, não visitam suas propriedades, contentes com o embolço do preço das boiadas. Na segunda phase os fazendeiros vão se estabelecer em suas terras, ou porque o avultado dos interesses exija sua presença, ou por incital-os o espirito de liberdade que, segundo o illustre Martius,[1] foi o propulsor do povoamento dos sertões do Norte, ao contrario dos do Sul, em que a ambição de lucro foi a grande alavanca.

Apresenta-se então novo problema: que receberão agora os fazendeiros, domiciliados no interior do Ceará, em troco de suas boiadas? Evidentemente só generos de valor, que não se estraguem facilmente, que não occupem muito espaço ou se transportem por si: «nos miseros escravos, lembra Pereira Caldas, dá-se a mesma razão que se acaba de ponderar nos gados», isto é: «elles são sós os que sentem nas longas marchas todo o peso do seu corpo, e apenas se faz necessario que haja quem os encaminhe.»

---

[1] Martius, *Reise in Brasilien*, Munich, 1828.

Digitized by Google

Explica-nos isto a apparente anomalia de no Ceará ter havido mais escravos no sertão, onde não havia agricultura, do que no agreste da marinha, e o luxo desconnexo de que se encontram ainda noticias ou vestigios vagos, de fazendas finas, bacias de prata, collares de ouro medidos á varas, etc., em casas que agora são verdadeiras tapéras.

Entre os fazendeiros, cada qual querendo mostrar-se mais rico e ostentar maior luxo, a paz não podia durar muito tempo e não durou. E' celebre a longa luta que houve entre as duas familias de Montes e Feitozas; é conhecido o duello entre os Ferros e Aços; e na memoria popular conservam-se muitas outras noticias congeneres que devem ser apanhadas antes que o tempo as haja de todo delido.

O periodo destas lutas póde aproximadamente fixar-se entre 1730 e 1750. Depois veiu a decadencia. A secca foi uma grande rasoira, que em poucos mezes desbaratava as maiores fortunas. O gado desenvolvendo-se, em circumstancias normaes, de modo espantoso, foi chegando quasi até a marinha. Os fazendeiros que a principio só faziam remessas para a Bahia, dirigiram-se depois para o Recife, e até para o Aracaty e Fortaleza. Caminhos ligaram o sertão e o littoral, appareceram autoridades que não recuavam ante os arreganhos dos potentados, com os meios de acção efficazes que o progresso ia proporcionando.

A marinha a primeira vista era o scenario acanhado de lutas ridiculas, entre capitães-móres e camaras, ouvidores e governadores, vigarios e freguezes. De tudo isto dá-nos conta minuciosa o Dr. Studart, e faz muito bem, porque esta é a verdadeira historia, real e quotidiana, pouco heroica de certo, mas profundamente humana; entretanto, no meio destes sobresaltos e apezar do fervilhar das intrigas, a marinha ia se desenvolvendo. A expulsão dos jezuitas deixara os indios aldeiados sem protecção, e como suas aldêas occupavam sempre terrenos fertis e escolhidos por pessoas experientes, constituiram objecto de cobiça, e foram occupadas por homens sem escrupulo que ahi estabeleceram lavoura propria. Talvez primitivamente no Aracaty, tiveram a idéa de exportar para Pernambuco e outros lugares carne secca ou xarque, ainda hoje chamada carne do Ceará, no Norte. Por fim o Ceará poude commerciar directamente com Portugal e foi declarado capitania independente de Pernambuco.

Digitized by Google

O livro de Guilherme Studart alcança ao reconhecimento de independencia no Ceará. Tão longe não irá o nosso passeio; ficará o mais para os volumes que faltam, tratando do Ceará provincia e do Ceará estado.

Póde-se desde já antecipar que grande parte delles será preenchido pela luta entre a marinha e o sertão. E' este um facto commum a todas antigas capitanias, occupadas na criação do gado, e povoadas por gente ida do rio S. Francisco, isto é, do interior para o littoral. Talvez Parahyba e Rio Grande do Norte constituam excepção, devido á sua menor estensão territorial, ou á maior facilidade de repressão. Em Piauhy, o sertão foi vencido só depois de mudada a capital de Oeiras para Therezina e regularizada a navegação do Parnahyba. Na Bahia, ainda em 1875 discutia-se a conveniencia de constituir em provincia separada os terrenos marginaes do S. Francisco. Em Pernambuco muito deram que fazer Pajehú de Flores e adjacencias.

Como no Ceará o sertão investiu contra o littoral, chegando a dominal-o na Confederação do Equador; como o littoral resistiu ao sertão e por fim domou-o; como estes dois elementos unidos se amalgaram e conciliaram, formando hoje uma população homogenea e enthusiasta de sua terra, é a historia que nos contará Studart, velho amigo e companheiro de collegio, com quem um momento imagino-me transportado ás terras dos verdes mares, «verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.»

CAPISTRANO DE ABREU

Digitized by Google

A POESIA LYRICA BRAZILEIRA

Com o titulo acima publicou a *Revue des Revues* em os ns. 23 e 24 de dezembro ultimo um interessante estudo sobre alguns dos nossos poetas. O seu autor, o Sr. Louis-Pilate de Brinn' Gaubast pertence á geração de homens de letras recentemente revelada na *Revue Blanche, Ermitage, Mercure* e occupa-se principalmente de critica literaria. O que para nós torna particularmente sympathica a personalidade deste escriptor é a resolução com que elle se entregou ao estudo da lingua portugueza, no intuito de tornar-se familiar com as literaturas dos dois paizes que falam a lingua de Camões e de Gonçalves Dias. De que alguma coisa tem conseguido dá testemunho o trabalho a que nos referimos e de que vamos dar uma idéa aos leitores da *Revista Brazileira*.

Qualquer que seja a divergencia entre a nossa maneira de ver e a do Sr. Brinn' Gaubast, nem por isso o seu trabalho merece menos a nossa estima pela sinceridade da sua critica e pela convicção no modo de exprimil-a. O estudo é feito, como elle declara, através do livro do Sr. Teixeira Bastos: *Poetas Brazileiros*, e versa sobre os Srs. Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Filinto de Almeida, Hugo Leal, Mucio Teixeira, Fontoura Xavier, Sylvio Roméro, Izidoro Martins Junior, Theophilo Dias e Valentim Magalhães.

O autor começou por assignalar como os centros intellectuaes e artisticos mais activos da America do Sul, S. Paulo, Recife o Rio de Janeiro e, porventura, a Bahia; estabelece que a literatura brazileira, comquanto influenciada pelas literaturas franceza e portugueza, não deixa de ter origens profundas em uma evolução mental autenticamente americana, e que a emancipação politica da nossa

Digitized by Google

colonia não foi, no fim de contas, sinão a consequencia e não a causa da emancipação das almas que, a partir do seculo XVII cada vez mais se patenteava em certo numero de escriptos.

Em nota, o autor abalisa aquelle seculo com o vulto de Gregorio de Mattos, a quem, secundando o Sr. Oliveira Lima, denomina o verdadeiro fundador, d'ora avante incontestado, da literatura brazileira propriamente dita. De sorte que, quem ligar a nota ao texto será forçado a concluir que todo o ardor desenvolvido no esforço supremo pela nossa emancipação politica vinha de longe escandecido pelas facecias do poeta burlesco. Não o acreditamos; no entretanto, a affirmação nem por isso prova menos o cuidado que mereceu ao estudioso escriptor francez a indagação da origem das fontes da literatura brazileira.

A originalidade da poesia brazileira encontra-a o autor « onde quer que esta cante lyricamente, sensualmente, as sinceras emoções do homem, diante das maravilhas da mulher ou dos esplendores da natureza ». Mas logo acrescenta:

« Infelizmente, a estas duas sans caracteristicas vem juntar-se uma terceira execravel, intoleravel a todo o artista e contraria ao proprio sentido do papel social da Arte: e já não falo desse indianismo artificial e transitorio em que o contagio romantico faz ainda algumas vezes cair uma literatura desprovida de tradições medievas, depois que teve de repudiar por um patriotismo sem duvida excessivo, as que lhe fornecia abundantemente a Europa; não; o que deprecia para mim, desde a nascença, a maior parte dos poemas desta literatura é a intenção que nelles se revela da parte dos seus creadores de fazer servir o verso á demonstração de não sei que theses politicas, socialistas, revolucionarias ou scientificas. »

A este ponto conviria talvez, no intuito de socegar o animo do amigo da nossa literatura, assegurar-lhe que, no momento actual, nenhum dos nossos poetas emeritos se mostra ardentemente empenhado em derrubar as instituições a golpes de alexandrinos nem em quebrar decasylabos como lanças, em favor da lei da attracção universal. Mas o nosso fim não é fazer a critica do artigo do Sr. Brinn' Gaubast, é simplesmente apresental-o.

O triplice caracter que o Sr. Brinn' Gaubast acredita poder especificar como peculiar á musa brazileira é: « Lyrismo sensual na expressão do Amor, admiração não menos lyrica e ainda mais

Digitized by Google

sensual da Natureza, frequente subordinação da poesia á sciencia, ou, o que ainda é peior, á politica. » Estabelecida a feição fundamental da poesia brazileira como ella se lhe afigura, parece ao autor que o estudo das personalidades se póde reduzir, em ultima analyse, á indagação das proporções segundo as quaes estas tres tendencias apparecem combinadas em cada individuo. Nada mais claro e racional; mas a difficuldade dos estudos desta natureza consiste precisamente na quasi impossibilidade de proceder com rigor na analyse quantitativa daquelles elementos. E o autor assim o reconhece, quando affirma que similhante methodo necessitaria de exemplos que só poderiam ser esclarecidos por longas e fastidiosas annotações, e por outro lado poderia suggerir apreciações muito inexactas deixando de determinar a parte legitima que innegavelmente tem de pertencer á influencia das literaturas européas. Por este motivo, o Sr. Brinn' Gaubast limita-se modestamente, segundo a sua expressão, a classificar dois a dois, em cinco categorias, sob etiquetas geraes, os dez poetas de que pretende occupar-se.

« Nas duas primeiras categorias comprehendemos os temperamentos acima de tudo lyricos; estes mais objectivistas, discipulos dos parnasianos portuguezes e francezes (os Srs. Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira) aquelles, subjectivistas, em quasi todas as suas producções, inspirados nos classicos da lingua portugueza (Filinto de Almeida) ou nos romanticos de além-mar (Hugo Leal). A's duas categorias seguintes pertencerão aquelles a quem chamaria de boamente *progressistas*, em virtude da illusão dominadora da sua fé generosa e van; preoccupados uns com as questões sociaes (Mucio Teixeira e Fontoura Xavier), outros com a idéa fixa e a perigosa ambição de fazer fluctuar no cimo da dupla montanha a bandeira da philosophia materialista moderna (os Srs. Sylvio Roméro e Izidoro Martins Junior). Por ultimo, o autor entende « que um lugar a parte deve ser reservado a dois homens do maior talento, cuja obra irradia alternadamente para cada uma destas quatro direcções typicas: o primeiro que morreu muito novo (Theophilo Dias) inteiramente saturado dos succos da flora baudelaireana, o segundo vivo e são (Valentim Magalhães) discipulo de um Victor Hugo que não é o Victor Hugo das nossas preferencias. »

Assim emparceirados dois a dois segundo caracteres communs, o autor extrema a cada um delles pelo seu caracter individual, pelo

Digitized by Google

que elle possue de inconfundivel com o outro de igual categoria. Para operar esta differenciação, e por que ella tem de começar pelos Srs. Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira a quem classifica de parnasianos, entende dever « recordar a principal censura formulada contra os rimadores desta escola pela critica independente: a de ter por alvo produzir, pelo emprego unico da palavra, effeitos que são da alçada da esculptura, da pintura, da musica ou das pretendidas artes menores, mas nunca da arte synthetica por excellencia, a Poesia.» E exemplifica: « Ainda que a segunda das collecções publicadas pelo Sr. Raymundo Corrêa não tivesse este titulo vago e, no entretanto significativo *Symphonias*, nenhum leitor imparcial tardaria a reconhecer, como o Sr. Teixeira Bastos, que as qualidades daquelle livro consistem na harmonia da estrophe, na sonoridade das palavras, na sciencia mais ou menos aprofundada do rythmo: ora dar provas de taes qualidades quasi exclusivamente musicaes é sufficiente para encantar os sentidos por alguns minutos, mas não é bastante para supprir por muito tempo a falta de espontaneidade, de emoção vigorosa e verdadeira, de pensamento, ainda que rudimentar, de um ideal, digamos tudo. E o que mostra bem que aqui a fórma não basta por si só é que a repetição rebuscada de certas frases, de certos termos, levada até o abuso, longe de nos embalar, irrita-nos. Pobreza de imaginação, para concluir.

« E si a conclusão é, porventura, excessiva, tem ao menos a desculpal-a o grande numero de traducções heterogeneas adaptadas pelo Sr. Raymundo Corrêa das obras de Schiller como de Victor Hugo, de Theophilo Gautier como de François Coppée, de José Zorrilla como de Campoamor.

« Pobreza de imaginação, continúa o Sr. Brinn'Gaubast, é ainda o julgamento que parece applicavel de um modo igual, comquanto por muito diversas razões, ao segundo dos objectivistas parnasianos que nomeei, ao autor das *Meridionaes*, Alberto de Oliveira. Neste, nada de estribilhos; tudo amplificações sobrecarregadas de epithetos, nada de traducções eclecticas; tudo assumptos inspirados na antiguidade grega, em Shakespeare ou em um romantismo para adorno de chaminé. Assumptos, digo eu? Pretextos muitas vezes futeis para descripções meticulosas cheias de colorido e de brilho, de uma fórma impeccavel, não ha duvida, apezar da superabundancia dos adjectivos, mas que nos fazem lamentar amargamente que Alberto

Digitized by Google

de Oliveira tenha errado a vocação; porquanto ha nelle a estofa de um pintor de genio, ao passo que nunca será tido, por falta de intellectualidade, sinão por um poeta de talento e de um talento de segunda ordem. »

E, prevendo que lhe objectem que um poeta não é um philosopho, contesta: « Embora! nem por isso parece menos haver mister de um pouco de psychologia sentimental expressa ou subentendida para despertar o interesse por obras cuja razão de ser, reside, em ultima analyse, em tal ou tal dos sentimentos humanos. A prova, se prova é necessaria, está na emoção que nos captiva ao lermos os sonetos e os tercetos em que se nos revela a alma terna, mas viril de um lyrico do amor filial e do Amor, Filinto de Almeida.

« Quer elle evoque os olhos maternos, cujos olhares idolatrados, velados de enigmatica dôr illuminaram a sua infancia, com o melancolico flammejamento de um arco-iris por entre lagrimas, quer elle cante á brazileira o seu *Suave mari magno*, a penetrante intimidade do lar que o horror da tempestade rodeia, quer exprima, os langores da paixão nascente, os desfallecimentos consecutivos, as resurreições freneticas da alma e da carne saciadas, quer chore em sonetos pungitivos o fim da joven ideal sua promettida, sempre o verso deste poeta, classico e até camoneano, facil sem ser descurado, desperta no mais profundo de nós mesmos as mil vozes sympathicas de ecos mal adormecidos. E isto porque, pela appropriação da mais perfeita fórma aos sentimentos mais sinceros e do estylo mais pessoal ás idéas mais geraes Filinto de Almeida satisfaz ao mesmo tempo o artista admirador dos parnasianos, o critico amigo dos classicos e o homem, bem raras vezes insensivel ao grito da dor offegante ou da alegria. »

Em seguida, tendo de qualificar a Hugo Leal a quem involvera na mesma categoria, assim se exprime:

« Depois disto a ninguem surprenderá si eu disser que artista e critico terão de violentar-se para não julgar com demasiada dureza a obra muito mais incorrecta, individualista, desequilibrada, do infeliz Hugo Leal, para com a qual, á primeira apparencia, nenhum homem de bom coração deixará de ser indulgente. Os unicos versos que teve tempo de reunir em volume, *Rosas de Maio*, escriptos entre os quinze e os vinte annos dão testemunho de aptidões lyricas excepcionaes: a nostalgia do céu natal, que tinha sido obrigado a

Digitized by Google

deixar pelo da Europa, a sensualidade precoce da paixão combatida no adolescente pelas recordações de familia e pela saudade dos castos primeiros sonhos, e, por ultimo, o presentimento da morte que não tardou a feril-o aos vinte e cinco annos, inspiraram-lhe, aqui e alem, algumas estrophes de commovente venida, não obstante a imperfeição e o empollado de estylo: entendo porém, que é excessivo ver nellas mais do que vagas promessas, e, quando me dizem que o poeta se orientava, cada vez mais, durante os ultimos mezes da sua curta existencia, para a sciencia e para a politica, não posso deixar de acreditar que essas promessas, como poeta, não as teria realizado si tivesse vivido.»

E d'ahi quem sabe? A politica, as preoccupações sociaes, se muitas vezes desvairaram a esthetica dos homens de valor a que chamei *progressistas*, esterilizaram-lhes porventura a veia, para todo sempre? E' forçoso reconhecer que não. Alteraram-lhe a pureza e nada mais; mas tanto basta para que nenhum delles tenha mais direito neste breve esboço a um paragrapho especial. De facto; de que serve rejeitar (não sem razão) as theorias da arte pela arte, si é para as substituir pelas formulas da arte pela sciencia e pela sociologia? Não insistamos; ha palavras que basta juxtapol-as para que se opponham.

Passando á seguinte categoria, e sem violentar a transição, antes realizando-a suavemente assim prosegue: « Estabelecidas estas reservas não tenho difficuldade em confessar que na *Ironia da Estatua* o Sr. Mucio Teixeira nos deu quasi uma obra prima de poesia satyrica; na *Sesta*, um quadro encantador da livre vida brazileira em plena natureza exuberante, e ainda nos *Tres Parias* (tres soldados que conversam á noite na casa da guarda), uma critica admiravelmente objectivada dos horrores do militarismo militante.» E logo passando ao autor das *Opalas*:

« Tam pouco contesto ao Sr. Fontoura Xavier, espirito já mais sombrio e fundamentalmente sceptico, a sua sciencia de verificador, o brilho da sua linguagem colorida, a viva sinceridade da sua sede de justiça, a grandiloquencia e o enthusiasmo de muitos dos seus poemas, taes como *O Velho Deus*, (o sol) que elle celebra com uma piedade inteiramente nacional.»

O primeiro da quarta categoria é o autor dos *Ultimos Harpejos*, a quem o critico faz a seguinte referencia: « Sei apreciar por outro

Digitized by Google

lado, os serviços que o Sr. Sylvio Roméro se gaba, elle proprio, de ter prestado ao escol intellectual da sua patria, pelejando com bom exito contra os ultimos romanticos, pregando com o exemplo o regresso a essas tradições populares, authenticamente americanas (e não artificialmente indianistas) das quaes ha pouco colligiu um folk-lore em muitos volumes.»

Do autor das *Visões de hoje* diz:

« Finalmente, não negarei que, apezar da superabundancia de versos fracos, de imagens improprias e de cunhas que parecem na obra desigual de Izidoro Martins Junior pleitear contra a sua tentativa, seja possivel e facil, no meio da farragem da versalhada scientifica e das tiradas positivistas, descobrir alguns pedaços de impressionadora eloquencia. O que confirmo simplesmente é que nenhum destes progressistas forneceu, segundo a propria confissão do Sr. Teixeira Bastos, uma só producção que seja ao mesmo tempo progressista e isenta de defeitos. Não tinham modelos por onde se guiassem? De accordo. Mas então, porque os não crearam? E' que em materia de Arte, não ha que ver, não existem dois meios de qualquer com segurança ganhar a sua causa: mostrem-nos uma obra prima e terão razão.»

E, transitando para a segunda categoria, prosegue:

« Bem sei que uma tal exigencia deve parecer excessiva a mais de um bom espirito; apezar disso, seria por ella que eu desejaria concluir, si tivesse o direito de fazel-o sem recordar, ao menos os nomes dos dois poetas (Theophilo Dias e Valentim Magalhães) cuja obra, disse eu, irradia alternadamente para o socialismo e para a sciencia, para o lyrismo do Parnaso e o dos subjectivistas brazileiros. Theophilo Dias e Valentim Magalhães, a não considerar sinão o valor dos homens e a importancia da posição que occupam nas letras do seu paiz, seriam um e outro muito dignos de um estudo particular; algumas palavras, todavia, serão sufficientes para cada um delles, por isso que me occupo menos das personalidades que das correntes de idéas canalizadas nellas, e visto como as correntes de idéas, cuja reunião constitue a psychologia complicada destes dois ultimos escriptores, já foram objecto de analise por occasião dos outros grupos.

« Theophilo Dias morreu: importa reservar-lhe o lugar de honra. *Progressista* nos seus maus dias, tambem elle se esfalfou na ultima

Digitized by Google

parte das suas brilhantes *Fanfarras* a predizer-nos em todo os tons (excepto naquelle em que o devia fazer) a espaventosa futurição de não sei que reinado da razão pura e de uma igualitaria justiça universal. Mas, como estas predicções nos revelam, antes de mais nada, a sceptica generosidade das aspirações do seu coração e não o enthusiasmo communicativo de uma firme convicção da sua intelligencia, tanto menos lh'as incrimino, quanto sinto que para este poeta ellas não foram manifestamente mais do que simples exercicio de amador, e, abandonando-me sem reserva ao encanto captivante das producções em que sobrevive o melhor delle, originaes, apezar de mais de uma reminiscencia de Victor Hugo, de Quinet, de Heine, e principalmente de Baudelaire, saudo com uma lembrança commovida o grito sublime que irrompeu sob este titulo *A matilha*, em uma hora de paixão violenta, das vivas profundezas de humanidade sincera de seu temperamento de amoroso sensual.»

Do autor dos *Cantos e Lutas*, affirma:

« O talento do Sr. Valentim Magalhães é mais sobrio e concentrado; não digo que seja menor, mas, porventura, fala menos á nossa sensibilidade; mais senhor das suas emoções, descreve antes a natureza como parnasiano do que a canta como verdadeiro lyrico; mais deliberadamente confirmado na sua fé de democrata humanitario, pleiteia em versos precisos as theses tradicionaes, mais do que se derrama em declamações vagas, emfim, polemista de raça, mais bem instruido por longa pratica de jornalismo em pôr ao serviço da sua causa o sangue frio que aliás o caracteriza, escarnece os prejuizos, achincalha os ridiculos, mais do que estruge contra injustiças que por si mesmas estão clamando; dest'arte, affirma-se sob o ponto de vista puramente nacional, como o herdeiro espiritual de Gregorio de Mattos, o pae das letras brazileiras.»

O Sr. Brinn'Gaubast, fecha o seu artigo com uma referencia á *Thebaida*, á Padaria Espiritual do Ceará, tendo por orgão *O Pão* e por poeta principal Antonio Salles, e á *Nova Revista* dos Srs. Adolpho Caminha e Oliveira Gomes que affirma estar destinada a representar perante a *Revista Brazileira* já poderosa, o mesmo papel das novas revistas em França perante a *Revue des Deux Mondes*.

Sem pretendermos criticar as opiniões do Sr. Brinn' Gaubast, mas pessoaes, outras reflectidas da obra do Sr. Teixeira Bastos, não nos dispensaremos, no entretanto, de fazer algumas ligeiras considerações

Digitized by Google

que patenteem áquelle escriptor a attenção que nos mereceu o seu trabalho. Assim, por exemplo, referindo-se ao Sr. Alberto de Oliveira, lamenta *que elle tenha errado a vocação, porque ha nelle a estofa de um pintor de genio, ao passo que nunca será tido, por falta de intellectualidade, senão por um poeta de talento e de um talento de segunda ordem.* Devemos confessar que é bastante metaphysico isto. Si o Sr. Brinn' Gaubast encontra no Sr. Alberto de Oliveira a estofa de um pintor de genio, é que são geniaes as imagens creadas por elle como poeta, a menos que o autor do artigo não pretenda concluir que imagens consideradas inferiores na poesia possam ser superiores na pintura. Ora o Sr. Brinn' Gaubast sabe muito bem que a Arte, na pintura como na poesia, só merece tal nome com a condição de ser creadora. Si ao Sr. Alberto de Oliveira fallece imaginativa como poeta, não vemos bem em que se basea o autor da critica para affirmar que elle a teria como pintor. Tão pouco, sabemos o que significa aquella expressão *falta de intellectualidade*. Si com aquelle dizer o Sr. Brinn' Gaubast pretende inculcar a carencia do vigor intellectual sem o qual não ha poeta nem pintor, não comprehendemos como o Sr. Alberto de Oliveira, desprovido daquelle predicado, desmereça o nome de grande poeta, podendo, no entretanto, merecer o de grande pintor.

A subtileza de taes trocadilhos não se compadece com o rigor da critica. Um estudo mais reflectivo permittirá ao Sr. Brinn' Gaubast verificar que o autor dos *Sonetos e poemas* é um poeta de talento, não de segunda, mas de primeira ordem.

Com respeito á apreciação feita á obra de Sr. Sylvio Romêro, afiguram-se-nos muito contestaveis *os serviços prestados por este escriptor, como poeta, ao escol intellectual da sua terra*. Como critico eminente, como elevado pensador, como laborioso historiador da nossa literatura, o autor de tantas obras de valor teria creado discipulos, si as especies correspondentes áquelles dotes se cultivassem entre nós; como poeta, a sua influencia é simplesmente negativa, visto como toda a sua obra, em verso, é a negação da Arte.

Abstrusa nos parece a declaração feita, a proposito de Theophilo Dias, de que deixa de lhe censurar as predicções de um futuro reinado da razão pura em que este poeta se compraz nos seus versos, *por não ver nellas o enthusiasmo communicativo de uma firme convicção da sua intelligencia, mas simplesmente um exercicio de amador.* De sorte que, si houvesse no poeta aquillo que é nada menos do

Digitized by Google

que uma das condições primordiaes da obra de arte, a communicabilidade, o critico não lhe perdoaria. Isto seria um contrasenso, si não fosse apenas um jogo de palavras.

Tratando do Sr. Valentim Magalhães, a affirmativa de que a *importancia que elle occupa nas letras de sua patria seria digna de um estudo particular*, não se póde referir evidentemente sinão ao prosador copioso, ao critico bem intencionado, acima de tudo ao incansavel trabalhador que se encerram na personalidade daquelle escriptor; no entretanto, tal affirmativa em um estudo em que se pretende considerar a sua individualidade como poeta póde autorizar a conclusão de que a Valentim Magalhães compete lugar a parte em relação aos mais assignalados cultivadores da poesia brazileira, o que seria uma falsidade contra a qual protestaria elle proprio, que com tanta eloquencia pronunciou, ainda não ha muito, o panegyrico de um dos mais notaveis: o Sr. Raymundo Corrêa. O que tambem é inexplicavel é como a longa pratica de jornalismo que actualmente possue Valentim Magalhães tenha podido influir no tom das suas poesias concebidas antes de 1879, data da publicação dos *Cantos e Lutas*. Aqui ha manifesto equivoco. Demais, não são precisamente ideaes de poesia o que a longa pratica do jornalismo tem trazido ao nosso escriptor, bem pelo contrario, devem ter sido as desillusões de toda a especie adquiridas naquella vida que nos roubaram o poeta.

São estas as principaes discordancias que encontramos no trabalho do Sr. Brian' Gaubast e que estamos certos não tardará a corrigir no seu espirito, visto como se não originam em falta de lucidez da sua intelligencia de critico, mas na escassez dos documentos de que se serviu.

SILVA RAMOS.

Digitized by Google

CANTORAS DOUTRO TEMPO

ROSINA LABORDE

Nas aulas do Conservatorio de Pariz, em 1840, nos bons e archipacificos [1] tempos do legendario guarda-chuva, figurava uma mocinha, entre menina e mulher, garrula, trefega e ambiciosa, parisiense legitima. Em Pariz tudo se faz pelas mulheres; ellas são as curvas e a gente ajuizada lhes serve de asymptotas. A confissão de Jean Jacques devemol-a ás lições de Madame de Warens.

A nossa alumna do Conservatorio era, pois, uma das taes curvas. Teria asymptotas? Morava em rua silenciosa e com o vestido unico de Mimi Pinson, antes de ir para a aula de canto, regava os jardins pensiles das janellas, mangas arrepanhadas, cabellos soltos. Tinha a idade do poeta; a dupla trança fluctuava-lhe ainda sobre as costas. Chamava-se Rosina Laborde. Quatro annos depois, entre acclamações e palmas, soava este nome no recinto do *Theatre Italien* durante a representação do *Moysés* de Rossini.

O segundo contrato de Rosina Laborde foi assignado pela empreza da Opera de Bruxellas, visitando depois a cantora a America do Norte e a provincia, Marselha, Lyão, Brest, Lilla, Ruão e Bordéos.

---

[1] *1 Janvier.*—Le Havre. J'entendais, ce soir, à table d'hôte, des capitaines de vaisseaux marchands, parler, la rougeur au font, du règne de la paix à tout paix de Louis Philippe, et où le canon français saluait toujours le premier. *Journal des Goncourt,* — Vol. 3°, pag. 3.

Digitized by Google

Nesta ultima cidade quasi a matam com um ramilhete monstro, projectil lançado por mão vigorosa e talvez inimiga do alto dos camarotes. A prima-dona Mariani assim perecera miseravelmente em Roma, o craneo esmigalhado por uma corôa de bronze mandada atirar pela rival, a Gambrici.

Após varias estações lyricas em Pariz e Barcelona, achou-se a Laborde contratada para o Rio de Janeiro. Tivemol-a em nossa capital a 9 de julho de 1857, passageira do *Avon*. A Laborde estreou duas vezes, uma officiosa, outra officialmente; cantou no salão da Philarmonica, diante da côrte imperial, e sem grande enthusiasmo; sob os trajes de Amina pisou pela primeira vez o tablado do *Provisorio*, mais perigoso que a carcomida prancha do moinho da *Sonambula*. [1] O publico acolheu-a friamente e a critica apontou-lhe o defeito da fraqueza de voz, embora lhe elogiasse a rara perfeição do methodo de canto.

Meu reino, meu reino por uma desforra, pedia a vaidade da Laborde. Cinco dias depois o *Provisorio* em peso era forçado a dar palmas á resentida cantora. Já se não tratava do commovedor *oh! non credea miratti* e das lagrimas de Amina; a cavatina de Almaviva cruzava-se com as notas da lição de canto de Rosina. Venceu a Laborde com o *Barbeiro de Sevilha*, opera cuja accidentada historia não escapou á incisiva penna de Stendhal para quem a aria da calumnia era uma inspiração de Mozart. [2]

A Laborde obteve [3] segunda ovação na *Lucia*. Rosina é o beijo, a luz dos olhos, o encanto do sorriso, a inconstancia do coração, a graça, a chamma feita amor, uma Eva digna de ser despida pelo cupido da *Chemise enlevée* de *Frago*, a furtar-lhe o pudor antes da camisa. Rosina merecia ficar — negue o Figaro — como diz o estribilho trauteado pelos labios de Maria Antonietta:

« En blanc jupon, en blanc corset. »

---

[1] A *Sonambula*, opera em 2 actos, letra de Romani, musica de Bellini, representada pela primeira vez no theatro Carcano de Milão a 6 de março de 1831. Os papeis da opera foram escriptos para a Pasta, Rubini e Mariani. com a *Somnambula* estreou Adelina Patti no Theatro Italiano de Pariz.

[2] Stendhal, *Vida de Rossini*.

[3] *Lucia de Lammermoor*, opera em 3 actos, letra de Cammarano, musica de Donizetti, representada em Napoles em 1835.

Digitized by Google

A aria de Lammermoor, filha amorosa da Orestia, tem uma insania meiga e saudosa, e desce para o tumulo ideal como a mulher-cysne das lendas scandinavas. Somno de chumbo, thalamo de terra, [1] que pesado epitaphio, pobre Lucia!

Laborde encarnou Rosina, Lucia e não tardou a ser a Elvira dos *Puritanos*.[2] Não será descurioso dizer que na segunda recita da opera de Bellini, num intervallo, o joven Arthur Napoleão devia tocar a barcarolla de Thalberg sobre um thema do *Elixir de Amor* (29 setembro 1857).

Foi, mais ou menos, sempre infeliz a Laborde no Rio de Janeiro. Intrigas de bastidores tomaram o vôo e eil-a de novo ás bulhas com o publico por portas travessas. A Laborde redobrava de esforços para applacar a platéa, baldado intento. Era magoa tanta nota bonita cair em irritadiços ouvidos. O annuncio da *Linda de Chamounix* [3] despertou logo o projecto duma pateada na Laborde, para que se inventou o famoso direito comprado nas bilheterias? E como confetti em terça-feira gorda voejavam epigrammas. Apanhemos no ar um bem brazileiro.

« Coitada, soffre da bóla
Receito-lhe p'ra cachóla
Pós de mico sem cessar,
Pois tem falta de juizo
Que lhe é bastante preciso
Para melhor se portar. »

Será innocuo ou malicioso o verbo *portar-se?* O seculo XVIII pretendia que aos trinta annos toda a mulher tinha «*toute honte bue*». Pensaria assim a Laborde? Aliás a receita dos pós de mico, embora digna de Gregorio de Mattos, não era propriamente calmante.

---

1 Alvares de Azevedo, *O Poema do Frade.*

2 *Os Puritanos da Escossia*, opera em 2 actos, letra do conde Pepoli, musica de Bellini, representado no Theatro Italiano de Pariz em 25 de janeiro de 1835. Foi o canto do cysne do maestro siciliano. Sete mezes e dois dias depois do triumpho de sua opera, morria Bellini em Puteaux, a poucos kilometros de Pariz. A Grisi, Rubini, Tamburini e Lablache foram os creadores dos *Puritanos.*

3 *Linda de Chamounix*, opera em 3 actos, libretto de Rossi, musica de Donizetti, composta de proposito para o theatro da côrte de Vienna. O assumpto da *Linda* é o do popularissimo drama *A Graça de Deus.* A Persiani, Lablache, Marietta Brambilla, Tamburini e Mario cantaram a peça.

Digitized by Google

A representação da *Linda de Chamounix*, máu grado os aziagos prognosticos, correu bem, mas bonança foi a tempestade. Repetiu-se a opera de Donizetti acrescido ao programma um grande bailado pelas dansarinas Carolina, Thereza, Adelaide e Clementina Rousset, quatro irmans das quaes se poderia affirmar que dansavam em francez. Caiba a Roqueplan a autoria da frase.

Cantos alternados, sabemol-o desde o collegio, são gratos ás Camenas. Mas a dansa? Digam-no os sabios dos bastidores. As Rousset tinham por brazão coreographico o graciozissimo emblema de Eucharis, a grega, uma nuvem do seio da qual foge um passaro. As quatro irmans, sobretudo Adelaide e Carolina, assolavam a fogo de olhos nossos inclytos maiores pisando desejos, esquivando-se a promessas, a traçar, como o amor do poeta, mil ciladas detraz duma verde gelosia, precedido tudo da indispensavel emigração de brilhantes dos joalheiros para os camarins. A historia fala desses idyllios em botão, mas cala-se sobre o epilogo sem desmentir o philosopho da *Chartreuse de Parme.* [1]

Em novembro de 1857 a Laborde cantou o *D. Pasqualle* [2] e de novo a *Lucia*, assistindo, mal de um a muitos consolo é, á tremenda pateada no tenor Leluri, na noite da *Traviata*, estréa da soprano Sophia Vera Lorini.

Beneficiou-se a Laborde com o *Elixir de Amor*, [3] mostrando-se a platéa dum pulo mais cortez e gentil. A despedida da Laborde pareceu passar a esponja sobre a guerra anterior, mas a directoria do *Provisorio* não concordou com a indulgencia do publico, porquanto lhe rescindiu o contrato dando vinte mil francos de indemnisação e mais dez mil de adiantamentos na Europa e com isso

---

[1] J'ai beaucoup vécu avec les danseuses du théâtre *De Sol*, à Valence. On m'assure que plusieurs sont fort chastes; c'est que leur métier est trop fatigant. (Stendhal).

[2] *D. Pasqualle*, opera buffa de Donizetti, representada no Theatro Italiano a 4 de janeiro de 1843. O thema do libretto é duma opera de Pavesi, *Ses Marc'Antonio*. *Don Pasqualle* apresenta bellezas musicaes de primeira ordem.

[3] *O Elixir de Amor*, opera-buffa em 2 actos, musica de Donizetti, escripta em quinze dias. O compositor bergamez era infatigavel e compunha vertiginosamente.

Em 1833 produziu quatro operas e deixou ao todo sessenta e quatro, morreu extenuado de trabalho aos cincoenta annos. Os sinos que dobraram a finados por Gaetano Donizetti e os canhões piemontezes saudaram a victoria de Goïto.

Digitized by Google

encheu a mala de viagem de Rosina Laborde. O *Provisorio* não sabia enthezourar quando sé tratava da honra do credito nacional perante artistas estrangeiros.

Cantora distincta, artista laboriosa e de merecimento,[1] a Laborde nunca se assenhoreou do publico e só lhe agradou a espaços. Os caprichos da noite são, como as scentelhas da canção cigana, uma centena de encantadoras moças, que surgem roseas, purpureadas, e morrem no mesmo instante depois de haver esboçado as mais graciosas dansas.

ESCRAGNOLLE DORIA

---

[1] Creacções da Laborde no Rio de Janeiro.

1 *Somnambula*— Amina—4 de agosto de 1857.
2 *Barbeiro de Sevilla*— Rosina— 11 de agosto.
3 *Lucia de Lammermor*— Lucia— 20 de agosto.
4 *Os Puritanos*— Elvira— 19 de setembro.
5 *Linda de Chamounix*— Linda—22 de setembro.
6 *Don Pasquale*— Norina— 7 de novembro.
7 *Elixir de Amor*— Adina— 9 de dezembro.

A Laborde esteve no Rio cinco mezes e seis dias (9 de julho—15 de dezembro de 1857) Creou sete papeis, tomou parte em vinte espectaculos, fóra as recitas variadas, nelles cantando ao todo quarenta e sete actos. O nosso adjectivo laborioso vem, pois, a ponto.

Digitized by Google

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO. — Limites com a Bolivia. Quando começa o seculo XX? O decrescimento da população em França. Aspecto do céu durante o mez de abril. O cometa Perrine.

Como, geralmente, as questões de limites entre dois paizes são tratadas pelos processos diplomaticos, antes de serem resolvidas sobre o terreno, ellas comprehendem, na realidade, duas phases distinctas, das quaes a ultima, sómente, por ser de natureza technica, e apresentar um interesse geral, fará o assumpto de algumas considerações de nossa parte. A isso nos leva o ter deparado nos periodicos desta capital noticias a respeito da demarcação dos limites do Brazil com a Bolivia, da qual, como sabe o leitor, se acha incumbida actualmente uma commissão mixta, nomeada pelos dois governos.

Houve, ao que consta, divergencia nos resultados obtidos pelos respectivos commissarios, e segundo a ultima noticia que encontramos em um dos jornaes, devido ao facto de terem sido regulados em Londres os instrumentos da commissão boliviana, e nesta capital os da commissão brazileira. Similhante razão não deixará, por certo, de causar estranheza entre os entendidos na materia.

O regulamento dos instrumentos só póde referir-se aos chronometros, que são os unicos que se regulam ; porque os outros de que se servem as duas commissões, como sejam circulos meridianos, e theodolitos, devem ser rectificados na occasião das observações. Ora, querer explicar o desaccôrdo nos resultados obtidos, pelo facto de terem sido regulados os chronometros em Londres e no Rio de Janeiro é simplesmente inadmissivel ; e, na verdade, não explica coisa alguma.

Com effeito, podemos asseverar que não ha profissional, com a devida pratica em assumptos dessa ordem, que se lembre em querer confiar na

Digitized by Google

marcha diurna de um chronometro, durante uma viagem penosa, accidentada e de grande duração, como seja, por exemplo, a do Rio de Janeiro até os limites com a Bolivia. Isto seria de uma insensatez sem nome. Sabe-se que é nas viagens por mar que se encontram as melhores condições para o transporte dos chronometros, de modo que suas marchas diurnas soffrem as menores alterações possiveis. Mas taes condições não se pódem realizar no caso em que os chronometros tenham de ser transportados em longa travessia maritima, depois fluvial e mais tarde por terra.

Similhante processo para determinação da longitude é conhecido sob o nome de « transporte da hora » entre um ponto da terra cuja longitude é conhecida, ou considerada como o meridiano inicial, e outro cuja longitude se quer determinar. E' este methodo, porém, absolutamente inadmissivel para determinação das coordenadas de um ou mais pontos dos limites, com a Bolivia. Si porém, foi este o adoptado, o que, até prova do contrario, poremos em duvida, explica-se o desaccôrdo, que não podia deixar de existir.

A divergencia, porém, entre os resultados obtidos por uma e por outra commissão, deve ter sido bastante sensivel para motivar a suspensão, embora temporaria, dos trabalhos da demarcação. Que houvesse desaccôrdo entre os resultados, não ha que admirar, por que, differindo os observadores, os instrumentos, e talvez os methodos empregados, devem sempre subsistir differenças, *dentro, porém, dos limites dos erros admissiveis*. Mas havendo boa fé de ambas as partes, facil deve se tornar chegar-se a um accôrdo.

A determinação das posições geographicas, mesmo em regiões longinquas, e sem facilidade de transportes, tem-se tornado um problema de solução segura, embora sempre delicada e um tanto demorada. Tudo, porém, dependo essencialmente da pericia do observador que deve, para cada caso considerado, saber escolher com segurança o methodo de que convém lançar mão. E' obvio, tambem, que deve elle dispor dos meios, instrumentaes indispensaveis.

Nestas condições, o regulamento dos chronometros em algum observatorio, cujo meridiano serve de referenda, tem uma importancia toda secundaria. Apena poderá fornecer um primeiro dado de simples aproximação para a longitude a determinar, e nunca deverá servir como elemento definitivo.

E, por ultimo, e ainda que, coisa inadmissivel, quizessem as commissões proceder á determinação das longitudes pelo processo do transporte da hora, é certo que o desaccôrdo não proveiu do regulamento dos chronometros feito em Londres e no Rio de Janeiro, por que o modo pelo qual elle é feito tanto num como noutro lugar, comporta todo o rigor que se póde exigir em observação dessa ordem.

Digitized by Google

Portanto, d'ahi é que não póde provir o desaccôrdo, porque o observador pratico, em casos como esse de que nos occupamos, quando precisar servir-se de seus chronometros tratará antes de tudo, de determinar os estados-absolutos, sobre o tempo local e as marchas diurnas, servindo-se destas pelo menor espaço de tempo possivel e empregando alguns dos muitos methodos de que dispõe para determinar a longitude sem ter de se preoccupar com o regulamento feito alhures.

Eis o que se devia ter feito e assim evitava-se o desaccordo que motivou a suspensão dos trabalhos e, portanto, uma perda de tempo certamente lastimavel em assumptos de tamanha importancia.

***

O seculo XX começa em 1900 ou em 1901? Eis a pergunta que tem servido de texto para diversas controversias publicadas em jornaes e revistas. Dizem até que fôra consultada a Academia das Sciencias de Pariz, invocando o correspondente as opiniões de Goethe, Luiz XIV, e V. Hugo (!?), resolvendo a douta Academia, de accordo com estas *abalisadas* opiniões, que o seculo vindouro devia começar em 1901. Ainda bem. Porque, embora ella resolvesse o contrario, nem por isso, por força das regras da chronologia, deixaria o primeiro anno do novo seculo de ser o anno de 1901.

E' realmente singular similhante duvida que no emtanto se póde elucidar com alguma reflexão. De facto, o primeiro anno da éra christan foi contado como sendo 1 e não 0, e portanto o anno 100 foi o ultimo do seculo I, e 101 o primeiro do seculo II, e assim por diante, até o seculo actual, do qual o primeiro anno foi 1801 e o ultimo será 1900; como igualmente o primeiro anno do seculo XX será 1901.

***

A questão do decrescimento da população em França continúa a preoccupar seriamente a opinião publica.

Em uma recente obra intitulada *Études de Morale Sociale*, de René Lavallée, encontramos alguns dados numericos que nos causaram verdadeira admiração.

Segundo o Sr. Lavallée, em 1789, ha pouco mais de um seculo, emquanto que os grandes Estados da Europa reunidos contavam 91 milhões de habitantes, a população distribuia-se pela fórma seguinte:

França	26 milhões
Austria-Prussia	28 »
Inglaterra	12 »
Russia	25 »
Total	91 milhões

Digitized by Google

Em 1815, após as guerras do Imperio, os 143 milhões de habitantes, eram assim divididos:

França	29	milhões
Russia	45	»
Austria	30	»
Inglaterra	29	»
Prussia	10	»
Total	143	milhões

Em 1880 tudo mudou, e contam na

Russia	84	milhões
Allemanha	45	»
Austria-Hungria	39	»
Inglaterra	35	»
França	37	»
Italia	28	»
Total	268	milhões

Segundo os recentes recenseamentos a alteração accentua-se ainda mais, como se vê pelos seguintes algarismos:

França	38	milhões
Allemanha	52	»
Austria-Hungria (1890)	41	»
Italia (1892)	30	»
Russia	113	»
Inglaterra	39	»
Total	313	milhões

Assim, pois, ha cem annos, a população franceza representava 27 °/o da população total dos grandes Estados europeus. Em 1815, a porcentagem já tinha descido a 20 °/o, em 1880 a 14 °/o, e hoje a 12 °/o! No espaço de um seculo a população da França cresceu sómente de 50 °/o, ao passo que os Estados da Allemanha augmentaram de 250 °/o, a Inglaterra de 200 °/o, a Russia de 350 °/o.

Após a exposição desses algarismos, com sua rude eloquencia, o autor examina quaes as causas presumiveis do decrescimento da população e pergunta si ha meios, e quaes são elles, para combatel-o. O assumpto, por sua natureza, é extremamente complexo e delicado, e necessita longos desenvolvimentos que não cabem aqui dentro dos limites de uma curta

Digitized by Google

noticia. Apenas quizemos patentear uma situação gravissima para uma nação que, por muitos motivos, merece as nossas sympathias, situação cheia de consequencias imprevistas, que só o futuro poderá desvendar.

***

No dia 15 de abril, ás 8 1/2 horas da noite, (e em horas pouco differentes para o resto do Brazil), as seguintes principaes constellações serão visiveis nesta Capital: *Quadrante* S. E. Cruzeiro do Sul. Centauro. Lobo. Scorpião (perto do horizonte). Triangulo austral. *Quadrante* N. E. Virgem. Boieiro. Leão (no meridiano) Ursa maior (perto do horizonte). *Quadrante* N. W. Gemeos. Cão menor. Orion (perto do horizonte). *Quadrante* S. W. Argos. Cão maior. Lebre. Eridano.

As estrellas de 1ª grandeza são:

Sirius do Cão maior. *Rigel* do Orion. *Pollux* dos Gemeos. *Achernar* do Eridano. *Spica* da Virgem. *Arcturus* do Boieiro. *Regulus* do Leão. *Antares* do Scorpião, Alpha do Cruzeiro e Alpha e bêta do Centauro.

O planeta *Mercurio* deita-se após do Sol, é, pois uma estrella vespertina. *Venus* continúa visivel á noite, até o dia 28, dia em que se acha em conjunção inferior com o Sol. *Marte* continúa bem visivel, tendo lugar o seu occaso entre 10 e 11 horas da noite. *Jupiter* é visivel na maior parte da noite. *Saturno* já começa a apparecer no horizonte entre 7 e 8 1/2 horas da noite. *Urano* acha-se em condições identicas a Saturno; *Neptuno* póde ser observado, porém em más condições, logo após do Sol, do lado de poente.

—

Cometa-Perrine. Este cometa, descoberto a 2 de novembro de 1896, após ter desapparecido na vizinhança do Sol, começa agora de novo a apparecer do lado do nascente, pela madrugada. Assim, já conseguimos observal-o na noite de 3 para 4 de março. Por emquanto continúa a ser telescopico, mas o seu brilho vai augmentando, e deve tornar-se 6 vezes maior do que no dia da descoberta. Este cometa desloca-se rapidamente para o sul e tornar-se-á *circumpolar* durante alguns dias de 3 a 18 de abril, na occasião de seu maior brilho. E' possivel que então seja visivel a olhos desarmados.

L. Cruls

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

98.— Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 1896, vol. XVIII in-8º gr. VI—482 pgs.

Este novo volume da preciosa publicação da nossa Bibliotheca Nacional ainda sai, como declara a redacção na introducção, « com o atrazo de tres annos, devido a varias causas, das quaes a principal é a exiguidade da verba que para sua impressão consigna o orçamento. » Querendo evitar esse inconveniente, que se tem infelizmente sempre repetido e, queremos crer, sempre pela mesma causa, resolveu a nova administração que os *Annaes* não trarão mais, como até aqui, a declaração do anno a que de facto deviam corresponder na ordem chronologica do seu apparecimento, mas a do « anno em que foi dada á luz publica acompanhado do numero de ordem que lhe compete na respectiva série » — sem attenção aos hiatos que porventura appareçam entre uns e outros volumes. Não sabemos si nesta determinação foram parte os reparos que aqui fizemos quando veiu a lume o vol. XVII dos *Annaes* (Veja *Revista* de 15 de maio de 1895). Realmente desde que o Estado não fornece á Bibliotheca os elementos necessarios para que ella se desempenhe de uma obrigação que lhe impõe, o meio de evitar anachronismos é esse. Sómente se póde observar que deixado esse dever ao libito das administrações, póde acontecer que alguma menos zelosa descure de cumpril-o com a constancia e a regularidade que fôra para desejar.

A nova administração neste volume dos *Annaes* promette para os primeiros volumes um resumo historico da fundação e desenvolvimento progressivo até as ultimas datas da Bibliotheca e um indice completo das materias contidas nos volumes até então publicados e os dos respectivos autores, assim como que celebrará o tricentenario da morte do padre José de Anchieta. Muito louvaveis são todos estes propositos e desejamos que os realize com successo. O indice geral bastava que saisse no tomo XX, ficando estabelecido que de vinte em vinte tomos se publicaria esse guia indispensavel ás pesquizas em um numero de volumes relativamente consideravel. Ao jubileu de Anchieta, que naturalmente a Bibliotheca fará publicando ineditos preciosos que lhe digam respeito ou trabalhos notaveis sobre elle, tomamos a liberdade de lembrar juntasse ella o do padre Antonio Vieira, cuja acção no norte do Brazil não é em nada inferior, si a certos respeitos não é superior, a de Anchieta no Sul. Não haverá nada, ou não possuirá ao menos a Bibliotheca nada, sobre o famoso Jesuita ou de sua lavra inedito e que mereça publicado?

Digitized by Google

Sabemos que existem na Bibliotheca os resultados, em estampas e textos, da commissão que ha annos teve o laborioso Valle Cabral, de pesquizar os vestigios epigraphicos da occupação hollandeza no norte do Brazil. Porque não dá tambem a Bibliotheca a publico esse precioso legado daquelle funccionario modelo ?

Contem este volume dos *Annaes*: *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional*—continuação da primeira parte, que toma os tomos IV e V—e que se occupa sómente de codices relativos ao Brazil (em geral) E' um trabalho serio e custoso, cremos devido ao desditoso Valle Cabral, mas que se resente, como si não nos enganamos já foi notado, não sabemos si pela propria Bibliotheca, de um defeito de methodo que torna penos a a consulta do aliás util e minucioso catalogo.

Retratos de varoens portuguezes insignes em artes e sciencias, ornadas com elogios poeticos, e collegidos por Diogo Barbosa Machado. Constitue o tomo IV da celebre collecção ao abbade de Sever, e vem acompanhado da reproducção em heliogravura de um retrato do Padre Alexandre de Gusmão.

Iconographia, A heliogravura e a gravura, estudos aos quaes nos referiremos ainda, e que os leitores da *Revista* já conhecem, pois que foram aqui primeiro publicados, do Sr. Raul Villa Lobos.

Manoel Dias de Oliveira, o Romano, por Alcibiades Furtado, estudo sobre aquelle artista nosso, nascido em Santa Anna de Macacú em 1764 e fallecido em Campos em 1837.

Não tem outra novidade que a certidão de obito do artista, sendo os mais dados tomados, com declaração do A., á *Revista do Instituto* que determina com certeza a data da sua morte ao *Anno Biographico Brazileiro de Macedo* e a outras publicações. O volume conclue com o Relatorio do Bibliothecario, Dr. J. A. Teixeira de Mello.—J. V.

MEDICINA LEGAL, pelo Dr. Xavier de Barros. Editores — Laemmert & C.

O pequeno resumo de medicina legal que o Sr. Dr. Xavier de Barros, medico-legista no estado de S. Paulo, acaba de entregar á publicidade, contém o que de mais succinto se póde conceber em relação á pratica de medicina legal. Destina-o seu autor aos leigos que porventura tenham que representar de peritos em lugares onde não hajam medicos. Não podemos avançar se conseguirá tal fim, mas a nós se afigura que o ignorante de medicina não comprehenderá muito o que está escripto naquellas paginas. Quanto aos estudantes de medicina e aos medicos não sabemos si lucrarão muito com tal livro. A medicina legal é a applicação de todos os conhecimentos de sciencias biologicas e medicas e não póde ser aprendida em um libreto de poucas paginas. Neste ramo de medicina ou se tem conhecimentos exactos ou se renuncia á sua pratica. Somente como *aide mémoire*, pois, terá este alguma utilidade.

PROMISSIVOS, por Alberto do Amaral, Rio de Janeiro, Moreira Maximino, Chagas & C., 1897, 271 pp.

Collecção de contos bem impressos numa bonita brochura.

A QUADRATURA DO CIRCULO, por Martiniano Mendes Pereira, Rio de Janeiro, 1897, 22 pp.

Digitized by Google

A POLITICA

14 de março de 1897

Não era favoravel a situação do paiz, que estava ainda a soffrer as consequencias dos desastres que nos têm cercado, mas havia calma, tranquillidade, baseadas na crença de que estava terminada a éra das revoltas, dos pronunciamentos, e de que a todos os espiritos tinha chegado a convicção de que não ha esperar reformas e melhoramentos uteis promovidos por meios revolucionarios.

Talvez, por isso, porque se confiara de mais, não se ligou a devida importancia, não se procurou saber a verdadeira significação do que se passava no sertão da Bahia, onde se dizia apenas que um bando de fanaticos, reforçado por grupos de desertores, de bandidos, de criminosos de toda a casta, aterrorizavam a população dos arredores, saqueando propriedades e assassinando quem lhes resistia.

Não se ouviu o que disse um reverendo missionario, que, embora não nos désse idéa do numero de individuos armados de que dispunha Antonio Conselheiro, pelo menos indicou que elle não cuidava só de sua propaganda religiosa, e era clara e abertamente um adversario das instituições. E nem o reverendo missionario podia dizer-nos o numero de homens e as armas de que dispunha o agitador, porque é mais que provavel que nestes ultimos tempos é que aquelle tem crescido rapidamente, e

Digitized by Google

que recursos lhe têm sido fornecidos, com intentos de que seria demasiadamente ingenuo duvidar.

Levámos mais longe a credulidade, mais ainda nos deixámos illudir, menos cuidámos de fazer bem examinar o caso, pois que depois do insuccesso da expedição do major Febronio, este foi accusado de não ter avançado com o seu pequeno numero de bravos, e mais tarde achou-se que era um luxo de precaução a força que se tinha confiado ao coronel Moreira Cesar. Este mesmo, até á ultima hora, andou mal informado, quem sabe si pela ignorancia, si pela má fé do informante, e em vesperas, quasi no momento de sacrificar a vida pela Republica, receiava. como muita gente aqui ingenuamente cria, não encontrar o inimigo para combater.

A desillusão foi terrivel e profundamente dolorosa para a Patria, pois lhe custou tantas vidas preciosas. Não só o inimigo estava em seu posto, no terreno que conhece a palmos, mas procedeu com tactica, como quem tem a seu lado quem entenda da arte da guerra, e esmagou pela brutalidade do numero a dedicação e a coragem. E esse revez não recái de certo sobre o exercito, sobre os soldados vencidos, pois que todos cumpriram nobremente o seu dever, alguns até o ultimo alento, mas sobre quem não cuidou.

Cuidar-se-á agora, é certo; é preciso vingar a morte de tantos bravos, e fazel-o poupando tanto quanto possivel a vida preciosa dos que vão substituil-os, é preciso que nova cilada não abra mais feridas no coração da Patria. Agir com cautela e segurança, e exterminar de vez aquella horda que, ainda que não fosse, como tudo o indica, de inimigos das instituições, é pelo menos um elemento de perturbação que póde irradiar, e seria uma vergonha para o governo que a tolerasse e a deixasse impune.

Faz-se preciso que de uma vez para sempre fique sabido e assentado que não mais se tentará contra as instituições, contra a ordem e a tranquillidade publica, sem que a repressão se siga immediata, energica, na altura das circumstancias. O caso de 15 de novembro de 1889 não terá simile na historia do Brazil, pela razão simples de que o que então caiu era uma causa abandonada, e aquillo contra que hoje se attenta é a causa que

Digitized by Google

está no espirito e no coração de todos os patriotas, das classes armadas, da mocidade, e mais ainda, na convicção das classes conservadoras da sociedade, que sabem á saciedade que o esforço commum deve tender para consolidar as instituições, que só podem ser substituidas com o correr dos tempos por outras por ventura mais adiantadas, mas não podem regressar ás que o passado já condemnou.

A monarchia não é mais possivel no Brazil, e si os monarchistas entenderem que ainda devem agitar, que devem aproveitar os elementos perturbadores estimulando-os e favorecendo-os, devem ter a consciencia de que o que elles podem conseguir, si por absurdo tiverem a força e o numero, é a anarchia.

E a prova ahi está patente. Em vez da velha indifferença, do *laissez faire, laissez aller*, que era o caracteristico da nossa população, o interesse que o paiz inteiro toma pela vida publica leva-o a scenas lastimaveis, mas não lhe permitte mais cruzar os braços e deixar passar a onda. Só cégos não quererão vêr a differença, e seja qual fôr a sinceridade de convicções de alguns propagandistas, os factos devem mostrar-lhes que elles nunca poderão conseguir fazer bem ao paiz com a sua propaganda, e que os seus actos, as suas palavras, a sua intervenção só podem levar-nos a situações como a actual, que perturbam profundamente a vida publica, que abalam o nosso credito já tão compromettido, e o que é mais, que nos custam tantas vidas preciosas de soldados succumbindo ás mãos ignobeis de bandidos.

D'ahi, dessa situação tão bem definida, a necessidade da intolerancia. Esta passou a fazer parte do sagrado direito de defesa. Em sete annos quantas provações! E, depois dellas, depois desta ultima que ahi está fazendo sangrar o coração da Patria, haverá quem de boa fé peça aos que governam este paiz que, por amor de uns tantos principios abstractos, embora essenciaes á natureza do regimen que a nação adoptou, permitta que a continuação destes desastres periodicos seja possivel? E' que com elles não soffre só a geração actual, a que tem a responsabilidade magna da mudança das instituições, soffre com elles o paiz todo em seu futuro, nos seus creditos, em sua integridade, e governar é principalmente prever, governar não é cuidar só do dia de hoje.

Digitized by Google

Convem não esquecer que, pela tolerancia antes do momento critico do perigo, é que se chega aos excessos intolerantes quando os factos mostram que se andou caminho errado; e assim, mais vale para todos, a intolerancia constante em pequenas coisas o cortar cerce de esperanças que se não podem converter em realidades, do que ter a Republica de fazer de vez em quando aquillo que os seus fundadores mostraram tanto empenho em evitar.

E' que ninguem de boa fé póde contestar que desde os seus primeiros dias a Republica procurou esquecer antigas dissensões, e abriu fraternalmente os braços a quantos quizessem trabalhar para o engrandecimento da Patria. Foi este o seu lemma, e não se tem arrependido de lhe terem dado fé os que sinceramente accederam ao appello que lhes era feito de abundancia de coração. Aos que se conservaram arredios, manteve-se o respeito pela sua opinião, e a propaganda fez-se abertamente e sem rebuços.

Agora, porém, verifica-se, ou mesmo se quizerem, apenas se suspeita, mas com todas as apparencias de razão, que os adversarios das instituições não se contentam com a propaganda pacifica, e seria inepto manter para com elles a mesma linha de conducta. O que ahi se anda fazendo, já não é propaganda, é agitação; já não é o direito de opinião, é a revolta contra a ordem de coisas instituida. Deve o governo esperar que se fortaleçam os que o guerreiam, e que uma nova surpreza o fira profundamente como acaba de feril-o em Canudos, onde se esperava encontrar um bando de carolas fanaticos, e se encontrou um exercito armado, instruido e disciplinado? Devem os agitadores contar com tal incuria por parte da autoridade? Seria pretender vencer, não pelo proprio esforço, mas pela inepcia e pela inercia do adversario.

Toda a tolerancia com os que discordam de uma opinião e a discutem, é dever dos povos cultos; mas a tolerancia para os que combatem, e combatem em todos os terrenos, á luz do sol e á sombra, é um crime, e esse crime de certo não o commetterá quem tem a responsabilidade historica da fundação da Republica no Brazil.

FERREIRA DE ARAUJO

Digitized by Google

INDICE DO TOMO IX

Janeiro a Março de 1897

Pags.

CANTORAS DOUTRO TEMPO, J. DEJEAN E ROSINA LABORDE, Escragnolle Doria . . . . . 5 e 367

O POSITIVISMO E O ENSINO OFFICIAL, Licinio Cardoso . . . . . 12 e 77

AS ESTRADAS DE FERRO FEDERAES, J. Pandiá Calogeras 21

O PITHECANTROPUS, Carlos Euler 33

O PADRE JOSÉ MAURICIO, Visconde de Taunay 43

OITO ANNOS DE PARLAMENTO, Affonso Celso . . . . . 65, 151 e 222

AGABENO, romance, Coelho Netto . . . . . 71 e 160

O CEARÁ LITERARIO, Antonio Salles . . . . . 87 e 178

JURISTAS PHILOSOPHOS, Clovis Bevilaqua . . . . . 102 e 137

A LIGA, Joaquim Nabuco . . . . . 129, 204 e 285

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS, Dr. Domingos Freire . . 169 e 274

O NATAL DE FREI GUIDO, Magalhães de Azeredo 193

O SUPPLICIO, poesia, Alves de Faria 219

AS MULHERES INTELLECTUAES E O CASAMENTO, Arthur Mac Donnald 230

GUILHERME MONIZ BARRETO, Oliveira Lima 257

MEMORIAS DO SEGUNDO REINADO, Visconde de Taunay 265

A EXTENUAÇÃO NERVOSA, Dr. Marcio Nery 304

ILLUSÕES DE CATECHESE NO BRAZIL, Dr. Nina Rodrigues 321

OS NOSSOS ACADEMICOS, Antonio Salles 336

SOBRE UMA HISTORIA DO CEARÁ, Capistrano de Abreu 347

Digitized by Google

A Poesia Lyrica Brazileira, Silva Ramos 357
Revista Scientifica, L. Cruls . . . . . 111, 245 e 272
Noticias de Sciencias, Letras e Artes. . . . . 50 e 313
Bibliographia : Rodrigo Octavio, *Organização judiciaria*, por Enéas Galvão, 55; *Sentenças e Decisões em Materia Criminal*, por Viveiros de Castro, 316; — José Verissimo, *Aspectos da Literatura colonial brazileira*, por Oliveira Lima, 117; *Quadros da historia colonial do Brazil*, por J. M. Pereira da Silva, 121; *Canções do Outomno*, por Lucio de Mendonça, 316; *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, tomo XVIII; — Inglez de Souza; *Germens do Crime*, por Aureliano de Araujo Leal, 120; —Visconde de Taunay, *Estudos Agricolas*, A. de Medeiros, 122; —L. Cruls, *Elementos de Cosmographia*, por Henrique Martins, 251; *Livros e Folhetos* . . . . . 55, 123 e 378
A Politica, Ferreira de Araujo. . . . . 58, 125, 186, 253, 318 e 379
Notas e Observações. *Um pretenso plagio*, Garcia Redondo, 62; *Não Consultes medico:* Machado de Assis, 64; — *O Pithecantropus:* Dr. H. von Ihering. 191

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

STANFORD UNIVERSITY LIBRARY

To avoid fine, this book should be returned on or before the date last stamped below.

Digitized by Google

Stanford University Libraries
3 6105 124 439 683

325040

Digitized by Google

Digitized by Google